

Os Desbravadores  
© CARLOS AUGUSTO LOPES FILHO

OS  
DESBRAVADORES



Carlos Augusto Lopes Filho

*Carlos Augusto Lopes Filho*

# **Os Desbravadores**

1ª. edição

Rio de Janeiro  
2011

© 2011 • **Carlos Augusto Lopes Filho**  
Rio de Janeiro - Brasil

Registro nº 545.243, Livro 1.038, Folhas 14.  
Fundação Biblioteca Nacional  
Escritório de Direitos Autorais – Rio de Janeiro – Brasil  
ISBN 9788592407124

*Esta publicação não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer modo ou meio, eletrônico ou mecânico, no todo ou em parte, sem autorização prévia e escrita do autor.*

Capa:  
Jefferson Braga  
*[[www.DesenhadorVirtual.com](http://www.DesenhadorVirtual.com)]*

*Para  
Fausto Augusto Lopes e  
Raphael Blanco Filho,  
meus avôs,  
in memoriam.*

# APRESENTAÇÃO

Quando me veio a ideia de escrever este livro, que não passa de mera reunião de alguns relatos que a mim chegaram através dos tempos, pensava apenas em fazer um tímido retrato daquilo que ouvira comentar sobre meus avôs, o paterno e o materno. Era uma lembrança aqui, outra ali, numa conversa perdida entre meu pai e minha mãe, meros episódios esporádicos, sem uma história que tivesse começo ou fim. Através desses poucos relatos familiares, ouvidos principalmente de minha mãe, meu tio e minha avó maternos e algum trecho aqui, outro ali, pela boca de meu pai, pouca coisa realmente soube sobre a vida que levaram meus dois avôs.

Meu pai prematuramente nos deixou, não me dando a oportunidade de com ele conversar sobre seu progenitor, meu avô paterno, a quem não conheci pessoalmente.

Mesmo tendo convivido até meus doze anos de idade com meu avô materno, que faleceu justamente na data em que completava eu aquela idade, poucas vezes conversei com ele pessoalmente sobre sua juventude, sua vinda para o Brasil, seu casamento com minha avó, o nascimento de meu tio e minha mãe, sua luta como imigrante para firmar-se no país, o desbravamento de terras ainda desconhecidas do Brasil, sabidamente tão hostis naquelas segunda e terceira décadas do século XX.

Mas, pesquisando um pouco sobre a vida naquela época, sobre os aventureiros que fizeram o progresso e a consolidação da Amazônia e das regiões do Sudeste e Sul do Brasil, a imaginação encarregou-se do resto. São temas realmente fascinantes. O mais curioso é que, apenas duas gerações após, quase nada se sabe ou se guardou daquela época da história brasileira. Parece que o passado ficou

totalmente sepultado, que o ritmo alucinante da vida moderna, com suas invenções naquela época inimagináveis, fizessem-nos esquecer por completo de nossas origens, nossa história, tão ricas em passagens realmente deslumbrantes. Só de pensar como passados apenas pouco mais de oitenta anos, nada sabemos realmente sobre aquilo tudo que aconteceu, na verdade é motivo de reflexão. Dá-nos a impressão de que fomos atirados no mundo de hoje sem termos tido passado, que nada existiu antes de nós... Como se tivéssemos caído do céu e aqui aportado para que fizéssemos nós próprios, o nosso destino... O que, a nosso ver, é muito triste.

Por isso, apesar de não ter vivenciado pessoalmente toda a intensidade daquele período e ter tido muita pouca informação histórica sobre ele, não resisti em escrever estas linhas, mesmo que elas não correspondam inteiramente à verdade dos fatos. Daí porque, antecipadamente, peço minhas escusas se alguma referência histórica ou geográfica não estiver exatamente adequada à realidade, se algum local ou fato mencionado no livro não for exatamente aquele que existia ou aconteceu naquela época. Principalmente, em relação aos fatos passados na Amazônia, às tribos, língua e costumes indígenas, tão distantes da realidade do autor, nascido e criado no Rio de Janeiro.

Esta é uma obra de ficção e, apesar de inspirada em personagens reais, as circunstâncias em que os fatos realmente ocorreram não correspondem necessariamente à verdade dos mesmos. Quase todas são fruto da nossa imaginação.

A finalidade maior da obra é prestar uma homenagem a dois homens que, por sua coragem, destemor e espírito aventureiro, ajudaram a construir este nosso Brasil, desbravando-o quando ele era ainda um gigante adormecido, quando era tão primitivo, tão rude, dando sua

contribuição para consolidá-lo como nação, deixando solidamente plantada a semente de suas famílias para as futuras gerações.

Se o gigante conseguiu acordar, ainda tenho minhas dúvidas...

O Autor

## **PREFÁCIO**

Com grande prazer escrevo algumas linhas sobre "Os Desbravadores". Sendo irmão do autor deste agradável livro, sinto-me fazendo parte de forma descendente dos personagens do relato romanceado.

Após escrever alguns bons contos e tantos outros romances, o autor lança olhares para as raízes de sua árvore genealógica. Embora afirmando na apresentação do livro não ter informações suficientes para uma melhor descrição dos fatos, o que se constata, entretanto, na narrativa, é o envolvimento emocional, a ligação sentimental do narrador a seus ancestrais, destacando-se, entre outros acontecimentos, o nascimento de Pedro e Carmencita que em futuro iriam conhecer-se. E para tanto, penso, não é necessário o conhecimento histórico; basta o afetivo.

A criatividade utilizada na narração dos fatos fictícios irmana-se em plena harmonia aos descritos como verdadeiros, sem que se possa distingui-los, o que nos leva à certeza de um belo romance com laços familiares.

Algumas das inúmeras riquezas naturais existentes no Brasil, ainda incipientes em seus descobrimentos, são bem delineadas no atuar dos personagens. É uma suave reminiscência daquele período que antecede e se desenvolve em prosperidade na grande fortuna armazenada em solo brasileiro.

Enquanto o Brasil mal acordava para o seu destino histórico, no velho mundo desenrolava-se a chamada 1ª grande guerra mundial e, em poucos lustros após, chegava a 2ª, devastando quase toda a Europa. Exatamente nesse período surgem “Os Desbravadores” dessa história, como inúmeros outros que no anonimato o Brasil acolheu. Vencedores e vencidos, porém todos eLivross, aqui foram recebidos fraternalmente na esperança do encontro de um novo lar, uma outra pátria.

O autor faz um interessante passeio por parte do interior assim como pela costa desse gigante Brasil. Relata com maestria usos e costumes da época, as localidades visitadas. Aborda com simplicidade e conhecimento a culinária dessas regiões, enriquecendo o romance.

Leitura que merece ser apreciada não só pelos mais próximos do autor, também por aqueles que se interessam pela história do nascimento e engrandecimento de um novo país, que, com justeza, foi chamado de País do Futuro.

Paulo Edmundo



Primeira Parte

# **A Amazônia...**

# 1

A velha gaiola resfolegava, cansada de tantas viagens de ida e volta, naquelas águas nem sempre tão tranquilas do Amazonas...

Ainda bem que, naquela manhã de 19 de julho de 1916, estavam elas relativamente calmas.

Já estavam quase chegando ao destino, uma área de terras na margem esquerda de um igarapé, um dos inúmeros pequenos filetes de água doce que iam desaguar no grande rio.

Tanto Faustino, como Moraes, os dois conversando em pé, junto ao timão da gaiola, já não conseguiam mais esconder a ansiedade.

Aquela era a terceira viagem de Faustino ao grande estado do Norte brasileiro, obedecendo àquele espírito aventureiro que o empurrava para aquelas paragens tão inóspitas, tão desconhecidas do interior do país.

Gostava daquela paisagem, o sangue fervia-lhe mais fortemente nas veias e artérias, sentia que estava abrindo outros caminhos, o prazer de enfrentar o desconhecido.

Fortaleza, mais uma vez, ficara para trás...

Desta vez trouxera a mulher, a responsabilidade e os cuidados seriam outros, e ainda por cima ela estava grávida. Tinha sérias dúvidas sobre se ela suportaria tudo aquilo, a mata, os insetos, a vida totalmente diferente daquela a que estava acostumada em Fortaleza. Mas, não podia deixá-la sozinha na hora em que mais dele precisava. Preferiu esquecer o oferecimento nada sincero de suas irmãs, solteironas e interesseiras, quando disseram que Teresa poderia ficar com elas, que tomariam conta dela.

A época era a do fim do ciclo da borracha, já em curso a fase do declínio rápido.

Aventureiros enriqueceram da noite para o dia com a extração e exportação do ouro viscoso, extraído dos seringais amazonenses. Fortunas eram construídas rapidamente. Uma se consolidava, outra se dissipava, num piscar de olhos. Aquele período lembrava muito a febre do ouro, ocorrida no oeste dos Estados Unidos da América do Norte, no século anterior.

As margens do rio-mar ficaram coalhadas de pequenos acampamentos de exploradores das seringueiras. Alguns desses aglomerados de gente transformaram-se em pequenos povoados, mais tarde em cidades de médio e grande porte.

Manaus, a capital do grande Estado, sofreu toda a influência daquele ciclo de riqueza e luxo, dinheiro rolando à vontade. Foram importados mármore de Carrara, lustres de cristal de várias partes da Europa, a cidade foi contaminada com toda aquela influência de fora, tornando-se uma ilha de prosperidade e riqueza no meio daquela selva de pobreza e miséria.

Faustino fora um daqueles desbravadores, tendo ido tentar a sorte na Amazônia em 1909. Eram vários cearenses que para lá foram, apenas com uma mochila nas costas, onde carregavam uma muda de roupa e algumas ferramentas rudimentares, sendo apelidados de “Soldados da Borracha”.

Aquela fora a primeira vez. Devido ao seu grau de instrução, foi contratado como capataz de uma grande empresa com ramificações no exterior.

Ainda sem qualquer experiência, logo que conseguiu juntar algum dinheiro, em seis meses de trabalho duro, largou o seringal.

Voltou para sua Fortaleza natal, onde moravam seus pais e irmãs. Tinha, na época, vinte e um anos de idade. Ainda solteiro, gastou em pouco tempo, em farras e mesas

de jogo, o pouco dinheiro que havia acumulado naquela sua primeira passagem pela selva amazônica.

Ficou pouco tempo sossegado. A comichão pela busca da aventura voltou a coçar-lhe com intensidade o corpo. Ainda tentou trabalhar num serviço burocrático que o pai, “*seu*” Almeida, comerciante português conceituado na cidade, arranhou-lhe na Prefeitura de Fortaleza. Ficou pouco tempo, menos de três meses. Não suportava aquela rotina diária de um trabalho sem interesse, sem atrativo, sem risco, tudo certinho todos os dias, nada de novo acontecendo.

Tentou auxiliar o pai como gerente de um dos vários armazéns de sua propriedade que o mesmo tinha espalhado naquela pequena Fortaleza do início da segunda década do século XX. Também não dera certo. Ficar atrás de um balcão vendendo mercadorias, aguentar reclamações de fregueses, negociar preços com fornecedores, positivamente não eram coisas que satisfaziam seu temperamento inquieto.

Logo discutiu com freguesas exigentes, despediu empregados negligentes, chegava tarde ao local de trabalho, quando não faltava. Nascido e criado na capital cearense, conhecia praticamente todos os habitantes da cidade, principalmente os da redondeza da Praça Marquês de Herval, onde ficava o casarão de dois andares da família. Depois de concluir o curso ginasial, como não havia faculdade na região, parou de estudar. Farrista inveterado, era figurinha fácil de ser encontrada nos bares, cabarés e bordéis da cidade. Tinha grande atração por uma mesa de jogo e ali perdia e ganhava a mesada ou o pouco dinheiro que conseguia arrumar em seus empregos eventuais.

Alto, porte atlético, magro mas robusto, bigode fino sobre os lábios, elegante, sempre bem vestido, era um partido disputado pelas mocinhas casadoiras da cidade. Mas, apesar de frequentar os locais badalados da sociedade local, indo a festas e bailes tradicionais promovidos pela

aristocracia da capital cearense, não era muito bem visto pelos pais e mães das possíveis noivas em potencial, dada sua fama de mulherengo, farrista, jogador e boêmio.

Seu porte altivo, até mesmo as histórias nem sempre elogiosas que cercavam sua pessoa, faziam aumentar os rumores sobre sua má fama e a atmosfera de mistério que o cercava, sendo um atrativo a mais para as jovens que suspiravam ao vê-lo chegar em casa com o dia já amanhecendo, pernas cambaleando, às vezes uma canção sonora nos lábios, fazendo-lhes uma mesura respeitosa que elas retribuíam com um sorriso escondido nos lábios para que a mãe severa não percebesse.

Tudo nele cheirava a ousadia, aventura, envolvendo sua enigmática figura numa aura de segredo, de desconhecido, tudo o que era necessário para atrair jovens e inocentes corações femininos.

Faustino, entretanto, não queria ficar preso a ninguém. Pelo menos, naquela época, antes de definir o que fazer de sua vida, consolidar uma situação financeira estável, tornar-se independente do pai. Flertava com uma aqui, outra ali, às vezes duas ou três ao mesmo tempo, mas pulava fora quando o flerte ameaçava tornar-se mais sério, caminhando para um compromisso irreversível. Naquela época, estava na situação em que não tinha eira nem beira, era apenas um “ *bon vivant* ” que ainda dependia da mesada do pai para tomar uma cerveja, sentar numa mesa de jogo.

Assim, depois de largar a gerência de um dos armazéns do “ *seu* ” Almeida, ficou à-toa por algum tempo.

Conversava com Madeira, antigo colega de infância e velho companheiro de boemia, sentados em frente a uma mesa de botequim, tampo de mármore e pé de ferro, na Praça do Ferreira:

- É, Madeira, acho que vou voltar pra lá. O futuro está na Amazônia, está na borracha.

- Não sei não, Faustino. Acho tudo muito nebuloso, muito incerto, o risco é muito grande - retrucou Madeira. - O lucro é grande, não resta dúvida, mas tudo tem que dar certinho, nada pode sair errado.

O calor era sufocante, nem uma brisa movimentava o ar abafado, naquele fim de tarde tipicamente nordestino.

Fortaleza, em 1911, limitava-se ao espaço hoje ocupado pela Praça do Ferreira, à outra praça adjacente, a Marquês de Herval (atual José de Alencar), mais atrás, a Praça da Lagoinha, onde ia dar a atual Rua Tristão Gonçalves. A região das praias, em especial Iracema, era constituída de simples povoados de pescadores, com suas cabanas toscas e rústicas, ainda sem a construção de casas de alvenaria.

Os navios que chegavam do sul, da capital Rio de Janeiro, de Santos, Recife ou Salvador, quando ali aportavam, tinham que ficar ancorados ao largo, descendo os passageiros em pequenos botes a remo que alcançavam o precário cais da cidade. Assim também acontecia com os poucos pequenos vapores que vinham de Belém ou São Luís.

A iluminação elétrica, ainda incipiente, só chegava aos postes das ruas e a alguns prédios do governo, atingindo, quando muito, poucas residências particulares, daqueles considerados os moradores mais importantes e ricos da cidade. Para a grande maioria da população, a luz ainda era fornecida pelos lampiões a querosene. A eletricidade, com a luz incandescente, era artigo de luxo, funcionando muito mal, com quedas frequentes e longos períodos em que se tinha que recorrer às velhas lamparinas.

As ruas, na sua grande maioria, ainda sem calçamento. Somente algumas que compunham o centro da cidade eram revestidas de paralelepípedos. Não havia rede de esgotos e a água que se bebia era retirada de poços nos fundos das casas.

A vida das pessoas era calma, tranquila, sem pressa ou atropelos. Parecia que viviam numa pequena cidade do interior. Quase todo mundo se conhecia, as notícias do Rio ou de São Paulo ali só chegavam quase uma semana após os fatos terem ocorrido. As transmissões de rádio, ainda no início de sua implantação, eram muito fracas, cheia de chiados, quase não se entendia nada do que o locutor dizia.

- Mas, eu volto pra lá, pode estar certo disso - retrucou Faustino, sorvendo com prazer mais um gole da sua cerveja bem gelada. - Já estou vendo uma empresa que está indo para lá, parece ser gente séria. Já conversei com eles, estão interessados em mim por causa da minha experiência anterior, estamos apenas discutindo quanto eles vão me pagar.

- Mas, você tem certeza de que é isso mesmo que você quer? - perguntou Madeira. - Sei lá, largar o conforto daqui de Fortaleza, sua família, seus amigos. Mal ou bem aqui você tem uma boa posição social, é respeitado, conhece todo mundo.

- Mas, o que eu posso esperar da vida ficando por aqui, Madeira? - rebateu Faustino. - A mesma rotina de sempre, essa vida sem perspectiva, sem futuro? Lá, pelo menos, estou em busca do desconhecido, de uma coisa nova, e posso ficar rico de uma hora para outra.

- Não sei não - disse Madeira, depois de um momento de silêncio, balançando a cabeça e bebendo um gole de seu copo. - Já ouvi comentários de que os ingleses contrabandearam sementes da seringueira para suas colônias na Ásia. Aí, o preço da borracha vai despencar. Só espero que você não se arrependa.

Faustino, alguns meses depois, já em 1912, embarcava novamente para a Amazônia.

Lá ficou por mais de um ano, só voltando para Fortaleza porque contraiu malária e precisava de tratamento em um local com maiores recursos.

Como da outra vez, voltara cheio de dinheiro no bolso. Agora, entretanto, mais velho e mais ajuizado e, talvez com um pouco de medo da morte, abatido que ficou com a doença, investiu parte do dinheiro na compra de alguns prédios em volta da Praça Marquês de Herval.

Depois de curado, finalmente decidiu-se: começou a namorar Maria Teresa, moça da sociedade local, a quem conhecera através de uma de suas irmãs, a Cotinha.

A moça, realmente, era muito bonita. Morena clara, cabelos negros caindo-lhe pelas costas em duas compridas tranças bem cuidadas, lindos olhos verdes bem claros, cintilantes, que brilhavam tão intensamente como um raio de sol, sorriso inocente nos lábios. Tinha dezoito anos recém-completados e, desde pequena, olhava Faustino com admiração, mesmo ouvindo as histórias que sobre ele contavam, de aventuras e boemia.

Costumava visitar Cotinha, de quem era colega de colégio, no sobrado da Marquês de Herval, sendo apresentada a Faustino numa das vezes em que ali fora. Convalescia ele da malária e conversava com a irmã, sentados nos sofás do imenso salão.

Ela ficou nervosa, baixou os olhos, quando ele apertou-lhe a mão direita, enrubescendo visivelmente.

- Muito prazer - disse, com voz trêmula.

Ele a fitou fixamente, com um sorriso zombeteiro nos lábios ante o visível embaraço da menina.

- Iguamente. - respondeu, sem soltar a mão de Maria Teresa, que agora tinha o rosto vermelho como um tomate maduro.

Ela sentou-se numa cadeira e ficou em silêncio durante todo o tempo em que Faustino continuava o relato de suas aventuras para a irmã.

- Pois é, a Amazônia é muito linda, ali você só ouve o cantar dos pássaros, os gritos dos macacos pulando alegremente de árvore em árvore, o barulho do enorme rio



deslizando velozmente em direção ao oceano. É verde para todo o lado que você olha, mata cerrada, você se sente pequeno, insignificante ante a imensidão de tudo, da altura das árvores que quase chegam a esconder o céu, da grandiosidade do rio, cuja outra margem às vezes você não consegue enxergar.

Cotinha, que já ouvira aquele relato outras vezes, fingia prestar atenção no que o irmão falava, mais por respeito do que interesse. Maria Teresa não, fascinada com a empolgação de Faustino, imaginava-se naquele cenário da selva misteriosa.

Ela voltou várias vezes ao casarão com o pretexto de fazer algum dever escolar com Cotinha, mas, na verdade querendo ouvir as histórias que Faustino não se cansava de contar. Com a sequência das visitas, Cotinha acabava se retirando, deixando os dois sozinhos. Faustino, então, aproveitava para continuar seus relatos sobre a Amazônia, ficando a jovem a ouvi-lo embevecida por mais de três, quatro horas.

As visitas passaram a ser diárias e, quando Faustino melhorou, podendo locomover-se normalmente, passou a sair com a menina, levando-a a uma festinha aqui, um guaraná ali, ou fins de tardes passados num banco da praça. Cotinha ia junto, a pretexto de acompanhar a amiga e, mesmo porque Faustino ainda estava bastante indeciso sobre se começava ou não a ter um relacionamento mais sério com Maria Teresa.

A princípio, apesar de sentir uma certa atração pela moça, relutou bastante em começar o namoro. Achava cedo para ficar preso a alguém, ainda mais que não tirava da cabeça o projeto de voltar para a Amazônia, agora formando o seu próprio grupo de trabalho, sendo o patrão e não um mero empregado. Mas, deixou-se levar, o namoro começou e foi continuando como quem não quer nada, foi-se prendendo cada vez mais à moça.

Já estavam em meados de 1915. Outra vez, como fazia habitualmente, encontrava-se na mesa de um bar, tomando uma cerveja em companhia do amigo Madeira. Este perguntou, com um certo tom de ironia na voz:

- Quer dizer então que conseguiram te fisgar, Faustino?

Ficou um pouco sem graça, pois não esperava aquela pergunta. Depois de um momento de silêncio, respondeu com outra pergunta:

- Então você já sabe? Quem te contou?

- Ora, ora - retrucou Madeira, sem tirar o sorriso irônico dos lábios. - Parece até que você não sabe que está em Fortaleza. Aqui não há necessidade de jornal. As notícias correm mais rápidas de boca em boca antes de serem impressas.

Faustino ainda continuava um pouco desconcertado. Olhando para Madeira, comentou:

- Bem, já que caiu na boca do povo, é verdade sim.

Bebeu um gole de cerveja e tentou justificar-se:

- Andei pensando muito depois de pegar aquela malária lá na selva. "Oxente", pensei que ia morrer. Foram noites e mais noites de febre, eu suando como um leitão, delirando, sem saber o que dizia. Na verdade, fiquei com medo de partir para outra. Por isso, decidi agora me prender mais às coisas e às pessoas, não quero morrer sozinho, sem ninguém ao meu lado. Olha, foi a primeira vez na vida que tive essa sensação. Sei lá, um misto de pavor, de pânico, de impotência, sem saber o que fazer. Se não fossem a velha índia que cuidou de mim lá e o dono da gaiola lá de Belém, eu acho que teria morrido. Muito chá, muita erva, foi o que me salvou. Acho que acabei viciado com tanto quinino - disse, sorrindo.

Madeira perguntou, divertido:

- Mas, por que a Maria Teresa? Ela não é muito novinha para você? Pensei que quando você decidisse se amarrar

fosse com a Jacinta, que é bem mais velha e por quem você tinha uma certa queda.

Faustino respondeu:

- Não, eu não tinha mais nada com a Jacinta. Foi um namoro gostoso enquanto durou. Ela não é mulher para mim, nossos temperamentos são muito diferentes. Só pensa em futilidades, em coisas artificiais. Já com a Maria Teresa é diferente. Ela não é de falar muito, gosta de me ouvir, compartilha dos meus gostos, inclusive pela Amazônia. Acho que ela iria para lá comigo sem pestanejar. Além disso, ela é um doce de menina, tão terna, tão carinhosa... - concluiu, olhando para o céu, com ar de sonhador.

- Quem te viu, quem te vê... - continuou debochando Madeira.

## 2

Lourdinha, Cotinha e Neném eram as três irmãs de Faustino.

Mais novas que ele, a primeira seis anos, a segunda oito e a terceira, dez. Todas as três eram Marias. Maria de Lurdes, Maria Coralina e Maria José. Mas, só eram conhecidas pelos apelidos, ninguém mais sabia quais eram seu verdadeiros nomes.

Tinham verdadeiro pavor do irmão, que, desde quando eram pequenas, nelas batia por qualquer coisa. Se alguma delas se comportasse mal à mesa, era ele quem as corrigia, quase sempre à base de palmadas nada delicadas. Se gritavam ou falavam mais alto, numa brincadeira infantil qualquer, ele logo tirava o cinto da calça e corria atrás delas com a correia ameaçadora nas mãos.

“ *Seu*” Almeida dificilmente estava em casa, preso na administração de seus três armazéns e, mesmo quando estava presente, pouco se importava com as rigorosas corrigendas que Faustino aplicava nas meninas. Pelo contrário, não se metia, às vezes até apoiava sua atitude, não tinha tempo para tomar a frente dos problemas domésticos.

A mãe, Jacira, mulher muito doente, praticamente inválida logo após o nascimento de Neném, pouco saía do quarto, onde, inclusive, fazia as refeições, em nada mais interferindo na administração da casa. Para ela, portanto, inútil recorrer.

Nada de brincar de pique, de amarelinha, de correr na praça em frente da casa. O máximo que lhes era permitido era ficar com suas bonecas, brincar de casinha, isso tudo no interior do casarão da Praça Marquês de Herval.

No colégio, na rua, quando viam o irmão aproximar-se, logo paravam as brincadeiras que estavam fazendo, mantendo-se numa posição respeitosa, com medo de levarem uns tapas ali mesmo.

Quando já adolescentes, se flertavam com um ou outro rapaz, tremiam de medo que Faustino soubesse. E, quando ele vinha a saber, caía-lhes de pancada em cima.

Mesmo quando ele viajou as duas vezes para a Amazônia, lá passando vários meses, tinham receio de ir a festas, conversar com rapazes, sair com colegas. O medo do irmão, mesmo tão longe delas, era maior que o desejo que tinham de uma diversão qualquer. *“Se ele viesse a saber quando voltasse...”*.

Na realidade, desde pequeno, logo depois que a mãe ficara semi-inválida e o pai não se preocupava mais com o dia a dia da família, Faustino chamou para si as funções de homem da casa. *“Seu”* Almeida, por seu lado, tendo ficado muito abatido com a doença da mulher, mudou completamente seu comportamento com relação aos filhos. Deixou para lá a tarefa de discipliná-los, passando a preocupar-se somente com seus negócios. Saía de casa antes das sete da manhã e só voltava depois das dez da noite. Deixou crescer uma barba enorme, que imitava aquela usada pelo imperador Pedro II no século anterior. Talvez para esconder a tristeza em seu rosto com a inesperada doença da mulher, que desorientou por completo sua vida. Até o nascimento de Neném, sua última filha, participava da criação dos filhos, orientando-os, auxiliando-os nos deveres escolares, levando-os a passeios ou piqueniques em Iracema. Tinha especial carinho por Faustino, o filho mais velho e o único homem que gerou. Preparava-o para ser seu sucessor nos vários negócios que tinha na capital cearense. Mas, também não descuidava da educação das filhas, dando-lhes a atenção devida.

O parto de Neném e as conseqüentes complicações, que fizeram de Jacira uma semi-inválida, foram golpes muito fortes para ele, e, apesar de esforçar-se muito no início, não conseguiu superá-los. Sentiu-se perdido, desorientado, sem saber o que fazer.

Felizmente tinham Donana, uma velha de mais de 50 anos, gorda, bonachona, que trabalhava para eles desde que era pequena e que passou a tomar conta de Jacira e da administração da casa, naqueles primeiros dias após a doença da mãe de Faustino. Ajudava-a no banho diário, preparava-lhe a comida de dieta, ficava sempre com ela no quarto.

Ainda bem que não faltava dinheiro. A renda dos armazéns de “ *seu* ” Almeida garantia, com folga, o sustento da família. Ele só colocava o dinheiro dentro de casa, deixando que Donana fizesse os pagamentos com alimentação, empregadas e outras contas domésticas.

Quando Faustino completou onze anos, foi tomando para si, pouco a pouco, parte das tarefas de Donana, que passou a dedicar-se quase que exclusivamente aos cuidados com Jacira e com Neném, ainda no seu primeiro ano de vida.

Faustino passou a pegar com o pai o dinheiro para as despesas da casa. Daí em diante assumiu a responsabilidade de cuidar das irmãs, zelando por sua educação, alimentação, higiene, tarefas que só um adulto poderia normalmente exercer. Ele, entretanto, com apenas onze anos de idade, não se sentiu intimidado em assumi-las.

Sempre fora destemido, atirado, não tinha medo das coisas, muito menos das pessoas. Brigava muito no colégio primário, enfrentando, muitas vezes, garotos maiores que ele. Chegava frequentemente em casa com um olho roxo ou o lábio sangrando. Hematomas pelo corpo, para ele, eram coisa rotineira.

Era severo com as irmãs. Exigia-lhes conduta exemplar. À mesa, no trato com outras pessoas, no modo de vestir, de andar, de falar. Se elas, ainda pequenas, ousassem desobedecer-lhe, coitadas... Ele pegava o cinto de couro da calça do pai e aplicava-lhes surras que as faziam chorar por horas e horas. Por isso, as duas foram crescendo tendo pelo irmão mais velho um sentimento que era uma mistura de respeito e ódio. Não ousavam abrir a boca para reclamar de suas atitudes contra elas, mas, interiormente, iam remoendo e acumulando esse sentimento nada nobre contra Faustino.

Ele pouco se importava com o que elas sentiam por ele, se ódio ou amor. Era o responsável por elas e pronto. Nada mais o preocupava. E, até gostava daquela posição de mando, que seria sua marca registrada para o resto da vida. Independência, aventura, comando, domínio das coisas.

Neném só foi conhecer o rigor do irmão ao chegar aos quatro anos, quando passou a fazer as refeições na mesa, com o resto da família. Lurdinha e Cotinha passaram a se apoiar uma na outra, à medida que cresciam. Perceberam que, assim, as duas unidas, poderiam defender-se melhor do irmão.

Já não brigavam mais entre elas, nem ao menos discutiam. Andavam sempre juntas, de braços dados, em qualquer lugar aonde iam. Passaram a vestir o mesmo tipo de roupa, mesma cor, mesmo modelo. Cabelos penteados da mesma forma, até o modo de falar.

Apesar de não se parecerem muito fisionômica e fisicamente - Lurdinha era alta e magra, Cotinha, baixa e gordinha - de tanto andarem juntas, de usarem as mesmas roupas, passaram a ser conhecidas no colégio como as "irmãs corujinhas". Ainda bem que não sabiam o que falavam delas pelas costas.

Quando Faustino, por acaso, soube desse apelido, logo deu uma surra no garoto que assim as chamara. Mas, nada

disse às irmãs.

Neném, à medida que crescia, e já sentindo também na pele as palmadas e as reprimendas de Faustino, procurou aproximar-se das irmãs mais velhas. Assim, quando Lurdinha já completara quatorze anos, ele, não resistindo mais ao chamamento do seu espírito aventureiro e achando que as irmãs já estavam suficientemente preparadas para a vida, decidiu fazer sua primeira viagem para a Amazônia. Empregou-se numa expedição que para lá seguia, no auge do ciclo da borracha. Isso, em 1909.

Mesmo tendo ele ficado fora de Fortaleza por quase um ano, as três irmãs não se atreveram a fazer nada que lhes pudesse manchar a reputação. Não foram a festas do colégio, baile de debutantes ou a qualquer outra atividade que não fosse relacionada exclusivamente aos deveres da escola. Namorados, nem pensar. Os poucos rapazes que se atreveram a uma tímida aproximação, aproveitando a ausência de Faustino, logo desistiam, tendo em vista a frieza e indiferença com que eram tratados pelas meninas.

Quando ele retornou, no primeiro trimestre de 1910, procurou saber do comportamento das irmãs através de seus amigos mais chegados e que lhe eram extremamente fiéis. Madeira lhe fez um relato completo e ele, mesmo satisfeito, deu uma tremenda bronca nas duas mais velhas, alegando flertes imaginários ou comportamentos inadequados.

- Antes prevenir que remediar - disse ele a Madeira.

- Porra, Faustino, tudo bem que se deva tomar cuidado, ainda mais no seu caso, já que seu pai deixou na sua mão tomar conta das meninas. Mas, você não acha que está exagerando um pouco?

- Nada, Madeira. Com mulher não se deve facilitar. Ainda mais na idade delas, quando estão com fogo nas "partes". Bobeou, aparecem logo de barriga por aí...



Madeira virou mais um gole do seu copo de cerveja. Comentou, encerrando a discussão:

- Tudo bem, você é quem deve saber. Eu não tenho irmã, não estou a par dessas coisas.

Foi naquele período que Faustino ficou um tempo sem saber o que fazer da vida, tendo trabalhado antes no emprego burocrático que seu pai lhe arranhou e, depois, como gerente de um dos armazéns do "seu" Almeida. Dois anos mais tarde, no início de 1912, voltava à Amazônia, ainda como empregado de outra firma exploradora da extração de borracha.

Nessa época, quando estava ele na Amazônia pela segunda vez, em fevereiro de 1913, a mãe, Jacira, não resistindo mais ao longo sofrimento, acabou falecendo. Faustino só tomou conhecimento da morte da mãe quando voltou para se tratar da malária que pegara na selva.

Lurdinha, Cotinha, sempre inseparáveis, agora dois anos mais velhas e já acompanhadas de Neném, resignaram-se com a vigilância exercida pelo irmão e, com apenas dezoito, dezesseis e treze anos, praticamente abdicaram de ter uma vida própria, do casamento, filhos e outras coisas normais às moças de sua idade.

Lurdinha e Cotinha terminaram o curso normal e nem tentaram exercer o magistério. Suas vidas ficaram resumidas a uma rotina cansativa de ficar em casa o dia todo a costurar, fazer bordados, auxiliar Donana na administração da casa. À rua iam raramente, só para visitas esporádicas a algum parente ou às idas à missa nos domingos. Com o pai tinham pouco contato, já que o mesmo mantinha os mesmos horários de saída e retorno ao lar. Só nos almoços de domingo estavam juntos. Mesmo assim pouco conversavam, já que dele mantinham enorme distância e praticamente nenhuma intimidade.

"- *Como vai sua mãe ?*" - perguntava Almeida às filhas, quando Jacira ainda era viva. "- *Tem melhorado? Está*

*comendo direito?”*

*“ - Tudo na mesma, papai. - respondia uma delas. - Tem dias que está melhor , outros pior. Mas, ela não consegue conversar com a gente”.*

Almeida dificilmente ia até o quarto da mulher. Sua doença o abalara de tal forma que ele não conseguia ver Jacira naquele estado. Às vezes, preferia que ela partisse para o outro mundo, tamanho o seu sofrimento. Quando isso aconteceu, aí então mesmo é que não tinha mais nenhum assunto para conversar com as filhas nos raros almoços dominicais.

Mas, apesar do recolhimento das irmãs, da vida reclusa a que se submeteram, foi Cotinha quem apresentou Maria Teresa a Faustino, o que acabou em casamento entre os dois.

Ele, depois que voltou da segunda viagem à Amazônia, em novembro de 1913, de lá retornou como um homem rico. Doente, mas rico.

Pouco mais de dois anos depois, quando decidiu casar, disse para as irmãs:

- Bem, agora vocês estão crescidas, prontas para o mundo.

Elas olharam espantadas para ele, sem entenderem o que queria dizer.

Faustino olhou fixamente para as três. Depois de um momento de silêncio, disse:

- Pronto, daqui para frente, não vou mais tomar conta de vocês. Já estão crescidas, podem fazer o que quiserem. Só espero que não façam besteira. Cuidem de suas vidas que chegou a hora de eu começar a cuidar da minha.

Elas, ainda atônitas, olhavam para o irmão, sem perceberem a extensão das suas palavras. Faustino riu e disse, com um sorriso de deboche nos lábios:

- Andem, suas patetas, larguem do meu pé. Chegou a hora de aprenderem a se virar por vocês mesmas.

As três se afastaram, assustadas. Correram para o quarto e ficaram por algum tempo olhando uma para a outra, sem saber o que dizer.

Mesmo depois do casamento de Faustino, quando não havia mais a presença física do irmão dentro do casarão da Marquês de Herval e, mais tarde, quando ele partiu pela terceira vez para a Amazônia, não souberam elas o que fazer com a liberdade finalmente alcançada. Permaneceram reclusas dentro de casa, não modificaram em nada o modo de vida, parecendo presas psicologicamente aos anos e anos em que viveram sob a tutela de Faustino. Ainda tinham medo de que ele aparecesse subitamente e lhes aplicasse uma surra por qualquer atitude mais audaciosa que pudessem tomar.

### 3

O casamento foi cerimônia simples, sem luxo ou ostentação, em dezembro de 1915. Mesmo assim, várias pessoas compareceram, a maioria amigos do “ seu ” Almeida, pai de Faustino, devido à sua influência na cidade. Do noivo mesmo, só Madeira e uns dois ou três mais íntimos. De Maria Teresa, seus familiares e poucos convidados, já que eles, apesar de pertencerem à classe média de Fortaleza (o pai era contador da Prefeitura), eram de origem mais humilde, não tinham maior relacionamento com a alta sociedade local.

Foram residir numa das casas de propriedade de Faustino, para onde ele já se mudara poucos dias antes do casamento, na Praça Marquês de Herval.

Os primeiros dois meses da vida em comum foram maravilhosos. Faustino, agora completamente enamorado da mulher, procurava fazer-lhe todas as vontades. Quase não saía de casa e, quando o fazia, era sempre em companhia de Maria Teresa. Mas, no mês de abril, quando ela teve certeza de que estava grávida, a alma boêmia de Faustino começou a falar mais alto.

No início, saía às tardes, para uma cervejinha com Madeira. Depois, voltou discretamente às mesas de jogo e, quando começou a perder dinheiro, para elas voltou com toda a intensidade, passando as noites fora de casa, só voltando com o dia já claro.

Maria Teresa nada falava, não reclamava. No seu silêncio, sofria amargurada e, pior, sentia medo de perder o marido para outra mulher. Se dele já gostava muito antes do casamento, agora estava perdidamente apaixonada, ainda mais depois da certeza da gravidez do primeiro filho.

Entretanto, os temores de Maria Teresa eram infundados. Pelo menos em relação a ter ele outra mulher. Não, sua atração era apenas pelas noites passadas nas mesas de jogo, pela cerveja tomada com os amigos. Gostava sinceramente da mulher e não passava por sua cabeça ter uma aventura fora do casamento.

O que acumulara na segunda viagem à Amazônia logo se dissipou nas cartas e na roleta. Vendeu duas das casas que comprara e começou a pensar em como voltar a ganhar dinheiro.

Falou com a mulher em retornar ao Amazonas, preparando sua própria expedição.

- Mas, Faustino, aquilo lá é muito perigoso, tem índio, animal selvagem, você mesmo me contou - argumentou ela.- Além disso, tem as doenças, você quase morreu lá, lembra?

Ele tentou tranquilizá-la:

- Não, Teresa, eu conheço todos os perigos. Já estive lá por duas vezes, sei onde pisar. Além disso, agora eu serei o patrão, vou dirigir a expedição do meu modo. Sei que é muito te pedir para ir comigo, mas se você quiser ficar aqui, pode ficar. Deixo você com minhas irmãs ou você pode ficar com sua mãe.

Ela relutou um pouco. Depois, perguntou:

- Você quer mesmo que eu vá com você?

- Claro, Teresa, você é minha mulher e eu queria estar junto de você quando a criança nascer.

Ciosa dos seus deveres conjugais, educada que fora no sentido de que a mulher deve acompanhar o marido nos bons e maus momentos, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, mesmo temerosa do que iria encontrar, acabou concordando.

- Está certo, Faustino, eu vou com você.

- Desculpe meu bem, pedir isso a você. Mas, é que eu não aguento mais essa rotina daqui de Fortaleza, essa

mesmice de vida. E tenho que aproveitar a oportunidade da extração da borracha lá na Amazônia, enquanto ela ainda existe. O mundo inteiro precisa dela, principalmente a indústria de automóveis, para fabricar pneus. Ainda mais com essa guerra lá na Europa. Já ouvi vários boatos de que sementes da seringueira foram contrabandeadas pela Inglaterra para suas colônias na Ásia. Aí, adeus à nossa extração de borracha. Aquilo lá era uma mina de ouro e, se os boatos forem verdadeiros, em pouco tempo a mina está esgotada.

E concluiu:

- Pode deixar, fique tranquila, nada de mal vai te acontecer, eu te prometo. Já me dou bem com os índios da região e o pessoal que vai comigo é de inteira confiança. E vai até ser original: nosso filho vai nascer no Amazonas.

Ela, já agora adulta e mulher feita, deixou a hesitação de lado. Disse, incisiva:

- Tudo bem, mas quero que você me prometa uma coisa.

Ele olhou para ela, curioso.

- Diga aí, Teresa - respondeu, com um sorriso de ironia.

Ela voltou a hesitar, um pouco temerosa. Tomou coragem e disse:

- Bem... bem, Faustino... eu queria que você me promettesse não jogar mais até a gente voltar da viagem... Você fica tão alucinado com isso, perde a razão...

Ele refletiu. Depois, respondeu:

- Está certo, Teresa, você ganhou. Tem razão. Também, não queria jogar mais mesmo - disse, com ar desconsolado.- Prometo.

Ela sorriu e murmurou baixinho:

*"- A raposa e as uvas..."*

## 4

Os preparativos para a viagem ocuparam quase todo o mês de maio.

Faustino comprou grande parte do material necessário para ficarem pelo menos um ano na selva: tendas, lampiões, facões, cacimbas, mosquiteiros, carne seca, farinha, arroz, sal, açúcar, medicamentos, mercadorias que na certa não encontrariam na Amazônia.

Pedro, um caboclo forte, de uns 35 anos aproximadamente, era seu braço direito. Já estivera com ele nas duas expedições anteriores que fizera à região, deixando em suas mãos a tarefa de recrutar mais seis homens para compor o grupo.

Faustino pretendia encontrar o cacique Urumã, a quem já conhecia das outras expedições, com a certeza de que o mesmo o auxiliaria na implantação do acampamento e em outras pequenas coisas de que necessitaria no dia a dia da extração do ouro viscoso. Comprou vários presentes para o cacique, suas mulheres e habitantes da taba, visando fortalecer os laços de amizade criados anteriormente.

Finalmente, no dia 20 de maio, embarcaram no vapor que seguiria para Belém.

As despedidas, no antigo cais da cidade, chegaram a ser engraçadas.

Enquanto a mãe, as irmãs e o irmão de Maria Teresa derramavam-se em lágrimas, o pai e irmãs de Faustino mantinham aquela pose aristocrática de frieza e insensibilidade que os caracterizava. O pai de Teresa já era falecido, fato ocorrido dois meses após o casamento com Faustino. Madeira também foi dar um abraço no amigo.

- Cuidado, Faustino, agora não é só você que tem que se cuidar - brincou. - Levar mulher para uma aventura

dessas, ainda mais esperando criança, é uma tremenda loucura. Enfim, você deve saber o que está fazendo...

Faustino retribuiu o forte abraço que Madeira lhe dava. Disse:

- Pode deixar, meu amigo. Já conheço bem o que vou enfrentar.

O pequeno bote a remo saiu carregado do cais em direção ao navio, ancorado ao largo. Maria Teresa, que pela primeira vez entrava numa embarcação tão grande, tremia toda por dentro. Entretanto, procurou manter-se firme para não decepcionar o marido.

Instalados numa cabine minúscula e razoavelmente confortável do “Rosamar”, aguardavam a partida do navio, o que só ocorreria à noite, pois havia muita mercadoria para carregar.

O “Rosamar” era um cargueiro de porte médio, já de certa idade, máquinas cansadas pelas inúmeras viagens que fizera anteriormente pelo litoral dos Estados Unidos e, depois, durante mais de dez anos, na costa brasileira. Seus tripulantes brincavam, fazendo um trocadilho de péssimo gosto, quando eram perguntados pela velocidade que desenvolvia:

*“- Ah! moço, num sei ao certo não. Acho que são dez laços por hora, em vez de dez nós”...*

O navio, apesar de sua finalidade ser em primeiro lugar a de transporte de cargas, às vezes levava alguns passageiros que nele se aventuravam a embarcar. Possuía, além das cabines que serviam de acomodação para o capitão, imediato e tripulação, outras quatro, onde poderiam viajar alguns passageiros. Nessa viagem, de Fortaleza a Belém, uma dessas cabines era ocupada por Faustino e Maria Teresa e outras duas, no andar inferior, com quatro beliches em cada uma, pelos sete homens que Faustino levava consigo.



Finalmente, por volta das onze da noite, depois de apitar por três vezes, deixou Fortaleza, iniciando a longa viagem em direção a Belém.

Logo que as máquinas começaram a ranger, começou o suplício para Maria Teresa. Aliado ao enjoo normal da gravidez, agora o balanço do navio levou-a diretamente ao banheiro que existia no corredor. Faustino acompanhou-a, presenciando, preocupado, a mulher vomitar sem parar. Ainda bem que tinham levado algumas pílulas contra enjoo, receitadas pelo Dr. Agamenon, o médico da família.

Mas, Maria Teresa não parava de vomitar. Seu rosto ficou branco como uma cera, suava abundantemente. Queria parecer forte, mas não conseguia.

- Desculpe, Faustino, mas não consigo controlar. Essa ânsia de vômito não me deixa.

Ele procurou acalmá-la:

- Não se preocupe, Teresa, isso vai passar. É que você não está acostumada com a viagem de vapor. Tome essa pílula, é para enjoo - disse ele, passando-lhe o remédio e um copo com água.

Ela engoliu o comprimido. Voltaram para a cabine.

Faustino disse:

- Deita um pouco, Teresa. Vê se consegue dormir. Vou falar com o capitão, talvez ele tenha algum remédio para você, ele já deve ter passado por essa situação.

Teresa obedeceu, deitando-se na parte inferior do beliche.

Faustino deixou a cabine, em busca do capitão. No caminho, encontrou-se com Pedro. Perguntou:

- E, então, Pedro, ficaram bem alojados?

- Razoável, patrão. Ficamos três numa cabine, quatro na outra, um andar abaixo do seu. Vai onde?

- Vou procurar o capitão. Teresa está vomitando direto, não quer parar. Talvez ele tenha algum medicamento, isso já deve ter acontecido antes com outros passageiros.

- Deve ser a criança - retrucou Pedro. - Mulher enjoa mesmo quando espera menino, quanto mais viajando de vapor.

Pedro recrutara seis homens para a expedição, conforme lhe determinara Faustino. João e Firmino, dois caboclos fortes, o primeiro mistura de índio e branco, o segundo um crioulo de quase dois metros de altura, já tinham viajado na última ida de Faustino ao Amazonas. Os outros quatro, Raimundo, Venâncio, Zeferino e Mário eram também muito fortes, exceto o último, que era o cozinheiro. Viajavam pela primeira vez para a selva. Já estavam acomodados em suas cabines e conversavam em voz alta, antevendo os lances da aventura em que haviam se metido.

- Pois é - disse Venâncio - Seja o que Deus quiser. Minha " *muié* " não queria que eu viesse não, mas eu tou precisando de ganhar dinheiro. Em Fortaleza não se acha mais trabalho. E lá pro interior do Ceará é só seca e fome.

Raimundo observou, fumando um cigarro de palha, deitado na parte superior do seu beliche:

- Já eu, que sou solteiro, que não tenho nada que me prenda a essa terra desgraçada de seca, vou mesmo é pra ganhar dinheiro e gastar tudo em farra e " *muié* ".

Zeferino comentou, na parte inferior da cama:

- Eu tou com um medo danado. O que a gente vai encontrar por lá? Já me contaram tanta coisa, que tem feitiçaria, boitatá, mula sem cabeça, saci pernetá...

Mário, o cozinheiro, na parte superior do outro beliche:

- Me disseram até que tem uma cobra enorme que engole uma vaca inteira, isso sem falar num peixe grande, com cara de boi.

- Fora os índios - aparteou Zeferino. - O Pedro me falou que tem índio que até come gente. Bota no caldeirão, deixa cozinhar.

- Isso deve ser mentira do Pedro, falou só pra te gozar - disse Venâncio. - O " *seu* " Faustino já "teve" lá por duas

vezes e disse que sabe controlar a situação. Aliás, o Pedro também já “teve” lá com ele, deve saber como se livrar do perigo. – Pra mim, o que importa, é o dinheiro que eu vou ganhar, pelo menos vou botar comida na mesa pra “ muié ” e pros “ bichinhos ”. É duro “ num ” ter o que comer minha gente, ver criança rodeando você chorando de fome e a gente não ter nada pra dar.

– É verdade – filosofou Mário, olhando para o teto da cabine, olhar distante, já com uma ponta de saudade da Fortaleza natal.

Raimundo, talvez pelo efeito da fumaça do cigarro de palha que tragava, começou a enjoar e correu para o banheiro para colocar para fora a comida do jantar.

O navio balançava bastante, vencendo com dificuldade as ondas do mar revolto àquela hora da noite.

Faustino achou o capitão e este arranhou alguns remédios para enjoar, que ele, de volta à sua cabine, fez Maria Teresa engolir.

Finalmente, quase uma hora da madrugada, ela melhorou um pouco e conseguiu dormir. Sono difícil, interrompido várias vezes, ela acordando durante a noite para tentar vomitar no pinico que Faustino colocou no chão, ao lado da cama.

Aquela noite pareceu não ter somente oito, dez horas de escuridão. “*Como custa a passar* ” – meditava Maria Teresa com seus botões.

## 5

Na manhã seguinte, o navio em alto mar, continuava Maria Teresa a vomitar quase sem parar. Apenas em pequenos intervalos havia uma pausa, quando o estômago, praticamente vazio, nada mais tinha para jogar para fora.

Não conseguiu tomar o café da manhã, muito menos o almoço, tendo o cozinheiro do navio lhe preparado um chá de ervas e biscoitos salgados, coisa que a muito custo, conseguiu engolir. Nem as frutas da região, como laranjas, abacaxi, manga, melão, conseguiu comer.

Só no final da tarde daquele dia foi que parou de vomitar. Faustino conseguiu que lhe preparassem uma canja de galinha que ela, com dificuldade, acabou comendo. O marido já estava preocupado e um pouco arrependido de tê-la trazido.

O que o consolava é que Raimundo, um dos membros de sua expedição, caboclo alto, forte como um touro, também não saía do banheiro, vomitando qual criança de colo. Aparentava estar em pior estado que Maria Teresa, as feições do rosto contorcidas, a cor verde como a grama de um jardim.

Os outros homens do pessoal de Faustino nada sentiram, parece que já estavam acostumados com o mar. Na verdade, em Fortaleza, João, Firmino, Venâncio, Zeferino e Mário, além de Pedro, costumavam enfrentar o mar aberto em pequenas jangadas, na pesca da lagosta ou camarão.

- O estômago desses aí já está acostumado com o balanço do mar - comentou o capitão com Faustino, tirando baforadas do cachimbo pendurado na boca.

- É verdade - concordou Faustino, fumando também ele um cigarro de palha, em pé junto à amurada do convés, ao lado do capitão. - Pedro, então, pode até beber chumbo

derretido que não sente nada - brincou, olhando para o horizonte à sua frente, admirando a imensidão do mar.

- Bem, amanhã pela manhã, vamos parar num pequeno porto, ainda na costa do Ceará. Vamos descarregar alguma mercadoria e carregar outras. Aí, talvez sua senhora se sinta melhor. E, vamos ver se damos sorte de pegar um mar mais calmo daqui até Belém, assim diminui o risco de enjoar.

Faustino agradeceu a atenção do capitão e voltou para sua cabine, onde Maria Teresa dormia.

Aquela madrugada foi melhor que a anterior. Já mais acostumada com o balanço do navio, não enjoou tanto, vomitando menos. Na manhã seguinte, acordou mais bem disposta. Levantou-se, escovou os dentes e sorriu para Faustino, que olhava para ela, com o semblante preocupado.

- Bom dia, Faustino.

- Bom dia, Teresa. Está melhor?

- Graças ao bom Deus. Finalmente, acho que passou aquela ânsia de vômito - respondeu.

Faustino também abriu um largo sorriso.

- Ainda bem, Teresa. Já estava ficando preocupado. Cheguei a pensar essa noite em mandar você de volta para Fortaleza.

- Carecia não, Faustino. Eu bambeio um pouco, mas aguento o tranco. Sou como o bambu: verga, mas não quebra - retrucou ela, ainda sorrindo.

Ele levantou-se. Disse para a mulher:

- Então, deita aí que eu vou pegar o teu café.

- Faz favor, Faustino. Ainda estou muito fraca para ir me sentar à mesa com você.

Quando ele voltou com a bandeja, Maria Teresa já estava sentada na cama, penteando os longos cabelos negros e fazendo suas duas tranças. Até que o café da manhã do modesto cargueiro não era tão ruim: várias frutas

da região, pão, manteiga, queijo, geleia de manga, suco de maracujá, café, chá, leite.

Faustino colocou a bandeja na cama, na frente de Teresa. Serviu uma xícara de chá para a mulher, colocando café com leite em outra para ele.

- Anda, Teresa, tome o chá, vai fazer bem para o teu estômago. E vê se come alguma coisa, você precisa se alimentar.

Ela levou a xícara aos lábios, sorvendo vagarosamente o líquido escuro. Depois, tomou um pouco de suco de maracujá, mordiscando uma fruta aqui, outra ali. Conseguiu engolir um pedaço de pão com geleia.

Faustino abriu um sorriso largo, fazendo realçar o espesso bigode preto com a cor alva dos dentes.

- Ainda bem que você comeu alguma coisa - disse.- Olha, o capitão me falou que o navio vai dar uma parada num pequeno porto daqui a pouco para carga e descarga de mercadorias. Vamos ver se você consegue levantar para dar uma volta no convés, respirar ar puro.

- Vou fazer força, Faustino - disse ela. - Não tem ninguém mais doida que eu para levantar dessa cama.

Eram oito da manhã quando as máquinas do navio silenciaram. Faustino olhou pela escotilha e viu terra ali perto, com várias pessoas movimentando-se pelo porto.

- Levanta, Teresa - disse para a mulher. - O vapor já está parado, vem ver só.

Deu-lhe a mão, ajudando-a a sair da cama. Conduziu-a até a escotilha, deixando que admirasse o pequeno porto em terra.

- Que lugar bonito, Faustino. Onde é isso?

- Não sei ao certo - respondeu ele. - Ainda é Ceará, não sei o nome da cidade, vou perguntar ao capitão.

Teresa, ainda de camisolão até os pés, amparada no braço do marido, disse, com alegria:

- Ah! Faustino. Me leva até o banheiro. Vou escovar os dentes e ver se consigo tomar um banho. Ainda estou meio enjoada, mas quero sair um pouco para ver essa beleza de lugar.

Faustino conduziu a mulher até o banheiro, no corredor do lado de fora da cabine. Disse:

- Teresa, vou voltar para o camarote para me vestir. Tranque a porta por dentro e se sentir mal, grite me chamando. Você está bem?

- Estou sim, Faustino. Só um pouco tonta, mas tudo bem. Pode ir, fique calmo.

Ele retornou à cabine, escovou os dentes, lavou o rosto na pequena pia que ali havia, vestiu rapidamente uma camisa limpa, colocou os suspensórios na calça larga, passou o pente nos cabelos em desalinho. Voltou até o banheiro, batendo na porta:

- Tudo bem, Teresa? Já tomou banho?

Ela respondeu:

- Já, já acabei. Você pode buscar um vestido pra mim? Qualquer um serve.

- Tudo bem, vou lá pegar.

Depois que ela se vestiu, deixaram a cabine, subindo vagarosamente os degraus da escada que dava acesso ao convés, ela apoiando-se fortemente no braço do marido. Respirou profundamente o ar do mar, olhando extasiada para o céu todo azul, sem uma nuvem. Caminharam bem devagar até a amurada do convés, onde ficaram admirando a paisagem da pequena cidade ao fundo. Um pequeno porto pesqueiro, uma praia de areia clara, vários coqueiros, vegetação cerrada mais atrás, pequenas casas junto à areia.

- Que beleza, Faustino - comentou. - Não sabia que ia gostar tanto da viagem... apesar do enjoo. Mas, só essa vista do mar e do litoral compensa tudo.

O navio estava ancorado a uma distância de uns trezentos metros do porto e um pequeno barco se aproximava.

Alguém chegou por trás.

- Bom dia, " *seu* " Faustino. Bom dia, madame. Está melhor?

Era o capitão. Os dois se viraram em sua direção, cumprimentando-o. Maria Teresa respondeu:

- Um pouco, senhor. Muito obrigada.

- Estão admirando a vista, não é? Lugar muito bonito.

Faustino perguntou:

- Que porto é esse, capitão?

- Táíba, " *seu* " Faustino. Poucos vapores param por aqui. Mas, temos que descarregar algumas mercadorias importantes, peças de motores e outras coisas de que carece o pessoal daqui. O único contato que eles têm com a civilização é quando aporta um vapor por essas bandas, o que é raro. Só quando existe alguma encomenda grande. Fora isso, ficam no esquecimento meses e meses.

- Nunca parei aqui - retrucou Faustino. - Nem nas duas outras vezes em que fui para o Amazonas.

- Normalmente, os vapores não param, só fazem escala nos portos maiores. Mas, nessas cidades pequenas da costa do Ceará é que descarrego o grosso da mercadoria. Veja bem as dificuldades de embarque e desembarque, nem Fortaleza tem porto onde se atraca direto, o navio tem que ficar ancorado ao largo.

Fez uma pausa.

- Mas, já tomaram o café da manhã? - perguntou.

- Já, obrigado, capitão - respondeu Faustino. - Busquei uma bandeja para minha mulher e tomamos café na cabine.

- Ah! Que ótimo - retrucou o capitão. - Fico feliz em ver que a senhora já conseguiu comer alguma coisa. Espero vê-los no refeitório na hora do almoço.



Despediu-se dos dois, dirigindo-se ao local aonde o barco vindo de terra encostava no casco do “Rosamar”. Começou a gritar ordens para sua tripulação, orientando a operação de descarregar a mercadoria.

## 6

O “Rosamar” continuava a singrar as águas do Nordeste brasileiro, arrastando-se vagarosamente em direção à capital do Pará. Havia ainda um longo caminho a percorrer, milhas e milhas de mar a serem vencidas.

Deixaram Taíba na manhã do dia seguinte em que ali aportaram, depois de ter sido feito a descarga e o carregamento de várias toneladas de mercadorias: banana, abacaxi, coco, frutas tropicais na sua grande maioria. Algumas encomendas de roupas e outros objetos mais sofisticados que só eram encontrados nos estados do Sul. Revistas e jornais do Rio, São Paulo, Salvador, Recife e Fortaleza, que a população local estava ávida para ler, mesmo com o atraso de mais de mês.

À noite, Maria Teresa, já quase recuperada do enjoo que a atormentara, conseguiu acompanhar Faustino na mesa do jantar. Para o almoço, não teve forças para ir junto com o marido, que lhe trouxe uma outra bandeja na cabine.

O capitão, cujo nome era Jeremias, fazia as honras de anfitrião. Serviu um copo de vinho para seus dois convidados, tendo Maria Teresa recusado polidamente.

- Pois é, “ *seu* ” Faustino - disse ele. - Seu nome já é uma lenda na região amazônica. Já tinha ouvido muito falar do senhor e de suas aventuras na selva e, tenha certeza, é com grande prazer que tenho a honra de recebê-lo e à sua senhora em meu navio.

O capitão Jeremias era um homem de mais de cinquenta anos, beirando talvez os sessenta, mais para gordo do que para magro, cabelos grisalhos, meio calvo, bochechas rechonchudas. Sorvia com prazer um gole de seu copo de vinho enquanto falava com desenvoltura.

Faustino permaneceu em silêncio. Jeremias prosseguiu:

- Quer dizer que esta é a terceira vez que o senhor vai enfrentar a selva, não é?

Faustino fez um sinal afirmativo com a cabeça, enquanto mastigava um pedaço de peixe, que, por sinal, estava delicioso. Olhou para a mulher, sentada ao lado: Maria Teresa fitava o prato à sua frente, tentando conseguir achar coragem de começar a comer. O estômago estava embrulhado, tinha medo de engolir alguma coisa e vomitar em seguida.

Faustino virou-se para Jeremias. Perguntou:

- Capitão, o senhor me desculpe o transtorno. Mas, será que poderia conseguir alguma coisa mais leve para minha mulher? Acho que ela ainda não se recuperou totalmente do enjoo. Talvez uma canjinha, quem sabe?

Jeremias acabou de virar mais um copo de vinho, enquanto mastigava com prazer o pedaço de peixe. Respondeu prontamente, logo que acabou de engolir:

- É claro, “ *seu* ” Faustino. Aqui no nosso navio nós temos de tudo. Só falta dinheiro - brincou, repetindo o chavão popular com um largo sorriso nos lábios.

Tocou uma espécie de sineta de mesa. Logo apareceu um marujo, em trajes de marinheiro.

- Ô, Serafim, faz favor, pede ao Tonho para preparar uma canja bem quentinha aqui pra madame. Mas, olha, bem rápido, ouviu?

Serafim fez um sinal afirmativo com a cabeça, respondendo:

- É pra agora mesmo, capitão. Já “*tu*” indo.

Desapareceu em seguida.

Jeremias serviu-se de um pouco mais de pirão de mandioca, que, por sinal, também estava uma delícia. Colocou um pouco de pimenta malagueta e mais um pedaço de peixe em seu prato.

- Mas, desta vez, “ *seu* ” Faustino, vai voltar mais rico ainda, não é? Me contaram que agora o senhor é o patrão,

não é mais empregado.

Faustino sorriu. Respondeu, depois de mastigar um pedaço de camarão graúdo:

- Pelo que vejo, o senhor está bem informado a meu respeito, capitão Jeremias. Mas, eu também me informei bastante sobre o senhor. Por isso, escolhi o seu navio para me levar de volta a Belém.

Jeremias não entendeu direito a ironia de Faustino, aliás, outra das marcas registradas do explorador amazônico. O capitão continuou perguntando:

- Mas, conte-me mais " *seu* " Faustino. É mesmo verdade tudo aquilo que falam sobre o senhor? As brigas com os índios, a luta com a onça, o salvamento da criança que estava se afogando no rio?

Faustino sorriu novamente. Limpou a boca com o guardanapo, passando-o suavemente pelo bigode molhado de pirão. Olhou fixamente para Jeremias.

- Muita coisa é invenção dessa gente, falta de assunto, de não ter o que falar - respondeu. - Mas, uma coisa é certa, capitão: a Amazônia não é lugar pra qualquer um, não. É terra onde se tem que ser macho, se não morre logo, não chega nem a sentir o gostinho...

Maria Teresa olhava para o marido, em respeitoso silêncio. Jeremias ficou meio sem graça, sem ter o que replicar.

Faustino continuou:

- Ali, para sobreviver, capitão, a gente tem que dormir com um olho fechado e o outro aberto. Se fechar os dois ao mesmo tempo, no dia seguinte, as formigas gigantes estão em cima de você. É a primeira das leis da selva.

Jeremias, agora com a fisionomia séria, continuou em silêncio, tentando pescar um camarão perdido em seu prato.

Faustino prosseguiu, saboreando o momento de contar suas aventuras:

- A regra número dois, capitão, é que os índios são pessoas iguais à gente, não são bichos, nem animais. No início, são desconfiados, arredios, olham a gente de longe, costumam a buscar uma aproximação. Mas, depois que isso acontece, são leais, amigos, morrem por você. Pena que são ingênuos demais, acreditam em qualquer branco que aparece, e essa é a perdição deles. O branco é mau, perverso, acaba fazendo o índio de escravo, corrompe-o com a bebida e depois o mata. Por isso é que sempre me dei bem com eles, porque aprendi a respeitar seus costumes, seu modo de viver, sem querer impor o meu.

Jeremias e Maria Teresa escutavam atentamente, os olhos pregados em Faustino.

Ele, limpando mais uma vez os beiços, saboreava aquele momento delicioso. Continuou:

- E, finalmente, capitão Jeremias, a regra número três é que também os animais, mesmo aqueles que aparentemente são mais ferozes, como a onça pintada, a jiboia ou a sucuri, desde que tratadas com carinho, com amor, tornam-se suas amigas. Nas duas vezes em que estive na Amazônia, os animais transitavam tranquilamente pelo nosso acampamento, fossem os tucanos, as araras azuis, os macacos, as onças e as cobras. Várias vezes, eu tinha uma jiboia enrolada no meu pescoço ou dava de comer a uma jaguatirica na minha mão.

Jeremias tinha os olhos arregalados, não acreditando no que ouvia. Maria Teresa sorria maliciosamente.

Faustino concluiu:

- Ali, na Amazônia, capitão, a gente só não consegue dominar os mosquitos, os pernilongos. Mesmo com rede, mais cedo ou mais tarde, eles te picam e a malária entra no teu corpo. Disso, a gente não consegue escapar.

Jeremias serviu-se de mais outra dose generosa do vinho tinto, enchendo também o copo de Faustino.

Depois de virar de uma só vez o conteúdo de seu copo, disse, voz meio trêmula:

- E eu que pensei que fosse tudo fantasia. Ainda bem que nunca saí da ponte de comando do meu navio. Aqui, mesmo com o mar agitado por vezes, a gente não corre esses perigos...

Faustino riu sonoramente. A canja de Maria Teresa chegou, fumegante.

Quando mais tarde, recolheram-se ao camarote, já deitados, Faustino e Maria Teresa riam baixinho.

- Você viu a cara de espanto do capitão quando eu disse que a jaguatirica comia na minha mão? - perguntou ele, rindo.

Ela, com a cabeça apoiada em seu ombro, também não conseguiu conter o riso:

- E, quando você disse que andava com uma cobra pendurada no pescoço? Coitado dele, Faustino, acho que você assustou o homem...

O balanço das ondas, batendo com força no casco do navio, embalou-lhes o sono.

# 7

O “Rosamar” ia vencendo lentamente a distância que o separava do seu destino.

No dia seguinte, pela madrugada, aportaram em Paracuru, porto maior que Taíba, mas também sem atracadouro direto naquela época. Navio ao largo, nova demorada descarga e carregamento de mercadorias, quase sempre as mesmas: frutas e produtos tropicais eram carregados, algumas máquinas, utensílios e roupas da moda eram descarregadas. Além, é claro, como sempre, as revistas e jornais do sul do país.

Faustino e Maria Teresa, após o café da manhã, decidiram ir a terra, para uma mudança de ambiente. Embarcaram num dos pequenos botes que faziam o trajeto “porto-navio-porto”, levando e trazendo as mercadorias. Pedro os acompanhou, bem como João, Firmino e Raimundo, que iriam fazer algumas compras para a expedição, se ali encontrassem o que necessitavam: redes, capas para chuva, lampiões, óleo repelente contra os mosquitos. Apesar de terem levado muita coisa quando embarcaram em Fortaleza, ainda faltavam alguns itens específicos para uma longa temporada na selva fechada.

Enquanto Pedro e seus auxiliares iam em busca das mercadorias e para uma parada em alguma tendinha para alguns goles de cachaça, Faustino e Maria Teresa, de braços dados, davam uma volta pela cidade. Ele, alto, porte esbelto, metido elegantemente dentro de um terno de linho branco, botas de cano alto até os joelhos, chapéu panamá na cabeça, contrastava com a figura da mulher, miudinha, trajando um vestido com bainha cobrindo-lhe os tornozelos, sapato de salto baixo, guarda-sol sobre a cabeça.

Felizmente, ela já se recuperara das crises de vômito dos primeiros dias de viagem e agora estava novamente alegre, feliz, sorrindo a todo o momento.

O mesmo não se podia dizer de Raimundo, cabra macho escolhido por Pedro para acompanhar a expedição e que até aquele dia ainda não parara de vomitar. Fora a terra, acompanhando Pedro e os outros, para ver se, mudando de ares, pisando um pouco em chão firme, conseguia fazer cessar o enjoo. O caboclo estava com a cara verde, pálido, quase não conseguia ficar em pé.

Pedro dele debochava:

- É isso aí, Raimundo, o grande homem que você é? Aquele que se gabava de não ter medo de briga, que enfrentava qualquer um que te aporrinhasse?

- Para com isso, Pedro - retrucou Raimundo. - Não tá vendo que foi essa porcaria de navio que me fez ficar assim? Homem eu sei enfrentar na ponta da minha peixeira, mas esse negócio de mar não é comigo não.

Pedro, João e Firmino riram gostosamente. Rodaram a cidade, procuraram nas lojas e vendas, mas só conseguiram encontrar pouca coisa da mercadoria de que necessitavam. A cidade era muito pobre, quase não tinha nada. Almoçaram num botequim vagabundo e ali ficaram tomando aguardente. Pedro sabia a hora de parar, era só dar tempo para que Faustino, que fora almoçar com Maria Teresa no melhor local do vilarejo, mandasse chamá-los.

O capitão Jeremias havia indicado a pequena pensão do português Rodrigo para que Faustino almoçasse com a mulher.

- Bom dia - cumprimentou Faustino, dando a mão ao português. - O capitão Jeremias me indicou a sua casa como o melhor lugar para se comer aqui em Paracuru. Estamos viajando no navio dele, o "Rosamar", eu e minha senhora - disse, apontando para Maria Teresa.



Rodrigo abriu um largo sorriso, apertando a mão de Faustino.

- Ora, pois, pois, meu caro amigo - disse. - É um prazer recebê-lo aqui no meu humilde estabelecimento. E o capitão Jeremias, não veio almoçar com os senhores?

- Não - respondeu Faustino. - Ele disse que tem muita coisa a fazer no navio, que ficou ancorado ao largo. Mandou lhe dar um abraço e suas recomendações.

- Por favor, vamos sentar, fiquem à vontade - retrucou Rodrigo, puxando uma cadeira e fazendo uma mesura para Maria Teresa.

Depois que Faustino e a mulher se acomodaram numa das mesas do salão, que já tinha outras ocupadas com pessoas do local, Rodrigo veio com uma garrafa de aguardente nas mãos, servindo uma dose para Faustino.

- Essa cachaça é daqui da região, meu senhor. - disse, com o sotaque lusitano bem carregado. - Que tal, gostou?

Rodrigo deixou o líquido espalhar-se pelo interior da boca, estalando a língua depois que o engoliu.

- Muito boa, " *seu* " Rodrigo. Mas, eu vou querer uma cerveja depois, por favor.

- E a senhora, madame? - perguntou o português, dirigindo-se a Maria Teresa. - Bebe o quê?

- Um refresco de caju, por favor - respondeu ela.

- Bem, hoje temos cabrito refogado e leitão assado. O que vão preferir? - indagou Rodrigo.

- É, o capitão Jeremias tinha razão. Os seus pratos são mesmo de dar água na boca. Acho que vou experimentar os dois, o cabrito e o leitão, um pouco de cada coisa, se isso não lhe causar transtorno. Mas, para minha mulher, por favor, alguma coisa mais leve, por favor. Talvez uma saladinha e ela experimenta o cabrito.

- Pois não, meu caro senhor. Aguardem só um pouquinho.

Enquanto Faustino e Maria Teresa comiam vagarosamente, saboreando a deliciosa culinária local, o cabrito e o leitão bem temperados, cozidos e assados no ponto certo, Pedro, João, Firmino e Raimundo continuavam bebendo aguardente na tendinha ali próxima.

Lá pelas duas da tarde, Pedro chamou os outros para buscarem as mercadorias que haviam encomendado numa lojinha ali perto. Raimundo, que não estava conseguindo beber nada devido às crises de vômito, logo levantou-se para acompanhar Pedro. João disse:

- Pedro, vai na frente que eu e o Firmino vamos já. Deixa a gente beber mais umas doses, porque no navio a gente não consegue quase nada.

Pedro hesitou por alguns instantes, mas, reconhecendo que a viagem de navio estava entediando os homens, acabou concordando.

- Está bem, mas não demorem. Vocês sabem que o “*seu*” Faustino não gosta de atrasos, nem de bebedeiras. A loja é aquela onde a gente fez a encomenda, é perto daqui, vê se no máximo em uma hora vocês estão lá.

Saíram os dois, deixando João e Firmino no interior da tendinha.

Faustino, depois de saborear o cabrito, dividindo-o com Maria Teresa, começou a atacar o leitão. Bem assado, o courinho crocante, ainda fumegando, a carne tenra e macia, o limão despejado generosamente por cima, a farofa, o arroz quentinho e molhado, a batata frita como acompanhamentos. A gordura empapava-lhe o bigode negro e alguns respingos caíam-lhe sobre a camisa impecavelmente limpa, já que o paletó do terno estava dependurado nas costas da cadeira.

Pedi mais uma cerveja ao português. Este, voltando com a garrafa nas mãos, despejou-a no copo de Faustino e perguntou:

- E, então, meu amigo, gostou da comida? Procurei fazer o melhor...

Faustino, ainda lambendo os beijos, respondeu, passando o guardanapo nos lábios e no bigode:

- Excelente, “ *seu* ” Rodrigo, excelente... prato dos deuses... parabéns. Pena que eu não posso ficar mais tempo por aqui, se não...

- Se não o quê? - perguntou Rodrigo, com um sorriso malicioso nos lábios.

- Se não, eu queria experimentar aquela carne seca que está lá pendurada no balcão com jerimum e farinha... Pena que a gente vai embora, não é, Teresa?

Ela concordou com um gesto de cabeça, esboçando um pequeno sorriso ante a satisfação do marido.

Às quatro da tarde, Faustino tomou a cerveja saideira, com Rodrigo fazendo-lhe companhia. Pagou a despesa, acendeu um cigarro de palha e desceu os dois lances de escada do restaurante do português. Maria Teresa ao seu lado, segurando-lhe o braço. Foram caminhando vagarosamente em direção ao porto improvisado, aonde o bote viria buscá-los para levá-los de volta ao “Rosamar”.

Faustino, um pouco cansado e já meio bebido, sentou-se num pequeno banco de madeira.

- Gostou, Teresa? - perguntou, afrouxando as botas e o colarinho da camisa. - Pelo menos, a gente saiu daquela rotina do navio. Fiquei satisfeito que você melhorou, comeu alguma coisa.

Deixou os pés cansados respirarem um pouco nas águas tépidas do mar em frente a eles. A água salgada molhava a bainha da calça de linho, agora arriada até os tornozelos, depois que ele retirou dos pés as botas de cano alto.

Já eram quase cinco da tarde. Um dos barqueiros que fazia o transporte para o “Rosamar” veio avisá-lo:

- “ *Seu* ” Faustino, esse vai ser o último barco para o navio. Vamos agora?

Olhou para o barqueiro, os olhos cheios de sono. Perguntou:

- Aqueles homens que vieram comigo, já voltaram para o navio?

- Não, não senhor. Ainda devem estar por aí...

Faustino praguejou baixinho:

- *Filhos da puta, onde foi que se meteram ?*

- Quer que eu vá atrás deles? - perguntou o barqueiro.

- Não, pode deixar, vamos esperar mais uns quinze minutos - retrucou Faustino.

Com efeito, uns dez minutos depois chegavam Pedro e Raimundo. Faustino foi logo esbravejando:

- Porra, Pedro, onde é que vocês estavam? O navio já vai sair, a gente está “*atrasado*” ...

Pedro baixou os olhos. Respondeu, meio sem graça:

- Porra, patrão, a gente “*tá*” procurando o João e o Firmino. “ *Num sabemos* ” onde eles se meteram...

- Filhos da puta... - repetiu Faustino, agora mais alto. - Onde é que vocês deixaram eles?

- Na tendinha, patrão. Eu e o Raimundo fomos apanhar as mercadorias que a gente encomendou e eles ficaram de encontrar a gente lá. Mas, não apareceram - respondeu Pedro, visivelmente aborrecido. “- *Mas, eu pego eles ...*” - murmurou baixinho.

- Vamos voltar lá na tendinha, vai ver que aqueles putos se meteram em confusão - disse Faustino. Virando-se para Raimundo, disse: - Raimundo, você fica aqui com dona Maria Teresa até a gente voltar, ouviu?

O caboclo assentiu com a cabeça. Faustino calçou novamente as botas. Acompanhado de Pedro, deixaram o embarcadouro a passos largos. Já botava os bofes para fora.

Chegando na tendinha, perguntaram ao dono se sabia dos dois. O homem, meio sem graça e um pouco temeroso da atitude de Faustino, que já falava alto e soltava palavrões, respondeu, com voz baixa:

- Eles tomaram mais algumas cachaças depois que o moço aqui foi embora - respondeu, apontando para Pedro. - Depois, me perguntaram onde podiam arranjar algumas mulheres.

Hesitou um pouco antes de continuar. Faustino gritou:

- Anda, homem, desembucha logo. Onde é que eles foram?

O homem acabou dizendo:

- Eu indiquei a eles o puteiro da Marli, que fica logo aqui perto.

- Filhos da puta... - mais uma vez esbravejou Faustino.

Saíram da tendinha, pegaram uma pequena rua atrás, depois dobraram mais umas duas, seguindo as instruções recebidas. Chegaram numa rua onde só havia casas de pau a pique, teto de folha de bananeira.

- Onde é o puteiro da Marli? - perguntou Faustino a uma mulher que lavava roupa numa bacia de madeira.

- Ali na frente - apontou ela, com olhar curioso. - Mas, acho que ela está ocupada agora - concluiu, continuando a esfregar a roupa com as mãos.

Chegando na porta do barraco, Faustino foi logo entrando. João estava emborcado no chão, roncando ruidosamente. Pedro abriu uma cortina que separava um cômodo do outro. Lá estava Firmino em cima de uma velha gorda, desdentada, gemendo a plenos pulmões.

Pedro arrancou-o violentamente de cima da mulher, dando-lhe dois tapas no rosto. Faustino chegou logo em seguida, tirou o cinto da calça e começou a espancar o caboclo nu, ainda com a piroca dura.

- Seu filho da puta sem-vergonha... Tu queria foder com a minha expedição, não é, seu puto? - Eu bem que te avisei,

Pedro, eu já estava de olho nesse putro desde a vez passada...

Firmino levava as mãos ao rosto, procurando evitar os golpes com o cinto. Faustino esbravejava, bufava, gritava:

- Tu queria me fazer perder o navio, não é? Jogar todo o meu dinheiro fora... Pois agora, vocês dois vão voltar para Fortaleza a pé...

Virou-se, colocou o cinto novamente no cós da calça, chamou Pedro:

- Vamos, Pedro, vamos embora. Esses putros vão aprender andando...

Pedro ainda pensou em interferir, pedir uma segunda oportunidade para os dois. Mas, vendo o estado de exaltação de Faustino, desistiu, saindo do barraco atrás do patrão. João continuava deitado no chão, sonhando talvez com a boa trepada que dera na velha gorda.

Apesar de estar profundamente contrariado com a atitude dos dois empregados, no caminho de volta para o bote, Faustino conseguiu acalmar-se um pouco. Um pouco arrependido do castigo que impusera aos dois, passou no restaurante de Rodrigo.

O português saudou-o com alegria.

- Não me diga que vai ficar para o jantar, meu patrão?- perguntou.

Faustino respondeu, sério:

- Não, meu amigo, quero lhe pedir um favor.

Falou sobre João e Firmino, pedindo ao português que os procurasse depois que o "Rosamar" partisse. Entregou-lhe uma certa quantia em dinheiro, dizendo-lhe:

- Por favor, embarque os dois no primeiro vapor que partir para Fortaleza - pediu.

Rodrigo concordou com a cabeça, respondendo:

- Pode deixar, "seu" Faustino. Fique tranquilo, vou fazer o que o senhor me pediu.

Apertaram-se as mãos e se despediram.

Pedro sorria de alívio, caminhando a passos largos ao lado de Faustino, em direção ao bote que os levaria ao “Rosamar”.

## 8

Maria Teresa não ousou fazer uma só pergunta a Faustino. Mesmo estranhando que João e Firmino não tivessem voltado com o marido e Pedro, ficou em silêncio durante o percurso que o bote fazia do embarcadouro para o “Rosamar”.

Faustino estava sério, também quase não falou, só ordenou ao barqueiro que voltassem para o navio. Pedro falou menos ainda, só olhava de soslaio para o patrão.

Quando subiram a escada de corda que dava acesso ao navio, Jeremias os recebeu com o cachimbo soltando fumaça na boca:

- E então, “ *seu* ” Faustino, almoçaram bem? Gostaram da comida?

Faustino respondeu, tentando disfarçar a cara amarrada:

- A comida estava ótima, capitão. Obrigado pela indicação.

Ele deu a mão à mulher para que subisse ao navio. Jeremias, estranhando a ausência de João e Firmino, indagou:

- Não está faltando gente, “ *seu* ” Faustino?

Respondeu secamente:

- Não, capitão, não está faltando ninguém. Os outros dois decidiram voltar para Fortaleza. Podemos zarpar na hora que o senhor quiser.

Jeremias, percebendo o ambiente pesado, gritou para o imediato:

- Zé Maria, podemos partir, mande soltar a âncora.

O gemido da corrente ficou ao longe, enquanto Faustino e Maria Teresa recolhiam-se à cabine.



Pedro, ainda com cara de quem comeu e não gostou, também voltou com Raimundo para a deles.

Já na cabine, tirando o paletó, depois a camisa e as botas, Faustino virou-se para a mulher:

- Pode perguntar agora, Teresa. E, obrigado por você ter entendido o meu silêncio.

Ela, timidamente, enquanto também se desvencilhava daquele monte de roupa que lhe cobria o corpo:

- Mas... mas, o que foi que aconteceu, Faustino?

Ele respirou fundo antes de responder. Calçando uma sandália de couro, disse:

- Nada, meu bem. Tive que mandar aqueles dois de volta para Fortaleza. Estavam completamente embriagados, não têm noção de responsabilidade.

Ela pareceu surpresa:

- Mas, foi mesmo necessário, Faustino? Você não podia dar-lhes uma reprimenda e dar-lhes outra chance?

- Não, Teresa, isso não é possível. Com essa gente você não pode vacilar. Se aqui eles já fizeram isso, quem dirá no meio da selva, quando a solidão e a saudade de casa apertarem. Se você demonstra qualquer sinal de fraqueza, eles te montam em cima.

Fez uma pausa. Continuou:

- O pior é que aqueles dois eu já conhecia, eram bons de trabalho, já tinham estado comigo da vez anterior. Já tinham feito uma ou outra besteira, mas coisa sem maior importância. Agora, vou ter que arranjar mais gente. Pior, gente desconhecida. Mas, não faz mal, naqueles dois eu não podia confiar mais. Se eu vacilasse, pensariam que poderiam fazer o que quisessem. E, lá na solidão da selva, ficaria impossível de controlar o resto do pessoal.

Tomaram um banho demorado, descansaram um pouco.

À noite, quando o navio já zarpara, por volta das nove horas, jantavam em companhia de Jeremias. Faustino

contou, em poucas palavras, porque despedira João e Firmino.

O capitão comentou:

- Acho que o senhor está certo, " *seu* " Faustino. Para o tipo de expedição que o senhor vai fazer, tem que ter mesmo total confiança nos seus homens. Mas, não se preocupe, eu arranjo logo dois outros para o lugar deles. A gente ainda vai parar em muitos portos até chegar em Belém. O que não falta é gente querendo ganhar dinheiro rápido.

- Tudo bem, capitão, agradeço o oferecimento. Mas, por favor, só me arranje gente que o senhor já conheça, gente de confiança - retrucou Faustino. - De pilantra eu já estou cheio.

- Pode deixar comigo. Vou selecionar bem o pessoal que vou arranjar pro senhor.

Faustino levou Maria Teresa até a cabine, voltando até o refeitório da tripulação, onde Pedro jantava juntamente com Raimundo, Venâncio, Mário e Zeferino.

Eles, que conversavam em voz alta, ficaram em silêncio quando Faustino chegou. Olharam para ele, ansiosos.

Faustino falou devagar, os olhos frios cravados nos homens:

- Ouçam bem, não vou repetir o que vou dizer agora. Fez uma pausa. Continuou, a voz gelada:

- De vocês, eu só conheço o Pedro, que é o meu braço direito. Os outros eu não conheço, foi Pedro quem tratou com vocês. Ele já deve ter contado o que aconteceu com o João e o Firmino. E, olhem bem, eu já conhecia os dois, já tinham trabalhado do meu lado na selva. A essa hora, devem estar na estrada, com os pés em carne viva. - mentiu, para deixar os homens ainda mais assustados.

Mais outra pausa, a bota do pé direito sobre uma cadeira. Prosseguiu:

- Prestem bem atenção: a vida na selva é coisa pra homem, não pode haver vacilo, se bobear, morre. E, ninguém vai chorar por isso. Se não tiver disciplina, obedecer rigorosamente às leis da selva, adeus. Lá, a gente vai comer o que o Mário conseguir cozinhar, beber água do rio, enfrentar animais selvagens, mosquitos, doenças. Não tem mulher dando sopa, nem puteiro para afogar o ganso. E, ai de vocês se tentarem alguma coisa com as índias. Se os maridos ou pais delas souberem de alguma coisa, arrancam o caralho de vocês com a faca na hora. Eles são ingênuos, mas têm seu código de honra e somos nós que temos que nos adaptar a eles e não eles a nós. Se sentirem falta de mulher, vão para um canto qualquer e toquem uma punheta. Nunca, em hipótese alguma, tentem qualquer aproximação com as índias. O que espera a gente é trabalho duro, dificuldades que vocês nunca imaginaram passar. Se estão dispostos a enfrentar a parada, vão ser bem recompensados no final. Vão ganhar tanto dinheiro que, se tiverem juízo, não vão mais precisar trabalhar na vida. Se acham que não vão aguentar, digam agora, voltem para Fortaleza. Agora, se quiserem ficar, têm que obedecer às minhas regras. Caso contrário, vão voltar igual àqueles outros dois.

Todos ouviram em silêncio, nenhum ruído se ouvia a não ser o barulho das ondas batendo no casco do navio. Ninguém perguntou nada, ousou abrir a boca.

Faustino concluiu:

- Estamos entendidos, não é?

Outro silêncio, alguns dos homens concordaram com um gesto de cabeça.

- Se alguém quiser desistir, fale com o Pedro, que no próximo porto, arranjo para voltar para Fortaleza.

Virou as costas e saiu do refeitório. Chamou Pedro ao sair, com um sinal com os dedos.

Já do lado de fora, disse em voz baixa:

- Fique de olho nesse pessoal, Pedro. Se alguém reclamar de alguma coisa que eu falei, me diga que mando logo embora. Tenho que ter gente de absoluta confiança junto de mim.

- Tudo certo, patrão. Mas, me diga uma coisa: o senhor já pensou quem vai colocar no lugar do João e do Firmino?

- Já, Pedro. Deixa comigo.

Despediram-se e Faustino foi até o camarote de Jeremias, que o convidara para uma última dose de conhaque.

## 9

Foram mais dois dias de viagem até o próximo porto. Baleia, ainda na costa cearense.

- Como é grande esse litoral brasileiro - comentou Faustino com Maria Teresa. - A gente viajou, viajou, e ainda não saiu do Ceará.

Estavam os dois abraçados junto à amurada do "Rosamar", observando a costa ao longe, aguardando que tocasse a sineta anunciando o jantar. O pôr-do-sol estava maravilhoso, o astro-rei parecendo uma bola de fogo, escondendo-se aos poucos na linha do horizonte, espargindo seus raios brilhantes nas águas da imensidão verde azulada do oceano. Os navios cargueiros, normalmente e ainda mais naquela época de poucos recursos, faziam o trajeto da costa brasileira mantendo a terra sempre à vista, não se atrevendo a enfrentar o alto mar.

O fim de tarde estava maravilhoso. O crepúsculo descendo, a morna brisa batendo de leve no rosto do casal, o cheiro de maresia e a espuma salgada da água do mar salpicando-lhes gotas refrescantes nas faces, fizeram Faustino esquecer por alguns instantes as preocupações que João e Firmino lhe causaram. Maria Teresa, também, deixou de lembrar por momentos as crises de vômito do início da viagem.

- E o bebê, Teresa? Já está sentindo ele se mexer? - perguntou ele.

Ela riu. Respondeu:

- Deixa de ser bobo, Faustino. Ainda é muito cedo, só tem pouco mais de dois meses na barriga.

- Eu estou doido para que ele nasça, quero ver a cara dele. Será se vai ser menino ou menina? Vai ser o meu

primeiro filho, meu herdeiro. Tomara que ele tenha essa alma aventureira que eu tenho, que não se acomode nunca com as coisas, que brigue por elas, faça por merecer o que conquistou. Vai ser um desbravador, jamais um burocrata, isso eu não vou deixar, se ainda estiver vivo.

Ela sorriu novamente:

- Você nem sabe se ele vai ser homem. Quero ver se nasce uma menina e você vendo ela desbravando a selva amazônica.

Ele também sorriu, tirando uma baforada do seu cigarro de palha:

- Ah! Teresa, você não sabe o que eu sinto quando entro na selva... Sinto aquela ausência de barulho, aquele silêncio absoluto, aquela imensidão de lugar, aquele gigante de rio, parece que eu sou uma pequena formiga tentando achar um lugar onde eu possa gritar, onde eu possa dizer: "*aqui eu consigo me sentir livre, consigo vencer todas as adversidades, todas as dificuldades, aqui não tenho ninguém para me controlar, me vigiar, dizer como eu devo agir, como proceder...*". "*Aqui, eu posso ser eu mesmo, sem mentiras, sem hipocrisias, sem máscaras a usar*".

Fez uma pausa, meio empolgado. Continuou:

- Era isso que eu queria passar para meu filho, que ele sentisse essa coisa que eu sinto, essa alegria de enfrentar o desconhecido.

Maria Teresa ficou em silêncio por algum tempo. Depois, disse:

- Só mesmo você, Faustino, para me fazer te acompanhar nessa loucura.

Abraçando-se a ele, completou:

- Mas, eu te amo tanto, meu querido, que iria com você até o inferno se você me pedisse.

Ele, agora sim, emocionado, deu-lhe um longo beijo nos lábios.

A sineta tocou, avisando que o jantar estava servido.

Dirigiram-se vagarosamente ao refeitório, onde Jeremias já os esperava, sentado em sua cadeira.

- Por favor, sentem-se. - disse, apontando as cadeiras para Faustino e Maria Teresa.

Depois que se acomodaram, Jeremias continuou:

- Amanhã, por volta das dez, devemos chegar à Baleia, ainda porto do Ceará. " *Seu* " Faustino, o senhor quer vir comigo a terra para ver se encontramos os homens de que precisa? Assim, o senhor conversa com eles diretamente e decide se servem ou não.

Faustino servia o feijão no prato de Maria Teresa. Ainda com a concha na mão direita, respondeu:

- Claro, capitão, quero sim. Mas, se o senhor permitir, quero levar o Pedro comigo. Ele tem um olho melhor que o meu para selecionar esse pessoal, está acostumado com isso.

- Sem dúvida - retrucou Jeremias. - E a senhora, madame, também vai querer descer? - perguntou, dirigindo-se à Maria Teresa.

Ela olhou para Faustino antes de responder:

- Não sei, capitão, meu marido é quem decide.

- Acho melhor você não ir, Teresa - disse Faustino. - Nós vamos falar com gente ignorante, analfabeta, você não vai se sentir bem. Além do mais, não tenho ninguém para deixar com você, para lhe fazer companhia enquanto recrutamos os homens.

- Se você quer assim, tudo bem - retrucou ela.

O jantar, como sempre, muito farto e variado. Arroz, feijão, salada, farinha de mandioca, pernil de porco bem tostado, batata doce frita. Como sobremesa, frutas e geleia de mamão. Os dois homens beberam vinho tinto, Maria Teresa suco de maracujá.

Ficaram conversando por mais algum tempo com o capitão, trocando ideias sobre suas vidas, seus sonhos, suas experiências.

Recolheram-se à cabine por volta das dez da noite.

Ainda ficaram conversando por algum tempo, relembrando os tempos de namoro, fazendo planos para o futuro.



# 10

Todas aquelas cidades, pequenos portos na costa nordestina, pareciam iguais umas às outras. Uma faixa de areia, coqueiros, muitas árvores mais para o interior. Pequenas habitações junto à praia, uma igrejinha com a cruz no alto sobressaindo sobre o teto das casas. Algumas tendinhas, onde se vendia de tudo, vários barcos pesqueiros flutuando sobre a água ou descansando sobre a areia, um restaurante primitivo onde se servia principalmente produtos do mar. Uma pracinha, um coreto, o resto, residências familiares. Algumas delas possuíam um bordel, para satisfação sexual dos rapazes e homens solteiros e alguns poucos casados, que ali iam escondidos, evidentemente. Pouquíssimas possuíam um banco, e quando isso ocorria geralmente era uma agência do Banco do Brasil. Na maioria delas era pouco usual a utilização de dinheiro em espécie, usando-se muito mais a troca de mercadorias como moeda corrente. Assim, grande parte daquelas populações não sabia o que era cheque, depósitos, conta corrente, empréstimos bancários.

Jeremias e Faustino, acompanhados de Pedro, logo que chegaram em terra, dirigiram-se a uma das tendinhas, a maior da cidade. Jeremias cumprimentou o dono, já seu conhecido de viagens anteriores, quando o “Rosamar” por ali passara. Apresentou-lhe Faustino:

- Severino, esse aqui é o “ *seu* ” Faustino, que está viajando comigo, comandando uma expedição para extrair borracha na Amazônia. É pessoa conhecida naquela região, onde já esteve outras vezes.

Faustino apertou a mão de Severino. Este perguntou:

- Em que posso ser útil, “ *seu* ” Faustino?

Da boca de Severino saía um hálito forte de cebola, misturado com alho. Para disfarçá-lo, tinha ele entre os lábios um cigarro de palha vagabunda, que cheirava a rato morto. Era um homem baixinho, roliço, que de trás do balcão ensebado de seu estabelecimento comercial, assumia ares de autoridade local.

Faustino, virando discretamente o rosto para não sentir o hálito do seu interlocutor, respondeu, procurando falar rapidamente para não prolongar o diálogo:

- Bem, “ *seu* ” Severino, estou chefiando uma expedição que deve ficar de um a dois anos na Amazônia. Estou precisando de dois homens fortes, de coragem, que não tenham medo de nada e sejam obedientes, saibam obedecer ordens. Por favor, se não for nessas condições, não me interessa. Se for algum aproveitador, pode ficar por aqui. A recompensa que prometo é que, depois de encerrado o nosso tempo lá, eles voltarão ricos.

Severino ouviu em silêncio, tirando baforadas de seu cigarro infecto. Olhou para Jeremias, depois para Faustino.

- Pode deixar, “ *seu* ” Faustino - falou finalmente. - Aqui, em Baleia, tem muito cabra querendo trabalhar. A pesca quase não dá lucro pra eles, ficam rezando para que apareça uma oportunidade como essa que o senhor está oferecendo. Se me der umas duas horas, vai ter uns quatro ou cinco homens do jeito que o senhor quer.

Faustino concordou com a cabeça.

- Tudo bem, “ *seu* ” Severino. O senhor pode apresentar eles ao Pedro aqui, que é meu capataz. Enquanto isso, vou ver na sua loja se tem alguma mercadoria de que vou precisar.

- Fique à vontade, “ *seu* ” Faustino - disse Severino. - Se não achar alguma coisa aqui em meu estabelecimento, pode ir na venda do meu primo, que fica ali embaixo na rua - concluiu, apontando com a mão para o local mencionado. - Lá, ele tem muita mercadoria de uso na mata fechada.

Jeremias despediu-se de Faustino.

- Bem, " *seu* " Faustino, vou deixar o senhor tratar dos seus negócios, enquanto vou cuidar dos meus. Tenho muita mercadoria para desembarcar e outras para embarcar. Fique à vontade, a gente não deve sair daqui antes da meia-noite. O barco para o navio vai ficar à sua disposição.

Faustino agradeceu e, em companhia de Pedro, ficou olhando as mercadorias da loja de Severino, enquanto este mandava recado por seus empregados para que fossem atrás dos homens que Faustino procurava.

Já na rua, Faustino perguntou a Pedro:

- O que você acha, Pedro? Dá pra confiar?

- Só vendo, patrão. Olho no olho eu vejo quem é o cabra. Mas, sinceramente, não "tou" levando muita fé, não... - Esse pessoal aqui me parece muito atrasado, muito bronco. Mas, vamos ver.

- Bem, deixo nas tuas mãos. Só me apresenta aos homens quando você tiver decidido quem serve. Não quero ficar fazendo perguntas idiotas para uns imbecis de merda... O que você escolher, dou uma olhada final e te dou minha opinião. Mas, acho que você tem razão: aqui a gente não vai achar pessoal que serve, não.

- Vamos esperar, patrão, vamos ver o que esse gordinho fedido arranja pra gente. - disse Pedro, referindo-se a Severino.

Deram uma olhada nas lojas locais, compraram algumas pás, enxadas, foices, serras, cordas, facões, redes para dormir, lonas para barracas, querosene. Apesar de já terem trazido várias dessas mercadorias desde Fortaleza, adquirido outras em Paracuru, mesmo assim comprar outras nunca seria demais.

Almoçaram numa birosca local, carne de sol, farinha, jerimum e feijão de corda. Muita pimenta, uma cachacinha e duas cervejas para acompanhar.

Só por brincadeira, Faustino comprou uma cobra dissecada para dar um susto em Maria Teresa. Tinha ela mais de dois metros de comprimento, quase vinte centímetros de largura, pele marrom, a boca escancarada, deixando aparecer os dentes afiados, ameaçadores. Quem a visse de longe, tinha a nítida impressão de que estava viva.

Lá pelas três da tarde, voltaram à venda de Severino. Este já estava à espera. Apontou para uns dez homens sentados no fundo do estabelecimento. Estes, ao verem os dois conversando com Severino, viraram-se para eles, olhar assustado, expressão de indagação nos rostos curtidos pelo sol.

- Bem, " *seu* " Faustino, escolhi aqueles dez para o senhor. São os melhores homens da região. Já expliquei a eles para onde vão, o que os espera, a recompensa que o senhor oferece. Pode mandar seu capataz conversar com eles.

Faustino fez um gesto com a mão para Pedro, que se dirigiu aos homens. Permaneceu em pé, encostado no balcão, continuando a conversar com Severino, mas com um olho atento para onde Pedro se dirigia.

Chegando na mesa onde os homens estavam sentados, conversando em voz baixa, mas com os olhos pregados em Faustino, Pedro foi logo dizendo, em tom rude, quase agressivo:

- Fiquem em pé, quero falar com vocês.

Todos se levantaram, olhando para Pedro meio desconfiados. Eram quatro negros altos e fortes, dois caboclos também fortes, três mulatos não tão altos, mas também muito fortes e um branco comprido, magro, cabelo louro, tipo sarará.

Pedro, com aquela sua voz firme e segura, foi explicando lentamente a finalidade da expedição, quanto tempo ficariam fora, os perigos que teriam que enfrentar.

- Portanto, quem acha que não vai aguentar, é melhor nem se candidatar. Vão ficar longe da mulher e dos filhos, vão correr risco de morrer todo dia, vão se cansar da rotina do trabalho. A única vantagem vai ser que vão voltar com os bolsos cheios de dinheiro.

Três dos homens logo pediram para ir embora. Um deles, um dos caboclos, disse:

- Muito obrigado pelo convite, mas não vou poder aceitar. Vai ser muito tempo longe da minha família. Prefiro ficar aqui vivendo da minha pesca. É pouco, mas estou aqui, perto dos meus.

Os outros dois fizeram um sinal com a cabeça, concordando. Sobraram sete.

Pedro, dirigindo-se a eles, disse:

- Bem, quanto a vocês, quero falar com um de cada vez, em particular.

Chamou um deles:

- Vamos sentar naquela mesa lá no fundo. Os outros esperem aqui que eu chamo depois.

Entrevistou cada um por cerca de dez a quinze minutos. Fez-lhes várias perguntas sobre aptidões pessoais, experiências anteriores na selva, se já haviam trabalhado na extração da borracha, sobre suas famílias, quem dependia deles, se bebiam, fumavam, quais os vícios de cada um, etc.

Terminadas as entrevistas, chamou os sete até à mesa, dizendo-lhes:

- Muito obrigado por terem vindo até aqui, mas, infelizmente, só um de vocês atende ao que eu vou precisar. Agradeço aos outros seis, fica para a próxima.

Apontando para um deles, o sarará alto e magro, disse:

- Você, vem comigo. Qual é mesmo o seu nome?

- José Ribamar, patrão, às suas ordens.

- Vamos lá falar com o chefe da expedição. O nome dele é " *seu* " Faustino. Muito respeito que ele não é de

brincadeira.

Os outros seis homens afastaram-se, desapontados. Pedro e José Ribamar dirigiram-se até o balcão da vendinha, onde Faustino continuava encostado, conversando com Severino.

- Patrão - disse Pedro. - Este aqui é o José Ribamar. Quer trabalhar com a gente.

Faustino olhou o homem de alto a baixo, examinando-o cuidadosamente. Achou-o um pouco magro demais, mas nada comentou. Como também nada perguntou a Pedro sobre a dispensa dos outros nove. Conversaria com ele quando estivessem a sós.

- Você explicou bem a ele a dureza do trabalho, não é? E, que só vai receber sua parte quando o trabalho terminar, daqui a um ou dois anos?

Pedro fez um sinal afirmativo com a cabeça. José Ribamar mantinha a cabeça baixa, sem encarar Faustino.

- Então, moço, você está mesmo disposto?

O sarará respondeu, humildemente:

- "Tou" sim senhor, patrão. "Tou" precisando do dinheiro pra ajudar minha mãe e meus irmãos.

Faustino perguntou:

- E, como eles vão viver durante o tempo em que você estiver fora? Quem vai sustentar eles?

- A gente tem uma rocinha, aqui mesmo na cidade, patrão. Lá, a gente planta alguma coisa e cria algumas galinhas e porcos. Além disso, meu irmão mais novo, que já está com vinte anos, trabalha num barco de pesca e leva alguma coisa para casa.

- Está certo, se o " *seu* " Pedro te aprovou, tudo bem. Vai buscar tuas tralhas e se despedir da família. Vamos pegar o barco de volta para o navio daqui a meia hora. Leva pouca coisa, ouviu? Só a roupa do corpo e uma outra muda para trocar de vez em quando.

José Ribamar agradeceu com a cabeça. Ousou perguntar timidamente, os olhos enterrados no chão:

- Posso levar meu violão, patrão? Gosto de tocar de vez em quando e ele me ajuda muito nas horas de tristeza.

Faustino refletiu por um instante. Respondeu:

- Tudo bem, se não fizer muito barulho. Um pouco de música lá na selva não vai fazer mal a ninguém.

Severino, por trás do balcão, ouviu todo o diálogo em silêncio. Quando Ribamar se afastou, perguntou a Pedro, servindo-lhe uma dose de cachaça:

- Mas, e os outros nove, " *seu* " Pedro? Não serviram?

Pedro respondeu, fisionomia séria:

- Não, só iriam trazer problemas.

Mais tarde, já no navio, que retomara o seu curso, Faustino e Pedro conversavam, sentados em velhas cadeiras no pequeno convés.

Faustino perguntou:

- E, então, Pedro, por que só um deles?

- Ali tinha gente preguiçosa, um deles já estivera preso por matar um homem, o outro comera a irmã e tinha um filho com ela, dois deles eram cachaceiros sem jeito, tinha um que era ladrão de galinhas. Iam trazer problemas, não é?

Faustino riu sonoramente. Comentou, com satisfação:

- Só mesmo você, Pedro. Como é que você descobriu isso tudo?

- Astúcia, patrão. Sabendo perguntar, eles abrem logo o bico, contam tudo sobre eles e sobre os outros.

Faustino continuava a rir, enquanto Pedro permanecia sério, sem entender porque o patrão ria tanto.

Os dois já se conheciam desde 1909, quando da primeira incursão de Faustino na Amazônia. Na época eram simples empregados de uma expedição, logo se tornaram

amigos inseparáveis. Pedro já ali estivera uma vez antes e ensinou a Faustino os mistérios e segredos da selva.

Voltaram os dois na segunda expedição, a de 1912, ainda como empregados, tendo sido Pedro quem acompanhou Faustino na volta a Fortaleza, quando o mesmo contraiu malária. Ficou ao seu lado durante todo o tempo, como um fiel cão de guarda, atento às todas suas melhoras e recaídas durante a longa viagem de regresso à casa, quando o deixou aos cuidados das irmãs. Mesmo assim, visitava-o várias vezes por semana, acompanhando sua lenta recuperação. Foi um dos poucos a comparecer no casamento de Faustino, e, quando este decidiu retornar à Amazônia, foi o primeiro a ser chamado.

Entre os dois havia um respeito mútuo, uma amizade sincera, uma lealdade que não tinha limites, uma intimidade de verdadeiros amigos. Apesar de terem trabalhado ambos como empregados nas duas expedições anteriores, Pedro tinha um respeito enorme por Faustino, já que o mesmo desempenhara as funções que hoje ele exercia, a de capataz, de segundo homem em importância na hierarquia da expedição. Até mesmo porque Faustino tinha mais instrução que ele e pertencesse a família tradicional de Fortaleza, Pedro se habituara a chamá-lo de patrão, sem que isso significasse qualquer posição de subserviência de um em relação ao outro.

Por isso, Faustino ria gostosamente da forma como Pedro relatou como decidira recrutar apenas um entre os dez homens que apareceram como pretendentes à vaga na expedição. “ *Astúcia, patrão... astúcia...* ” .

O “Rosamar” continuava sua lenta marcha em direção a Belém, as ondas batendo fortemente em seu costado, levantando nuvens de espuma. A noite, maravilhosa como quase todas as noites nordestinas, tinha a lua cheia emoldurando aquele céu de rara beleza, coalhado de estrelas resplandecentes.



Mais um dia daquela viagem que parecia sem fim fora deixado para trás.

# 11

O primeiro problema com o “Rosamar” ocorreu entre Baleia e a enseada dos Patos, a próxima escala do navio.

Enquanto Faustino, Maria Teresa e Jeremias almoçavam, conversando alegremente, entrou Zé Maria no refeitório. Passos rápidos, fisionomia séria, demonstrando preocupação.

O imediato cumprimentou os presentes, dirigindo-se em voz baixa a Jeremias:

- Capitão, o senhor me desculpe interromper seu almoço, mas estamos com um problema. Uma das caldeiras estourou.

Jeremias acabava de enfiar uma garfada de espaguete boca adentro.

- Eu sabia, estava demorando a acontecer.

Levantou-se rapidamente, passando antes o guardanapo na boca suja de molho de tomate.

- Queiram me desculpar, “ *seu* ” Faustino, minha senhora. Vou ter que ver isso.

Levantou as mãos para o alto, apertando-as fortemente uma contra a outra.

“- *Tomara que não seja nada grave*” - disse, em voz baixa, como se fizesse uma prece.

Só mais tarde, após terem acabado de almoçar e quando descansavam sentados numas das poucas cadeiras que havia no convés, foi que Faustino e Maria Teresa souberam o que realmente acontecera.

Jeremias aproximou-se e disse, com sua voz de trombone:

- Bem, acho que vou ter o prazer de sua companhia por mais tempo que o previsto.

Faustino e Maria Teresa olharam para ele interrogativamente.

- Realmente, uma das caldeiras estourou e acho difícil consertá-la aqui em viagem. Vamos tentar numa das nossas escalas, mas acredito que só em Belém vamos conseguir. Mas, a viagem vai continuar, só que vamos demorar um pouco mais.

Faustino não escondeu sua preocupação:

- Quanto tempo mais, capitão? Eu já contratei uma gaiola para me levar para a Amazônia, ela vai estar me esperando em Belém na data em que a gente devia chegar lá.

- Infelizmente, não sei, “ *seu* ” Faustino. Acredito, em princípio, em dois ou três dias mais. Nem que a gente tenha que diminuir o tempo de parada nos portos seguintes.

- Tudo bem, capitão, acho que não vai me atrapalhar muito não. Mas, eu preciso passar um telegrama para o pessoal lá de Belém.

- Sem problema, “ *seu* ” Faustino. A gente providencia isso.

Jeremias afastou-se, deixando o casal a sós. Faustino comentou:

- Está vendo, Teresa, nesse tipo de negócio surge sempre um imprevisto. Mas, já estou acostumado com isso, esse é o menor dos problemas.

Apesar de ter ficado um pouco chateado com o atraso, Faustino não queria passar essa preocupação para a mulher. Estava doido para brincar com ela, pregar-lhe uma peça com a cobra empalhada que comprara em Baleia. Mas, receando que o susto pudesse ser muito grande e aquilo pudesse interferir com a gravidez de Teresa, acabou por lhe contar:

- Olha, Teresa, eu ia fazer uma brincadeira contigo, te dar um susto com uma cobra que comprei na nossa última

escala, lá em Baleia. Mas, não sei qual seria a tua reação, por isso desisti.

- Cobra, que cobra, Faustino? Você teve coragem de trazer uma cobra para me assustar? Onde está ela? Na cabine?- perguntou ela, assustada, atropelando as palavras.

Ele riu sonoramente:

- Não, sua boba, ela ficou com o Pedro.

- O quê? Com o Pedro? E ele não está com medo? Está alimentando ela?

Ele riu novamente. Disse:

- Alimentando como, Teresa? A cobra está morta, empalhada...

Continuou a rir, gozando da ingenuidade da mulher. Ela disse, resmungando:

- Você me paga, vai ver só...

- Depois, eu te mostro. Deixa o Pedro acabar de almoçar.

- Não quero ver cobra nenhuma, pode ficar com ela - disse Teresa levantando-se e caminhando resoluta para a cabine.

Ele permaneceu sentado, continuando a rir.

O "Rosamar", agora adoentado, desfalcado de uma das caldeiras, continuava sua lenta marcha através dos mares nordestinos.

# 12

A escala na enseada dos Patos ocorreu sem novidades. Como era esperado, Jeremias não conseguiu as peças necessárias para reparar a caldeira defeituosa, tendo demorado pouco tempo no porto, somente o necessário para a descarga e o carregamento de mercadorias.

Assim por volta das seis da tarde, o “Rosamar” novamente partia em direção ao seu destino. Já era o décimo dia de viagem, 30 de maio de 1916, e ainda não tinham deixado a costa cearense.

Mais dois dias e aportaram na enseada da Timbaúba, ainda no Ceará. Ali, Jeremias soube que em Acaraú, cidade maior ali próxima, poderia conseguir as peças necessárias para a reparação da caldeira. Decidiu mandar Zé Maria àquela cidade, enquanto tentava conseguir alguém qualificado para fazer o conserto.

Comunicou o fato a Faustino, que respondeu laconicamente:

- Tudo bem, capitão, se conseguir fazer o conserto, a gente recupera o tempo perdido. Mas, o senhor sinceramente acredita que vai conseguir?

- Não posso afirmar, “seu” Faustino, estou me baseando nas informações que me deram na cidade. Se o senhor quiser, pode descer e dormir num hotel lá, pelo menos muda um pouco de ambiente.

Faustino pensou um pouco antes de responder.

- Não, prefiro dormir aqui mesmo no navio. Pode ser que eu vá a terra, para que minha mulher conheça a cidade e faça algumas compras. Vou ver se meus homens também querem descer.

Consciente de que a rotina da viagem por mar poderia deixar os homens mais ansiosos a cada dia que passava,

sabia que um pouco de diversão só lhes iria fazer bem. Chamou Pedro e disse:

- Olha, Pedro, o capitão me disse que vamos ter que passar a noite aqui e talvez o dia inteiro de amanhã. Pode avisar aos homens que eles estão autorizados a ir ao porto, tomar um porre, arranjar umas mulheres para afogar o ganso. Mas, quero todo mundo de volta aqui amanhã até as nove horas. Quem não voltar até essa hora pode ficar por lá mesmo, entendeu?

Pedro assentiu com a cabeça. Sorriu levemente, pois sabia que aquela folga faria bem aos homens, cansados de ficarem dia após dia na cabine do navio, sem nada para fazer.

Dirigiu-se aos homens em tom duro, fazendo-lhes mil e uma recomendações, repetindo as ameaças que Faustino fizera.

- Bem, vocês são homens feitos, devem saber o que vão fazer. Só não me arranjem aborrecimento, ouviram bem? Vejam bem o que aconteceu com o João e o Firmino.

Todos concordaram, saindo apressadamente no primeiro bote que partiu em direção à cidade. Só José Ribamar, o sarará, preferiu não ir. Ficou na cabine, divertindo-se com seu violão.

Faustino e Maria Teresa pegaram outro bote mais tarde. O local era muito pobre, povoado rústico de casas de madeira, teto de sapê ou folha de bananeira, típica cidade de pescadores, que do mar tiravam o seu alimento e fonte de renda. Plantavam alguma coisa, como mandioca, banana, caju e outras frutas. Não conheciam o arroz, feijão só o manteiga. Comiam muita rapadura, melaço e carne de sol de vez em quando.

Procuraram um lugar com as condições mínimas de higiene para almoçar. Acharam uma birosca numa rua transversal à praia que, se não era um local de primeira classe, pelo menos tinha algumas mesas e cadeiras para

sentar. Junto ao balcão, alguns homens tomavam cachaça e falavam alto. Quando viram Faustino e Maria Teresa entrar, olharam com curiosidade para o casal, principalmente para ela, já que era raro aparecer uma mulher por aquelas bandas. Ainda mais uma tão bonita como ela.

Faustino, percebendo o ambiente e o olhar provocador dos homens, tirou logo o revólver da cinta, colocando-o ostensivamente sobre a mesa. Maria Teresa ficou assustada, baixando os olhos, nervosa. Aquele gesto, a princípio, intimidou os homens, que desviaram imediatamente o olhar. Mas, passados alguns minutos, voltaram a fixá-los com intensidade. Estranhavam o terno de linho branco que Faustino trajava, o chapéu de palha sobre a cabeça, os sapatos de duas cores que ele usava. As roupas que Maria Teresa vestia nunca tinham sido vistas por ali, muito menos a sombrinha que ela, com graça, trazia nas mãos para proteger-se do sol inclemente.

Começaram a cochichar baixinho entre eles, depois riam e olhavam de vez em quando para os dois.

Aquilo já estava começando a incomodar Faustino. Já estavam sentados ali por uns cinco minutos e ninguém veio atendê-los. Gritou alto, dirigindo-se a um homem baixinho, que estava por trás do balcão, atendendo os fregueses que bebiam cachaça:

- Ô, meu amigo. Vocês servem almoço aqui? Eu vi um cartaz lá na porta...

O baixinho demorou a responder. Finalmente respondeu, lá do balcão:

- Servimos sim. O que vocês vão querer?

Faustino retrucou, em tom de voz agressivo:

- Eu não sei o que vocês têm. Como é que vou escolher?

O camarada engoliu em seco. Respondeu, irritado:

- Carne de sol com jerimum e peixe frito com mandioca.

Faustino levantou-se, puxando Maria Teresa pela mão. Disse alto:

- Muito obrigado, não gostei do cardápio. Vou procurar outro lugar.

Pegou o revólver em cima da mesa, rodando-o nos dedos antes de colocá-lo de volta na cartucheira.

Todos os homens ficaram olhando para os dois, sem nada dizer. Saíram devagar do local, Faustino com os olhos grudados em todos eles.

Do lado de fora, escondido atrás de uma porta de madeira, Pedro observava atentamente a cena, pronto para entrar em ação. Faustino não percebeu a presença do fiel escudeiro, saindo dali com Maria Teresa dependurada em seu braço direito. Andaram um pouco pela beira da praia, acabando por voltar para o navio ainda a tempo de pegar o almoço. Jeremias, dessa vez, não almoçou com eles, já que estava em terra procurando solucionar o problema do conserto da caldeira.

Mas, o pior estava para acontecer.

Raimundo, Venâncio, Zeferino e Mário rodaram por várias biroscas, beliscando um peixe frito aqui, um camarão ali, bebendo uma caninha num lugar, um traçado em outra. Lá pelas duas da tarde, já falando alto e empolgados pelo efeito do álcool, acabaram entrando na tendinha onde Faustino e Maria Teresa tinham estado anteriormente.

Os mesmos homens que estavam encostados no balcão naquela ocasião, ali permaneciam. Agora, mais embriagados do que antes.

Raimundo chegou apressadamente junto ao balcão, acompanhado pelos outros três. Batendo na madeira, ordenou:

- Quatro cachaças aqui pra gente!



Os outros homens olharam para eles, desconfiados. Viram logo que não era gente do local. Um deles logo começou a provocação:

- Essa cidade hoje "tá" cheia de babaca. Sai um, vêm logo outros.

Raimundo não entendeu. Quando o baixinho de trás do balcão serviu as doses de aguardente, ele virou a sua de um só gole. Ordenou:

- Bota mais uma aqui!

O baixinho obedeceu.

Outro dos homens continuou a provocação:

- Esse vai voltar a nado pro navio.

Os outros riram. Venâncio, percebendo que era com eles, reagiu:

- "Tá" rindo de quê, seu babaca?

Fez-se silêncio. Os homens se encararam. Um deles quebrou uma garrafa de cerveja contra o balcão, apontando o fundo do casco para Raimundo e seus acompanhantes. Disse:

- O que vocês estão querendo, seus merdinhas? Querem apanhar?

Venâncio puxou uma peixeira da bainha da calça.

- Vem, podem vir. "Tou" doido pra furar um.

Ficaram os dois grupos se encarando por alguns instantes. Raimundo, num pulo, agarrou um dos outros homens pela cintura, levantando-o até meio metro de altura. Depois, atirou-o com força contra a parede.

Eram todos eles homens fortes, de musculatura robusta, acostumados à vida dura do mar ou do sertão... Entraram em luta corporal, rolando alguns pelo chão de terra da tendinha. Quebraram mesas, cadeiras, garrafas, o baixinho atrás do balcão gritava como um louco.

De repente, ouviram-se dois estampidos de arma de fogo.

Na porta da tendinha, Pedro, ainda com o revólver saindo fumaça na mão direita, gritou, com voz calma:

- Parem com isso, se não vou atirar para acertar.

Os homens, alguns no chão, finalmente se separaram. Só por milagre ninguém saiu ferido gravemente, uns sangrando um pouco, outros com o rosto arranhado, mas nada de mais grave. Pedro chamou seus homens, mandando que fossem para fora da tendinha. Saiu, apontando o revólver para os que ali ficaram, dizendo:

- Olhe, é melhor vocês se acalmarem e respeitar quem vem de fora. Se provocarem de novo, vou deixar correr frouxo e vocês é que vão sair perdendo. Ali fora só tem cabra macho, vocês não sabem o que eles são capazes de fazer.

Do lado de fora, cara amarrada, disse para os quatro:

- Quer dizer que não adianta nada encher vocês de recomendação, não é? Basta botar um pouco de cachaça pra dentro que vão logo fazer merda.

Venâncio tentou justificar:

- Mas, foram eles que provocaram, Pedro. A gente só pediu pra tomar a cachaça. Eles é que vieram com gracinha pra cima da gente.

- Não interessa - rebateu Pedro, irritado. - Vocês é que atraem a confusão. Parecem que têm visgo no corpo.

Raimundo perguntou, com voz humilde:

- Você não vai contar nada pro " *seu* " Faustino, vai Pedro? Dá mais uma chance pra gente.

Os outros três também olhavam para ele, com uma súplica nos olhos.

Pedro encarou um por um, demoradamente:

- Bem, vou pensar. Voltem logo pro navio, antes que se metam em outra confusão. E, puteiro agora, nem pensar.

Mário ainda tentou argumentar. Pedro logo o cortou, gritando alto:

- NEM PENSAR, ouviram bem?

- Tudo bem, Pedro, tudo bem - respondeu Venâncio, mandando que Mário ficasse quieto.

Apesar de demonstrar que não apoiava a atitude dos quatro, no fundo Pedro sabia que eles estavam com a razão. Isto porque, desde que presenciara a atitude dos homens provocando Faustino e Maria Teresa, ficou de olho no pessoal do seu grupo, antevendo o que poderia acontecer.

E, pior que aconteceu.

Pedro, apesar de não querer dar o braço a torcer, sabia que os homens estavam com a razão. O pessoal daquelas cidadezinhas menores não suportava a presença de gente de fora. Ficavam logo enciumados, partiam para a provocação.

Depois, dava no que deu.

Enfim, dos males, o menor...

# 13

Felizmente, Zé Maria conseguiu comprar as peças necessárias para a recuperação da caldeira. Mas, Jeremias não achou ninguém em Timbaúba capaz de fazer o conserto.

E o “Rosamar” acabou seguindo viagem no dia seguinte, ainda em velocidade moderada.

Jeremias comentou com Faustino:

- Vamos ver se no próximo porto a gente consegue alguém que saiba fazer o conserto.

A próxima escala seria Jericoacoara, ainda costa do Ceará, que parecia não terminar nunca.

Praia deslumbrante, areia branquinha como a neve, dunas de encher os olhos, a cidade já aparecia ao longe quando o navio se aproximava. Maria Teresa ficou fascinada com a beleza do lugar.

- Puxa, Faustino, que lindo! Pena que a gente, em Fortaleza nem tem noção que isso aqui existe, ainda dentro do nosso Estado. Quero ir a terra, você me leva?

- Claro, Teresa, aqui deve ser mais civilizado que Timbaúba. Acho que a gente pode descer sem problemas.

Faustino não ficou sabendo nada sobre a briga dos homens lá em Timbaúba. Só estranhou que eles tivessem voltado tão cedo para o navio e estivessem tão ressabiados quando passavam por ele. Não perguntou nada a Pedro. Confiava cegamente em seu auxiliar, não queria melindrá-lo, nem discutir suas decisões. Mas, que alguma coisa ocorresse, disso não tinha dúvida.

O “Rosamar” ancorou ao largo de Jericoacoara por volta das duas da tarde. Faustino e Teresa foram à terra no primeiro bote que encostou, juntamente com Jeremias.

Lá, o capitão saiu em busca de um mecânico que entendesse de caldeira. Faustino e a mulher foram dar uma volta pela cidade. Esta, apesar de ainda manter uma aparência selvagem, pela beleza de suas dunas e a exuberância de seus coqueiros, tinha um razoável número de habitações, até um pequeno hotel possuía. Tendinhas, muitas. As ruas, sem calçamento, as casas sem luz elétrica, era uma típica cidade da primeira metade do século XX do nordeste brasileiro.

Andando pelas ruas estreitas, Maria Teresa achou alguns armazinhos e pequenas lojas onde eram vendidos vestidos prontos, sapatos vindos do Rio ou São Paulo, tecido para fazer roupas. Comprou alguma coisa e deu de presente um outro chapéu para Faustino, de cor bege com uma fita azul. Almoçaram fartamente num pequeno bar local, buchada de bode com batata cozida.

O pessoal da cidade pareceu muito hospitaleiro, agradável, querendo demonstrar sua satisfação em receber tão ilustres visitantes. Enfim, tudo bem diferente de Timbaúba.

Encontraram Jeremias afobado, andando apressado numa das ruas da cidade.

- Parece que encontrei alguém, " *seu* " Faustino - disse ele. - Vou levar o cabra lá no navio para ele dar uma olhada na caldeira. Ele me disse que acha que pode consertar.

- Tudo bem, capitão - respondeu Faustino. - Espero que ele faça o conserto.

Pedro também foi a terra ver se achava mais alguns homens para fazer parte da expedição. Contratou um, João Paulo, um negão de quase dois metros de altura, forte como um touro e bronco como ele só. Analfabeto, falava quase soluçando, aos tropeções. Mas, segundo Pedro relatou a Faustino, já participara de uma expedição ao Amazonas, tendo, portanto, experiência da vida na selva. Segundo ainda Pedro, de acordo com as informações colhidas na

cidade, era homem pacato, leal e muito trabalhador. Vivia sozinho, não tinha família nem ninguém que o prendesse àquele local.

Faustino ainda procurou um médico na cidade, para que fizesse um exame de rotina em Maria Teresa, verificar como estava indo sua gravidez. Também queria comprar mais quinino, que passou a usar desde que fora atacado pela malária.

Infelizmente, não havia médico no local, só um farmacêutico, mesmo assim um prático, nem formado era. Decidiu esperar até chegar a Belém para a consulta da mulher. Conseguiu comprar, entretanto, três frascos de quinino.

Quando retornaram ao “Rosamar”, a boa notícia: a caldeira fora consertada e o navio poderia retomar sua velocidade normal, que, apesar de ser muito baixa, pelo menos era aquela que deveria seguir.

Às sete da noite, zarparam em direção a uma nova escala.

# 14

Próxima parada: Camocim, última escala da costa cearense.

Quatro de junho de 1916.

- Pronto, " *seu* " Faustino - disse Jeremias. - Essa é a nossa última parada no Ceará. Daqui pra frente, vamos parar menos. Quase não temos mercadoria para o Piauí e o Maranhão. O senhor vai a terra?

- Acho que sim, capitão. Já não aguento mais ficar aqui dentro do navio.

- Pois é, para o senhor ver. Eu, passo minha vida toda aqui dentro dele, já até acostumei a andar balançando o corpo - brincou. - O senhor viaja uma vez ou outra, fica logo saturado.

- É muito monótono, capitão. A gente chega num ponto em que não tem mais nada para fazer. Ainda bem que eu trouxe alguns livros para ler. Agora, imagine os meus homens, que nem ler eles sabem direito. Confinados naquela cabine, vão acabar se matando uns aos outros. - brincou também Faustino.

- O senhor, pelo menos, tem o consolo de voltar rico da sua viagem. Eu não, para mim vai continuar tudo na mesma.

Os dois conversavam encostados na amurada do navio, vendo Camocim aproximar-se ao longe. Jeremias, com o seu inseparável cachimbo preso no canto da boca, Faustino com o cigarro de palha pendurado nos lábios.

- Veja só, capitão, como esse Brasil é grande. Quanta terra desabitada, onde ninguém ainda colocou os pés. - filosofou Faustino. - Para a gente ir de um lugar ao outro são vários dias de viagem. Já imaginou isso tudo povoado, cheio de gente, o avião realmente funcionando, encurtando

distâncias, essa terra imensa produzindo de tudo, botando essa riqueza toda para fora? Quem o senhor acha que poderá segurar esse país?

- É verdade, " *seu* " Faustino. Veja o seu exemplo. Vai para dentro da selva, trabalha duro, é verdade, mas fica rico logo, logo, com a extração da borracha. E se o povo explorasse as outras riquezas que nós temos? - retrucou Jeremias.

- Foi assim na América do Norte. Desbravaram o oeste, transformaram o país numa grande potência. E, olha que eles têm aproximadamente a mesma idade do Brasil, quatrocentos e poucos anos - continuou Faustino. - O brasileiro, infelizmente, ainda é muito acomodado, muito indolente. Fica satisfeito com o pouco que consegue alcançar, não se lança a voos mais arrojados.

- É verdade - concordou Jeremias. - Aqui, quando se consegue obter o que comer, não se progride mais. As pessoas se acomodam, não têm ambição. Com exceções, é claro. O senhor, por exemplo...

Faustino o interrompeu:

- Não, o senhor está enganado, eu não posso servir de exemplo. Tudo o que ganhei nas duas expedições anteriores, eu perdi. Ou no jogo ou em farras. Agora que a idade chegou é que estou mais ajuizado, pensando no futuro. Mas, também não quero ficar rico, guardar dinheiro. Quero apenas o suficiente para manter minha família, dar uma boa educação para o meu filho e só. Nada de acumular riquezas, pois não vou levar nada comigo quando morrer.

- O senhor está certo, " *seu* " Faustino. A gente tem que aproveitar a vida enquanto se está por aqui. Depois que morrer, ninguém vai dar valor ao que a gente fez, o mundo é muito ingrato.

Foram interrompidos em suas divagações por Zé Maria, que gritou lá da ponte de comando:



- Capitão, podemos jogar a âncora aqui? Estou com medo de me aproximar mais, acho que tem muito banco de areia.

Jeremias mediu visualmente a distância que separava o “Rosamar” do embarcadouro lá embaixo. Olhou para a água do mar, límpida e cristalina, onde quase se podia ver a areia no fundo. Respondeu:

- Pode sim, Zé Maria. Aqui está bom, não se aproxime mais.

Passados alguns instantes, ouviu-se o ranger da grossa corrente descendo a âncora na proa do navio.

Faustino despediu-se de Jeremias.

- Bem, capitão, vou lá na cabine ver se minha mulher vai querer descer. Até já.

- Até já, “ *seu* ” Faustino - retrucou ele, enquanto se dirigia para a ponte para ajudar Zé Maria nas manobras de parada do navio.

Pedro encontrou Faustino no caminho. Perguntou:

- Patrão, vai querer que eu desça pra ver se contrato mais alguém?

Faustino respondeu, depois de pensar um pouco:

- Não sei, Pedro. O que é que você acha?

- Não custa nada ver. Pode ser que haja algum que sirva.

- Então, está bem. Mas, não demore muito, o capitão disse que só vamos ficar aqui três horas - concluiu Faustino.

Maria Teresa já saía da cabine, usando um vestido branco que ia até o tornozelo e carregando uma sombrinha na mão, pronta para o passeio em Camocim.

Faustino apenas esboçou um sorriso, admirando a beleza da mulher, cabelos em tranças caindo-lhe nos ombros, a brisa leve fustigando-lhe o rosto...

# 15

Pedro voltou ao navio acompanhado de um homem alto, mais de um metro e oitenta, muito forte, mas quase nu. Vestia apenas uma tanga minúscula, um colar de contas no pescoço. Trazia uma faca presa à tanga, na cintura. Pele bem morena, cor de azeitona, quase escura.

Faustino, que estava encostado na amurada do navio, aguardando o retorno do último bote, olhou com curiosidade para o acompanhante de seu capataz. Logo que os dois pisaram no convés, Pedro foi logo explicando:

- Patrão, esse aqui é o Auã, ele vai conosco se o senhor não tiver nada contra.

Faustino, que não costumava discutir as decisões de Pedro nessa matéria, apenas olhou para o homem de alto a baixo, como costumava fazer. Perguntou:

- Você fala português?

- Sim, sinhô - respondeu o outro, com um sotaque difícil de compreender.

Pedro interveio:

- Patrão, ele é índio, lá da Amazônia. Veio pra cá e não conseguiu dinheiro para voltar. Quer ir com a gente, trabalhar na expedição e depois ficar por lá, junto dos seus.

Faustino meditou por um instante:

- Você explicou bem a ele nosso ambiente de trabalho, a dureza que vai ser, a disciplina que eu exijo?

Pedro fez um sinal afirmativo com a cabeça. Emendou:

- E o melhor, patrão: ele conhece o Urumã, é de uma tribo amiga da dele.

Faustino ficou mais sossegado. Disse:

- Está bem, leva ele para junto dos outros. E arranja umas roupas decentes pra ele vestir. Não quero ver esse

cara desfilando por aí com a piroca balançando. E manda ele tirar essa faca da cinta.

Pedro sorriu e fez um sinal com a mão para que o índio o acompanhasse. Levou Auã para a sua própria cabine, onde já estavam alojados João Paulo e José Ribamar, justamente os dois que substituíram João e Firmino. Depois que estes foram mandados embora por Faustino, o capataz achou melhor ficar com os novatos perto dele por algum tempo, podendo assim conhecê-los melhor.

Indicou a Auã o último beliche vazio da cabine, que tinha quatro lugares. Arranjou-lhe uma muda de roupas novas:

- Tome, vista isso. Você não pode ficar pelado por aí. Ah!... E me dá essa faca, o patrão não gosta de ver ninguém armado, a não ser eu e ele - disse.

O índio entregou a faca, meio contrariado. Sem qualquer constrangimento, tirou a tanga, vestindo a ceroula, a calça comprida e a camisa que Pedro lhe entregara. A roupa ficou meio apertada nele. João Paulo riu, tendo Auã olhado para ele com cara fechada, tendo o sorriso de deboche desaparecido imediatamente da cara do negro.

- Ele é índio e vai conosco - disse Pedro, olhando para João Paulo e José Ribamar. - Não sabe falar português direito. Espero que vocês não criem problemas com ele. Já viram que o homem é meio enfezado.

Depois, apresentou Auã aos outros homens da expedição. Venâncio, Zeferino, Raimundo e Mário ainda estavam meio escabreados desde o episódio da briga em Timbaúba, com medo de que Faustino viesse a despedi-los. Olharam para o índio meio desconfiados. Nunca tinham visto um de perto, achavam que todos eles fossem perigosos, ardilosos, dissimulados e que poderiam atacá-los pelas costas quando menos esperassem.

Pedro repetiu-lhes as mesmas recomendações que fizera a João Paulo e a José Ribamar.

- Tratem ele muito bem. Cuidado, que a sorte de vocês pode virar - advertiu-os, fazendo uma velada referência à briga de Timbaúba.

Os quatro baixaram os olhos, concordando com a cabeça.

Dirigiram-se todos para o refeitório, onde os demais tripulantes faziam as refeições. Aã foi apresentado aos marujos do navio, causando um pouco de estranheza, à princípio. Mas, depois que deixou de ser novidade, integrou-se à rotina da viagem.

# 16

Os dias se sucederam uns após os outros, lentamente, monótonos, sem nenhuma novidade digna de registro. Parecia que, do amanhecer ao crepúsculo, o tempo parava. Ou, quando avançava, era tão vagarosamente como a marcha empreendida pelo “Rosamar”. Ninguém tinha pressa para nada, as tarefas de rotina do navio eram cumpridas mecanicamente, como se uma mão invisível delas se incumbisse, sem necessidade de algum ser humano por trás para dirigir-lhes os movimentos.

Enfim, deixaram a costa do Ceará, entrando na do Piauí.

Nesse estado, pararam em apenas um porto, Coqueiro. Cidade semelhante àquelas em que aportaram no Ceará. Uma praia bonita, coqueiros evidentemente, que deram nome ao vilarejo, pequenas casas de pescadores, comércio incipiente, população noventa por cento de analfabetos.

Feita a carga e descarga das mercadorias encomendadas, logo deixaram o pequeno porto.

No dia seguinte, à tardinha, já divisavam ao longe o litoral do Maranhão.

Aportaram em Paulino Neves, onde também ficaram por pouco tempo, aproximadamente umas quatro horas.

Depois, já novamente navegando, divisaram as maravilhosas dunas dos Lençóis Maranhenses. Vista deslumbrante que a todos extasiou, principalmente a Maria Teresa.

A próxima parada, esta um pouco mais demorada, foi na ilha de São Luís, a capital do Estado.

Desceram à terra, almoçaram, fizeram compras, mataram a saudade de uma cidade mais civilizada, mais urbana. Passearam pelas ruas antigas, admiraram o belo

casario revestido de azulejos, característico de São Luís, sentiram fortemente a presença marcante da civilização francesa na colonização da cidade.

Pedro lembrou a Faustino de que este fora atendido por um médico ao retornarem a Fortaleza, na última expedição, quando ele estava convalescendo da malária. Faustino aproveitou, então, para levar Maria Teresa para uma consulta. Naquela ocasião, o Dr. Souza foi até o navio, viu seu estado e receitou-lhe a medicação adequada até que ele chegasse a Fortaleza.

Agora, em seu consultório, no centro da cidade, o velho médico examinou Maria Teresa cuidadosamente, prescreveu-lhe alguns remédios e, dirigindo-se aos dois, disse:

- Tudo bem com sua gravidez, minha senhora. Estou receitando algumas vitaminas e alguns remédios para enjojo.

Faustino sorriu. Disse:

- O que ela tinha que vomitar, já vomitou, doutor. Agora, nem sente mais o balanço do mar.

Dr. Souza também sorriu. Retrucou:

- Bem, de qualquer jeito, ela vai continuar enjoando um pouco, agora por causa da gravidez.

Fez uma pausa. Continuou, dirigindo-se a Faustino:

- Fico contente de ver que o senhor se recuperou da malária. Ainda tem alguma crise?

- Às vezes ela ameaça voltar. Mas, tenho tomado o remédio e acho que está sob controle.

Despediram-se e foram almoçar.

Jeremias procurou um mecânico seu conhecido para que fizesse uma revisão geral nas máquinas do “Rosamar”, o que foi muito importante para o bom prosseguimento da viagem. Algumas peças foram trocadas, todas passaram por uma sessão de lubrificação.

À noite, Faustino e Maria Teresa foram assistir a uma festa, um típico “ *bumba-meu-boi* ”, numa pracinha da cidade. Muita música, barraquinhas, comida regional, já que era o mês das festas juninas. Dançaram um pouco, beberam, comeram, divertiram-se bastante.

Dos homens da expedição, somente Pedro foi à cidade. Os outros, não se sabe o motivo, preferiram ficar no navio.

Pedro voltou com mais mercadorias que comprou e mais um homem que contratou. Um português radicado há muito tempo em São Luís que, com o mesmo espírito aventureiro de Faustino, ficou entusiasmado com a possibilidade de tirar o umbigo de trás do balcão de um botequim e tentar a possibilidade de ficar rico em pouco tempo. Quando soube que Pedro procurava gente para a expedição, logo a ele se apresentou, aceitando de pronto as condições que lhe foram exigidas. Não tinha medo de nada, gostava de enfrentar o perigo e de há muito acalentava o sonho de ir para a selva amazônica, lugar misterioso, cheio de encantos e do qual ouvira muito falar pelos que lá estiveram e passavam por São Luís.

No navio, como não havia mais beliche disponível, não reclamou de ter que dormir no chão da cabine, aquela já ocupada por Raimundo, Venâncio, Zeferino e Mário.

E, engraçado, enquanto os outros tratavam o índio Auã com indiferença, até uma certa hostilidade, ele, logo ele que era português, tornou-se seu maior amigo. Conversavam muito, passaram a andar sempre juntos, trocavam ideias, até confidências. Essa a grande mágica que o Brasil fazia nas pessoas: mesmo de nacionalidades, cor de pele e culturas diferentes: as pessoas se interligavam, mantinham um relacionamento cordial e amigo, sem qualquer espécie de preconceito ou superioridade de umas em relação às outras.

No dia seguinte, partiram.

No Maranhão, ainda pararam rapidamente em Alcântara e Turiaçu, seguindo “ *celeremente* ” em direção ao Pará.

O “Rosamar” entrava na reta final de sua jornada...



# 17

O porto seguinte foi Quatipuru, já no litoral paraense. Voltaram às mesmas cidades pequenas à beira-mar, pelas quais haviam passado anteriormente.

Ali ficaram por pouco tempo, o necessário para a rotina de carregar e descarregar mercadorias.

Ainda bem que estavam chegando a Belém.

Faustino, apesar de saber que aquilo fatalmente acabaria por acontecer, estava começando a ficar preocupado com a ansiedade que tomava conta de seus homens. Acostumados que estavam ao trabalho duro, estavam há quase um mês sem nada fazer, comendo, dormindo, encerrados em suas minúsculas cabines. Até Mário, que seria o cozinheiro da expedição, estava chateado. Gostava de mexer com suas panelas, molhos, temperos, assados e cozidos. Mesmo que às vezes tivesse tentado ajudar um pouco na cozinha do navio, não era a mesma coisa para ele. Gostava de ter sua autonomia, escolher os pratos que iriam ser servidos, caprichar nesse ou naquele, sentir a satisfação do elogio por uma refeição bem feita.

Pedro já tivera que separar um início de briga entre Raimundo e Venâncio, que começara por um motivo imbecil. Só porque o último deixou cair a fotografia da mulher no chão da cabine e Raimundo assoviou, dizendo:

- Que mulher gostosa, Venâncio. Quem é ela? Me apresenta?

Os dois já estavam engalfinhados no chão, sendo que Mário e o português Manuel tentavam separá-los. Pedro chegou, gritou com os dois, que se afastaram, resmungando.

- Porra, o que é vocês querem? - berrou Pedro. - Voltar para casa? Se é assim, por que vieram? Vocês já sabiam que ia ser duro, mas, porra, se achavam que não iam aguentar, deviam ter ficado em casa... Não vou ficar o tempo todo servindo de babá pra marmanjo.

Pedro estava realmente furioso. Falava rapidamente, as palavras atropelando-se umas às outras em sua boca. Toda vez que falava, cuspiam pelo buraco do dente que faltava na frente da gengiva.

- O que foi que aconteceu agora? - perguntou, com raiva.

Ninguém respondeu. Os homens baixaram os olhos, fitando o chão. Gritou novamente:

- O que foi que aconteceu agora, PORRA? - berrou.

Venâncio, que tinha um medo danado dele, acabou respondendo com voz baixa, quase sussurrando:

- Ele ficou assoviando pro retrato da Francisca...

- E quem é essa porra de Francisca?

Depois de um instante de silêncio, Venâncio respondeu, encabulado, os olhos continuando enterrados no chão:

- É minha mulher, a mãe dos meus filhos...

Pedro explodiu:

- E por isso vocês estavam agarrados um no outro? Puta que o pariu, isso é coisa de veado. Em vez de estarem agarrados numa mulher qualquer nos portos em que a gente está passando, se agarraram os dois, não é? Vão acabar comendo um ao outro...

Dirigiu-se a Venâncio:

- Me dá esse retrato aqui, que eu quero ver.

Venâncio relutou a princípio. Pedro continuou olhando fixamente para ele, olhar de meter medo. Venâncio acabou pegando o retrato debaixo do travesseiro, passando-o com mãos trêmulas a Pedro. Este deu uma olhada na fotografia, depois bateu na mesma com a mão direita, dizendo:

- E é por causa dessa merda de mulher que vocês estavam brigando? Magra, não tem nem carne pra se apertar... Se o Venâncio gosta dela, isso é problema dele, ninguém tem nada com isso... Agora, se um retrato de mulher faz vocês dois se atracarem, pronto, está resolvido...

Sem hesitar, rasgou a fotografia em vários pedaços na frente deles. Venâncio ficou furioso, esboçou um gesto de reação, mas acabou engolindo em seco.

- Bem, agora acabou o motivo da briga - disse Pedro.

Virou as costas e, antes de sair da cabine, concluiu:

- Se alguém não ficou satisfeito, pode vir falar comigo, que mando de volta no primeiro porto.

Pedro relatou por alto o incidente a Faustino, mais tarde, após o jantar. Este refletiu um pouco sobre a decisão a tomar. Perguntou:

- O que você acha, Pedro? Mandamos os dois de volta?

- Não sei, patrão, não sei - respondeu o outro. - Talvez a gente não ache outros pra botar no lugar.

- Mas, porra... - esbravejou Faustino. - ...então eles não sabiam que ia ser assim? A gente não explicou, não preveniu tudo antes da viagem?

Os dois sabiam que aqueles homens eram broncos, rudes, analfabetos ou pouco mais que isso, acostumados a gastar tudo que ganhavam em mulheres e cachaça. Mas, era essa a mão de obra com que tinham que contar para uma expedição daquelas.

Pedro indagou com cuidado, já sabendo de antemão qual seria a resposta de Faustino:

- Patrão... posso sugerir uma coisa?

Faustino, tirando o chapéu da cabeça, bateu na aba para tirar a poeira:

- Fala, Pedro, fala logo... se esses putos ficarem me enchendo o saco, daqui a pouco largo todos eles aqui, vou só com você...

Pedro hesitou antes de falar. Finalmente, disse:

- E, se a gente... se a gente... desse pra eles uma rodada de cachaça de vez em quando? E, no próximo porto, “deixasse” eles ir num puteiro? Mesmo que a gente vigiasse de longe?

Faustino ouviu em silêncio a sugestão do capataz. Pensou por um instante, depois disse:

- Não sei, Pedro, é um risco muito grande. Talvez você tenha razão, mas pode dar tanto certo como errado. E, se eles saírem fazendo um monte de merda por aí? Acabou a expedição, vamos ficar todos desmoralizados, ninguém vai querer vender nem comprar mais nada da gente.

Faustino dizia aquilo porque quase toda a previsão da produção de borracha que pretendiam extrair já estava mais ou menos apalavrada para venda a determinados exportadores com os quais mantivera contato ainda em Fortaleza. Se a expedição fracassasse, estaria falido. Assinara promissórias, hipotecara as casas que comprara na Praça Marquês de Herval, empenhara joias e objetos pessoais, apostando que tudo daria certo naquela viagem.

Aquela era a sua expedição, ele era o chefe, as coisas iriam transcorrer de acordo com sua vontade e orientação. Não seria como as outras, em que obedecia ordens, era um simples empregado.

Finalmente, decidiu:

- Tudo bem, Pedro, vamos fazer como você quer. No próximo porto, a gente desce com eles, fica vigiando os putos.

# 18

O próximo porto foi São João da Ponta, já na entrada da baía de Marajó.

Faustino disse a Maria Teresa que aguardasse no navio, enquanto ele ia à cidade em companhia de Pedro e dos homens.

Ela, a princípio, não entendeu. Ele tentou explicar:

- É melhor, Teresa, não vou poder ficar perto de você, eu e o Pedro temos uma coisa muito importante para resolver com os homens.

Ela insistiu:

- Puxa, Faustino, eu queria tanto ir. Ficar dias e dias dentro dessa cabine, sem nada para fazer... a única oportunidade de mudar de ambiente é quando o navio para num porto.

Ele deu-lhe um beijo carinhoso na testa. Foi incisivo:

- Não, meu bem, infelizmente, não posso te levar. Eu e o Pedro temos que resolver esse problema, não é coisa para mulher.

Ela continuou insistindo:

- Mas, Faustino, o que é que vocês vão fazer que é tão importante assim? Será que eu não posso saber?

Ele olhou para ela, hesitou um pouco. Depois, falou:

- Bem, você já não é mais criança, posso te contar.

Então, relatou a ansiedade que tomava conta dos homens, as brigas que eles tiveram, a conversa que tivera com Pedro sobre a necessidade de afrouxar um pouco as rédeas em relação a eles. Com muito jeito, procurou explicar a necessidade que eles tinham de ir a um puteiro.

- Veja bem, Teresa, eles aqui estão sozinhos, um monte de homem dentro de uma cabine. Não têm uma

mulherzinha cheirosa como você na hora de dormir, de deitar nos seus ombros. Estão todos doidos por aí, se masturbando no banheiro. E vão ficar muito mais, quando a gente sentar acampamento na selva. Por isso, eu e o Pedro decidimos dar uma folga a eles. Mas, vamos ficar de olho, vigiando de longe para que não façam besteira. Afinal de contas, não podemos nos dar ao luxo de perder esses caras agora, quando já estamos quase chegando lá.

Ela ficou meio sem graça, à medida que ele ia contando a história. Depois que terminou, encabulada, levantou os olhos em sua direção. Disse, timidamente:

- Puxa, Faustino, isso nem tinha me passado pela cabeça. Está certo, vai com eles. Mas, vê se não aproveita e também arranja uma mulher para você... - brincou.

Ele abriu um largo sorriso. Disse:

- Pode deixar, meu bem, eu já tenho você. Pelo menos, enquanto o neném deixar, depois não sei... - brincou também.

Ela deu-lhe um soco carinhoso no peito, enquanto ele a abraçava.

# 19

Quando Jeremias autorizou, desceram a terra.

Os homens estavam escabreados, olhando com desconfiança para Pedro e Faustino, sentados na frente do bote. Daquela vez, somente Auã, o índio, não quis descer, preferindo ficar no navio. Não bebia e mulher para ele, só se fosse índia. “ *Primeiros sinais de racismo na cultura brasileira*”.

Já Manuel, o português, para não negar a raça, gostava muito de uma mulatinha e não tinha nenhum preconceito quanto à cor da pele de suas eventuais parceiras. José Ribamar, o sarará, apesar de muito religioso e também não beber nada alcoólico, não rejeitava uma mulherzinha de vez em quando. Os outros, Raimundo, Venâncio, Zeferino, Mário e João Paulo, esses eram casos perdidos. Estavam ansiosos, brincavam, falavam baixinho entre eles, riam gostosamente, antegozando os momentos de prazer e diversão que iriam ter. Venâncio e Raimundo já haviam esquecido suas desavenças, a briga por causa do retrato de Francisca. Venâncio, inclusive, não sentia nenhum remorso ante a perspectiva de trair a mulher.

Mas, ainda olhavam com receio para Faustino e Pedro, sentados lá na frente, encarando-os com firmeza, cada um trazendo nas mãos um chicote de couro cru.

José Ribamar quase desistiu de descer, depois da dura advertência que Pedro fez antes de entrarem no bote. Só concordou em ir depois que os outros insistiram muito, chegando a duvidar de sua masculinidade.

“- Porra, ô sarará! Tá com medo de encarar uma xoxota?” – debochou Raimundo.

“- Já imaginou aquele negócio preto, todo cabeludo, na tua cara?” – ironizou Zeferino.

Quando chegaram na praia, após o desembarque, Faustino reuniu todos e fez a última advertência:

- Bem, eu e o Pedro vamos procurar alguma coisa para comprar nas lojas daqui. Deem uma volta por aí, tomem umas cachaças, procurem um puteiro e às três da tarde, todo mundo aqui de volta no bote. Quem não estiver aqui, vai ficar, está bem claro?

Enquanto falava, batia sugestivamente com o chicote na mão esquerda. Os homens entenderam a mensagem.

Separaram-se, indo Faustino e Pedro para um lado e os demais para o outro.

Faustino comentou com Pedro:

- Esses putos pensam que a gente não sabe onde é o puteiro que eles vão. Não sabem que a gente passou por aqui duas vezes antes.

Pedro somente esboçou um sorriso, concordando com a cabeça.

Rodaram por algumas lojas, encomendaram algumas mercadorias, encontraram Jeremias na rua, afobado como sempre.

Faustino convidou-o:

- Capitão, estamos indo almoçar. Quer nos acompanhar?

O velho marinheiro limpou o suor da testa. Respondeu:

- Tudo bem, vamos sim. Tenho ainda muita coisa para fazer, mas pode esperar. Tenho que descansar um pouco, tomar uma boa cerveja, bater um papo com meus amigos. Já escolheram o restaurante?

- Não, a gente estava procurando. O que o senhor sugere?

- Venham comigo, conheço um lugarzinho escondido que tem um pirão de peixe maravilhoso.

Seguiu na frente, Faustino e Pedro foram atrás.

Já sentados confortavelmente no local indicado por Jeremias, beliscavam uns peixinhos fritos, servidos como



aperitivo, enquanto o almoço era preparado.

- Mas, capitão, diga aí, em todo porto que a gente para o senhor sai nessa correria toda?

Jeremias virou um gole de seu copo de cachaça. Respondeu, começando a mastigar uma manjubinha:

- Para o senhor ver, “ *seu* ” Faustino. Comandar um vapor não é só ficar dando ordens para a tripulação. Em cada porto, temos que ver a lenha mais barata, fazer um ou outro reparo, substituir um marujo que vai desembarcar ou deu problema. Parecidos com as preocupações que o senhor tem na sua expedição para a selva.

Faustino riu. Colocou pimenta no seu pedaço de peixe. Comentou:

- Ainda bem que eu só faço expedição de vez em quando. O senhor não, vai e volta sem parar.

- E o senhor não sabe os aborrecimentos que eu tenho com a entrega das mercadorias encomendadas e com aquelas que tenho que embarcar. Tem reclamação dos dois lados, nunca ninguém está satisfeito. Às vezes dá vontade de largar tudo, afundar o navio e mandar todo o mundo pra puta que o pariu.

Faustino soltou uma gostosa gargalhada. Pedro também riu. Jeremias continuou, filosofando:

- Se toda a minha vida não estivesse enterrada no “Rosamar”, bem que eu fazia isso... mas, até minhas cuecas nele estão empenhadas.

Faustino continuava a rir. Observou:

- Que é isso, capitão, e o gosto pela aventura que eu senti no senhor? Acho que se ficasse um dia longe do cheiro do mar, morreria no dia seguinte... Estou enganado?

Jeremias olhou para o peixe fumegando na tigela de barro que o dono do restaurante acabara de colocar na mesa. Uma mocinha de uns treze anos de idade veio logo atrás trazendo outra tigela com o pirão.

Jeremias levou o nariz próximo às duas vasilhas, aspirando prazerosamente o odor da comida.

- Que delícia, " *seu* " Faustino. Que beleza de peixe...- comentou.

Serviram-se os três generosamente dos pratos expostos à sua frente. Faustino insistiu:

- Mas, então capitão, o senhor não me respondeu. Teria coragem de largar o mar, vender seu navio, ficar em casa dormindo na rede, tomando água de coco?

Jeremias lutava com uma espinha do seu peixe. Depois que dela se desvencilhou, respondeu:

- Não, " *seu* " Faustino, não teria. Como o senhor disse, morreria no dia seguinte. O mar é a minha vida, acho que fora dele seria um peixe fora d'água. Além disso, o "Rosamar" é como se fosse um filho meu, seria muito difícil dele me separar. Comecei sendo contratado para comandá-lo, aos poucos fui adquirindo uns pedacinhos do seu valor da companhia que era a proprietária, até conseguir comprar ele inteiro.

- Eu sabia, tinha certeza disso - retrucou Faustino. - Quem ama o que faz só larga quando morre.

- Graças a Deus, já tenho os meus clientes certos, que me encomendam o transporte de carga entre Fortaleza e Belém durante o ano inteiro. Não dá lucro, mas também não chega a dar prejuízo, podemos dizer que, na maioria das vezes, empata. E, a gente vai levando a vida - rebateu Jeremias.

A filosofia de peixe com pirão e pimenta rolava solta. Naquele ambiente tranquilo, três homens duros, acostumados a enfrentar os piores perigos, debatiam descompromissadamente alguns dos mais profundos problemas existenciais. Uma pimentinha aqui, um gole de cerveja ali, a vida humana e seus complicados enigmas eram ali dissecados sem grandes pretensões de se alcançar a verdade absoluta. Mas, uma coisa era certa: muitas

dessas verdades ali eram ditas, sem que aqueles que a diziam tivessem exata consciência disso.

Após o almoço, do qual os três saíram da mesa batendo com satisfação a mão na barriga, Jeremias despediu-se de Faustino e Pedro. Foi tomar as últimas providências para o embarque, enquanto os dois seguiam em direção ao puteiro. Souberam que a dona do mesmo se chamava Selma.

Entraram, sentaram numa mesa de fundo, pediram uma cerveja. Algumas mulheres estavam espalhadas pelo recinto acanhado, sorrindo maliciosamente para os dois quando entraram. Nenhum dos homens estava à vista.

Apareceu uma mulher gorda, de uns sessenta anos aproximadamente, rebolando em direção a eles.

- Boa tarde. Meu nome é Selma, sou a dona do local. Os distintos cavalheiros desejam algo de especial? - perguntou.

Olhava fixamente para Faustino, que realmente chamava a atenção com seu bonito terno branco de linho, chapéu panamá na cabeça, botas bem lustradas de couro preto até os joelhos, rosto moreno com o bigode fininho sobre os lábios. Nem se dignou a olhar para Pedro em suas roupas de peão, sandálias surradas de couro nos pés encardidos de poeira.

Faustino virou um gole de cerveja. Respondeu:

- Obrigado, dona Selma. Estamos só olhando. A propósito, a senhora viu alguns homens de fora passar por aqui?

Ela pensou um pouco, desconfiada, antes de responder.

- Sim, eles estão nos quartos com algumas das meninas. O senhor está com eles?

- Estou sim - respondeu Faustino. - São meus empregados e estou aqui para levá-los embora. Já está na hora da gente partir para o navio.

- Ah! bom - disse ela, com uma expressão de alívio.- Agora entendi. Eles não devem demorar. Mas, se quiserem alguma menina para distraí-los enquanto esperam, à vontade.

- Mais uma vez obrigado, dona Selma.

Ela afastou-se, com os quadris balançando as banhas da cintura. Faustino perguntou a Pedro:

- Pedro, se você quiser, pega uma delas e vai tirar teu atraso. Eu espero aqui.

- Não, obrigado patrão. A Santinha não iria me perdoar se eu traísse ela com outra.

Santinha era a mulher de Pedro, muito amiga de Faustino.

- Eu não iria contar nada para ela - disse sorrindo, enquanto despejava um pouco mais de cerveja nos copos dos dois.

- Não, patrão, mais uma vez obrigado. Se eu dou azar, pego uma doença aqui, ela corta o meu peru fora. - retrucou Pedro.

Daí a uns vinte minutos os homens começaram a sair dos quartos, meros cubículos separados uns dos outros por um lençol de chita.

Uns vinham ainda meio alegres pelo efeito da cachaça ingerida, outros totalmente embriagados, mas todos contentes e satisfeitos, como se tivessem tirado um grande fardo das costas. Mário, o cozinheiro, foi o último a sair. Veio arrumando as calças na cintura e falando alto:

- Porra, minha gente. Dei três trepadas em seguida e ainda estou de pau duro.

Quando viu Faustino e Pedro no local, ficou sem graça, perdendo o rebolado.

Pedro falou alto:

- Bem, seus vagabundos, paguem à dona Selma aqui e vamos embora. O bote já está esperando.

Voltaram cantando alegremente para o navio.



## 20

Penúltima parada: Colares, já bem perto de Belém.

A ansiedade pela aproximação do fim da longa e cansativa viagem tomava conta de todos. Mesmo Jeremias, habituado de muito àquelas idas e vindas de Fortaleza a Belém, sua rota habitual, não conseguia esconder que também estava ansioso pela chegada ao porto final. Lá, ficaria por uns dez a quinze dias, para reparos e manutenção do “Rosamar”, novo carregamento de mercadorias e depois o retorno à capital cearense.

Sua rotina era aquela há quase dez anos. Mas, a cada viagem que se encerrava, era invadido por uma sensação de alegria, de contentamento, da certeza do dever cumprido. Daquela vez, mesmo com todos os aborrecimentos que tivera que enfrentar, até mesmo o problema da caldeira, toda a carga fora entregue sem atraso, nada de mais grave acontecera. As reclamações de sempre, um ou outro comerciante mais chato, mas, no fim, tudo saía bem.

Na hora do almoço, antes de atracarem, já na baía de Marajó, em frente a Colares, estavam sentados Faustino, Maria Teresa e Jeremias.

Comiam feijão de corda, jerimum, carne de sol e mandioca frita.

Faustino comentou, enquanto colocava uma concha de feijão no prato da mulher:

- Estamos chegando, não é capitão? Viagem longa, mas, graças a Deus tudo correu bem.

- Ainda bem, “*seu*” Faustino. Se Deus quiser, depois de amanhã, chegamos a Belém. Hoje devemos demorar um pouco mais aqui em Colares, tenho muita mercadoria para desembarcar.

Virou-se para Maria Teresa, indagando:

- E a senhora, madame? Como vai o neném? Tudo correu bem?

- Tudo bem, capitão - respondeu ela. - Pensei que fosse estranhar mais, mas só foram os primeiros dias.

- E, quantos dias vai ficar em Belém, capitão? - indagou Faustino.

- Não sei, " *seu* " Faustino. Talvez uns dez, quinze, vai depender da reforma do navio. Tem umas peças que já estão muito gastas, tenho que trocar. E o senhor, embarca direto pra selva ou fica alguns dias em Belém?

- Acho que logo em seguida, talvez um dia ou mais. Vai depender também do dono da gaiola que reservei. Se ele já estiver me esperando com tudo pronto, parto logo. Caso contrário, se faltar alguma coisa, espero mais um pouco. O senhor sabe como é, se eu não levar tudo que preciso, depois não consigo que ninguém me mande naquele fim de mundo.

- É verdade, o senhor tem razão. Quer saber, " *seu* " Faustino, admiro sua coragem. Se meter naquela selva braba, onde ninguém colocou os pés antes, é preciso ser muito macho. Chuva, sol, bichos, distância de tudo e de todos, sem ter a quem recorrer. Sem médico, sem remédio, só tendo Deus do seu lado. Realmente, é preciso muita coragem.

- Já estou acostumado, capitão - retrucou Faustino modestamente. - Não vai ser a primeira vez, sei onde vou pisar.

- Mesmo assim, não sei não. Prefiro aguentar o meu "Rosamar" por aqui, é mais tranquilo.

Depois do almoço, Jeremias foi até a cidade. Faustino preferiu ficar no navio, descansando um pouco. Pedro e Raimundo também desceram, foram procurar alguma coisa que valesse a pena comprar.

O “Rosamar” só partiu de madrugada. Finalmente, o destino: Belém.

O dia inteiro seguinte foi de navegação.

À noite, Jeremias convidou Faustino e Maria Teresa para o jantar de despedida. Colocou o seu melhor uniforme de capitão: blazer azul, dragonas nos ombros, medalhas cor de ouro espalhadas por todo o peito. Faustino e a mulher também vestiram suas melhores roupas, lavadas e passadas para a ocasião. Zé Maria, o imediato, também jantou com eles.

Foi servido um pato ao molho de tucupi, para comemorar a chegada a Belém. Jeremias abriu uma garrafa de champanhe para comemorar a ocasião.

Já um pouco alcoolizado, ensaiou um pequeno discurso. Levantou-se com a taça na mão e começou:

- “ *Seu* ” Faustino, dona Maria Teresa: quero que saibam da minha satisfação em tê-los conduzido na minha humilde embarcação. Não é todo dia que aqui recebo pessoas tão distintas e, acima de tudo, tão corajosas. Quero brindar aqui ao senhor e à senhora, exemplos vivos dos desbravadores brasileiros São pessoas como os dois que o Brasil precisa para conquistar esse nosso imenso território. Desejo aos dois e à sua expedição todo o sucesso deste mundo, que sejam felizes nesse grande empreendimento e voltem sãos e salvos à sua terra natal. E, que a criança que agora esperam nasça como exemplo dos brasileiros de coragem que os dois representam.

As taças tilintaram, todos de pé.

Faustino agradeceu, depois de sentar-se, sem o tom solene do discurso:

- Obrigado, capitão, por suas palavras. Muito gentil de sua parte. Quero aproveitar a oportunidade para agradecer a forma cordial e amigável como fomos recebidos em seu navio, o que tornou a viagem muito agradável, apesar de um pouco demorada - brincou. - Tenha certeza de que



guardaremos do senhor e de sua amável tripulação a melhor recordação possível e dela nos lembraremos por muito tempo. Foi esta a primeira fase de nossa expedição e só espero que as coisas daqui para frente corram tão bem como correram até aqui. E, quando retornarmos a Fortaleza, espero que seja no “Rosamar”.

Sentaram-se todos, saboreando o delicioso jantar. Despediram-se por volta das dez da noite. Faustino levou Maria Teresa até a cabine. Disse:

- Teresa, vai acabando de arrumar as malas, faz uma conferência final para ver se não esqueceu nada. Eu vou ver como os homens estão e mandar que eles preparem a bagagem. Volto já.

Fechou a porta da cabine atrás de si, dirigindo-se ao alojamento dos homens. Bateu na porta da cabine de Pedro.

- Tudo bem com vocês? - perguntou, quando a porta foi aberta.

Pedro levantou-se da sua cama, que ficava na parte de baixo do beliche. Respondeu:

- Tudo, patrão. A gente já ia dormir.

- Arrumaram tudo? Conferiu o nosso material? Está tudo em ordem?

- Tudo, patrão - repetiu Pedro.

- Então, até amanhã. O capitão disse que devemos chegar por volta das dez horas. Tomem o café e depois vamos desembarcar a nossa mercadoria.

- Até amanhã - responderam os outros.

Faustino voltou para a sua cabine para dormir a última noite no “Rosamar”.

# 21

As águas barrentas do rio Pará já anunciavam a chegada a Belém.

Do lado direito do “Rosamar” divisava-se a costa imensa da ilha de Marajó, a terra dos búfalos brasileiros. A floresta virgem estendia-se cerrada, uniforme, até onde a vista alcançava. Do lado esquerdo, apontava ao longe a capital do Pará. Os telhados de cor vermelha contrastavam com o branco predominante do casario da cidade.

Em pé, na amurada do convés, Faustino e Maria Teresa viam a terra aproximando-se lentamente. Pedro e os homens também já estavam prontos para o desembarque. Dia 26 de junho de 1916, trinta e sete dias de viagem.

Quando o “Rosamar” finalmente desligou suas máquinas, os preparativos para deixar o navio sucederam-se rapidamente, com a movimentação frenética dos marinheiros gritando ordens, descendo e subindo cordas, escadas, mercadorias

- Capitão, então, mais uma vez muito obrigado. E bom retorno a Fortaleza - disse Faustino, apertando a mão direita de Jeremias.

- Obrigado “ *seu* ” Faustino. Boa sorte na sua expedição. Deseja algum recado para sua família em Fortaleza? - respondeu Jeremias.

- Sim, se for possível, diga às minhas irmãs e ao meu pai que chegamos bem até aqui. Vou tentar escrever para eles, mas o senhor sabe, correio aqui é artigo de luxo. O senhor sabe o endereço?

- Sei sim. O casarão da Praça Marquês de Herval, não é?

- Isso mesmo. E peça a eles, por favor, que avisem à família da minha mulher - concluiu Faustino.

Jeremias fez um gesto cerimonioso, inclinando-se respeitosamente em frente a Maria Teresa.

- Boa viagem, madame, e uma boa hora. - despediu-se.

Ela também fez um gesto de agradecimento com a cabeça, respondendo:

- Obrigado, capitão. Boa sorte na volta.

Faustino e Maria Teresa também se despediram de Zé Maria, repetindo-se os votos de boa sorte, boa viagem, bom retorno e bom parto.

Já em terra firme, o porto de Belém abria-se movimentado, cheio de barracas que vendiam de tudo. Principalmente, peixe e frutos do mar. Mas, também outras mercadorias, como pimenta, ervas, especiarias, legumes, frutas, roupas, peneiras, tamancos e uma infinidade de tudo que podia ser vendido. Também passarinhos em gaiolas, cobras sem dentes, pequenos animais em jaulas de madeira, araras, papagaios, etc...

Os barraqueiros e ambulantes, logo que Faustino e Maria Teresa pisaram o chão de Belém, aproximaram-se em bando, ávidos para oferecer seus produtos. Cercaram o casal elegantemente trajado, ele, com o costumeiro terno de linho branco, chapéu de aba larga na cabeça, botas de cano alto até o joelho; ela com um vestido longo azul-claro que lhe cobria os sapatos, a habitual sombrinha numa das mãos para se proteger do sol. Pedro, à frente dos dois, ia afastando os insistentes vendedores, que exaltavam a plenos pulmões a qualidade de seus produtos.

Mais à frente, Faustino divisou Moraes, o dono da gaiola que havia contratado. Barriga volumosa, camisa aberta no peito, chapelão na cabeça grande, charuto no canto da boca, abriu um largo sorriso quando viu Faustino caminhando em sua direção.

Os dois já se conheciam das duas vezes anteriores em que Faustino fora à Amazônia, em 1909 e 1912. Fora ele

quem transportara em sua rudimentar gaiola as duas expedições, nas quais Faustino era o capataz.

Abriu os braços gordos, neles enlaçando Faustino.

- Que prazer, Faustino. Vejo que ficou bom da malária...

- Graças a Deus, Moraes. Quem é ruim não morre cedo.- brincou.

Apontou para a mulher, apresentando-a ao dono da gaiola:

- Essa aqui é Maria Teresa, minha mulher.

Moraes fez uma curvatura com a cabeça, tirando o chapéu do couro cabeludo e apertando-lhe a mão.

- Muito prazer, minha senhora. O Faustino já havia me falado da senhora. Vai com a gente ou vai ficar aqui em Belém?

Faustino respondeu:

- Ela vai, Moraes. Está esperando o meu filho e quero ver ele nascer.

Moraes franziu o cenho por um segundo, quase imperceptivelmente. Faustino notou sua preocupação:

- Já sei o que você está pensando. Selva, bichos, mosquitos, índios, falta de conforto, etc... Mas, já a preveni disso tudo e ela quis vir comigo. O que eu podia fazer? - perguntou, fingindo um ar de resignação, abrindo os braços num gesto largo.

Moraes retrucou:

- Bem, ninguém melhor que você para saber o que vai ter pela frente.

Virou-se para Maria Teresa e disse:

- Dona Teresa, ninguém conhece melhor esse lugar aqui que seu marido. É querido por todo mundo, os índios o tratam com um respeito que só vendo. Enfim, se a senhora quis mesmo vir, está ao lado do homem certo para levá-la de volta sã e salva.

Faustino perguntou:

- Bem, Moraes como estão com as coisas? Está tudo preparado? Ainda preciso contratar mais uns dois homens, comprar mais alguma coisa... Quero partir logo que puder.

Moraes retrucou:

- Da minha parte, tudo pronto. A "Filomena" está em ponto de bala. E, já adivinhando que você ia precisar de mais gente, selecionei alguns homens antes de vocês chegarem. Você decide quem levar.

Moraes e Faustino se davam muito bem, tinham uma amizade muito forte um pelo outro. Quando Faustino pegou a malária, foi ele quem foi buscá-lo no acampamento, trazendo-o até Belém, onde lhe foram prestados os primeiros socorros. Acolheu-o em sua casa, até que chegasse um navio que pudesse transportá-lo até Fortaleza. Tratavam-se como irmãos, sem nenhuma cerimônia entre os dois, fruto da amizade que cultivaram durante todos aqueles anos.

- Obrigado, Moraes, foi bom você ter feito isso, já me poupa tempo de sair procurando gente por aí.

Chamou Pedro;

- Pedro, pode embarcar nossas tralhas na "Filomena". Depois, vai ver esses homens que o Moraes arranjou. Escolhe mais dois e vamos partir, se possível amanhã cedinho. Te espero no fim da tarde na casa do Moraes.

Pedro cumprimentou Moraes, seu velho conhecido das vezes anteriores em que ali estivera com Faustino.

Chamou os homens e os conduziu até a gaiola, onde começaram a embarcar os utensílios que iriam utilizar na expedição.

Faustino e Maria Teresa acompanharam Moraes até a casa deste, a umas três quadras do porto. Foram caminhando, o casal de braço dado, Moraes ao lado de Faustino, conversando os dois alegremente sobre episódios das expedições anteriores, lembrando fatos passados nos quais se solidificou a amizade entre ambos. A manhã

estava quente, como costuma acontecer em Belém. Abafada mesmo. Entretanto, as ruas emolduradas por frondosas mangueiras, tinham a sombra destas projetada sobre o solo, tornando mais amena a temperatura ambiente. As calçadas e ruas coalhadas de mangas caídas pelo chão era outra das características mais marcantes da capital paraense.

- Pois veja bem, Teresa - disse Faustino. - É a esse homem aqui do lado da gente a quem você deve o fato de estar casada comigo atualmente. Se não fosse por ele eu certamente teria morrido da malária lá no meio da selva. Quando soube que eu estava doente, largou tudo que tinha que fazer por aqui e foi lá me buscar. E, aqui na casa dele, os cuidados que ele e Ana, a mulher dele, me dispensaram, foi o que realmente me salvou.

Maria Teresa ouvia tudo com admiração, imaginando como os fatos deveriam ter ocorrido e como seria sua vida naqueles próximos meses.

Morais retrucou, com modéstia:

- Nada disso, Teresa. Posso lhe chamar de Teresa, a senhora não se importa, não é?

Sem esperar resposta, continuou:

- Não fiz mais nada que minha obrigação. Amigos são para essas coisas e eu não me perdoaria se não tivesse partido em seu socorro. Agora, o que ele não conta é que quando eu precisei comprar um barco novo, ele me emprestou o dinheiro que ganhou com a borracha e, quando eu fui pagar, não quis receber. E, olha que não foi pouco dinheiro, não. Disse que era um presente e que se sentiria ofendido se eu insistisse em pagá-lo. Isso antes de eu socorrê-lo quando ele pegou a malária, quando nem direito a gente se conhecia.

Pela primeira vez, Maria Teresa viu o marido ficar encabulado. Ele virou o rosto para o lado, sem palavras para responder na hora. Ela olhou para Faustino com admiração.

Não conhecia aquele seu lado, sempre o vira como uma pessoa muito confiante em tudo que fazia, sem vacilações, sem maiores emoções. Era duro com seus homens, rigoroso demais até, achava ela. Foi duro a vida toda com as irmãs. Normalmente, aparentava ser frio, insensível, com um coração de aço. Só com ela, quando estavam a sós, permitia-se o extravasamento de algumas emoções, de momentos de carinho. Mesmo assim, muito vagamente, muito distante.

Ele, afinal, retrucou a observação de Moraes, quase num tom ríspido:

- Se eu te dei o barco foi porque você mereceu. - disse. - Além do mais, eu estava visando meus interesses, você é que não sabia. - brincou. - Aquela tua antiga banheira ia me deixar na mão a qualquer hora e eu já adivinhava que ia pegar a malária.

Moraes riu sonoramente:

- Presta bem atenção, Teresa, posso lhe chamar assim?- repetiu, esquecendo-se de que fizera a mesma pergunta momentos antes.

- É claro, " *seu* " Moraes, o meu nome é esse mesmo. - respondeu ela, rindo.

Moraes continuou:

- Esse seu marido só falta rasgar dinheiro. Quando está com o bolso cheio, joga tudo fora. Ajuda todo mundo que precisa, veja como o Pedro adora ele. Por que ele tinha necessidade de me dar um barco de presente? Podia apenas me emprestar o dinheiro, depois eu pagava... Mas não, é mão aberta, gosta de gastar... Toma cuidado, dona Teresa, caso contrário a senhora e seu filho vão acabar na miséria - brincou.

Finalmente, chegaram à casa. Ana, a mulher de Moraes, já os esperava. Abriu um largo sorriso em direção a Faustino:

- Como vai, Faustino? - cumprimentou-o efusivamente, dando-lhe um forte abraço.

Feitas as apresentações a Maria Teresa, inclusive o filho e a filha do casal, Nilson e Maria do Céu, já estavam todos confortavelmente sentados na espaçosa varanda da casa, tomando um refresco de seriguela.

Ana comentava com Maria Teresa, sentada ao seu lado:

- Você precisava ver, Teresa, o jeito que seu marido chegou aqui. Magrinho, ardendo de febre, suando em bica. Nem parecia o homenzarrão que a gente está vendo hoje aqui.

- É, eu vi em Fortaleza quando ele estava se recuperando. Mas, acho que ele já devia estar bem melhor do que quando esteve aqui. Ele elogiou muito os seus conhecimentos de enfermagem, sempre dizia que foram eles que o salvaram. - disse Teresa.

Ficaram ali jogando conversa fora até pouco depois do meio-dia, quando a empregada avisou que o almoço estava servido.

Dirigiram-se todos até a ampla sala da residência, onde uma grande mesa retangular, com várias cadeiras em sua volta, dominava o ambiente. O chão era de tábuas enormes, as paredes decoradas com vários quadros retratando a cultura da região: búfalos de Marajó, mangueiras de Belém, as redes dos pescadores, as igrejas da cidade, o grande mercado junto ao cais, as largas ruas ou estreitas ruelas de casas antigas. Três grandes janelas, de quase três metros de altura, todas elas abertas, deixavam entrar a resplandecência da luz do sol e a brisa refrescante que amenizava o forte calor daquela hora.

Todos à mesa, atracaram com vontade o farto e variado almoço que estava servido: peixe ensopado, peixe frito, camarão pitu, carne de sol, carne de porco, galinha ao molho pardo, acompanhamentos diversos. Como sobremesa, frutas variadas, principalmente as da região,



como o cupuaçu e a mangaba além de doces caseiros de várias qualidades.

Faustino brincou:

- Vocês chamaram a cidade inteira para o almoço? Cadê eles, ainda não chegaram?

Ana ficou um pouco encabulada. Mas, logo retrucou a brincadeira:

- Você, Faustino, eu já sabia o que gosta de comer. Mas, a Teresa aqui, eu não sabia. Já imaginou se ela não gosta de peixe? Ou de galinha? Ou carne de porco? Por via das dúvidas, pedi para fazer um pouquinho de cada coisa. Assim, também, a gente pode experimentar de tudo um pouco.

Faustino continuou brincando:

- Pode deixar que eu vou experimentar mesmo. - sorriu, enquanto ia colocando uma colher cheia de cada coisa em seu prato.

Virou-se para Teresa:

- E você, Teresa? Também vai experimentar um pouquinho de cada coisa? Olha, que essa comida aqui de Belém você não vai encontrar em lugar nenhum.

Ela, timidamente:

- Só um pouquinho, Faustino. Não quero abusar.

Faustino voltou-se para Ana, ainda com a boca cheia de farinha de mandioca e pernil de porco:

- Ah! Ana, foi bom a Teresa falar em não abusar... queria te pedir um favor...

Ela olhou para ele interrogativamente. Ele continuou:

- Queria te pedir que você levasse Maria Teresa para uma consulta com aquele médico que vocês trouxeram aqui quando eu tive a malária. Não lembro mais o nome dele, qual era mesmo? Um velhinho boa praça...

- Dr. Malaquias - respondeu Ana.

Faustino prosseguiu, agora atracado numa posta de pirarucu:

- Essa talvez seja nossa última oportunidade dela ser examinada por um médico antes da gente se embrenhar na selva. Lá, só Deus vai estar do nosso lado.

- Claro, Faustino, claro. Se você preferir, peço a ele para vir aqui ou então levo ela no consultório - retrucou ela, com aquele seu sotaque nordestino.

- Se não der muito trabalho, se ele puder vir aqui, eu preferia... Queria que ele me orientasse sobre a hora do parto e as medidas que devo tomar antes de chegar a hora... lá, só vou contar com a ajuda de umas índias parteiras e mais ninguém...

- Tudo bem, mando um recado para ele. Também acho que ele vai querer te rever, ver tua recuperação.

Depois do farto almoço, com o estômago bem cheio, Faustino e Moraes foram sentar-se na varanda, tomando um licor de jenipapo e fumando seus cigarros e charutos. Ana levou Maria Teresa até seu quarto.

Disse-lhe, na porta:

- Descansa um pouco, Teresa. Vou mandar avisar o médico. Ele deve vir lá pelas três e meia, antes da chuva da tarde.

Realmente, em Belém quase sempre chove muito forte nos fins de tarde. Isso todo dia, durante o ano inteiro.

Faustino e Moraes ainda estavam deitados em confortáveis redes na varanda quando a chuva caiu forte, fazendo com que mais mangas caíssem ao chão, trazendo um aroma delicioso de terra molhada.

Um homem de terno, chapéu e sapatos brancos bateu o portão de entrada da casa, subindo as escadas apressadamente. Trazia nas mãos um guarda-chuva que tinha dificuldade em fechar. Moraes e Faustino se levantaram. Ele cumprimentou Moraes e quando apertava a mão de Faustino, ficou olhando para ele com curiosidade.

- Eu não conheço o senhor? Sua fisionomia não me é estranha... - perguntou.

Olhava por trás de grossas lentes dos óculos que tirou para limpá-las da água da chuva.

Faustino sorriu, enquanto apertava a mão do médico:

- Acho que engordei um pouco, por isso o senhor não me reconhece. Mas, devo lhe agradecer mais uma vez: se não fosse o senhor cuidar de mim naquela ocasião, quando a malária estava brava, eu já teria morrido.

Malaquias, agora colocando novamente os óculos, enfim reconheceu Faustino:

- “ *Seu* ” Faustino... como o senhor está diferente... graças a Deus, ficou curado, não é?

- Graças a Deus, ao senhor e à medicina - retrucou Faustino. - Se não fossem os seus conhecimentos, adeus.

Morais convidou o médico para entrar um pouco.

- Toma um conhaque, doutor? Por causa da chuva, para não ficar resfriado - debochou.

- Não, obrigado, Moraes. Quero ver a paciente antes. Desculpem o atraso, mas fiquei preso no consultório até agora. Hoje foi um dia cheio - respondeu.

Morais chamou a mulher. Ana foi acordar Maria Teresa.

Ela, ainda sonolenta, veio até a sala. Ana apresentou-a ao Dr. Malaquias.

- Onde o senhor vai querer examiná-la, doutor? - Ana perguntou.

- Não sei, dona Ana, qualquer lugar serve. Que tal num quarto sossegado?

- Vou providenciar, só um minuto.

Depois da consulta, que durou uma meia hora, Malaquias voltou à sala. Dirigiu-se a Faustino:

- “ *Seu* ” Faustino, tudo bem com sua senhora. A gravidez está evoluindo normalmente, não constatei nada de anormal. Ela já está com três meses, não é?

- Acho que sim, doutor, não sei ao certo. Agora, se o senhor me permite, queria que me orientasse sobre algumas coisas que devo fazer. Não sei se o senhor sabe, mas nós vamos para a Amazônia, bem no meio da selva, e ela deve ter a criança lá. Sem médico nem ninguém capacitado a fazer o parto. Vou ter que recorrer a alguma índia parteira, mas queria que o senhor me orientasse sobre os cuidados que devo ter antes e na hora da criança nascer.

- Pois não, " *seu* " Faustino. Estou às suas ordens. Vou também receitar alguns medicamentos para ela tomar durante o resto da gravidez, que o senhor deve comprar aqui em Belém, pois não vai achar lá na selva - retrucou Malaquias.

- Obrigado, doutor.

Malaquias começou a esclarecer Faustino sobre os pontos mais necessários e as medidas que deveria tomar. Ficaram conversando por quase uma hora, Faustino anotando as recomendações do médico.

Terminada a consulta, os dois se levantaram. Faustino perguntou:

- Quanto lhe devo, doutor?

Malaquias sorriu.

- Nada, " *seu* " Faustino. Foi um prazer atendê-lo.

- Não senhor, doutor. Faço questão de pagar.

O médico olhou para Moraes, olhos zombeteiros.

- Se o senhor insistir em me pagar, o Moraes aqui me dá um tiro na cara. De jeito nenhum, foi um prazer.

Faustino despediu-se do médico, dando uma bronca em Moraes:

- Assim, não venho mais na sua casa. Você não me deixa pagar nada, porra. Isso já é sacanagem.

- Você é meu hóspede, Faustino. Não se esqueça disso. Ele desistiu de insistir.

- Está certo, você venceu - disse. - Mas, como eu sabia que isso ia acontecer, já me preveni e trouxe uns presentes

para vocês todos. O Pedro chega daqui a pouco com eles.

Lá pelas seis da tarde, depois que a chuva passou, Pedro e Raimundo chegaram carregados de embrulhos. Morais mandou que eles se acomodassem, serviu-lhes uma bebida, deixou-os à vontade. Chamou a mulher e os filhos. Faustino e Maria Teresa fizeram a distribuição dos presentes.

Aqueles agradecimentos de sempre:

“- *Tão bonito, obrigada. Não precisava, Faustino*” , agradeceu Ana a bela mantilha de renda para usar nas missas de domingo.

“- *Obrigado, “seu” Faustino*” , disse Nilson, o filho de Morais, exibindo o chapéu de couro e o cinturão de cangaceiro que ganhou.

Assim também agradeceram Maria do Céu e Morais. Este recebeu um belo punhal com o cabo cravejado de esmeraldas.

- As pedras vieram de Minas Gerais - disse Faustino, enquanto Morais se derramava em elogios à beleza do presente recebido.

Mais tarde, depois que Pedro fez o relatório das providências tomadas durante a tarde, dizendo a Faustino que tudo estava em ordem, os dois se despediram.

Faustino disse:

- Bem, amanhã às sete a gente parte, Pedro. Previne o pessoal. Ah! Outra coisa: o Morais arranjou dois homens para irem com a gente. Vê se fala com eles ainda hoje à noite, vê se servem e acomoda eles com o pessoal, se você aprovar.

- “Tá” certo, patrão - disse Pedro. - O resto do pessoal já está todo mundo acomodado, é só soltar as amarras da gaiola.

Os dois, Pedro e Raimundo, depois de se despedirem dos donos da casa, retiraram-se. Morais indicou a Pedro onde encontrar os homens que arranjava.

Maria Teresa e Ana ficaram conversando um pouco mais, até às nove. Foram dormir logo em seguida. Faustino e Moraes continuaram o papo até à meia-noite, molhando a língua com generosas canecas de cerveja.

Já na “Filomena”, Pedro conferiu mais uma vez se tudo estava em ordem, mercadorias e tripulação. Saiu para procurar os homens indicados por Moraes. Depois que falou com eles, Marivaldo e Luiz Carlos, aprovou os dois, mandando que voltassem cedo na manhã seguinte para o embarque.

Quando foi dormir, tinha certeza de que estava tudo pronto para a longa viagem.

## 22

Às sete da manhã, no cais do porto de Belém, as despedidas.

Todos da família Moraes compareceram: Ana, os filhos, as empregadas. Os votos de boa sorte, sucesso na expedição, bom parto, foram repetidos. Até o Dr. Malaquias compareceu para as últimas recomendações.

Moraes, camiseta de meia, charuto no canto da boca, deu a ordem para ligar o motor. A gaiola gemeu, resfolegou, a hélice começou a girar. Miranda, o auxiliar de Moraes, soltou as amarras. O barco ganhou as águas do rio, as pessoas no cais acenando com lençinhos brancos nas mãos.

Agora, sim, iria começar a grande aventura.

Faustino, em pé, na proa da “Filomena”, inspirava profundamente aquele ar delicioso, cheiro de rio e de mato, enchendo os pulmões com aquela sensação gostosa da qual sentia tanta falta, que lhe fazia tanto bem.

Maria Teresa, que tinha ido verificar suas coisas em baixo da rede onde dormiria, aproximou-se dele, apertando-lhe o braço direito.

Perguntou:

- Está sonhando, Faustino?

Ele virou-se para a mulher, distraído, o olhar perdido:

- Estou sim, Teresa - respondeu. - Tudo isso aqui me faz um bem danado, você nem imagina quanto. Essa mata toda em nossa volta, esse silêncio que faz barulho...

- Silêncio que faz barulho? - interrompeu ela, rindo.

- Sim, Teresa, silêncio que faz barulho. Você não percebe que tudo em nossa volta é tão grande, tão imenso, que parece que estamos num poço muito fundo, de um silêncio que não tem medida? Ao mesmo tempo, ouvimos perfeitamente o barulho que fazem os pássaros cantando, a força do movimento do rio, do vento batendo nas árvores... você não está sentindo?

- Não sei, Faustino, não deu ainda para perceber - disfarçou ela, não querendo demonstrar sua falta de sensibilidade.

A gaiola avançava lentamente deixando Belém para trás do lado esquerdo, enquanto Marajó aparecia imponente do lado direito.

Mário, o cozinheiro, começava finalmente a exercer suas funções. O cheiro de café fresquinho sobressaía forte no interior da gaiola, sendo todos convidados a saboreá-lo.

Foi servindo uma caneca para cada um, perguntando a Faustino:

- Então, " *seu* " Faustino, o que vai querer para o almoço?

- Peixe, Mário, peixe... Guarda a carne de vaca salgada para quando a gente estiver acampado, lá vai ser muito difícil conseguir. Aqui, o melhor é comer peixe, que é mais fácil de encontrar - respondeu Faustino.

- Tudo bem, patrão. Consegui comprar um peixe muito bom ontem em Belém. Deixei no gelo picado, vou descongelar.- retrucou Mário.

Estavam todos distribuídos em redes espalhadas pelo convés da gaiola. Ali, não havia o conforto e a privacidade das cabines do “Rosamar”, mas estavam razoavelmente bem alojados. Faustino e Maria Teresa, na popa da embarcação, Pedro e os homens na parte da frente, após a casa da máquina. Moraes e seu ajudante, Miranda, que se revezavam na condução do barco, dormiam um de cada vez numa rede próxima ao timão.

Na tarde do dia seguinte, já estavam no estreito de Breves, o caminho inicial para ingressar na imensidão do Amazonas.

Faustino comentou com Moraes, este com a roda do leme nas mãos, enquanto soltava baforadas de seu charuto, dependurado no canto da boca:

- A “Filomena ” está rápida, não é, Moraes? Já avançamos bastante de ontem para hoje.

- Também, a gente viajou a noite toda passada. Ainda bem que esse trecho é bem sinalizado, com boias por todo lado. Quero andar bem rápido nessa parte inicial do rio, sair logo do Pará, para que as mercadorias não estraguem, não fiquem podres.

Na realidade, além das frutas e legumes, carregavam muita coisa perecível, principalmente a carne de vaca. Por melhor que estivessem salgadas, corriam o risco de estragar. O resto, poderiam pescar ou caçar na região, mas, carne de vaca seria difícil conseguir.

- Onde você pretende fazer a primeira parada? - perguntou Faustino.

- Não sei, talvez em Gurupá, o que você acha? - respondeu Moraes, apontando a cidade com o dedo num grande mapa à sua frente.



Faustino olhou na carta náutica o local apontado por Moraes. Respondeu:

- Tudo bem. Assim, a gente dá uma boa esticada antes de entrar no Amazonas, ganha bastante tempo.

À medida que a “Filomena” avançava, aquela paisagem extraordinária começava a se destacar. Nas duas margens do estreito, a mata cerrada, verde impenetrável. No caminho do rio por onde navegavam, desembocavam pequenos igarapés, que aumentavam o volume d’água daquela imensidão fluvial. Quando passavam por algum acampamento ou amontoado de casebres em alguma das margens, dali surgiam, ágeis e velozes, pequenas canoas conduzidas com golpes vigorosos de remo por crianças, homens e mulheres, exibindo os produtos que tinham para vender: carne de jacaré, pirarucu, redes, rendas, vários produtos artesanais.

Eram todos moradores ribeirinhos, a maioria fruto da mistura de branco com índio, outros índios puros, habitantes primitivos da região.

Da “Filomena” podia-se ver a pobreza das habitações em que viviam, meros casebres construídos rusticamente com madeira, barro socado, palha e folha de paxiúba.

Maria Teresa estava encantada. Nunca tinha visto tanta beleza em um só lugar. Depois das praias da costa nordestina, agora aquilo... E, “ *aquele silêncio que fazia barulho* ”, como disse Faustino, realmente começava a penetrar-lhe os ouvidos. Estava começando a ficar contagiada com a imensidão de tudo aquilo, com a impressão de que a gaiola onde viajavam era um minúsculo e ínfimo grão de areia escondido no infinito daquele horizonte tão belo.

Mas, ao mesmo tempo em que ficava extasiada com a beleza daquela paisagem extraordinária, ficou triste ao constatar a miséria e a pobreza de seus habitantes.

Algumas crianças que se aproximavam do barco nas velozes canoas, pediram para subir ao convés. Morais autorizou, sendo alguns deles içados para dentro da “Filomena”.

Maria Teresa levou um susto, o coração apertou-se em seu peito. Crianças, meninos e meninas esqueléticas, os ossos do tórax sobressaindo nos dorso nus, cabelos compridos, bocas quase sem dentes. As barrigas enormes, denotando a indisfarçável presença de vermes. Sorriam alegremente, oferecendo suas mercadorias.

Ela tentou conversar com algumas delas, mas a comunicação foi difícil: falavam um português misturado com seus dialetos indígenas, de pouca ou nenhuma compreensão. Somente através da linguagem dos sinais conseguiram uma comunicação razoável. Nas canoas, algumas mulheres tinham junto a elas crianças de colo, subnutridas, também já ostentando um ventre dilatado.

Morais, percebendo a reação espantada de Maria Teresa, comentou:

- Pois é, Maria Teresa, esse pessoal aqui vive longe de tudo e de todos. Nunca viram um médico, não sabem o que é vacina, nem como tratar das “bichas” que infestam seus intestinos. São atacadas pelos mosquitos à noite, bebem água poluída durante o dia. Infelizmente, esse é o Brasil esquecido pelos políticos do Rio e de São Paulo. Aqui, quando conseguem chegar à idade adulta, é de teimosos que são.

Ela não conseguiu conter as lágrimas que rolavam de seus olhos. Faustino passou o braço sobre seu ombro, tentando confortá-la.

Maria Teresa queria ajudá-las de alguma forma, já não suportando mais a cara de fome e o olhar de súplica que elas lhe dirigiam. Pediu ao marido:

- Faustino, compre alguma coisa delas, só para ajudar. Nem roupa do tamanho delas eu tenho pra dar, só tenho

coisas de neném.

Foi lá no seu baú, debaixo da rede onde dormia, abriu-o e apanhou alguns sabonetes e pasta de dente, entregando-os às crianças. Deu-lhes também goiabada em caixinhas de madeira e queijo de coalho.

As crianças agradeceram, escancarando um sorriso inocente nas bocas quase sem dentes. Faustino deu-lhes algum dinheiro, recebendo em troca alguns arcos e flechas feitos à mão. Quando voltaram para as canoas e se afastaram, Maria Teresa ficou olhando para elas com uma expressão de tristeza e melancolia no olhar distante. Foi secar as lágrimas em sua rede.

Aquelas cenas se repetiriam muitas vezes durante o percurso nos rios, típicas daquele trecho da selva amazônica. Maria Teresa a elas se foi acostumando, o coração endurecendo dia após dia, entrando de vez no ambiente da exploração da borracha. Faustino, que a princípio ficou um pouco preocupado com a reação da mulher, com o decorrer dos dias acabou se tranquilizando, acompanhando de perto como ela se portava a cada abordagem com aquelas crianças.

Chegaram a Gurupá no início da tarde de 30 de junho. Encostaram no porto rudimentar, Moraes foi tratar do reabastecimento da gaiola. Comprou mais lenha para alimentar a máquina da embarcação e algum ou outro suprimento de que necessitavam. Comprou também mais gelo picado, coisa difícil de encontrar naquela região.

Faustino e Maria Teresa desceram, foram almoçar num pequeno botequim do vilarejo. Ele comeu carne de jacaré ensopada, acompanhada de muita pimenta e farinha de mandioca. Ela, um guisado de capivara com batatas cozidas. Beberam, como é lógico, suco de açaí.

Retornaram à “Filomena” antes das cinco. Moraes deu partida na embarcação, Faustino e a mulher foram fazer a sesta, descansando um pouco do lauto almoço. Os outros

homens da expedição jogavam cartas alegremente na proa do barco.

Mário, que havia comprado dois surubins e um pirarucu, além de carne de bode salgada, refletia no que iria fazer para o jantar.

## 23

Mais dois dias ininterruptos de viagem e ingressaram, afinal, na imensidão do rio Amazonas. Aportaram rapidamente em Prainha, ainda no Pará. Outro reabastecimento, algumas pequenas compras de víveres e seguiram novamente viagem.

A paisagem, agora, era realmente de imensidão, de deslumbramento. Às vezes, mesmo viajando pelo meio do “rio-mar”, não se conseguia enxergar uma das margens, tão largo era o Amazonas. Aquele monumental volume d’água às vezes dava medo, em outras causava uma espécie de paralisia nas pessoas. Nas margens, árvores enormes, com mais de quinze, vinte metros de altura. Vegetação cerrada, cipós, bambus, toda espécie de plantas. Silêncio absoluto, quebrado apenas pelo roncar da máquina da “Filomena”, pelo rumorejo das águas do rio ou pelo grito estridente de um ou outro pássaro. Viram vitórias-régias, jacarés, muitos macacos pendurados nas árvores ribeirinhas, preguiças, tucanos, araras, papagaios. Pescaram várias qualidades de peixes, que eram servidos com fartura no almoço ou jantar.

Finalmente, dois outros dias de viagem e chegaram a Santarém, onde o Amazonas cor de barro recebia as águas negras e quase transparentes do Tapajós. Era o primeiro encontro das águas da região. A cidade surgia ao longe, as casas brancas com telhas vermelhas e a paisagem costumeira por trás: grandes árvores, vegetação cerrada, o verde da mata predominando sobre as outras cores.

Santarém já era uma cidade de razoável porte, sendo considerada a segunda em importância do Pará. Por ali escoava grande parte da produção de borracha, bem como da extração de madeira. Já tinha uma infraestrutura de cidade média, com agência de banco, farmácia, hospital,

escola pública, hotéis. O comércio era relativamente forte, já que era grande a circulação de dinheiro proveniente da compra e venda da borracha e da madeira. Vários navios de médio calado ali já aportavam, mesmo que ao largo, pois o porto não oferecia condições para que encostassem diretamente.

Uma gaiola como a “Filomena”, entretanto, podia encostar tranquilamente no rudimentar cais de madeira. Praticamente todos foram visitar a cidade, esticando um pouco as pernas e aproveitando para esquecer um pouco a rotina de vários dias passados em navegação contínua.

Faustino continuava com o terno de linho branco e o chapelão de abas largas. Maria Teresa, entretanto, colocou umas roupas mais leves, não tão formais como os costumeiros vestidos compridos, que chegavam a cobrir os tornozelos. Já calçava também botas de cano longo, saia de tecido grosso, blusa simples de algodão. Trocou a sombrinha que usava para se proteger do sol por um chapéu de palha também de abas largas.

Agora, as investidas dos mosquitos eram mais frequentes e todos já protegiam a pele com óleos repelentes. Como os banhos na gaiola eram difíceis de serem tomados, aproveitavam qualquer parada como aquela para irem até um hotel e banharem-se decentemente. Ou aproveitavam a habitual chuva da tarde, que durava pouco mais de meia hora, para fazerem uma higiene “ *à francesa* ”, lavando as axilas, o rosto, o dorso e as pernas.

Faustino aproveitou para ir até o banco para saber com o gerente a cotação da borracha no mercado internacional. Apesar de não ser aquele o preço cobrado na realidade nas transações de venda do ouro viscoso, quis apenas atualizar-se quanto ao valor médio da mercadoria.

O gerente do banco fez uma advertência:

- Os preços da borracha estão despencando a uma velocidade espantosa, “ *seu* ” Faustino. Depois que os ingleses conseguiram contrabandear as sementes da seringueira e começaram a plantar nas colônias deles lá na Ásia, quase toda a exploração aqui na Amazônia foi paralisada. A sua talvez seja uma das últimas. É só as árvores deles estarem crescidas e aqui vai parar tudo.

- É verdade mesmo?- perguntou Faustino.- Já tinha ouvido boatos sobre isso, mas não consegui acreditar. Pensei que haveria mercado para todo mundo.

- Nada disso, “ *seu* ” Faustino. Aqui só teve mercado bom até 1912. De lá para cá, a exploração vem caindo ano a ano e, agora, quase não tem mais nada.

Faustino deu um suspiro de alívio. Comentou:

- Ainda bem que a minha produção está praticamente toda vendida antecipadamente. Até essa minha expedição foi financiada em parte pelos meus compradores.

- Mas, como é que o senhor conseguiu isso? Vender tudo antecipadamente, sem saber o preço real da hora da venda?

Faustino retrucou, sem esconder uma ponta de orgulho:

- Confiança no meu trabalho, meu amigo, confiança. As pessoas sabem com quem estão lidando e a palavra de um homem de bem vale mais que tudo.

- É verdade, “ *seu* ” Faustino. Coisa rara hoje em dia, quando se dá mais valor a uma promissória, a um papel assinado.

Despediram-se e foram almoçar os três, Faustino, Maria Teresa e Moraes, no restaurante do hotel em que tomaram banho.

Faustino iniciou a conversa:

- Então, Moraes, está indo tudo bem, não é?

- Claro, a gente tem dado sorte. Ainda não choveu forte um só dia. Só a chuvinha costumeira da tarde, aquela

de todos os dias, que passa logo - respondeu.

Virando-se para Maria Teresa, perguntou:

- E você, Teresa, está estranhando muito? Estou gostando de ver sua coragem, quase não reclama de nada.

Faustino soltou uma gostosa gargalhada, enquanto saboreava um pedaço de carne de capivara:

- Essa aí, Moraes, é ferro malhado. Enfrenta tudo com um sorriso nos lábios. Quando nós começamos a namorar, pensei até que ela fosse da Paraíba, uma verdadeira "mulher-macho"...

Maria Teresa interveio, com o rosto vermelho pela observação do marido:

- É claro que a gente estranha um pouco, Moraes. Mas, fora os mosquitos e o enjoo que eu tive no mar, o resto está indo tudo bem. E, a mulher tem que acompanhar o marido onde ele for, não é mesmo?

Moraes assentiu com a cabeça. Comentou:

- Mas, a Ana, duvido que ela tivesse coragem de me acompanhar numa viagem dessa até aqui. Não abre mão do seu conforto.

Continuaram conversando animadamente até às três da tarde.

Entre os homens, Pedro levou Raimundo, que novamente estava com problemas estomacais, até uma farmácia local, onde lhe passaram um remédio.

À tardinha partiram novamente.



## 24

A imensidão de terra que era o Brasil a cada dia mais impressionava Maria Teresa. Já navegavam há vários dias e noites, até havia deixado de contar, e ainda não haviam saído do estado do Pará, onde iniciaram a viagem em Belém.

A cada dia que acordavam, Faustino ficava meditando sobre a terra que tanto amava. Acendia seu cigarro de palha, ficava assistindo a gaiola vencer lentamente as águas barrentas do “rio-mar” e não se cansava de comentar com Maria Teresa aquela sensação de insignificância, de pequenez que sentia ante a grandiosidade da natureza.

- Sei lá, Teresa - dizia ele, emocionado. - Isso tudo aqui me fascina, me deixa refletir que não valem nada. Se toda essa maravilha existe, realmente deve haver alguém superior a todos nós, alguém que criou essa beleza de lugar, só para nos mostrar que nosso orgulho, nossa vaidade, riqueza, dinheiro, poder, nada disso tem valor. Aqui o homem tem que mostrar o que realmente vale, sem o conforto e as facilidades da cidade grande. Aqui, onde o dinheiro e o poder pouco significam, onde um simples mosquito pode levar à morte o mais poderoso dos homens. Aqui se descobre quem na realidade tem tutano, aquele que luta contra todas as adversidades, contra todos os perigos. Quem sobrevive é aquele que realmente pode dizer que viveu. O resto é vida artificial, vida de fachada, para mim sem valor algum.

Ela, braços dados com ele, ouvia fascinada e cada vez mais se convencida de que ele tinha razão. Quanta futilidade naquela vidinha sem graça de Fortaleza, quanta falsidade, tudo só aparência. Fuxicos, mexericos, fofocas, comentários

maldosos sobre a vida alheia. Nada autêntico, real, sincero...

Quando, antes de partirem de Fortaleza, sentia-se receosa pelo que poderia encontrar na viagem, agora achava que já deveria tê-la feito há mais tempo, se tivesse conhecido Faustino anteriormente. Não sentia nem uma ponta de arrependimento, não tinha nada do que reclamar. A cada dia uma nova surpresa, uma nova descoberta naquela selva que se agigantava cada vez mais, à medida que iam avançando rio acima.

Pararam dois dias depois em Óbidos, cidade também de porte médio, ainda no estado do Pará.

Mais uma vez, as mesmas providências de rotina. Reabastecimento de combustível e víveres perecíveis, aqueles que se deterioravam mais facilmente.

À medida que se aproximavam do destino final, mesmo Faustino, habitualmente calmo e controlado, não conseguia esconder a ansiedade. Fazia as refeições rapidamente, quase engolia a comida, ávido por observar em que trecho da viagem estavam, se ainda faltava muito para que chegassem. Queria logo arregaçar as mangas, abrir caminho no mato, escolher as melhores seringueiras, ver o leite escorrendo de seus sulcos, encher os baldes, transformá-lo em bolas enormes de goma, as “pélas” do ouro viscoso.

Por isso, apressava Moraes a cada parada da “Filomena”, pedindo para partirem logo.

- Moraes, carrega só o necessário. Estou doido pra chegar logo, já não aguento mais essa expectativa. Também estou com um pouco de medo de cair uma chuva daquelas fortes e a gente ser obrigado a parar. Até aqui demos sorte, mas e se ela nos abandonar?

- Está certo, Faustino, está certo. - retrucava Moraes, abrindo um largo sorriso.

Faustino sabia perfeitamente que se não fosse Moraes na condução da gaiola, dificilmente teriam chegado aonde chegaram. O amigo conhecia como ninguém todos os caminhos daquela região, podia chegar ao seu destino até de olhos fechados. Cada canal, cada igarapé, os atalhos no meio da selva fechada, o desvio das pequenas ilhas no meio do trajeto. Mesmo à noite, quando fazia questão de ficar no comando da embarcação, quando a única luz existente era a do lampião na proa da “Filomena”, sabia como se desviar de troncos de árvores que flutuavam pelo leito do rio, dos numerosos bancos de areia quando se aproximavam das margens e, às vezes, até de algum jacaré perdido em busca de comida. Eram mais de 20 anos subindo e descendo o Amazonas, transportando várias expedições como aquela, principalmente na fase áurea da extração da borracha, quando não tinha tempo nem para pernoitar em Belém entre uma ou outra ida e vinda. Se conseguira dar à família aquele relativo conforto que tinham na capital paraense, era tudo devido à exploração do ouro branco.

Por isso, Faustino sabia que ir mais rápido seria impossível. Mesmo assim, não se cansava de apressar o amigo.

- Vamos, vamos logo, Moraes - falava, em tom de brincadeira. - Olha só o céu, cheio de nuvens escuras, as chuvas vêm chegando.

Morais ria, tirando baforadas do seu charuto:

- Você devia estar viajando naquela minha antiga gaiola, aquela primeira que você pegou em 1909. Só ia chegar lá daqui a três meses.

O “rio-mar”, entretanto, ia sendo vencido, pouco a pouco.

O último porto no Pará foi Juruti. Chegaram numa manhã de chuva, o céu cinzento, as águas caindo torrencialmente. Lonas foram estendidas sobre todo o convés da “Filomena”, protegendo parcialmente seus

ocupantes da água. Só parcialmente, porque a força da água que caía do céu entrava pelos lados, não só por cima, e mesmo com o esforço de todos tentando colocar as lonas para que não ficassem molhados, isto não ocorria.

Até Faustino ficou feliz com a chegada em Juruti. Desembarcaram rapidamente, correram até um hotel com as roupas ensopadas e tomaram um delicioso banho de água quente. Mandaram secar suas roupas no ferro de carvão, enquanto outras eram para eles buscadas na “Filomena”.

Já vestidos, desceram para o restaurante.

Faustino pediu uma cerveja e um suco de jenipapo para Maria Teresa.

- Está vendo, Teresa, a gente estava com muita sorte, sem chuva forte até agora - disse, despejando o suco no copo da mulher.

- É mesmo, bem que você disse - retrucou ela. - Depois de tanto sol durante aquele tempo todo...

Morais aproximou-se da mesa. Já havia também trocado de roupa. Pegou uma cadeira, colocou o encosto virado para a frente e sentou-se. Serviu-se de um copo de cerveja.

- Viu, Faustino, como não adianta correr tanto? - debochou. - Aqui na Amazônia a gente tem que obedecer à natureza, não pode modificar suas regras.

Faustino olhou para ele, ar desconsolado:

- Tomara que essa chuva não dure muito. A gente vai se atrasar e isso não é nada bom.

Ele sabia perfeitamente que com aquele tempo não poderiam prosseguir viagem. As águas do Amazonas ficavam nervosas, quase furiosas, como se um demônio surgisse de suas entranhas e impedisse que qualquer embarcação, por maior que fosse, por ele navegasse. A correnteza ficava incontrolável, arrastando tudo que via

pela frente. Teriam que aguardar pacientemente que a chuva cessasse.

Mas, ela continuou forte, inclemente, durante toda aquela tarde. Depois de repousarem um pouco no quarto do acanhado hotel, Faustino e Maria Teresa, sentados em espaçosas cadeiras de palha na varanda, contemplavam a chuva que caía sem parar, alagando toda a rua de barro à sua frente. Era a via principal da cidade, divisava-se o cais mais adiante, a “Filomena” e outros barcos ali ancorados.

Faustino não conseguia esconder a impaciência. Enrolava um cigarro após o outro, gesticulava, falava alto. Chamou Pedro, que estava no bar do hotel com os demais homens.

- Pedro, vem cá, por favor.

O capataz logo apareceu na porta. Faustino ordenou:

- Manda o Raimundo e o João Paulo irem lá na gaiola ver se tudo está bem amarrado. Estou com medo de que alguma coisa se solte com esse tempo e vá atrasar a gente ainda mais.

- “Tá” tudo sob controle, patrão. O índio e o português ficaram na gaiola, não quiseram vir a terra. Mandeí eles ficarem de olho em tudo.

- Porra, essa chuva que não para... - praguejou Faustino, baixinho.

- Não adianta, patrão, não adianta. A gente não pode fazer nada mesmo - retrucou Pedro, também em voz baixa.

- É, você está certo. Volta lá pra dentro com os homens. Pede ao garçom pra vir aqui, por favor.

Pedi uma cerveja e outro suco para Maria Teresa. Ficou em pé, andando de um lado para o outro, de vez em quando colocava a mão para fora da varanda, vigiando a chuva que não diminuía de intensidade.

Ela disse:

- Senta aqui, Faustino. Não adianta nada você ficar inquieto desse jeito. Parece até uma onça acuada. -

brincou.- A chuva não vai parar só porque você quer.

Ele obedeceu à mulher. Sentou-se, engoliu um gole de cerveja.

- Alguma coisa está te preocupando, não é? - perguntou ela. - Não é só a chuva, não é verdade?

Ele pensou um instante antes de responder. Olhou fixamente para a mulher e não conseguiu conter o riso.

- Só mesmo você, Teresa - disse, apertando-lhe fortemente a mão esquerda. - Como é que você consegue ler meus pensamentos?

Ela também sorriu. Perguntou:

- Vai me contar o que é?

Novo silêncio. Finalmente, ele respondeu, ainda apertando fortemente sua mão:

- Vou sim, você merece. É que eu não queria te preocupar com os meus problemas.

- Que também são meus, você se esqueceu? - emendou ela. - Afinal de contas, qual a maluca que teria coragem de te acompanhar nessa aventura?

Ele voltou a rir. Fez uma outra pausa. Respondeu, finalmente:

- Foi a conversa que tive com o gerente do banco, lá em Santarém. Ele me disse que o preço da borracha está caindo vertiginosamente e que quase não há mais compradores atualmente, depois do contrabando das sementes pelos ingleses. Eu já tinha ouvido falar disso por alto, mas sempre acreditei que ainda haveria espaço pra mim, até por causa da minha experiência.

Fez outra pausa. Continuou, depois de outro gole de cerveja:

- Já imaginou se o pessoal que ficou de comprar a minha produção roer a corda? Talvez seja preferível para eles perder o dinheiro que me adiantaram para a expedição e comprar a borracha bem mais barata da Ásia... O meu trato com eles foi todo de boca, como sempre fiz. Sempre

cumpriram a palavra deles e eu cumpri a minha. Não tem nada escrito, não posso reclamar nada, a não ser dar um tiro neles...

Ela, mesmo preocupada com o que acabara de ouvir, não pode deixar de rir com a parte final de seu relato.

- E você vai dar tiro em alguém, Faustino? Vê se te enxerga, homem de Deus... - disse, sorriso nos lábios. - E o "bichinho", quem vai tomar conta dele com você na cadeia?

- É, tem o "bichinho" - disse ele, com ar pensativo. - Bem, deixa ele nascer primeiro, depois a gente vê como as coisas vão ficar.

Colocou a mão na barriga da mulher, acariciando-lhe o ventre.

- Ele já está te chutando, Teresa?

- Não, Faustino, deve ter só uns quatro meses agora.

Falavam baixinho, quase em sussurros de namorados.

A chuva caía forte, fora da varanda. Os grossos pingos que escorriam das extremidades das telhas, quase num filete contínuo, abriam pequenos buracos no chão de terra em frente.

A noite vinha caindo lentamente, o céu, já escuro por causa do mau tempo, agora começava a ficar negro como breu.

O "bichinho" repousava tranquilo na barriga de Maria Teresa, alheio aos problemas que atormentavam seu pai.

## 25

A chuva continuou com a mesma intensidade no dia seguinte.

Faustino já não aguentava de impaciência. Parecia, como bem observou Maria Teresa, uma fera enjaulada, andando nervosamente de um lado para outro, sem saber que decisão tomar.

Sabia que era impossível seguir viagem com aquelas condições de tempo. Já eram famosas as histórias de gaiolas que afundavam no Amazonas em dias como aquele, não conseguindo vencer a fúria das águas revoltas do rio-gigante.

E, ficar ali parado representaria prejuízo na certa. Alguns víveres poderiam apodrecer, o prazo para entrega da primeira carga de borracha iria atrasar, os fretes já marcados teriam que ser reformulados com consequentes multas, etc..., etc...

À noite, já não suportando mais aquela chuva que não parava, resolveu aceitar um convite de madeireiros e gente de dinheiro da cidade para um joguinho de pôquer.

Antes do casamento, havia prometido a Maria Teresa que não jogaria mais, pelo menos até voltarem a Fortaleza. Ela já tinha ouvido vários comentários de como ele fizera fortuna nas vezes anteriores em que fora a Amazônia e perdera quase tudo nas mesas de jogo. Ele, que pretendia realmente mudar de vida com o casamento, fez-lhe a promessa.

Ainda bem que quando um dos madeireiros foi convidá-lo para uma rodada de pôquer à noite, ela estava ao seu lado.

Estavam sentados nas mesmas cadeiras de palha da tarde anterior. Vigiam a chuva que continuava caindo sem



cessar à sua frente.

O homem aproximou-se, tirou o chapéu e falou respeitosamente:

- Meu senhor, minha senhora, boa tarde. Meu nome é Florisvaldo dos Santos, sou morador da cidade.

Faustino retribuiu o cumprimento com a cabeça. Ficou olhando interrogativamente para o homem. Este continuou:

- Soube que o senhor é um grande jogador de pôquer. Como vai ser difícil prosseguir viagem antes desta noite, vim convidá-lo para uma mesa de jogo mais tarde.

Faustino continuou fitando o homem. Seus olhos brilharam por um instante. Olhou rapidamente para Maria Teresa antes de responder:

- Não, obrigado, meu amigo. Já estou afastado do jogo há muito tempo, estou meio enferrujado...

Maria Teresa interveio, depois de um período de silêncio:

- Vai, Faustino, aceita o convite. Talvez isto te faça bem, te acalme um pouco.

Ele perguntou, surpreso:

- Você tem certeza, Teresa? E a promessa que eu te fiz?

- Faz de conta que eu não sei de nada. Mas, olha, tem um limite, ouviu?

Ele levantou-se rapidamente, deu um beijo na testa da mulher. Virou-se para Florisvaldo:

- Então está bem, meu amigo - disse, estalando os dedos de satisfação. - Já que o senhor insiste... Vai ser bom desenferrujar um pouco os ossos da mão. A que horas começamos?

- Logo depois do jantar, lá pelas nove, está bem para o senhor?

- Perfeitamente, estarei à espera.

O largo sorriso voltou a brilhar-lhe nos lábios.

Foi tomar um longo banho de água quente, numa banheira de porcelana que havia em seu quarto. Maria Teresa também tomou um banho depois do marido, enquanto este se vestia com apuro.

Às sete da noite desceram para o salão de jantar.

Comeram vagarosamente, acompanhados de Moraes. Faustino já estava descontraído, rindo alegremente, contando piadas, sendo todo gentilezas com a mulher. Às nove em ponto, quando saboreavam a sobremesa de doces de frutas variadas, Florisvaldo entrou no salão. Cumprimentou os três e disse:

- “ *Seu* ” Faustino, estamos ao seu dispor. Quando quiser, podemos ir. Mas, acabe antes sua sobremesa.

Faustino convidou-o a sentar-se e também experimentar um pouco do prato de doces.

Depois que acabaram, pediu licença e acompanhou Maria Teresa até o quarto.

Na porta, despediu-se:

- Até já, minha querida. Prometo que não volto muito tarde.

Desceu as escadas, acompanhando Florisvaldo até o salão de jogos, que ficava nos fundos do próprio hotel, num ambiente reservado. A chuva lá fora continuava caindo. Forte, sem cessar.

## 26

Faustino só acordou por volta das dez horas.

Maria Teresa, que já estava de pé há bastante tempo, vestira-se e fora até o andar inferior do hotel, onde pediu que o café da manhã fosse servido no quarto. Com a evolução da gravidez, sentia fome logo que acordava.

Tomou uma xícara de café com leite, comeu um pedaço de pão com geleia.

Faustino, quando acordou, olhou para ela, sentada numa cadeira mastigando uma banana.

- Puxa, Teresa, por que você não me acordou? - perguntou.

Ela olhou para ele fixamente. Respondeu, num tom de voz lacônico:

- Você estava dormindo tão profundamente, não quis te acordar. A que horas você voltou?

- Sei lá, já era de madrugada - respondeu, levantando-se. - Mas, acho que não era muito tarde não.

Ela sorriu interiormente. *“ Ele pensava que ela estava dormindo quando ele entrou no quarto, mais de quatro da manhã”.*

- Ganhou ou perdeu? - perguntou.

- Perdi uma mixaria - respondeu ele, enquanto escovava os dentes. - Nada que vá abalar nossas finanças.

Sentou-se também numa cadeira, em frente à mesa. Colocou um pouco de café preto numa xícara. Antes, bebeu um copo de suco de mangaba.

Ela disse:

- Uma boa notícia, afinal. A chuva está parando. Falei com o Moraes lá embaixo, na hora em que fui pedir o café. Ele quer partir antes do almoço.

- Ótimo - retrucou ele, levantando-se e dirigindo-se até a janela. Realmente, agora chovia fino, sem a intensidade dos dias anteriores.

Prosseguiu, voltando-se para a mulher:

- Então, vamos nos preparar. Você já tomou banho?

- Já - respondeu ela. - Já arrumei quase tudo, só falta guardar a roupa que você dormiu.

- Então, vou tomar um banho rápido. Pede a alguém lá embaixo para vir buscar a mala.

Ele entrou no banheiro, passando-lhe a roupa de dormir, um ceroulão branco, através do vão da porta.

Ela foi procurar alguém para ajudar com a bagagem.

Por volta das onze e meia, já no saguão do hotel, Faustino despediu-se do dono do mesmo e de Florisvaldo. Pagou a conta e dirigiu-se ao cais, de braço dado com Maria Teresa, que carregava um macaquinho no ombro.

Na "Filomena", todos já os aguardavam.

Faustino dirigiu-se a Pedro:

- Tudo certo, Pedro? Conferiu se houve algum problema com a nossa mercadoria?

- Tudo certo, patrão. Podemos ir embora.

Faustino gritou para Moraes, que já estava em seu posto de comando:

- Na hora que você quiser, Moraes. Com o meu pessoal está tudo certo.

Moraes deu a ordem para que fossem desamarradas as cordas que prendiam a embarcação ao cais. A "Filomena" começou a gemer, o motor a girar, a embarcação afastando-se vagarosamente do atracadouro.

Em pouco tempo já estavam novamente no meio das águas barrentas do rio-mar. A chuva havia parado por completo, o sol voltara com sua luz resplandecente, brilhando em toda sua intensidade.

Faustino foi fazer uma conferência no seu pessoal e na mercadoria que transportava. Verificando que tudo estava em ordem, voltou para perto de Maria Teresa. Enrolou vagarosamente um cigarro entre os dedos amarelados.

Perguntou à mulher, em tom de provocação:

- Então, você não vai querer saber quanto perdi?

Ela olhou para ele, os dois olhos verdes cintilando contra a luz forte do sol. Respondeu, com voz calma:

- Não, Faustino, não vou perguntar. Você já está bem grandinho para saber controlar o seu dinheiro. Além do mais, se você mexeu no que estava separado para a expedição, deve saber muito bem quais são as consequências.

Ele riu alto. Abraçou a mulher, deu-lhe um beijo na testa.

- Por isso é que eu gosto da minha mulher. Tem total confiança no marido.

Fez uma pausa, tirando uma profunda tragada do seu cigarro. Continuou:

- Mas, fique tranquila, não perdi muito não. E não mexi no dinheiro da expedição. Desculpe ter voltado tarde para o quarto, mas é aquele negócio de jogador: a gente que está perdendo pensa sempre que vai recuperar na próxima rodada.

- Eu nem vi a hora que você voltou - mentiu ela, que estava bem acordada quando ele abriu a porta do quarto.

- Eu reparei - retrucou ele sorrindo, pois sabia que ela estava acordada quando se deitou ao seu lado. - Bem, agora vamos entrar no Amazonas. No Estado e não no rio - acrescentou, mudando de assunto.

A paisagem continuava praticamente a mesma: mata cerrada de um lado e do outro do rio, a "Filomena" vencendo metro a metro a correnteza forte, os pequenos botes dos habitantes ribeirinhos surgindo velozmente a todo instante das margens, oferecendo suas mercadorias.

Maria Teresa já comprara um papagaio, uma arara e um pequeno mico, que mantinha presos por pequenos pedaços de corrente fina junto à sua rede.

Divertia-se durante o dia, alimentando os animais e brincando com eles.

Na parte da frente da gaiola, os homens da equipe de Faustino, sentindo que o fim da longa viagem se aproximava, batucavam e cantavam alegremente.

Chegaram a Parintins dois dias depois, numa manhã quente, o sol inclemente sobre suas cabeças.

No cais, já os aguardava Antonio Ferreira, o homem contatado por Faustino e que iria mostrar-lhes a localização das terras que arrendara. Sujeito baixo, gordo, vestido com um terno branco de linho, chapelão de palha na cabeça, o que, aliás, era a moda masculina na região. Logo que a “Filomena ” atracou, subiu na embarcação.

Cumprimentou Moraes, que fora o intermediário entre ele e Faustino. O dono da gaiola fez as apresentações.

Os dois homens apertaram-se as mãos. Moraes disse:

- Bem, agora que vocês já se conhecem, vou deixá-los a sós.

Antonio disse, olhando para Faustino:

- Se o senhor preferir, podemos conversar num local mais calmo, em terra.

Faustino concordou. Chamou Pedro e Maria Teresa, apresentando-os a Antonio. Disse:

- Pedro, Teresa, vou sair por alguns minutos com o “*seu* ” Antonio aqui para resolvermos alguns assuntos sobre o local onde vamos explorar. Se vocês quiserem podem dar uma volta pela cidade. Devo demorar uma meia hora. Não vamos ficar muito tempo aqui, já combinei com o Moraes.

Dirigindo-se a Pedro:

- Pedro, vê se os homens também vão querer descer um pouco, esticar as pernas, comprar alguma coisa.

Depois à mulher:

- Teresa, fique junto do Pedro, não fique sozinha nem um momento. Acho que tem umas lojas por aqui, vê se você quer comprar alguma coisa para a criança.

Afastaram-se os dois, Faustino seguindo Antonio, que, já em terra, dirigiu-se ao restaurante do melhor hotel da cidade.

Sentaram-se em confortáveis cadeiras de palha, que rodeavam grandes mesas de madeira de lei espalhadas pelo amplo salão. Um garçom veio correndo atendê-los:

- Pois não, " *seu* " Ferreira. O que deseja?

Antonio perguntou:

- Toma alguma coisa, " *seu* " Faustino?

- Uma cerveja, por favor.

O garçom afastou-se para cumprir o pedido. Voltou em seguida, com uma garrafa de cerveja e dois copos, depositando-os sobre a mesa.

Antonio despejou a bebida nos dois copos, saboreando vagarosamente o líquido amarelo e estalando a língua. Comentou:

- Nada como uma boa cerveja gelada para matar a sede nesse calor, não é?

- Verdade, " *seu* " Antonio, verdade - retrucou Faustino, enquanto examinava o homem.

Antonio tirou um mapa do bolso do paletó, abrindo-o sobre a mesa.

- Bem, vamos logo aos negócios. O senhor não deve querer perder mais tempo por aqui.

Faustino concordou com a cabeça.

Antonio continuou, apontando para um lugar no mapa.

- Sua gleba de terras fica aqui - mostrou com o dedo - Fica perto de Itacoatiara... quer dizer, mais ou menos perto - disse sorrindo. - As distâncias por aqui são muito grandes, a gente nunca sabe exatamente quais são.

Faustino olhava atentamente para o local indicado por Antonio. Nas expedições anteriores, os locais de exploração eram mais distantes, mais perto de Manaus, bem depois de Itacoatiara.

Perguntou:

- Bem, essas terras estão livres mesmo, não é? Completamente desembaraçadas? Não quero ter problemas com ninguém depois de sentar acampamento e começar a extração da borracha.

- Pode ficar tranquilo, “ *seu* ” Faustino. As terras estão devidamente registradas pelo proprietário que me autorizou a arrendá-las. Tenho todos os documentos comigo, o senhor pode examiná-los com calma.

Tirou um calhamaço de papéis de uma pasta surrada de couro, passando-os a Faustino.

- Tome, aqui estão. Os títulos de propriedade e a autorização para o arrendamento. O senhor não precisa ficar preocupado, o Moraes me conhece há vários anos, sabe que eu já arrendei várias áreas para outros exploradores, nunca houve nenhum problema.

Faustino examinou os documentos. Apesar de precários, todos escritos à mão, cheios de erros de português, como era comum na época, pareciam ter validade.

- Bem, parece que estão em ordem - disse Faustino, com voz firme. - Mas, se eu tiver algum problema, é com o senhor que vou me entender, com mais ninguém, está claro?

Antonio respondeu:

- Pode deixar, “ *seu* ” Faustino. A responsabilidade é toda minha, pode me procurar se alguma coisa der errado. Inclusive, eu vou acompanhá-los agora na viagem até o local onde estão situadas as terras arrendadas, pode ficar tranquilo. Vou lhes mostrar tudo.

- Então, está tudo certo. Só falta eu lhe pagar.



Tirou um maço de notas do bolso interno do paletó. Contou o dinheiro, passando-o a Antonio.

- Tome, está aqui o preço combinado. Queira conferir, por favor.

Antonio respondeu, colocando o dinheiro na pasta:

- Não é preciso, " *seu* " Faustino. Vê-se logo que o senhor é um homem de bem.

Pediram mais uma cerveja.

Antonio preparou um recibo, passando-o a Faustino. Este assinou uns papéis, o contrato de arrendamento.

Encerrada a transação, enquanto saboreavam a cerveja, Antonio perguntou:

- O senhor já tem comprador para a sua borracha, " *seu* " Faustino? Se não tiver, posso lhe arranjar alguém. Apesar do preço atualmente estar em baixa, acho que ainda consigo quem pague um valor razoável.

Faustino perguntou, curioso:

- Mas, o preço caiu tanto assim? Ouvei falar, mas não acreditei. Das vezes anteriores que estive por aqui, vendemos por um ótimo preço.

- Caiu muito, sim. Depois que os ingleses contrabandearam as sementes, por volta de 1912, a produção despencou. Eles ainda não tiveram a primeira safra, por isso aqui ainda se consegue vender alguma coisa. E, com a guerra lá na Europa, estão precisando cada vez mais de borracha para fabricar pneus. Mas, nem se compara com os bons tempos, quando só a gente mandava.

- É pena, lá se vai mais uma das riquezas do Brasil - comentou Faustino. - Ainda bem que eu já vendi toda a minha produção antecipadamente, lá em Fortaleza mesmo, não vou ter prejuízo. Agradeço sua oferta, mas, como lhe disse, já comecei a viagem com a mercadoria quase toda vendida. Infelizmente, essa deve ser minha última vinda para a Amazônia, pois daqui para frente não vai mais valer a pena extrair a borracha.

- É, as riquezas vêm e vão, somem por entre os nossos dedos... - filosofou Antonio, olhar triste, perdido no horizonte.

Acabaram de beber a cerveja, levantaram-se, apertaram-se as mãos, despedindo-se.

Ao sair para a rua, Faustino viu Maria Teresa acompanhada de Pedro, num armarinho ali perto.

Entrou na loja. Dirigiu-se a Pedro:

- Pedro, pode deixar que eu fico com ela. Já resolvi tudo. Se você quiser fazer alguma coisa, ficar algum tempo lá com os homens, pode ir.

- Então, está certo, patrão. Vou ver o que aqueles caboclos estão fazendo.

Faustino acercou-se de Maria Teresa, abraçando-a carinhosamente por trás. Ela enrubesceu, com vergonha da dona da loja, que sorriu amigavelmente.

Maria Teresa perguntou:

- Resolveu tudo, Faustino?

- Tudo certo, Teresa. Até agora estava com medo de não encontrar o homem aqui, foi tudo tratado por carta, nem sabia quem era ele. Só tinha as informações que o Moraes me passava. Mas, graças a Deus, correu tudo bem. O Antonio me pareceu ser uma pessoa honesta, vai inclusive nos acompanhar até as terras para me mostrar o local exato. Isso até é bom, pois nessa imensidão de mata e de água, era bem fácil eu me enganar e a gente acabar explorando a borracha na terra dos outros.

A dona da loja se intrometeu:

- O senhor me desculpe eu dar minha opinião, mas o " *seu* " Ferreira é uma pessoa muito bem conceituada aqui em Parintins. Todo mundo fala muito bem dele, nunca vi ninguém falar mal. Acho que o senhor não vai se arrepender, não.

Faustino olhava para a mulher com uma expressão de curiosidade. Respondeu:

- Obrigado, minha senhora, assim fico mais sossegado.  
Virou-se para Maria Teresa.

- Então, Teresa, já escolheu o que vai comprar?

- Já, Faustino. Vou levar mais fraldas, alfinetes, mais uma mamadeira. Só estou em dúvida quanto a esse conjuntinho para bebê - respondeu ela, mostrando-o ao marido. - Não sei se levo azul ou rosa, não sei se vai ser menino ou menina.

- Leva amarelo, assim não pode errar, serve para os dois - retrucou ele.

- É, você tem razão. Vou levar o amarelo - disse, dirigindo-se à dona da loja.

A mulher fez um embrulho, Maria Teresa pagou, deixando o armarinho dependurada no braço do marido. Faustino, quando passou pela tendinha onde estavam Pedro e os homens, fez-lhes um sinal com a mão direita, indicando que estavam indo em direção à "Filomena" .

## 27

Aqueles três últimos dias de viagem só fizeram aumentar a ansiedade de Faustino e dos homens. Estavam doidos para começar a trabalhar, sentirem a seiva viscosa do látex escorrer-lhes pelas mãos.

Maria Teresa também estava curiosa para ver os trabalhos começarem. Aquilo tudo seria coisa nova para ela. Já se imaginava dormindo no interior de uma barraca, rede dependurada, chão de terra batida. E o banho, como faria para tomar banho? Seria desconfortável, não resta dúvida, mas o importante era que ela estava ali, ao lado de Faustino, apoiando-o naquele que seria o grande empreendimento de sua vida. Tinha certeza de que, apesar da gravidez, das condições precárias de higiene, alimentação, perigos da selva e tudo o mais, saberia enfrentar a situação com dignidade, cumprindo assim o seu dever de esposa. *“Aquele que deve ficar sempre ao lado do marido, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, nos bons e maus momentos da vida”*, como dissera o padre Eustáquio quando celebrou o casamento dos dois.

Os homens comandados por Pedro, tão irritados e nervosos durante a viagem de navio, agora pareciam alegres, animados. Brincavam entre eles, cantavam, sentindo chegar a hora do trabalho duro, àquilo a que estavam acostumados, eles que ficaram praticamente sem nada fazer durante toda a viagem até ali.

Faustino e Morais conversavam junto ao leme da “Filomena”. Antonio Ferreira juntou-se a eles.

- Não vejo a hora de chegar, Morais. Foi muita água que enfrentamos, primeiro a salgada, agora a doce. Já perdi

até a noção do tempo, não sei mais há quantos dias estamos viajando – comentou Faustino.

- Já estamos chegando, “ *seu* ” Faustino - disse Antonio.- Acho que hoje à tarde estamos lá.

Realmente, se Antonio não tivesse vindo com eles, teria sido difícil encontrar o local exato da gleba de terras que Faustino arrendara. Mesmo Moraes, acostumado a subir e descer o Amazonas, acabaria se perdendo naquele emaranhado de pequenos igarapés, de filetes d’água nos quais bravamente a “Filomena” ousava ingressar. Onde, por vezes, os homens tinham que cortar imensos cipós para que a gaiola pudesse prosseguir seu curso. Antonio permaneceu durante aqueles dois dias de viagem ao lado de Moraes, orientando-o sobre o caminho a seguir, guiando-o por invisíveis marcos que só ele conseguia divisar naquela imensidão de água, mata, vegetação terrestre e aquática abundantes.

A paisagem realmente era de deixar qualquer um de boca aberta, sem saber o que dizer. Enormes vitórias-régias atravessavam o caminho da gaiola, árvores gigantescas nas margens dos riachos, mata cerrada dos dois lados da embarcação, o alvoroço do canto dos pássaros e dos macacos pulando de galho em galho nas árvores, como se participassem de uma interminável sinfonia da qual só eles conheciam a partitura. Quase não se via o azul do céu, nem o amarelo do sol, de tão densa a vegetação sobre eles.

Aquele já era o terceiro dia de viagem desde que deixaram Parintins. Faustino já não se lembrava mais em quantos igarapés entraram, quais os caminhos por que passaram, mesmo ele que se gabava de ter excelente memória, de saber guardar na cabeça um lugar e seus detalhes desde a primeira vez que o via.

Ali, entretanto, tudo era muito grande, tão imenso, tão fantástico, que ele se sentia diminuído, pequeno, quase um grão de areia perdido na grandiosidade da selva. Procurou

rabiscar um mapa do caminho trilhado, para utilizar numa emergência qualquer, caso tivesse de sair dali correndo por qualquer circunstância imprevista. Pensou na mulher no momento da criança nascer, num possível ataque de índios hostis ou de uma picada de cobra, talvez um acidente não previsto. O mapa que fez, entretanto, era apenas um arremedo da realidade, parecendo, mas não sendo, na realidade, o caminho verdadeiro por eles percorrido. Ali, em cada entroncamento, se a direita fosse tomada em vez da esquerda, poder-se-ia acabar a mais de 30 ou 40 quilômetros do local pretendido.

Morais brincou com Antonio:

- É, meu amigo, quando eu tiver que voltar aqui, você vai ter que vir comigo. Realmente, por essas bandas estou perdido.

- E o pior é que a geografia daqui muda de vez em quando. Basta uma chuva mais forte, o volume das águas do Amazonas subir mais um pouco, e uma ilha é engolida, um novo igarapé surge mata adentro. Os mapas aqui não adiantam de muita coisa. Ainda bem que eu coloquei alguns pequenos marcos aqui e ali, numa árvore, numa entrada de um riacho e é por eles que eu me guio - retrucou Antonio.

- Mas que marcos são esses? - indagou Moraes. - Não estou vendo nada.

Antonio sorriu.

- Mas, eu sei onde estão, Moraes. Se estivessem muito visíveis, essa terra já estava invadida e quando eu voltasse aqui, já teria gente tomado posse dela. O que não falta aqui é um monte de aventureiros, um querendo passar a perna no outro. O contrabando aqui é uma praga, principalmente de madeira de lei. Devastam tudo, em pouco tempo a Amazônia vai virar um enorme deserto. A sorte é que tem muita água nessa região, mas com o desmatamento até os rios acabam secando.- respondeu.

- Bom, se você sabe o caminho é o que importa. Eu nunca me aventurei por essas bandas, navego mais é pelo Amazonas mesmo. - rebateu Moraes.

A “Filomena” agora tinha que navegar mais vagarosamente. Driblava os cipoais e a vegetação dos riachos, que podiam embaraçar-lhe a hélice. Pedro na frente, os homens de Faustino viajavam na proa da embarcação, grandes facões nas mãos, olhos atentos na água adiante deles, prontos para cortar um cipó ou uma planta que pudesse impedir o curso da gaiola.

Faustino fazia um comentário aqui, outro ali, apontando com a mão para um trecho qualquer do caminho, mostrando um tucano, uma arara, um mico gritando no alto de uma árvore. Estava novamente em seu ambiente, o sangue voltava a pulsar-lhe mais forte nas veias, desfrutava daquela sensação gostosa de cheiro de mato, cantar de pássaros, rumorejar do rio, coisas que tanto lhe faziam bem.

Na popa da “Filomena”, Maria Teresa conversava com seus animais, dando-lhes um pedaço de banana ou de uma outra fruta qualquer. Lá na frente, os homens começavam a gritar e a rir ruidosamente.

- Pega, Raimundo, pega ela - gritavam alguns.

- Pega, se não ela vai fugir - diziam outros.

- Peguei, já peguei - gritou Raimundo.

Puxou para dentro da gaiola, espetada na ponta de seu enorme facão, uma cobra de uns dois metros de comprimento, que ainda se contorcia nos estertores da morte. O facão atravessava-lhe o corpo, a boca aberta, dois enormes dentes prontos para morder alguém.

Pedro gritou:

- Cuidado, Raimundo, ela pode te ferrar. Se for venenosa, pode dar adeus.

Moraes, com a roda do leme nas mãos, comentou com Antonio e Faustino:

- “Tá” parecendo uma sucuri...

- Não sei, está muito gorda, pode ser uma jiboia. - disse Faustino.

- É, "tá" parecendo mais uma jiboia, aquelas bichonas que engolem um boi inteiro - comentou Antonio.

Faustino gritou para os homens:

- Cuidado com isso aí, vocês. Não vão me arranjar ideia dela morder um de vocês. Por aqui não tem hospital, não.

Os homens continuavam pulando e brincando em volta da cobra. Pareciam crianças encantadas com um brinquedo novo. Raimundo espetou o facão no chão da gaiola, com a cobra enfiada nele. Venâncio elevou o seu facão no ar e o desceu com violência, cortando a cabeça do réptil. Os homens continuavam rindo e pulando em volta do bicho, que era cortado em sucessivas fatias. Mesmo assim, ainda se contorcia, como se não quisesse se despedir da vida.

Raimundo gritou para o cozinheiro:

- Mário, olhe aqui a nossa carne para o almoço. Pode colocar na panela.

Pegaram uma caçarola grande e ali depositaram os vários pedaços da cobra, afinal morta de vez.

Mário disse, pegando a panela:

- E eu sei lá como se prepara isso? Nunca fiz carne de cobra...

- Tira o couro e faz ela ensopada - disse Pedro. - Fica muito boa.

No almoço, pela primeira vez na vida, Maria Teresa comeu um gostoso ensopado de carne de cobra, acompanhado de um pirão de farinha de mandioca. Mário, com a habilidade costumeira, temperou a comida de tal forma, que ela nem parecia o que realmente era.



## 28

Lá pelas quatro da tarde, finalmente chegaram.

Quase dois meses depois que deixaram Fortaleza, quando embarcaram no “Rosamar”.

Faustino não cabia em si de contentamento. Com emoção na voz, perguntou:

- Que dia é hoje do mês, Moraes? Você sabe? Eu me perdi.

O dono da gaiola consultou um calendário que tinha afixado na janela em frente ao timão. Os dias passados eram marcados com um “X” grande.

- 19 de julho, Faustino - respondeu.

- Puta que o pariu - praguejou Faustino. - Dois meses só vendo água.

Antonio Ferreira avisou Moraes:

- Devagar, Moraes. É ali na frente, naquela pequena clareira na margem direita.

Já vinham navegando há horas através daqueles pequenos filetes d’água, escondidos naquele emaranhado de cipós, vegetação aquática e mata cerrada, sem que se conseguisse ver direito o céu, nem o que viria mais à frente.

Moraes diminuiu ainda mais a velocidade da “Filomena”, deixando-a praticamente deslizar pelas águas calmas do igarapé. Perguntou a Antonio:

- Será se tenho profundidade para encostar na margem?

- Tem sim, já testei isso em outras vezes em que estive aqui - respondeu.

O local era maravilhoso. Faustino deliciava-se com a beleza do lugar, deixando que os pulmões se enchessem

daquele ar puro, sem poluição. Não se ouvia nenhum barulho, a não ser, é claro, o cantar intermitente dos pássaros e o alvoroço dos macacos pulando de árvore em árvore, brincando alegremente naquele fim de tarde amazonense.

Maria Teresa aproximou-se de Faustino, dando-lhe o braço esquerdo.

- O que você está achando, Teresa? - perguntou ele.

- Muito lindo, Faustino. Uma paz enorme, a gente se sente dominada por esse silêncio tão profundo, que parece que engole tudo. As coisas são tão grandes: as árvores, a mata, o rio, o cheiro de terra úmida. Você tinha razão quando se apaixonou por tudo isso.

Morais encostou a gaiola com maestria na margem do igarapé.

Pedro foi dando as primeiras ordens aos homens para o desembarque do material. Faustino pôs os pés em terra firme, dando a mão a Maria Teresa para que também desembarcasse. Olhou para a pequena clareira à sua frente, pensando com seus botões o quanto teria que aumentá-la para que comportasse todas as tendas a serem armadas.

Uma hora depois já estava tudo no chão.

Faustino perguntou a Moraes e Ferreira:

- Vocês vão passar a noite com a gente ou vão retornar logo?

Morais respondeu:

- Acho melhor a gente ficar com vocês. Assim, damos uma mãozinha na arrumação das coisas. Está de acordo, Antonio?

O outro fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Então, está certo - retrucou Faustino. - Pedro, vamos arrumar as tendas em primeiro lugar. Amanhã cedo, a gente começa a aumentar a clareira para guardar o resto das coisas.

Rapidamente, seguindo as ordens de Pedro, os homens armaram cinco grandes barracas de lona, fincando-as profundamente no solo úmido. Ficaram elas, as duas da frente, a uns dez metros da margem do igarapé, distância considerada segura por Faustino na hipótese de alguma eventual enchente. As outras três ficaram mais atrás, a uns cinco metros das duas primeiras.

Uma dessas barracas da frente foi ocupada por Maria Teresa e Faustino, sendo a outra destinada a Moraes, seu auxiliar Miranda e Antonio.

Maria Teresa começou a arrumar as coisas no interior de sua barraca. Faustino auxiliou-a a armar as duas redes de dormir, enquanto ela varria o chão de terra. As roupas de ambos ficaram guardadas dentro do baú em que vieram até ser providenciado melhor lugar para as mesmas. Foi colocada uma bacia no chão, para uma precária higiene íntima e dois penicos junto às redes.

- Amanhã ou depois, quando a gente se acomodar melhor, vou ver se consigo ajeitar isso aqui dentro - disse Faustino. - Vou ver se te arranjo um lugar melhor para você guardar as roupas, estender uma corda para colocar alguma coisa para secar. Hoje, ainda está tudo meio bagunçado, amanhã a gente vai ver se melhora.

- Está certo, Faustino, amanhã a gente vê com calma.

- Vou ver também se providencio a construção de um lugar pra gente tomar banho e outro para ir no banheiro quando der dor de barriga - emendou Faustino, sorrindo. - Vou lá fora ver como os homens estão se virando, está bem? Você está precisando de mais alguma ajuda agora?

- Não, pode ir, eu me viro - retrucou ela.

Do lado de fora da barraca, Faustino viu que os homens estavam em frenética movimentação. Alguns deles, com seus longos facões, cortavam cipós, bambus e outras vegetações, aumentando assim rapidamente o tamanho da clareira. Outros fixavam os ferros de sustentação das outras

barracas. Pedro providenciava a armação de três pequenas fogueiras entre as duas filas das tendas de lona.

Faustino perguntou a Ferreira:

- “ *Seu* ” Antonio, o senhor chegou a contatar o cacique Urumã como eu lhe pedi?

- Contatei sim. Avisei que o senhor deveria estar aqui mais ou menos por essa época. Só não disse o dia certo, porque eu mesmo não sabia quando vocês chegariam a Parintins. Mas, deve estar aqui por perto. Ele gosta muito do senhor, sabia disso?

- Ele é muito meu amigo. Engraçado, é que eu salvei a vida dele uma vez e ele salvou a minha, pelo menos no início da doença, quando peguei a malária - retrucou Faustino.

- Como foi que o senhor salvou a vida dele? - perguntou Antonio, curioso.

- Bem, foi mordida de cobra. Um dia ele estava me ajudando juntamente com alguns da sua tribo na extração da borracha. Ele foi mordido por uma “ *bichona* ” daquelas venenosas e começou a gritar, sua perna a ficar roxa. Ainda bem que eu estava ali perto. Chupei todo o veneno antes que ele começasse a fazer efeito de verdade. Dei-lhe também um pouco do remédio que tinha levado comigo e ele se recuperou em dois dias. Também, o bicho é forte como um touro e precisava mais que uma cobra para derrubá-lo - relatou Faustino.

Fez uma pausa, acendendo o cigarro que acabara de enrolar. Prosseguiu:

- Quando caí doente com a malária, ele mandou buscar uma velha índia lá na aldeia dele e foi ela quem tratou de mim com suas ervas e poções até o Morais chegar com a “ Filomena ” e me levar para Belém. Se não fosse ela, eu certamente teria morrido.

- É aquele negócio, não é, “ *seu* ” Faustino? Aqui, nesse fim de mundo, uma mão lava a outra. Se a gente não contar

uns com os outros, poucos sobreviveriam.

- Isso mesmo, “ *seu* ” Ferreira. Essa lição de solidariedade foi uma das principais coisas que a selva me ensinou.

A noite começava a cair, enchendo de mistério a atmosfera que cercava o local. Os pássaros silenciaram o seu canto, os macacos recolheram-se aos galhos das árvores, só o ruído dos grilos e outros insetos não identificados enchiam o ar.

Faustino, as botas e a roupa branca sujas de lama, recolheu-se ao interior de sua tenda. Maria Teresa, atrás de uma cortina feita com um lençol grande, fazia precariamente sua higiene pessoal, lavando as axilas e outras partes do corpo com a água da bacia.

As fogueiras, do lado de fora da barraca, clareavam a noite escura, que era só um preto de breu. Faustino acendeu duas lamparinas para iluminar o interior da tenda.

Quando Maria Teresa acabou de se lavar, Faustino fez o mesmo. Tirou o chapéu, as botas, a camisa e lavou-se como podia. Se não tomou um banho completo, pelo menos tirou um pouco de suor do corpo.

- Amanhã, vou ver se providencio logo a construção do chuveiro e da latrina - disse para a mulher. - Estou sentindo o corpo todo engordurado.

- Eu também - retrucou Maria Teresa, enquanto acabava de vestir uma camisola de dormir. - Meu cabelo está que é poeira só, parece que passei uma camada de banha no corpo.

Recolheu-se à sua rede, cobrindo-a com um mosquiteiro de véu branco.

Faustino vestiu uma camisa limpa, recolocou o chapéu na cabeça.

- Vou lá fora ver como estão os homens, preparar as coisas para amanhã - disse. - Volto logo, pode dormir se quiser.

Saiu, procurou por Pedro, combinaram as providências a serem tomadas para o dia seguinte. Decidiram colocar um homem de guarda durante a madrugada, revezando-se em turnos de quatro horas. Não conheciam direito o lugar, não sabiam que perigos a noite lhes reservaria.

Enfim, sua grande aventura, o sonho acalentado por vários anos, começava a tomar forma.

Acendeu outro cigarro, encheu antes os pulmões do ar fresco da noite úmida, deliciou-se com aquele cheiro gostoso de mato e com o ruído das águas do riacho em frente ao acampamento.

A luz bruxuleante das lamparinas acesas no interior das barracas, as vozes dos homens conversando alegremente, prontos para o trabalho do dia seguinte, compunham o cenário daquela primeira noite a ser passada na selva amazônica.

Faustino esfregou as mãos, num gesto de satisfação interior. Um largo sorriso abriu-se em sua boca, enquanto tirava outra baforada de seu cigarro.

## 29

Faustino acordou na manhã seguinte com o cheiro gostoso de café fresco penetrando-lhe as narinas. Abriu os olhos vagorosamente, tentando espantar o sono e o cansaço que dominavam seu corpo. Virou-se na rede, pegou o pesado relógio de algibeira que estava sobre um caixote perto de seu braço esquerdo. Ouro de dezoito quilates, maciço, com uma dedicatória do pai:

*"Ao meu filho, pelos seus dezoito anos" .*

Quase seis da manhã.

Levantou-se pesadamente, tateando um pouco na escuridão do interior da tenda.

- Ah! Já acordou? - perguntou Maria Teresa. - Não quis acender a lamparina para não te acordar. Você roncava como um leitão - brincou.

- É, estava cansado mesmo - retrucou ele, esfregando os olhos e dando um beijo carinhoso na mulher. - Viu, já são seis horas e aqui ainda está tudo escuro. São as árvores altas que impedem que a luz do dia penetre completamente na selva. Você vai logo se acostumar com isso.

Lavou o rosto na bacia d'água, escovou os dentes e disse para a mulher:

- Vou lá fora pegar café pra gente. Acaba de se arrumar sem pressa.

Saiu da tenda, sendo saudado por Mário:

- Bom dia, patrão. O café está fresquinho. Fiz também um bolo de fubá. Quer com geleia de goiaba?

- Obrigado, Mário. Quero sim, me dá um pouco de geleia também. Prepara um prato para dona Teresa, por favor.

Mais atrás, nas barracas dos trabalhadores, já estavam todos de pé. Pedro dava as primeiras ordens, distribuindo as tarefas entre os homens. Alguns ficariam encarregados de desmatar a mata que cercava o local, abrindo mais espaço

para guardar o restante do equipamento que estava amontoado num canto. Outros se incumbiriam da construção do lugar para o banho improvisado e de uma latrina para as necessidades fisiológicas. Aliás, iriam construir dois banheiros e duas latrinas, um de cada para Faustino e a mulher e outros dois para os trabalhadores.

Faustino, depois de levar o café da manhã para Teresa, despedia-se de Moraes, Antonio Ferreira e Miranda.

- Bem, boa viagem para vocês - disse, apertando a mão de cada um. - Moraes, espero você daqui a uns 40 dias, já devo ter bastante mercadoria para embarcar. Por favor, me traga notícias da civilização e essas coisas que estão aqui na lista. - concluiu, passando-lhe um pedaço de papel. - Ah! E me traga também a correspondência de Fortaleza, se tiver chegado alguma coisa. Dei teu endereço para o pessoal de lá. Um abraço na Ana e nos filhos.

Moraes ligou o motor da "Filomena", que, rápida, começou o longo caminho de volta, vencendo garbosamente as águas do pequeno riacho, insignificante afluente do enorme Amazonas. Ao longe, ainda acenava com a mão para Faustino, que permanecia em pé, junto à margem do rio, aguardando que a gaiola desaparecesse de vista.

Pedro bateu-lhe com a mão direita no ombro:

- Patrão, os homens já estão trabalhando. Quer vir dar uma olhada?

Maria Teresa, vestindo uma roupa mais adequada para a selva, uma saia comprida de tecido grosso, tipo lona, uma blusa de linho, botas de cano alto e um chapéu de palha na cabeça, juntou-se ao marido.

- Venha com a gente, Teresa. Assim, você vai logo se habituando à sua nova residência - brincou.

Passaram pelas duas cabanas da frente, uma agora vazia com a partida de Moraes, Miranda e Antonio.



- Você e mais uns dois de tua confiança podem ocupar essa cabana, Pedro - disse Faustino. - Assim vocês ficam com mais espaço.

Atrás, estavam as fogueiras, duas delas agora apagadas, apenas uma acesa, a do meio, na qual Mário, o cozinheiro, acabara de preparar o café da manhã e que serviria para fazer o almoço dali a algumas horas.

Finalmente, mais atrás, quase entrando pela mata cerrada, estavam as três outras barracas, aquelas destinadas aos homens da expedição. O chão, de terra umedecida pelo orvalho que pingava das copas das altas árvores, estava repleto de folhas caídas dos ramos frondosos e do mato rasteiro que se espalhava por toda a superfície da clareira.

Os homens continuavam abrindo a mata nas laterais e atrás do acampamento. Algumas árvores, infelizmente, tiveram que ir ao chão, o barulho das serras cortando a madeira úmida soando alto no espaço. Mas, o trabalho maior era o dos grandes facões, foices e machados cortando o cipoal e a mata cerrada. Um chuveiro improvisado e um cercado de folhas de “paxiúba” e “buçu” com uma fossa em seu interior eram erguidos, um colado ao outro, no canto esquerdo da barraca de Faustino. Outros dois iguais eram construídos do lado direito da outra barraca, aquela que fora ocupada durante a noite por Moraes, Antonio e Miranda e que a partir dali seria a barraca de Pedro, João e Raimundo.

Assim, por volta de uma da tarde, o acampamento já tinha outra aparência. A clareira fora sensivelmente aumentada, as novas construções mudaram em muito a visão do local em relação ao dia anterior.

Mário serviu o almoço: ensopado de carne, mandioca cozida, feijão manteiga, couve cortada bem fininha. Como sempre, farinha para encher os pratos de alumínio. Como ainda não dera tempo para montar uma mesa, comeram em

pé mesmo. Maria Teresa era a única que estava sentada, numa cadeira de lona de armar, que trouxera entre suas tralhas.

Na parte da tarde, os homens construíram mais três grandes armações de madeira na parte dos fundos do acampamento, justamente a parte que haviam desbastado pela manhã. Eram construções rústicas, quatro pedaços de madeira fincados no chão a uma altura de dois metros e meio aproximadamente, cobertos de cipós e paxiúba, uma espécie de folha de palmeira, característica da região. No interior das mesmas foram colocadas, em cada uma, dois enormes caldeirões de ferro, onde seria cozido o látex colhido das seringueiras. Eram os “buiões”. Além deles, duas baias de madeira, medindo aproximadamente três metros de comprimento por meio metro de largura, com uma cavidade no centro de toda a sua extensão, com trinta centímetros de profundidade. Essas baias iriam recolher a seiva do látex, que depois de passar pelo cozimento, iria se transformar em grandes bolas de borracha, chamadas de “pélas”, com aproximadamente meio metro de diâmetro. Assim, a mercadoria estaria pronta para ser transportada.

Por volta das quatro horas, os homens todos trabalhando em ritmo acelerado, Faustino dando ordens aqui e ali, Maria Teresa lia um livro sentada em sua cadeira de madeira. Ao longe, ouviram-se repetidas batidas de tambor.

Faustino e Pedro logo pararam o que estavam fazendo, procurando escutar com atenção o barulho dos tambores.

- Deve ser Urumã - disse Faustino. - Deve estar procurando saber se a gente já chegou.

- É, também acho - disse Pedro. - Vou ver se encontro alguma coisa parecida com um tambor pra gente responder.

Chamou o índio Auã, que fincava um tronco de madeira no chão, nos fundos da clareira.

- Auã, tá reconhecendo esse barulho? É de índio? - perguntou, quando ele chegou correndo.

Auã prestou atenção por um instante, levando a mão direita em concha ao ouvido.

Respondeu, naquele seu linguajar difícil de compreender:

- É, sim, " *seu* " Pedro. Tão perguntando se a gente já chegou. Perguntam pelo grande homem branco, o do chapéu na cabeça.

Faustino sabia que era a ele que se referiam. Desde a última vez em que ali estivera, ficou conhecido por estar sempre com o chapéu grande de aba na cabeça, tendo presenteado Urumã com um deles antes de partir doente, vitimado pela malária.

Pedro ordenou a Auã:

- Vê se você acha alguma coisa pra gente bater e responder pra ele.

Auã saiu e voltou daí a pouco com uma bacia nas mãos. Pedro pegou um pedaço de pau no chão e bateu com ele na bacia.

- É, acho que serve. Patrão, o que o senhor quer que ele diga na mensagem?

Faustino pensou um pouco antes de responder. Depois disse:

- Diz pra ele avisar Urumã que já estamos aqui, a nossa localização e para ele trazer alguns guerreiros e algumas índias velhas para fazerem companhia para Teresa.

Auã começou a bater com o pau na bacia, batidas metálicas, ritmadas, como se fosse o acompanhamento de uma dança guerreira. Maria Teresa, sentada em sua cadeira, deixou a leitura de lado para acompanhar, curiosa, aquele ritual de batidas de tambor.

Fez-se silêncio depois que Auã transmitiu sua mensagem. Poucos instantes depois, o som dos tambores ao longe respondia.

- Eles estão dizendo que deverão estar aqui amanhã na parte da tarde. Mandam saudações ao homem do chapéu na cabeça e à sua mulher, a grande chefe branca. Dizem que somos todos bem vindos à terra deles - traduziu o índio.

Auã voltou a bater na bacia, agradecendo a acolhida. A comunicação estava encerrada.

Faustino aproximou-se de Maria Teresa.

- O que eles estavam dizendo? - perguntou ela.

Ele fez a tradução das batidas do tambor.

- Mais rápido que o correio, não é? - brincou ela.

- É verdade - retrucou ele, sorrindo. - Nem com esse progresso todo do nosso século, a comunicação por carta não consegue ser mais eficiente que por tambor. Bem, Teresa, o importante é que eles estão chegando aqui amanhã e você vai ter gente pra te fazer companhia. Algumas índias vão vir com eles.

- Ótimo - disse ela. - Pensei que ia só ter meus passarinhos e meu macaquinho.

- Não, você não vai mais se sentir tão sozinha. Mas, cuidado no trato com elas. Não estão acostumadas com o branco, principalmente com a mulher branca. Acho que nunca viram uma. Tente compreender os costumes delas, não tente impor os seus. Os índios são muito leais, muito amigos, mas também muito sensíveis. A educação deles é totalmente diferente da nossa, a gente tem que entender isso. Está certo?

- Pois não, meu amo e senhor - debochou ela, fazendo uma graciosa mesura.

Por volta das seis da tarde, o sol começando a se esconder, Maria Teresa foi afinal tentar tomar um banho no chuveiro improvisado. Um cercado de folhas de paxiúba e de bananeira com um metro de cada lado, um regador de plantas de jardim que trazia a água de um reservatório de pouco mais de dois metros de altura, construído ali perto.

Até que a engenhoca funcionava razoavelmente bem. Puxava-se uma cordinha, o regador se inclinava e a água descia pelos pequenos buracos originariamente utilizados para regar as plantas. Aquilo fora ideia de Faustino, com a experiência adquirida nas expedições anteriores. Pelo menos, tinha-se privacidade e não se tinha que ficar abaixando e levantando a toda hora pra apanhar a água na bacia.

O outro chuveiro semelhante, construído para os homens, ficava do outro lado da clareira. Quando escureceu, eles foram tomar um banho refrescante, que lhes tirou do corpo a poeira e o barro acumulados durante o dia. Alguns preferiram banhar-se no igarapé em frente.

As duas latrinas também eram idênticas. Dois cercados de madeira, uma fossa de um metro de profundidade e dois vasos sanitários também de madeira, de forma retangular.

Logo em seguida Mário servia o jantar. Surubim, que havia pescado durante o dia, acompanhado de pirão de farinha. Faustino mandou servir uma rodada de cachaça aos homens. A bebida era guardada a sete chaves por Pedro, debaixo de sua rede de dormir, e aí daquele que tentasse dela se aproximar.

Faustino estava satisfeito. Tudo correra bem naquele primeiro dia. Os novos homens contratados, aqueles que não conhecia anteriormente, corresponderam à expectativa. Nenhum fez corpo mole, todos se dedicaram integralmente ao trabalho.

À noite, junto a uma das três fogueiras acesas, os homens conversavam alegremente ao som do violão, tocado precariamente por José Ribamar, o “Sarárá”.

Pronto, estavam instalados.

No dia seguinte - meditava Faustino - terminariam os trabalhos de fixação na clareira. Aguardariam a chegada do cacique Urumã com seus índios e, no máximo, daí a dois dias, começariam a embrenhar-se na mata virgem, em

busca das árvores da seringueira, efetivamente seu objetivo maior.

## 30

Na tarde do dia seguinte, conforme prometido, Urumã chegou. Fizeram uma festa para recepcioná-lo e aos seus bravos.

Essa fora uma tradição que Faustino aprendera nas vezes anteriores em que estivera na selva: os índios gostam de ser recebidos com festa.

Durante o dia, antes que eles chegassem, os homens haviam conseguido caçar uma enorme capivara, que, depois de limpa, foi colocada para assar por Mário. A mandioca também foi colocada no braseiro, a farofa com os miúdos do animal foi preparada, várias cestas de frutas ornamentavam a área do chão que fora limpa e que servia de mesa improvisada entre as duas fileiras de tendas.

Por volta das três da tarde já se ouvia ao longe o som dos tambores. Esse barulho foi ficando mais perto, até que lá pelas quatro horas eles irromperam na clareira. O cacique, homem alto, porte majestoso, com um belo cocar de penas de aves diversas na cabeça, vinha na frente de uns quinze homens e umas cinco mulheres aproximadamente. Os dorsos nus, vestiam eles apenas minúsculas tangas, que lhes cobriam as partes íntimas. Tanto os homens como as mulheres, já que estas desconheciam o uso do “*soutien*” para cobrir-lhes os seios, costume das mulheres das cidades ditas civilizadas.

Faustino, Pedro e os homens os aguardavam no centro do acampamento, junto às três fogueiras, já acesas. Faustino saudou Urumã com um gesto com a mão direita levantada, batendo com a mesma no peito por três vezes. Depois, abraçou calorosamente o cacique.

- Fico muito satisfeito em receber Urumã aqui no meu acampamento - disse, numa mistura de português e

“aruak”.

- Grande chefe “Fastino”, amigo dos índios - retribuiu Urumã, abrindo um largo sorriso. Ele não conseguia pronunciar o “u” de Faustino, chamando-o de “Fastino”.

Faustino apresentou Maria Teresa:

- Esta aqui é minha mulher, Urumã. Está esperando um filho meu, que vai nascer aqui no Amazonas.

Urumã fez apenas uma reverência com a cabeça. Maria Teresa ficou com a mão estendida no ar, sem saber o que fazer, pois o cacique não a apertou, como era costume dos brancos.

Faustino sussurrou em seu ouvido:

- Eles não sabem o que é cumprimentar apertando as mãos. Fazem apenas um movimento inclinando a cabeça para a frente. Retribua.

Ela retribuiu o cumprimento. Urumã voltou a abrir o sorriso, que mostrava a boca sem vários dentes na frente:

- Seja bem vinda, grande mulher do chefe branco. Aqui com Urumã e os seus, é só mandar que a gente obedece.

- Muito obrigada, chefe Urumã - agradeceu ela timidamente. - Desculpe se eu não conheço muito bem seus costumes. Vou fazer força para aprender.

Ele riu gostosamente, soltando uma sonora gargalhada.

- Não se preocupe com isso, grande chefe branca. Nós também demoramos muito para aprender os costumes do homem branco.

Faustino mandou que os homens puxassem conversa com os outros índios, procurando deixá-los à vontade. Sentaram-se no chão, em volta da grande fogueira do centro, onde a capivara estava sendo assada. Faustino mandou Pedro e Raimundo trazerem os presentes que haviam transportado: muito remédio para doenças da selva, repelentes contra mosquitos, facas, facões, anzóis, foices, enxadas, vacinas, coisas de que realmente os índios necessitavam. Apesar de que tinham eles vivido muito bem



sem nada daquilo até ali. Mas, enfim, a civilização havia chegado até eles, levando com ela as doenças e as coisas do homem branco e eles tinham que a ela se adaptar. Alguns vestidos para as mulheres, um rifle para Urumã.

As índias se acercaram de Maria Teresa. Duas delas já eram bem velhas, cabelos brancos, pele enrugada, curtida pelo sol. Outras duas deviam ter por volta de quarenta anos. E, uma outra mais nova, pouco mais de trinta. Todas elas tinham os seios flácidos, caídos no peito. A não ser a mais nova, as outras quatro não tinham dentes, pelo menos os da frente.

Curiosas, passavam os dedos pelas longas tranças de Maria Teresa. Também tocavam o seu rosto branco, novidade para elas. Uma quis que ela abrisse a boca, examinando seus dentes. Riam de tudo, como se estivessem frente a frente com um brinquedo novo.

Maria Teresa atendeu a todas solicitações com paciência e bom humor. Mostrou-lhes algumas toalhas e guardanapos de renda, feitos à mão, produtos típicos do artesanato de Fortaleza. Elas soltaram risinhos de admiração. Uma tentou vestir a toalha, pensando que fosse um vestido. Maria Teresa não pôde conter o riso, explicando-lhes pacientemente para qual finalidade a toalha era usada, estendendo-a no chão, como se este fosse uma mesa imaginária.

Mesmo não entendendo a língua umas das outras, facilmente se entenderam pela linguagem universal dos gestos. Trocaram presentes, enormes colares feitos de pedras preciosas oferecidos pelas índias; tesouras, pentes e brincos, ofertados por Maria Teresa. Em pouco tempo, já estavam se comunicando sem maiores problemas, rindo alegremente, as índias sem parar de brincar com as tranças de Maria Teresa, coisa que, realmente, atraiu-lhes a curiosidade.

Enquanto isso, depois das saudações costumeiras, Faustino combinava com Urumã como poderiam os índios ajudar na expedição. O cacique preferiu ficar no seu acampamento, sua taba, um pouco distante dali, a uns trezentos metros. Queriam ter sua privacidade, cultivar seus costumes, que nada tinham a ver com aqueles dos brancos. Estavam prontos a colaborar na extração da borracha, mediante um módico pagamento, bem menor do que aquele pago por Faustino aos homens contratados. E, vantagem maior: conheciam os caminhos da selva como ninguém, acostumados que estavam a nela se embrenhar, varando seus esconderijos mais secretos.

Aquela noite, após devorarem a saborosa capivara, todos no acampamento se divertiram, ouvindo e dançando sob o som dos tambores indígenas ou do violão de José Ribamar.

Por volta das onze horas, Urumã e seus bravos se retiraram, indo dormir um pouco mais longe, no local onde, no dia seguinte, ergueriam a sua taba. Estenderam esteiras de palha no chão e ali dormiram, sem medo dos mosquitos, das cobras ou de animais selvagens, coisas de que somente os brancos tinham receio.

Faustino também mandou o pessoal dormir. No dia seguinte, teriam que acordar cedo, agora realmente é que o trabalho iria começar.

Maria Teresa, encantada com a recepção das índias, estava ansiosa pelo retorno de Faustino à tenda. Quando este chegou, tirando com ar de cansado a roupa do corpo, ela perguntou:

- Faustino, pelo amor de Deus, me ensina alguma coisa da língua delas. Eu fico sem graça, elas querendo me agradar, rindo sem parar, e eu não entendendo nada do que dizem.

Ele só ria, gozando um pouco da aflição da mulher.

- Pode deixar, Teresa, você aprende aos poucos. Trata elas bem, seja você mesma, que logo, logo, vocês vão ser unha e carne - disse, rindo, enquanto tirava com dificuldade as botas de couro dos pés cansados.

# 31

Faustino estava certo.

Com o passar dos dias, ainda mais depois que as índias souberam que Maria Teresa estava grávida - a barriga já começava a aumentar - elas não a deixavam ficar sozinha um só segundo.

Queriam ajudá-la a tomar banho, traziam-lhe a comida na barraca, na qual entravam sem qualquer cerimônia, a qualquer hora, sem ao menos olhar para Faustino que dormia na outra rede. Ajudavam-na a se vestir, ofereciam-lhe poções que diziam iriam fazer bem ao bebê.

O café da manhã passou a ser servido às cinco da manhã.

As índias entravam na tenda rindo alegremente, levando até a rede da grávida um balaio de frutas, uma xícara de café, bolo de mandioca e o que mais Mário havia acabado de preparar.

Aquela passou a ser a hora de todos acordarem no acampamento.

Em pouco tempo, Maria Teresa e seu séquito de índias já conseguiam se comunicar razoavelmente. Com as mãos, com a boca, faziam-se compreender, como dissera Faustino.

Aqueles primeiros dias de trabalho foram sem descanso, numa corrida frenética para o preparo do terreno e o início da extração do látex. Todos se movimentavam sem parar, ninguém tinha um momento de folga, cada qual preocupado em executar suas tarefas, compenetrados, com toda a atenção fixada naquilo que tinham que fazer.

Os “toqueiros”, com seus facões, serras e foices, foram abrindo picadas mato adentro, conhecidas na região dos seringais como “varadouros”. Antes, iam os “mateiros”, que eram aqueles encarregados de selecionar as melhores

áreas, onde estavam localizadas as seringueiras mais produtivas. Só depois de fixadas essas áreas, é que os “toqueiros ” entravam em ação.

Como o pessoal de Faustino era constituído, em sua maioria, de “mateiros” inexperientes, ele mesmo era um daqueles que desempenhava as funções de escolher as melhores áreas. Além dele, somente Pedro e Auã tinham experiência no assunto. Além de Urumã, é claro.

Partiam os quatro bem cedo do acampamento, acompanhados de outros quatro ou cinco homens. Iam em direções diferentes, na tentativa de descobrir as melhores áreas de seringueiras. Ali, a qualidade e a quantidade das árvores tinham que estar conjugadas com a maior proximidade do acampamento principal, com a “colocação”, como era ele chamado pelos seringueiros. A área tinha que ser boa, produtiva, mas não podia ficar longe do ponto de partida. Caso contrário, depois de uma jornada de trabalho, não haveria tempo hábil para o retorno. Teriam, então, que dormir na selva.

Às vezes, alguns dos índios de Urumã acompanhavam, divididos em grupos, os homens chefiados por Faustino. Pedro e Auã chefiavam dois outros grupos, que seguiam direções diferentes. Os índios forneciam-lhes indicações e trilhas até os seringais.

Demarcadas as áreas, retornavam eles, cansados, suados, roupas sujas de lama, suor impregnado do cheiro de mato. Aí, no dia seguinte, bastava que os “toqueiros” seguissem as trilhas semiabertas pelos “mateiros ” . Com seus instrumentos mais pesados, iam abrindo o caminho mínimo necessário para a passagem dos homens e do material que seria utilizado na extração do látex: cacimbas, carrinhos de mão, cordas, etc... Aquela rotina de homens indo e vindo, falando pouco e trabalhando muito, movimentando-se sem parar, passou a ser o dia a dia do acampamento. Fogueira sempre acesa, uma comida no fogo

baixo, as vozes das pessoas sussurrando baixo, a cena só mudava quando a noite começava a cair, quando os homens, exaustos, voltavam para as tendas.

Faustino dava ordens expressas aos “toqueiros” para que desbastassem somente o necessário para a passagem dos seringueiros. Detestava destruir vegetação inutilmente, defendendo com veemência a preservação da natureza. Mesmo assim, aquele pessoal ignorante cortava mais árvores que o necessário, acendia fogueiras sem utilidade, apenas para cozinhar um peixe ou um pequeno animal abatido. E, assim, a imensa floresta verde ia pouco a pouco perdendo uma parcela de sua grandiosidade. Mordida pelas beiradas, pedacinho a pedacinho.

Depois de quatro dias de trabalho duro, as áreas de extração estavam demarcadas, as trilhas para alcançá-las devidamente abertas. Agora, era só tirar o ouro viscoso das árvores, transformá-lo nas “pélas”, depois vendê-las ao comprador já previamente contratado. Seria trabalho demorado, suado, mas a recompensa seria farta.

Pedro, que ficava sempre mais próximo ao acampamento, zelando pela segurança dos que ali permaneciam, mandou que os homens derrubassem umas três árvores maiores, as quais foram transformadas em pequenas canoas, as chamadas pirogas. Assim, Mário e duas índias que passaram a ajudá-lo, saíam cedo para pescar, retornando por volta das dez horas com vários peixes nas pirogas: surubins, tucunarés, um ou outro pirarucu, se tivesse êxito o “marisco”. Naquela região, pescaria era chamada de “marisco”.

Faustino ficava o dia inteiro praticamente fora do acampamento, supervisionando o trabalho nas seis áreas escolhidas como aquelas de melhores seringueiras. Em cada uma delas, com umas vinte árvores em média cada uma, ficavam de cinco a seis homens. Um balde ou uma rudimentar cacimba eram amarrados na parte inferior da

árvore e, acima deles, o seringueiro fazia os sulcos em forma de um “V”. Uns seis sulcos mais ou menos. A seiva começava a escorrer lentamente dentro do recipiente e, no final do dia, este estava cheio. O seringueiro, então, lá pelas cinco da tarde, recolhia os baldes cheios de látex, que eram enfileirados numa espécie de varal de madeira. Colocando-o sobre os ombros, dividindo o peso, ele os transportava para o acampamento. Outros faziam o transporte em carrinhos de mão, dependendo da maior ou menor facilidade de locomoção até a “colocação”.

Lá, nos barracões armados nos fundos, as duas grandes tinas de ferro, chamadas de “buiões”, já aguardavam o material colhido durante o dia. Na parte inferior das mesmas, duas enormes fogueiras iriam defumar o látex, transformando-o nas imensas bolas de quase quarenta quilos cada uma, as “pélas”. Estas ficariam armazenadas nos barracões até a chegada da gaiola de Moraes, que as conduziria para Belém.

Esta, a rotina da extração da borracha. Coisa rudimentar, que empregava muitos homens, exigia muito trabalho braçal, mas que, mesmo assim, dava um enorme lucro aos seus exploradores.

Foi com sua extração que Manaus tornou-se uma das mais prósperas cidades brasileiras daquela época, logo seguida de Belém, que servia de porto exportador para a mercadoria. A capital amazonense foi a primeira a ter iluminação elétrica no Brasil, assim como o bonde a trafegar em suas ruas. Também já havia água encanada e rede de esgotos. O teatro Amazonas, joia da arquitetura, quase todo construído com material importado, como mármore de Carrara e lustres de cristal europeu, tornou-se um símbolo do fausto e riqueza da região.

Pena que, com o contrabando das sementes da “*Hevea brasiliensis*” pela Inglaterra, o preço internacional da borracha começou a cair vertiginosamente. Lá, nas suas

colônias da Ásia, o país inglês, utilizando métodos mais modernos, começou a produzir a borracha em maior quantidade e a preço consideravelmente mais baixo.

Começou aí, infelizmente, o declínio da fase áurea da borracha no Brasil e, em consequência, o das cidades que com ela se desenvolveram rapidamente.

Faustino queria aproveitar o final daquela fase áurea. Enquanto ainda era possível...



## 32

O cacique Urumã estava satisfeito.

Afinal, depois de longo tempo afastados, conseguira rever o amigo Faustino, o “homem do chapéu grande”, como o chamava. Tinha para com ele impagável dívida de gratidão. Se não fosse Faustino, alguns anos atrás, a essa hora já estaria visitando seus antepassados. Quando fora picado por aquela cobra venenosa no meio da selva, não haveria recurso índio que o salvasse. O veneno daquela era diferente do das outras, matava em poucos minutos. As ervas e beberagens que costumavam usar para mordidas de cobra não iriam funcionar daquela vez. Faustino prestou-lhe socorro prontamente, chupara o veneno do seu sangue, os dentes grudados em sua canela que já inchara bastante segundos após a mordida. Depois, aplicou-lhe uma picada no braço com aquele líquido branco espumoso que correu para dentro do seu corpo. *Engraçado, pensou, “ a picada daquele negócio que depois veio a saber chamar-se injeção doeu mais que a mordida da cobra”.*

Urumã já era chefe de sua tribo há várias luas, mais de vinte anos, segundo lhe explicou Faustino, fazendo a conversão do tempo de luas para anos. Pertencia aos Kuniva Deni, variação dos Deni, tribo que habitava a região dos rios Purus e Juruá. Eram índios nômades, não ficavam muito tempo no mesmo lugar, mudavam-se constantemente em busca de melhores áreas para a caça e, desde algum tempo, fixaram-se na margem esquerda do grande rio, depois de Itacoatiara e antes de Parintins. Estavam fixados ali por mais tempo porque, com o auge da exploração da borracha na região, aproximaram-se dos brancos e com eles conseguiram trabalho. Os brancos, em troca do serviço braçal, forneciam-lhes as mercadorias básicas para a

sobrevivência da tribo, sem que tivessem mais necessidade de sair em busca do que comer. Antigamente, a caça e a pesca eram as únicas fontes de alimentos. Mas, apenas com arcos e flechas, nem sempre conseguiam êxito e muitos morriam de fome ou de doenças bobas, como um simples arranhão ou um osso quebrado numa queda na selva.

Na realidade, seu nome verdadeiro, na língua Aruak, não era Urumã. Mas, como era muito difícil de ser compreendido o que falavam, os exploradores aportuguesavam o que conseguiam entender. Fora Faustino quem, depois de tentar inutilmente pronunciar com exatidão o nome do cacique, acabou por dar-lhe uma forma adaptada para o português, que ficou sendo Urumã. Com o passar do tempo, os dois conseguiram se comunicar melhor. Mas, inicialmente, nenhum entendia o que o outro dizia e a linguagem dos gestos é que servia de meio de comunicação entre ambos.

Assim também ocorreu com Auã, que Pedro recrutou numa das paradas do “Rosamar”, a caminho de Belém. Como ninguém conseguia entender o que ele dizia, nem mesmo o seu nome, este acabou sendo aportuguesado para Auã. Apesar dele ter morado numa cidade civilizada pelos brancos já há algum tempo. Os índios não faziam a mínima questão em querer aprender o português, mantendo-se fiéis à língua de origem. Os outros que se virassem e que aprendessem a se comunicar com eles.

Assim, era engraçado ouvir Pedro ou outro dos seringueiros dando ordens a algum dos índios que fazia parte do seu grupo de extração do látex. Falavam alto, gritavam, esbravejavam e os índios ficavam olhando para eles com ar inocente, sem entender nada do que diziam. Somente pelos gestos feitos com as mãos ou com os pés é que conseguiam entender alguma coisa.

Maria Teresa e as índias que a cercavam, da mesma forma, só se conseguiram fazer compreender depois de

vários dias de convivência. Também era muito engraçado vê-las soltando grunhidos e sons ininteligíveis, fazendo gestos espalhafatosos com as mãos. Mas, com elas era um pouco diferente dos homens: riam sem parar, achavam graça em tudo, procuravam o entendimento com bom humor. Já os homens viviam aos gritos, não conseguindo esconder a exasperação. Praguejavam, soltavam palavrões, xingavam os índios.

Urumã, depois que conheceu Faustino, em 1909, muito antes do episódio da mordida da cobra, acabou por nele confiar totalmente. Passaram alguns dias naquele processo de conhecimento mútuo, um desconfiando do outro, mas como Faustino, capataz da expedição, precisava desesperadamente conseguir homens para o trabalho braçal e Urumã também necessitasse suprir sua tribo dos mantimentos que os brancos tinham estocados, as carências de ambos acabaram por aproximá-los.

Fizeram uma boa amizade naquele primeiro contato e quando Faustino voltou à Amazônia, em 1912, Urumã foi logo procurá-lo. Foi então que ocorreram os episódios da mordida da cobra e da malária de Faustino, o que mais aproximou os dois.

Agora, dessa vez, quando Urumã foi avisado por Ferreira que Faustino iria voltar à região, procurou logo entrar em contato e colocar seus índios à disposição do amigo branco.

Urumã lembrava-se com nitidez de sua infância e da adolescência, passadas em companhia do pai e da mãe, vagando para lá e para cá, pelas duas margens do grande rio. Passavam longe das cidades, nem das menores se aproximavam. Não queriam contato maior com a civilização, a não ser o mínimo indispensável que lhes fornecesse algum meio de sobrevivência.

A selva já não era como antigamente, quando somente os índios nela habitavam e transitavam, onde a caça e a

pesca eram abundantes e não havia disputas maiores para procurar o alimento. Naquele tempo, as únicas preocupações da tribo Kuniva Deni eram os perigos naturais da grande floresta e a rivalidade com os índios Akawés, tribo inimiga e que às vezes, cruzava o mesmo território.

Urumã perdera três irmãos, que não chegaram a atingir a idade adulta. Dois morreram em lutas travadas com os Akawés e o outro, mais velho que ele e que seria o futuro cacique, atacado por uma cobra venenosa. Cruzaram toda aquela região, quase fronteira com o Peru até depois de Manaus. O pai de Urumã nunca quis contato com o homem branco, mas estes, na fase áurea do ciclo da exploração da borracha, chegavam aos milhares à região, trazendo com eles suas doenças, seus vícios, invadindo a cada dia que passava o território virgem, somente pisado antes pelas tribos indígenas.

O velho cacique, pressentindo a chegada cada vez mais próxima do invasor, mal se fixava num terreno e pulava para outro, tentando evitar por todos os meios possíveis que sua gente fosse contaminada. Mas, eles não paravam. Dia a dia iam avançando mata adentro, derrubando árvores, fazendo queimadas, iniciando culturas de mandioca, feijão, batatas e outras mais. Urumã já ouvira histórias de que alguns índios de outras tribos que tiveram contato com os brancos foram por eles rapidamente corrompidos. Adquiriram o vício da embriaguez, suas mulheres foram violentadas ou acabaram seduzidas pelas falsas promessas dos caboclos nordestinos, acabaram fazendo todo o trabalho braçal sem nenhuma compensação, na condição de escravos. E, pior, com sua aproximação cada vez mais intensa, espantaram a caça animal e poluíram as águas dos rios, reduzindo a pesca outrora abundante.

Quando o pai morreu, Urumã, agora o filho mais velho, foi aclamado como o novo cacique. Tinha, na época, pouco

mais de vinte anos, tendo que resolver de pronto o grave problema de como alimentar o seu pessoal.

A aproximação com os brancos tornou-se então inevitável. Sua grande sorte foi que o primeiro branco que conheceu foi Faustino, em 1909, quando este tinha apenas vinte e três anos de idade e chegava pela primeira vez na Amazônia.

Faustino, capataz daquela expedição, estava fiscalizando uma “colocação” de um seringal, onde trabalhavam seis homens, extraíndo o látex de umas trinta árvores. Pedro era um desse homens.

No seu vistoso terno branco de sempre, chapelão de aba na cabeça, botas de cano alto, bigodinho fino sobre o lábio superior, Faustino dava ordens aos homens, indicando uma coisa ali, corrigindo outra ali.

Urumã e alguns dos seus homens já vigiavam a “colocação” há uns três dias, desde que perceberam a chegada dos seringueiros. Estavam curiosos acima de tudo, já que alguns nunca tinham visto de perto um homem branco. Em segundo lugar, queriam observar de longe o que eles comiam, do que se alimentavam.

Estavam acampados ali perto, a uma distância de uns quinhentos metros aproximadamente. Quando ouviram vozes na mata, deixaram os outros integrantes da tribo na taba e, chefiados por Urumã, uns sete deles foram observar os brancos. Ocultaram-se na mata, escondidos atrás da densa vegetação, ficando a uns trinta metros dos seringueiros.

Não entendiam porque os brancos faziam aqueles cortes nas árvores e colocavam aquelas cacimbas embaixo, onde a seiva viscosa era recolhida. “ *Será que aquele líquido branco servia para beber? Ou faziam alguma espécie de comida com ele?*” – pensava Urumã.

Quando o sol estava a pino, quase encoberto pelas copas das altas árvores, os homens pararam de trabalhar e

sentaram-se no chão. Já era por volta do meio-dia. Conversavam alegremente em torno de uma pequena fogueira, onde uma grande vasilha preta de ferro cozinhava o almoço. O cheiro de charque e jerimum exalava fortemente da vasilha e, mesmo de onde estavam, os índios o sentiram no ar.

Urumã e seus homens nunca haviam sentido aquele cheiro, que lhes pareceu delicioso. Os homens se serviram, colocando a refeição em marmitas de alumínio, comendo com satisfação. Os índios continuavam observando de longe.

Urumã também ficou encantado com as roupas usadas por Faustino. Aquele terno branco de linho, o chapéu e as botas davam um aspecto de distinção àquele branco alto e que gritava muito com os outros homens.

*“Ele deve ser o cacique deles”* – pensou.

Sentado numa toalha sobre o chão de terra, para não sujar a calça branca do terno, Faustino almoçava ao lado de Pedro. Disse baixinho:

– Pedro, tem uns índios observando a gente.

Pedro virou o pescoço para os dois lados.

– Não vejo ninguém, patrão. Como é que o senhor sabe?

– Já reparei neles há uns dois dias atrás. Eles só estão olhando, parece que estão com medo de se aproximar.

– Será se são perigosos? – perguntou Pedro.

– Não sei, vou tentar descobrir durante o dia. Não alerte os homens, se não vão acabar fazendo merda.

– “Tá” certo, patrão – retrucou Pedro.

Depois do almoço, os homens retomaram o trabalho, cada um retornando às suas seringueiras. Faustino, fingindo despreocupação, dava uma ordem aqui, outra ali, circulando entre as árvores como quem não quer nada. Foi-se embrenhando mata adentro, até que chegou bem perto do local de onde Urumã e seus índios observavam o ambiente.

De repente, quando olhou em volta, viu-se cercado por vários arcos e flechas apontados para ele. Os índios o haviam cercado silenciosamente, sem que ele percebesse qualquer ruído ou movimento. Olhou fixamente para eles, um a um, até que parou o olhar sobre aquele que lhe pareceu o chefe, pois tinha um cocar na cabeça.

Tentou falar:

- Boa tarde, eu sou Faustino.

Os índios continuavam com os arcos e flechas apontados em sua direção. Nada disseram, não moveram um músculo. Depois de algum tempo em silêncio, Urumã caminhou em sua direção. Olhou-o com curiosidade, reparou que os dois tinham aproximadamente a mesma idade. Deu uma volta ao seu redor. Faustino permanecia imóvel, Urumã viu o revólver dependurado em sua cintura. Não sabia ao certo o que era, para que servia, mas deduziu que seria aquele objeto de que lhe falara seu pai. Aquele que os homens brancos traziam consigo, que fazia um estouro e matava os índios.

Apontou para o revólver e fez um gesto para que Faustino o jogasse ao chão. Ele obedeceu, depositando a arma vagarosamente sobre a terra úmida. Urumã mandou que um dos seus guerreiros apanhasse o revólver.

Faustino procurou manter a calma, respirando profundamente. Novamente, tentou falar:

- Nós estamos aqui em paz. Vocês entendem a minha língua?

Ninguém respondeu, pois não entenderam nada do que ele disse. Urumã continuava a dar voltas em torno de Faustino, examinando-o detalhadamente. Não se conteve e tocou na aba de seu chapéu. Faustino continuou imóvel. Percebendo o interesse do índio no chapéu, tirou-o da cabeça e estendeu a mão, passando-lhe o mesmo.

Urumã pegou o chapéu das mãos de Faustino, colocando-o desajeitadamente na cabeça. Os outros índios

riram. Urumã também acabou rindo. Faustino, sentindo que ganhava a confiança deles, também sorriu. Ajeitou com as mãos o chapéu na cabeça do cacique. Os outros índios aplaudiram, continuando a rir, como se achassem melhor a nova posição daquele objeto estranho na cabeça de seu chefe.

Faustino arriscou avançar um pouco mais. Fazendo gestos com as mãos, indicava aos índios para que o acompanhassem. Eles, a princípio, não entenderam direito o que ele queria dizer. Depois, parecendo entender, ficaram desconfiados. Mas, Faustino fez o gesto definitivo, aquele que os convenceu. Levou as mãos à boca, indicando que os convidava para comer alguma coisa.

Eles, que estavam de estômago vazio desde o início da manhã, quando começaram a vigiar o acampamento, entreolharam-se, hesitando se aceitavam ou não o convite.

Faustino insistiu, abrindo um largo sorriso e puxando Urumã pelo braço. Este, ainda com o chapelão enterrado na cabeça, deixou-se arrastar. Os outros o seguiram.

Chegando no centro da área de exploração, onde a pequena fogueira ainda ardia no chão, Faustino distribuiu algumas marmitas entre os índios. Depois, com a concha, foi servindo em cada uma o charque, o jerimum e a farinha de mandioca. Distribuiu, também, colheres entre eles. Os índios, com a marmita numa das mãos e a colher na outra, não sabiam o que fazer, olhando para Faustino. Este, percebendo-lhes a hesitação, pegou também uma marmita para ele, enchendo-a com a comida. Segurando uma colher, levou-a à boca, cheia de carne seca e jerimum.

Os índios o imitaram, saboreando o gosto da comida. Em pouco mais de um minuto esvaziaram as marmitas. Faustino voltou a enchê-las.

Urumã e sua tribo, é claro, já conheciam o fogo. Mas, no preparo da caça ou pesca, nunca utilizavam sal ou outros



temperos. Por isso, sua comida não tinha gosto, o sabor era nenhum.

Experimentando aquela mistura de charque e jerimum, regada à farofa, bem temperada com cebola, alho, coentro, salsa, sal e muita pimenta, acharam-na maravilhosa. Riam muito enquanto comiam, faziam comentários em sua língua ininteligível. Depois, levantaram-se e começaram a dar passos de dança em volta de Faustino, levantando os braços em saudação para ele.

Os seringueiros, trabalhando junto às suas árvores, olhavam de lado para aquela cena, com medo de nela interferir. Não sabiam ao certo o que Faustino estava fazendo, estavam com receio de provocar os índios. E, se eles fossem perigosos? Talvez canibais?

Depois que os índios pararam de dançar, Faustino convidou Urumã a sentar-se no chão. Tentou explicar, por gestos, que eram amigos, que estavam ali em paz, trabalhando, colhendo a seiva das árvores para transformar em borracha. Urumã olhava para ele com expressão apalermada, pouco entendendo de sua explicação.

Com cuidado, Faustino gritou:

– Pedro, vem cá. Traz um balde cheio de látex.

Pedro obedeceu, caminhando vagarosamente em direção aos dois sentados, com o balde nas mãos. Estava pesado, devia ter uns doze quilos.

Faustino pegou o balde e mostrou o látex a Urumã. Fez um esforço danado para explicar que ele seria esquentado no fogo e depois transformado em borracha. O cacique entendeu pouca coisa.

Faustino disse para Pedro:

– Olha, vou tentar levar eles até o acampamento. Vem atrás de mim sem que eles percebam. Mas, só atire em último caso, só se eles mudarem o comportamento. Parece que são pacíficos e vou tentar ver se eles querem trabalhar com a gente.

Levantou-se, estendendo a mão direita a Urumã, ajudando-o a ficar em pé. Com novos gestos, convidou-o a acompanhá-lo. O cacique, ainda com o chapelão enterrado na cabeça, hesitou mais uma vez. Faustino insistiu. O índio decidiu acompanhá-lo, fazendo sinal para que os outros o seguissem.

Foram atravessando os “varadouros” com cuidado até chegarem à “colocação”. O pessoal que lá estava, inclusive o chefe da expedição, ficaram surpresos vendo Faustino puxando uma fila de índios. Ficaram meio de longe, olhando, curiosos.

Faustino falou, em voz alta, para que todos ouvissem:

- Pessoal, estes aqui são alguns índios que encontramos lá embaixo, num dos seringais. Acho que são pacíficos. Por favor, não façam nenhum gesto brusco ou falem muito alto para não assustá-los. Se confiarem na gente, acho que podemos convencê-los a nos ajudar aqui.

O pessoal obedeceu, inclusive Fernando, o chefe dos seringueiros.

Faustino disse-lhe, em voz baixa:

- Fernando, acho que eles estão com mais medo da gente do que nós deles. Parecem assustados, acho que nunca viram o homem branco. Também parecem com fome, dei de comer para eles lá no seringal, devoraram tudo.

Fernando respondeu:

- Tudo bem, vai em frente, vê se consegue lidar com eles. E, se conseguir convencê-los a trabalhar, ótimo. Estamos precisando de gente aqui, quantos braços a mais vierem, melhor.

Faustino conduziu Urumã e os índios até sua cabana. Mostrou-lhe o sal, fazendo com que o experimentasse. Também o açúcar e outros condimentos, dando-lhes um pouco de cada um para que os levassem. Deu-lhes também alguns presentes, como roupas, sandálias, braceletes dourados e outras quinquilharias.

Depois de meia hora mais ou menos, despediram-se. Os índios nada prometeram, mas Faustino tinha certeza de que voltaria a encontrá-los.

Realmente, no dia seguinte, bem cedo pela manhã, apareceram eles na “colocação ” . Logo que localizou Faustino, Urumã a ele se dirigiu. O capataz não ficou surpreso. Ofereceu uma caneca de lata com café e leite ao cacique. Este, que nunca havia bebido aquilo, saboreou com prazer o líquido. Faustino mandou que um dos homens servisse o mesmo para os outros índios.

Urumã mandou um dos índios colocar no chão vários objetos, entre eles colares e cocares de penas coloridas de aves, facas e facões rudimentares, machados, arcos e flechas. Ofereceu uma bela faca a Faustino e mandou que os demais índios distribuíssem os outros objetos entre os homens da “colocação”. Estes agradeceram, com um sorriso amarelo nos lábios.

Faustino aproveitou para tentar explicar a Urumã que precisava do trabalho braçal dos índios. Explicou-lhe por várias vezes, através de gestos, qual seria o trabalho e qual seria a recompensa.

Ficaram quase toda a manhã tentando um entendimento. Lá pelas onze horas, Urumã parece que entendeu... Mais ou menos...

Falou com os demais índios sobre a proposta. Mas, queriam o pagamento, não em dinheiro, que não valia nada para eles. Desejavam mercadorias para comer, para cozinhar, algo que viesse a suprir a dificuldade que tinham agora em caçar e pescar.

Faustino compreendeu. Ofereceu-lhes logo para que levassem para sua taba alguns quilos de charque, sacos de sal e açúcar, farinha de mandioca, jerimum, feijão, banha de porco.

Naquela época, Faustino ainda não sabia o nome de Urumã, que só lhe foi dado muito tempo depois, quando o

mesmo foi aportuguesado. A comunicação oral entre os dois ainda era feita por meio de grunhidos e os gestos é que serviam como meio de compreensão. Os índios foram embora carregando os mantimentos.

No dia seguinte, antes que o dia clareasse, Urumã voltava com uns vinte índios atrás dele. Acordaram Faustino, que ainda dormia. Urumã, através dos seus grunhidos e gestos, disse que estavam prontos para o trabalho.

Começou assim a amizade entre os dois. E, como foi dito anteriormente, Urumã teve sorte em ter sido Faustino o primeiro homem branco que encontrou. Tinham quase a mesma idade, o que facilitou a aproximação. Apesar de Urumã já ter mulher e dois filhos, além de ser o chefe de sua tribo, essas responsabilidades não o faziam ser muito diferente de Faustino. Este respeitava a natureza, impedindo a sua degradação desnecessária. Com ele, árvore só era cortada para um fim útil. Animal só era morto quando servia de alimento. Evitava poluir a água dos rios e jamais fizera uma queimada para plantação de legumes ou outros vegetais. Tinha um verdadeiro respeito pela raça indígena, que considerava como a verdadeira dona da terra, evitando ferir seus costumes ou tradições.

Se, ao contrário, o primeiro contato de Urumã com o branco fosse com qualquer daqueles vários aventureiros que invadiram a região amazônica, muitos deles malfeitores e de péssimo caráter, talvez o destino de sua tribo fosse outro. Homens insensíveis, duros, que não respeitavam nada, muito menos os índios que eram escravizados e pervertidos sem compaixão.

Faustino estava cansado de ouvir histórias de tribos inteiras corrompidas e dizimadas pelo álcool, as mulheres violentadas e pegando doenças venéreas de colonos ignorantes e ambiciosos, os índios trabalhando sem nada receber. Era a “civilização” que chegava até eles, a

“cultura” do homem branco que ali aportara para lhes dar “melhores” condições de vida.

Por isso, às vezes era até ironizado pelo resto do pessoal da expedição pelo cuidado exagerado que tinha em preservar a natureza, pelo respeito que tinha pelos índios e sua cultura.

Quando partiu de volta para Fortaleza após aquela primeira expedição, Urumã e seu povo foram despedir-se de Faustino, tendo este prometido que voltaria em pouco tempo.

A amizade entre os dois ficou fortalecida quando Faustino realmente voltou à região, ainda como capitaz de uma segunda expedição, em 1912. Foi recebido com alegria pelo cacique, que novamente colocou seus bravos à disposição. Faustino levou-lhe vários presentes, para ele e sua tribo, o que muito alegrou os índios. Foi dessa vez que ocorreram a picada da cobra em Urumã e a malária que acometeu Faustino.

E, agora, daquela vez, quando Antonio Ferreira avisou Urumã da próxima chegada do amigo branco, ainda mais acompanhado da mulher esperando criança, o índio preparou-se com cuidado para proporcionar-lhes uma recepção digna da amizade entre os dois.

Já se consideravam irmãos de sangue...

# 33

Os dias sucediam-se rapidamente.

Já agora perfeitamente entrosados, trabalhadores, índios, até Maria Teresa, a rotina do dia a dia seguia o planejamento elaborado por Faustino.

Cada equipe de homens voltava dos seringais no final do dia trazendo, cada uma, de sete a dez baldes de látex, com quinze quilos aproximadamente por unidade. Os índios ajudavam no transporte, apesar de alguns também já auxiliarem nos trabalhos de fazer sulcos nas seringueiras, o que era considerado a tarefa mais sofisticada da exploração, por exigir certa técnica e alguma experiência.

Aqueles que ficavam durante o dia na “colocação”, ocupados em tarefas secundárias, logo que chegavam os baldes com látex, assumiam o controle do serviço. Colocavam a seiva nos “buiões”, que já tinham as fogueiras acesas debaixo deles. Depois de atingido o ponto de quase ebulição, o látex fumegante era despejado nas baias embaixo dos barracões, onde era esfriado e se transformavam nas grandes “pélas”, as enormes bolas de borracha bruta, com quase quarenta quilos cada uma.

Depois de formadas, as “pélas” eram colocadas ao abrigo do sol e da chuva em outro barracão, cobertas por espessas lonas de um tecido bem grosso e resistente. Ali aguardariam a chegada da gaiola do Moraes, quando então seriam transportadas para Santarém e Belém.

As índias que assessoravam Maria Teresa, já acostumadas a ver um homem cozinhando, ficavam observando Mário preparar as refeições. Prestavam bastante atenção nos temperos utilizados, o tempo de cozimento das carnes, a limpeza do peixe e outros segredos culinários. Das vezes anteriores em que Faustino

estivera na região elas já tinham visto um homem cozinhando, o que, inicialmente, causou-lhes muita surpresa, pois na tribo eram as mulheres as responsáveis pela preparação da comida. Mas, depois que tinham visto os cozinheiros trabalhando nas outras expedições, ver Mário preparando as refeições não era mais novidade.

Maria Teresa, inclusive, incentivava-as a observar o trabalho do cozinheiro. Assim, elas poderiam depois utilizar o que aprendessem quando fossem preparar as refeições dos maridos e filhos.

Maria Teresa já estava no sexto mês de gestação, a criança agora já se mexia em seu ventre. Faustino quase chorou de emoção quando ela o chamou, certo dia pela manhã. Haviam acabado de acordar, ele já lavava o rosto na água da bacia.

- Faustino, Faustino, vem cá - chamou ela.

Ele, enxugando o rosto e as mãos numa toalha, dirigiu-se até a rede onde ela ainda estava deitada.

- O que foi, Teresa? Está passando mal? - perguntou.

Estava escuro dentro da tenda, o dia ainda não havia clareado. Ele acendeu o lampião, enquanto ela puxava a mão direita dele e a colocava sobre sua barriga.

- Presta atenção - disse ela.

Ele esperou por alguns segundos. Nada aconteceu.

- O que é? Não estou vendo nada - perguntou ele.

De repente, sentiu uma forte batida na sua mão. Ficou emocionado.

- Ele me chutou, Teresa... ele me chutou - disse.

- Está vendo? - perguntou ela. - Eu não te disse que ia chegar a hora dele se mexer?

Ele ainda ficou por uns dois minutos com a mão sobre o ventre da mulher, enquanto o filho voltava a dar outros chutes.

- Que legal, Teresa... fiquei muito feliz - disse, não conseguindo esconder as duas lágrimas que rolaram de

seus olhos.

Ela debochou:

- Quer dizer que o homem durão, que não tem medo de nada, agora chora só porque o filho chutou sua mão?

Ele, embaraçado, passou a mão pelo rosto, enxugando as lágrimas.

Voltou para a bacia, colocou a pasta de dente na escova. Depois, vestiu-se e colocou o chapelão na cabeça.

- Hoje, eu volto para almoçar com você. A gente vai comemorar o primeiro chute do “bichinho”.

Tomou café, juntou os homens, partindo para os seringais. Estava contente, mais leve, uma sensação de felicidade invadia-lhe o espírito. Fez a ronda matinal das seringueiras, deu ordens aos homens, conferia uma coisa aqui, outra ali. Estranhou, entretanto, a ausência dos índios naquela manhã. Nenhum deles apareceu para acompanhar os seringueiros, como faziam habitualmente. O que teria acontecido? Esperaria a hora do almoço e iria até a taba para ver o que ocorrera.

Por volta das onze horas, após inspecionar o último dos seringais, preparava-se para se dirigir até a taba de Urumã. Chamou dois homens para acompanhá-lo. Nesse momento, o cacique surgiu, nervoso, falando apressadamente, atropelando as palavras. Agora mesmo é que Faustino não entendia nada do que ele falava.

- Calma, Urumã, calma. Fale bem devagar, não estou entendendo nada do que você está dizendo.

Fazia gestos com as duas mãos espalmadas para a frente, procurando tranquilizar o cacique. Este, ainda muito nervoso, apontava para a direção de sua taba, onde sua tribo estava acampada. Os índios que o acompanhavam também estavam muito nervosos, faziam gesto agitados, abriam os braços, falavam alto.

Finalmente, Faustino conseguiu entender alguma coisa.

- Akawé... Akawé... - repetia Urumã.



- Que é que tem os Akawés, Urumã? Por favor, explique melhor, que ainda não consegui entender.

Faustino também já estava nervoso com a agonia do amigo. Urumã tentava ficar calmo, falar alguma coisa em português. Não conseguiu. As palavras enrolavam-se na língua, só saíam sons em aruak, a língua da tribo Deni. Por sorte, Auã estava ali perto, naquele grupo de seringueiros. Faustino pediu-lhe:

- Auã, vê se consegue saber o que ele está querendo dizer. Não estou entendendo porra nenhuma.

Auã dirigiu-se a Urumã em aruak, perguntando o que havia acontecido. Foi traduzindo para Faustino:

- Patrão, os Akawés mataram de emboscada um índio da tribo do cacique. Um outro conseguiu fugir e foi correndo até a taba avisar o resto. Eles estão de prontidão, prontos para a guerra.

Urumã continuava a falar rápido, naquela língua ininteligível. Auã traduziu:

- O cacique está preocupado que eles tentem atacar o nosso acampamento. Não sabe quantos eles são, mas sabe que estão nas redondezas.

Faustino pensou um pouco. Depois, decidiu. Falou para Auã:

- Diga a ele para pegar todos de sua tribo e virem para cá, para o nosso acampamento. Juntos, vai ser mais fácil a gente se defender.

Auã repetiu as palavras de Faustino. Urumã abraçou Faustino, fazendo-lhe uma saudação. Conseguiu afinal expressar seus sentimentos em português:

- Obrigado, amigo "Fastino". Vou reunir minha gente.

Desapareceu em seguida, seguido de seus bravos. Faustino gritou para os seringueiros:

- Olhem bem, prestem atenção. Vou mandar distribuir um revólver para cada um. Fiquem de olhos abertos. E, só atirem se tiverem certeza de que estão sendo atacados.

Mandou Venâncio correr as outras áreas e avisar o pessoal sobre o que estava acontecendo.

Voltou rapidamente para o acampamento. No caminho foi pensando no motivo do ataque dos Akawés. Numa das vezes anteriores, em 1912, soube que eles estavam rondando o acampamento. Aquela outra expedição, entretanto, era muito bem armada e tinha muito mais homens que a atual. Talvez, por isso, tiveram receio em atacar. Urumã comentara que os Akawés eram muito hostis, ferozes, que tinham prazer em matar e humilhar seus inimigos. Já estavam usando armas de fogo, conseguidas com os brancos, e eram em maior número que os Denis, que estavam divididos em várias tribos diferentes, cada uma com sua própria chefia.

Ainda quando seu pai era vivo, os Akawés, algumas vezes, atacaram e mataram membros da tribo de Urumã. Os Denis sempre foram índios pacíficos, nunca procuraram armar-se para a guerra, só tinham o arco, a flecha, a faca e o machadinho, utilizados apenas como instrumentos de caça. Por isso, sempre mudavam de lugar quando eram ameaçados pela chegada do branco ou de outra tribo hostil. Preferiam deslocar-se, ficar pulando de lugar em lugar, a enfrentar uma guerra para a qual não estavam preparados.

Pedro olhou com curiosidade para Faustino, surpreso com sua fisionomia de espanto, de preocupação.

- O que foi, patrão? - perguntou. - Alguma coisa errada?

Faustino entrou correndo no acampamento, a respiração ofegante:

- A tribo de Urumã está sendo atacada. Avise todo mundo para se preparar para a defesa da "colocação".

Foi até sua barraca, onde, do lado de fora, Maria Teresa estava também um pouco preocupada. Nenhuma índia viera ao acampamento naquela manhã.

- O que houve, Faustino? - perguntou ela. - Por que você voltou antes do almoço? Onde estão as minhas índias?

Ele relatou-lhe rapidamente o que estava ocorrendo, alertando-a para que permanecesse no interior da cabana. Ele entrou na mesma, acompanhado da mulher. Debaixo de sua rede, coberta por uma lona, havia um grande baú de madeira, trancado com um cadeado. Faustino pegou uma chave do seu molho preso no cós da calça e abriu o baú. Eram as armas da expedição. Revólveres, carabinas e facões.

Pedro entrava na cabana naquele instante.

- Pronto, patrão, já alertei os homens.

Faustino fez-lhe um sinal com as mãos, mandando que ele se aproximasse.

- Tome, Pedro, pegue aqui alguns revólveres e munição, distribua-os para os homens. Mas, avise bem eles que só atirem se tiverem certeza de que estão sendo atacados.

Fez uma breve pausa. Continuou, ainda falando rápido:

- Outra coisa: mandei o Urumã e toda sua tribo virem para cá. Manda os homens que estão esperando a chegada das cacimbas ajudarem na construção das ocas deles.

Pedro ia separando os revólveres e os colocava numa grande bolsa de palha.

- Pode deixar, patrão, eu aviso eles - retrucou.

Saiu rapidamente, carregando a bolsa cheia de armas.

Faustino colocou mais balas na cartucheira que tinha no cinto da calça e apanhou um rifle na caixa de armas. Passou novamente o cadeado na mesma.

Virou-se para Maria Teresa.

- Teresa, acho melhor você ficar aqui dentro da tenda, por enquanto. Vou lá fora providenciar as acomodações para Urumã e sua tribo e verificar se todos os homens estão armados.

Ela perguntou, um pouco apreensiva:

- Mas, você acha que eles vão mesmo atacar a gente?

- Não sei. Das outras vezes em que estive aqui, eles só ficaram rondando. Mas, nós éramos muitos, talvez tenham ficado com medo.

Olhou para ela com ternura:

- Bem, Teresa, tome cuidado. Proteja-se bem e não vá fazer nenhuma besteira, nada que possa prejudicar o “bichinho”, ouviu? Vou lá fora ver como estão as coisas.

Pedro já havia distribuído as armas e mandou alguns homens levar outras para as áreas de extração. Todas as recomendações foram dadas:

*“- Só atirem em último caso, quando tiverem certeza de que estão sendo atacados”.*

*“- Não vão querer me iniciar uma guerra boba por aqui”.*

Faustino colocou vigias nas entradas principais do acampamento, revisou todos os locais de um possível ataque. Achando que estava tudo em ordem, voltou para sua tenda. Antes, pediu a Mário para levar-lhes o almoço.

Tirou o chapelão da cabeça, lavou as mãos e sentou-se num caixote que servia de cadeira em frente a uma mesa também improvisada sobre um cavalete de madeira. Mário chegou com duas tigelas com feijão de corda, arroz, jerimum e carne de peixe. Faustino levantou-se e pegou uma garrafa de vinho guardada entre seus pertences. Sentou-se novamente.

- Bem, Teresa, vamos fazer o nosso almoço de comemoração pelo primeiro chute do “bichinho” na tua barriga.

- Primeiro, não - disse ela. - Eu já tinha sentido vários outros antes de você.

- Então, está bem - tentou brincar ele. - O primeiro que eu senti ele dar.

Estava sério, fisionomia fechada, não conseguia esconder a preocupação. Serviu o vinho branco em dois

copos, dando um a Maria Teresa. Bateram os mesmos, num brinde ao futuro filho.

- Bem, minha mulher - disse, com voz triste. - Vamos brindar ao nosso filho e esquecer um pouco as preocupações do dia.

Ela nada respondeu. Até estranhou ele tê-la chamado de "minha mulher", coisa que dificilmente fazia. "*A coisa devia estar realmente muito ruim. Nunca o vi tão preocupado assim*". - pensou ela. Almoçaram em silêncio.

Quando acabaram, ele levantou-se, dizendo:

- Bem, Teresa, vou ver se os índios já chegaram. Se as mulheres já estiverem aqui, mando elas te fazerem companhia. Não saia da tenda por nenhum motivo.

Deu-lhe um beijo na testa, deixando a cabana.

Outra de suas preocupações era que os Akawés vissem Maria Teresa, se estivessem espreitando o acampamento. Os índios sempre achavam diferentes as mulheres brancas, ainda mais as que tinham olhos verdes e a visão dela ali iria aguçar-lhes a curiosidade.

Urumã chegava com os seus, pela parte de trás do acampamento. Eram aproximadamente uns quarenta, talvez um pouco mais, Faustino não chegou a contá-los. Vieram do acampamento principal dos Deni, um pouco distante do local onde Urumã levantara suas tendas. Falavam nervosamente, demonstravam na voz e nos gestos a revolta que deles tomara conta. Traziam com eles o companheiro que fora morto pelos Akawés, já que pretendiam render-lhe as últimas homenagens numa cerimônia fúnebre da tribo.

Faustino examinou o cadáver, constatando que o guerreiro fora morto por uma flecha envenenada. A grande marca roxa em volta do ferimento no ombro do índio não deixava dúvida quanto a isso. Se a flecha não estivesse com veneno, dificilmente ele morreria, já que não fora atingido em local vital do corpo.

Depois das saudações de praxe, Urumã e Faustino discutiram sobre qual a melhor área para os índios se instalarem. Decidiram-se pela parte dos fundos do acampamento, atrás dos barracões onde as “pélas” eram formadas e estavam estocadas.

Em pouco tempo, menos de quatro horas, já os Deni haviam preparado suas ocas, com troncos de madeira e folhas de paxiúba. Sabiam montar e desmontar com rapidez suas acomodações, nômades que eram por natureza.

Urumã colocou duplas deles nos extremos do acampamento, em situação de vigília. Faustino também distribuiu alguns de seus homens em pontos estratégicos, reforçando a vigilância.

As índias que anteriormente faziam companhia a Maria Teresa voltaram para junto dela, levando com elas mais umas seis. Todas de meia-idade, a não ser uma mais jovem, menina de uns dez anos, filha de Urumã.

Mais fogueiras foram acesas, tornando bem claro o acampamento e seus arredores. Todos estavam um pouco nervosos, em estado de alerta, preocupados com o que poderia acontecer.

Depois de instalados em suas ocas, Urumã e sua tribo prepararam o funeral do guerreiro morto. Colocaram-no deitado junto a uma das grandes fogueiras, lavaram-no com água, passaram óleo por todo o seu corpo, envolveram-no em uma manta muito larga, parecendo uma grande mortalha. Enquanto faziam tudo isso, entoavam canções tristes, que demonstravam toda sua dor. A mulher e os filhos do morto ficaram durante todo o tempo ao lado do corpo, cabeça baixa, olhos lacrimejantes.

Os índios começaram a dançar em fila em torno do corpo, continuando a cantar, agora em tom mais alto e lamentoso, canto esse acompanhado por um triste som de tambores e chocalhos.

Faustino pegou Maria Teresa na tenda e, na companhia de Pedro e de alguns dos homens da expedição, compareceu à cerimônia fúnebre. Apresentaram as condolências à viúva e filhos do morto, ficando por algum tempo em companhia da tribo.

Retiraram-se por volta das dez da noite, continuando os índios madrugada adentro com seus cantos e lamentos, reverenciando o guerreiro morto. Não foi percebido, entretanto, entre eles, nenhum sentimento de vingança, de revolta. Apenas conformismo, talvez consciência imperceptível da pacificidade de sua tribo, já sedimentada através de várias gerações. Bem diferente dos Akawés, conhecidos por sua agressividade e por ser uma tribo guerreira.

Na manhã seguinte, Faustino mandou os homens para as áreas das seringueiras, escoltados por dois outros deles armados com revólveres. Nenhum incidente ocorreu durante o dia, mas o ambiente estava tenso, as pessoas preocupadas, olhando com desconfiança para a mata cerrada que as cercava.

Por volta das seis da tarde, quando os homens já haviam retornado com os baldes de látex e os “buiões” estavam fumegando nos dois barracões, uma flecha com uma bucha de pano queimando em sua ponta atravessou o acampamento, indo cair no chão, perto da tenda de Faustino.

Foi Firmino quem primeiro a viu, dando o alarme:

- Estamos sendo atacados! Protejam-se!

Os homens tiraram os revólveres dos coldres, procurando em volta de onde tinha vindo a flecha. Faustino gritou:

- Calma, não atirem à-toa. Esperem para ver se conseguem divisar alguém.

Depois, ordenou:

- Pedro, pegue a flecha e vê se consegue descobrir alguma coisa.

Pedro obedeceu. Apanhou a flecha no chão, examinou-a com cuidado. Depois, gritou de volta:

- Não é da tribo de Urumã, patrão. Vou perguntar a ele se sabe de quem são.

Dirigiu-se com cuidado até a parte dos fundos do acampamento, onde os índios estavam alojados. Procurou Urumã e, quando o encontrou, exibiu-lhe a flecha ainda com a bucha na ponta.

O cacique examinou-a com cuidado, bradando em seguida:

- Akawé... Akawé...

Estavam todos em estado de alerta, mas nada de novo aconteceu nos minutos seguintes.

Pedro voltou até onde estava Faustino, acompanhado de Urumã.

- Ele disse que a flecha é dos Akawés, patrão.

Urumã estava nervoso, fazia gestos incompreensíveis e o que falava ainda menos ainda se compreendia. Novamente Auã foi o tradutor:

- Ele está dizendo que os Akawés podem atacar a qualquer momento, patrão - disse.

Faustino mandou Pedro avisar aos homens que se posicionassem nos pontos de vigília e ficassem atentos a qualquer movimento suspeito. Repetiu a advertência feita anteriormente:

- Avisa pra eles que só atirem quando tiverem certeza de que estão sendo atacados.

Foi ver como estavam Maria Teresa e as índias no interior da tenda. Entrou com uma carabina numa das mãos e um revólver na cintura, o que assustou as mulheres. Estavam todas encolhidas no chão, espremidas umas contra as outras.



- Calma, vocês não precisam ficar nervosas - disse ele, tentando acalmá-las. - Não foi nada de mais, Teresa, só uma flecha incendiária que jogaram sobre o acampamento. Acho que só estão querendo nos assustar.

- Mas, eles não atacaram? - perguntou ela.

- Não, só atiraram a flecha e nada mais - respondeu. - Teresa, vê se acalma as índias, elas parecem estar apavoradas.

- E eu, por acaso também não estou? - tentou brincar ela.

Pegou logo seu trabalho de renda e começou a bordá-lo, tentando distrair as índias. Estas, pouco a pouco, atraídas pela habilidade com que Teresa usava as mãos para dar os nós e laços na bela toalha, esqueceram-se do perigo que as preocupava. Faustino, vendo que as coisas estavam bem, deixou a barraca.

Do lado de fora, todos nervosos, fisionomias tensas, à espera do ataque dos Akawés. Faustino e Pedro correram os pontos de vigília, verificando se os homens estavam bem localizados e como estava o estado de espírito dos mesmos. Uns mais sérios, outros com um sorriso amarelo nos lábios, estavam todos ansiosos, sem saber ao certo o que aconteceria.

Aquela noite, a maior parte das pessoas do acampamento passou em claro. Poucos conseguiram dormir. Além dos homens encarregados da vigília noturna, os outros conversavam em voz baixa junto às fogueiras acesas. Olhos atentos na mata em volta, na expectativa de qualquer ruído suspeito. O canto de um pássaro noturno, o grito estridente de um mico numa árvore qualquer, tudo isto era considerado como um possível sinal dos Akawés, comunicando-se entre eles e preparando o ataque.

Mas, não houve ataque algum naquela madrugada. A noite em claro só serviu para deixar os homens mais nervosos, irritados. Bem cedo, o sol despontando no

horizonte, eles tomavam café junto às fogueiras, resmungando e extravasando o mau humor. Faustino, que passara a madrugada entre o interior de sua tenda, vendo como Maria Teresa reagia àquilo tudo, e a vigília ao lado dos homens do lado de fora, estava indeciso se mandava ou não os homens trabalhar naquela manhã.

Conversou com Pedro, depois mandou reunir os homens:

- Ouçam bem! - disse, em voz alta. - Não sei o que esses índios vão fazer, se vão atacar ou ficaram com medo das armas da gente. Por isso, quem não quiser ir para as seringueiras, eu vou compreender. Quem quiser, ganha mais um dia de trabalho. É isso aí.

Os homens se entreolharam, indecisos. Uns decidiram ir, outros ficaram. Faustino repetiu as recomendações anteriores. Tinha esperança de que os Akawés, tendo visto que todos os homens da expedição estavam fortemente armados, desistissem e fossem embora.

Despachou aqueles que decidiram ir para os seringais, seguindo ele próprio em companhia de um grupo, enquanto Pedro ficava no acampamento.

O dia transcorreu sem novos incidentes. Entretanto, a preocupação que pairava sobre a “colocação” não desaparecera. Continuavam todos inquietos, nervosos, prontos para explodir a qualquer movimento suspeito que percebessem na mata que os cercava.

No final do dia, os homens voltavam com os baldes cheios de látex. Depois de despejada a substância nos “buiões”, reuniram-se com Faustino.

- E, então? - perguntou ele aos homens sentados no chão. - O que viram de anormal?

Venâncio foi o primeiro a responder:

- Não sei não, patrão, mas acho que eles estavam vigiando a gente. Vi muito movimento no mato.

- Mas, você chegou a ver algum índio? - insistiu Faustino.

Venâncio hesitou.

- Não, acho que não - respondeu, depois de pensar por alguns segundos. - Mas, que o mato estava se mexendo, isso "tava".

- Quem mais viu alguma coisa? - novamente perguntou Faustino.

- Não sei, patrão, também vi movimento no mato, mas não cheguei a ver nenhum índio - respondeu João Paulo, que estava em outro local, longe de Venâncio.

- Quer dizer que ninguém chegou a ver nenhum índio rondando vocês? - voltou a insistir Faustino.

Os homens se entreolharam. Ninguém respondeu à pergunta.

Faustino deu por encerrada a reunião. Disse:

- Andem, vocês podem ir tomar seu banho e jantar.

Depois, comentou com Pedro, quando os dois estavam a sós:

- Acho que os Akawés estão apenas sondando o ambiente. Devem ter visto nosso pessoal armado e estão em dúvida se atacam ou não. Lembra de 1912?

- É, patrão, acho que o senhor tem razão. Mesmo que eles sejam mais numerosos, as nossas armas devem assustar.

Faustino foi até a taba improvisada de Urumã. O cacique conversava com outros índios, sentado junto a uma fogueira. Tinha o semblante fechado, demonstrando a preocupação que lhe ia na alma.

- Urumã, os homens voltaram do trabalho nas seringueiras. Disseram que não viram nenhum Akawé, apenas alguma movimentação na mata - disse Faustino.

- Eles estão por aí, chefe "Fastino". Tenho certeza disso, eles estão rondando, esperando o melhor momento

para atacar - respondeu o chefe, naquela sua língua enrolada.

- Bem, vamos ficar de sobreaviso, com o olho na mata.- disse Faustino.

Aceitou o convite de Urumã para comer alguma coisa com os índios, que preparavam uma pasta de mandioca com carne de tatu. O gosto era horrível, mas Faustino fingiu que estava saboroso, elogiando a qualidade da comida.

- Suas mulheres estão cozinhando muito bem, Urumã.- mentiu ele.

O chefe abriu um sorriso, dizendo em sua língua para as índias, que ali perto cozinhavam, que o chefe branco apreciara a comida. Elas agradeceram, rindo.

Depois de despedir-se, Faustino retornou à sua tenda, onde Maria Teresa ainda tagarelava com as índias ao seu redor.

Preocupada, ela olhou para o marido. Faustino tirou calmamente o cinto com o revólver, depositando-o em cima de um caixote que fazia as vezes de mesa. Foi até a bacia com água, lavando demoradamente o rosto e molhando os cabelos em desalinho. Pegou uma toalha, enquanto a mulher e as índias permaneciam em silêncio, olhando para ele. Enquanto se enxugava, virou-se para a mulher, dizendo:

- Teresa, é melhor você ainda não sair da tenda. A situação está indefinida, ninguém sabe o que pode acontecer.

Ela perguntou, a voz baixa, temerosa:

- Mas... o que houve? O que aconteceu? Você nem veio almoçar, passou o dia todo fora...

- Fiquei nos seringais, com os homens... Eles estão muito nervosos, não sabem o que fazer, nunca enfrentaram situação parecida... - respondeu. - Comi por lá mesmo.

- Mas, os índios chegaram a atacar? O que aconteceu na realidade? - indagou ela, nervosa.

- Não, ninguém atacou. Eles só ficaram observando, escondidos na mata. Pelo menos, foi isso o que os homens disseram. Eu mesmo não cheguei a ver nada. Mas, está todo mundo com os nervos em frangalhos, irritados, a ponto de explodir.

- Isso deve ser guerra de nervos por parte deles - sugeriu Teresa. - Devem estar querendo saber até onde a gente aguenta.

- É, pode ser - concordou ele. - Às vezes até eu acho melhor que eles atacassem. Assim, a gente definia logo a questão e poderia trabalhar em paz.

- Não sei não, Faustino. Pode morrer gente à-toa, sem necessidade. Enquanto eles estiverem apenas observando de longe, a gente só tem que tomar cuidado. Talvez eles desistam e vão embora.

- É, você tem razão. O duro é controlar essa gente toda, os nossos e os índios de Urumã. Está todo mundo sorrindo amarelo, disfarçando o medo de levar uma flechada de uma hora para outra.

Naquela noite tomaram os mesmos cuidados da anterior. Homens de vigia durante toda a madrugada, poucas horas de sono, conversas em tom baixo ao pé das fogueiras.

Mas, outra vez nada de anormal aconteceu.

Os homens, na manhã seguinte, todos eles, foram para as seringueiras, ficando no acampamento apenas aqueles responsáveis pelo cozimento do látex. Faustino novamente seguiu com eles, dando ordens expressas a Maria Teresa para que não saísse da tenda.

O dia também transcorreu sem novidades, tendo todos voltado para o acampamento no final da tarde, trazendo os baldes com o látex. Faustino fez outra reunião com os homens, tendo eles dito que não viram nenhum dos Akawés, tendo percebido apenas movimento de gente na mata.

Mas, à noite, quando os homens jantavam em volta das fogueiras, uma outra flecha incendiária cruzou o céu, caindo no meio do acampamento. Urumã outra vez confirmou que se tratava de flecha dos Akawés.

Faustino reuniu novamente todos os homens. Disse alto:

- Bem, vocês estão vendo que eles estão provocando a gente, mexendo com os nossos nervos. Se quisessem atacar, já teriam feito. Se não atacaram é porque têm receio de alguma coisa, têm medo de nos enfrentar. Eles querem que a gente perca o controle, faça alguma besteira. Portanto, muita calma, não vamos entrar no jogo deles. Vamos continuar o nosso trabalho normalmente, sempre com um olho na selva, mas sem nos apavorar, entrar em pânico. Se eles decidirem atacar, estamos prontos para reagir. Se desistirem e forem embora, melhor para a gente. Estão de acordo? Alguém quer dizer alguma coisa?

Ninguém retrucou. Faustino deu por encerrada a conversa e mandou os homens irem dormir. Colocou os vigias nos seus postos e voltou para sua tenda. Maria Teresa despediu-se das índias, que retornaram à sua taba.

A noite estava escura como breu. A copa das altas árvores não permitia que se vissem as estrelas no céu. Faustino depositou o revólver no caixote ao lado de sua rede e disse para a mulher:

- Teresa, se você quiser tomar um banho, a melhor hora é essa. Os índios não costumam atacar de noite. - brincou.

Ela concordou. Disse:

- Espera aí que eu vou apanhar uma roupa para trocar. E também uma toalha. Já estou sentindo a pele gordurosa.

Ela pegou uma muda de roupa e uma toalha. Saíram os dois da tenda.

- Vai, toma o seu banho que eu fico aqui fora vigiando. - disse ele.

Ela dirigiu-se para o cercado onde estava o chuveiro, enquanto ele ficava em volta de uma fogueira ao lado. Pedro estava de cócoras, comendo o seu jantar numa marmitta de alumínio.

- E então, Pedro? O que você está achando? - perguntou.

Pedro engoliu uma garfada de carne seca com farinha. Respondeu:

- Não sei não, patrão. Mas, tenho o palpite de que eles não vão atacar. Acho que eles têm muito medo das armas de fogo. Também devem ter algumas, mas são poucas em comparação com as nossas.

- Eu também penso assim. Mas, a gente não pode relaxar a vigilância. Tem que manter os olhos sempre abertos.

Depois que Maria Teresa saiu do banho e voltou para a tenda, Faustino também foi refrescar-se debaixo do chuveiro improvisado. Enquanto deixava a água cair sobre o seu corpo, meditava sobre que atitude deveria tomar.

Voltou para a sua rede e passou a noite sonhando com o ataque dos Akawés.

## 34

Os três dias seguintes transcorreram com aquele estado de tensão pairando no ar. Os homens desempenhavam suas tarefas, mas sempre preocupados com o que se passava ao seu redor. Na mata cerrada que os envolvia continuava o movimento invisível de folhas e arbustos, mas nenhum índio aparecia. Mais duas flechas incendiárias foram lançadas sobre o acampamento e, como das vezes anteriores, foram reconhecidas como sendo dos Akawés.

Faustino procurava conversar com os homens, tentando acalmá-los a fim de que não perdessem o controle. Conversou com Urumã e este lhe disse que aquilo nunca acontecera antes. Quando os Akawés atacavam sua tribo havia logo o confronto direto, com vários mortos dos dois lados. Isso já não ocorria há muito tempo, somente uma vez desde que ele assumira a chefia dos Deni. Na época do seu pai cacique, os confrontos entre as duas tribos eram mais frequentes. Depois que começou o ciclo da borracha, com a invasão dos brancos em seu território, as tribos ficaram mais afastadas, sendo poucas as vezes em que os caminhos se cruzaram.

Urumã contou a Faustino e aos homens da expedição várias histórias desses confrontos, recheando o relato com versões fantásticas da aparição do boitatá, do saci pererê e de outros mitos do folclore indígena. Essas histórias fizeram os homens rir à vontade, descontraindo um pouco o ambiente. Só Urumã é que não entendeu porque eles riam tanto. *“Será que não acreditavam no que ele lhes contava? Era porque nunca viram...”*.

Nesse meio tempo, numa daquelas manhãs de tensão, o acampamento acordou com os gritos de Mário. Faustino



pulou da rede, colocou rapidamente o revólver na cintura e saiu da tenda. Imaginava já um ataque dos Akawés. Do lado de fora, em frente às duas primeiras cabanas, a sua e a de Pedro, junto à margem do igarapé, Mário e outros homens gritavam, agitados. Mas, não era o tão esperado ataque da tribo inimiga.

Um enorme jacaré havia deixado a água e estava junto à margem, caminhando vagarosamente em direção ao acampamento. Nem os gritos de Mário o assustavam. Ia avançando lentamente, as grandes patas enfiando-se na terra mole. Devia ter quase dois metros de comprimento.

Os Deni, em sua taba lá nos fundos da “colocação”, ouvindo a gritaria de Mário, também pensaram que eram os Akawés atacando. Armaram-se com seus arcos e flechas e chegaram correndo até o local de onde vinham os gritos.

Ninguém sabia o que fazer.

Mário gritou:

- Atirem nele! Atirem nele!

Zeferino também deu sua opinião:

- Vou dar uma paulada na cabeça dele!

Manuel, o português, também gritou:

- Botem um jerimum para ferver. Ouvi dizer que quando ele abrir a boca é só jogar o jerimum fervendo que ele engole e morre logo!

E o enorme jacaré continuava a sua lenta caminhada em direção à tenda de Faustino. Maria Teresa, já de pé, colocou o rosto para fora, soltando um grito de pavor quando viu o tamanho do réptil, a uma distância de aproximadamente dois metros e meio da entrada da tenda.

Urumã chegou apressado e vendo o que se passava, deu várias ordens aos seus guerreiros, em aruak.

Quatro índios, com suas lanças na mão, cercaram o jacaré, mantendo uma prudente distância de meio metro do mesmo. A um sinal de Urumã atiraram suas lanças contra o bicho. Apesar de ter ele o couro bem grosso, a precisão e

força com que as lanças foram atiradas penetraram-lhe o corpo. Ele contorceu-se, espanou o ar com violência com o rabo, abriu a bocarra onde apareciam os dentes ferozes. Maria Teresa ficou imóvel, paralisada de medo na porta da barraca. Faustino já tinha o revólver apontado para o réptil.

Ele continuava a contorcer-se, acabando por virar com a barriga para a cima. Então, o golpe de misericórdia. Um dos guerreiros cravou sua lança no meio do peito do jacaré. Este ainda continuou a contorcer-se por mais alguns minutos, acabando por ficar imóvel.

Os homens gritaram de satisfação, pulando e dançando em volta da presa. Mário disse, sorrindo, batendo com uma colher numa panela:

- Hoje, vamos ter carne de jacaré e sopa de jacaré!

Pegou o seu afiado facão e foi tirando o couro do bicho com maestria. Todos comentavam a caçada, enquanto enchiam suas canecas com o café do bule que esquentava nas fogueiras. Foram trabalhar mais descontraídos, com o espírito menos carregado. A aventura da manhã lhes fizera bem. No almoço, os que ficaram no acampamento provaram o delicioso guisado de jacaré. À noite, foi servida sopa no jantar e, para os homens que foram trabalhar nas seringueiras, também o guisado. Todos se deliciaram com o gosto diferente da carne do réptil.

# 35

Mais dois dias se passaram desde a caçada do jacaré. Os homens voltaram ao trabalho normal, apesar de ainda estarem com um olho na mata, preocupados com a movimentação que havia em seu redor. Continuavam a perceber que estavam sendo vigiados. Mas, não viram ninguém, nenhum índio da tribo dos Akawés. Durante o dia, o momento de maior tensão era a hora da chuva, que caía sempre no final da tarde. Os homens procuravam proteger-se da água forte que caía, deixando provisoriamente os locais de vigília. Mas, os Akawés também pareciam ter medo da chuva, e até os movimento suspeitos na mata cerrada desapareciam por completo durante os quarenta minutos diários de água caindo torrencialmente dos céus.

Como nada de anormal acontecera, já trabalhavam mais despreocupados, a vigilância fora relaxada. Brincavam entre eles, contavam piadas, riam alegremente.

Até Maria Teresa, depois que Faustino verificara que não havia perigo imediato, ousou sair da tenda. Dava uma volta com as índias pelo acampamento, visitou a taba dos Deni, lá na parte do fundo, voltou a ensinar a arte de fazer toalhas e colchas de renda.

Estava ela na margem do igarapé, molhando descuidadamente os pés, quando viu os dois índios. Levou um susto quando levantou a cabeça e viu a canoa, no meio do riacho, conduzida pelos dois Akawés. Correu rapidamente de volta à tenda, enquanto os índios, da canoa, olhavam para ela com curiosidade. Suas roupas, chapelão na cabeça, a barriga aumentada pela gravidez, certamente chamaram a atenção dos silvícolas. Deviam ser umas três da tarde, Faustino não estava no acampamento.

Maria Teresa, nervosa, mandou chamar Pedro, que estava lá nos fundos, nos barracões dos buiões.

O capataz veio correndo:

- Pois não, dona Teresa - disse, ao entrar na tenda, segurando o chapéu de palha entre as mãos.

- Pedro, quando eu estava ainda há pouco na margem do rio, vi dois índios remando numa canoa. Ficaram olhando fixamente para o acampamento. Tenho certeza de que não eram da tribo de Urumã.

- É mesmo, dona Teresa? E eles fizeram o quê?

- Só passaram remando e olhando para o acampamento. Estavam a uns vinte metros de distância.

- Vou esperar o patrão chegar para ver o que ele vai fazer. Não se preocupe, vou colocar alguém tomando conta da sua tenda - concluiu Pedro, despedindo-se.

Maria Teresa ficou temerosa. Conversava com as índias que a rodeavam, mas o pensamento estava lá fora, naquela canoa com os dois homens. *“Quem seriam eles? Por que passaram tão perto do acampamento, como se quisessem observar tudo o que ali se passava?”*

O tempo custava a passar. Faustino demorava a chegar. De tão nervosa que estava, o bebê mexia-se agitado em sua barriga. As índias que lhe faziam companhia, não entendendo a gravidade e a extensão do problema, riam, divertidas, enquanto ela fazia os seus pontos na toalha de renda.

Finalmente, lá pelas cinco e meia, Faustino regressou com uma turma de seringueiros. Enquanto supervisionava o descarregamento dos baldes de látex nos buiões, Pedro aproximou-se, relatando-lhe o que Maria Teresa lhe contara.

Ele deixou rapidamente o que estava fazendo, andando apressado até sua tenda, acompanhado de Pedro. Ali, Maria Teresa repetiu o relato que fizera ao capataz, mostrando sua preocupação.

Faustino acalmou-a:

- Calma, Teresa. Eles deviam estar só sondando o ambiente. Não precisa ficar nervosa, cuidado com o neném.

Ele deixou a tenda, caminhando até a margem do igarapé. Olhou para a frente e para os lados, procurando divisar alguma coisa de anormal. Nada, somente a imensidão da floresta que o cercava. O riacho à sua frente, com uns cinquenta metros de largura, parecia tranquilo, a água correndo mansamente em direção ao rio-mar, longe dali, a mais de dois quilômetros de distância. Na margem do outro lado, em frente, floresta densa, mata cerrada, a algazarra das aves e micos nas altas árvores.

Faustino disse para Pedro, em voz baixa:

- Pedro, coloque uns três homens vigiando aqui na margem. Eles ficaram agitados depois que Maria Teresa viu a canoa com os índios?

- Um pouco, patrão. Mas, eu acalmei eles, pode ficar tranquilo.

- Hoje, na hora do jantar, serve uma dose de cachaça pra todo mundo. Isso vai ajudar a relaxá-los.

- Pode deixar, patrão - respondeu Pedro, afastando-se.

Faustino deu uma última olhada para o igarapé, conferindo novamente se tudo estava normal.

Entrou na tenda, tirou a arma da cintura e disse para Maria Teresa:

- Teresa, está tudo quieto, por enquanto. Vou tomar um banho e depois a gente vai jantar. Acho que, por ora, não há motivo para preocupação.

Saiu da cabana, dorso nu, toalha pendurada nos ombros, sabonete na mão direita.

Quando a noite caiu, sem que nenhum movimento fosse percebido, uma agitação intensa de folhas e árvores era feita na outra margem do igarapé, numa atividade febril de pernas e braços se movendo. Tudo num silêncio absoluto.

Só se ouvia, na densa noite escura, o rumorejar das águas do igarapé e um ou outro animal noturno soltando um grito aqui e ali.

## 36

Faustino levou um susto quando saiu da tenda na manhã seguinte.

Olhando para frente, para a outra margem do igarapé, viu, com espanto, que havia sido erguido um pequeno acampamento naquele espaço que, na noite anterior, era apenas mata cerrada.

Procurou por Pedro. Perguntou-lhe:

- Os homens que você colocou de vigia não viram o que aqueles índios fizeram durante a noite?

- Não, patrão - respondeu Pedro. - Perguntei aos três e nenhum deles percebeu nada.

- Se eles tivessem atacado a gente, a essa hora já estaria todo mundo morto. - comentou Faustino, com desânimo. - Belos vigias são esses caras...

Pedro baixou os olhos, encabulado. Faustino prosseguiu:

- Manda eles ficarem de olhos bem abertos durante o dia. Ou melhor, Pedro, troque os homens, coloque gente mais esperta. Não vou nem acompanhar o pessoal hoje para as seringueiras, vou ficar por aqui de olho naqueles índios.

Faustino realmente estava preocupado. *“ Por que os índios, evidentemente os Akawés, passaram na tarde anterior de canoa observando a colocação?”. “Por que construíram a taba deles logo em frente ao seu acampamento, na outra margem do igarapé?”. “O que pretendiam eles? O que ia nas suas mentes?”. “Se iriam atacar, por que não o faziam logo?”*

As perguntas ficaram sem resposta. Já manhã clara, por volta das 9 horas, finalmente, Faustino pode divisar uns quinze índios mais ou menos, do outro lado da margem. *“ Onde estariam os outros?”. “Escondidos em algum canto da*

*selva, preparando o ataque?”. “Aqueles que estavam ali apenas pretendiam afastar a atenção dele e de seus homens, distraí-los?”.*

A tensão entre os homens aumentava. Qualquer movimento na mata, já levavam a mão ao revólver, prontos para atirar. Olhavam para os lados, desconfiados, em busca do inimigo invisível. E aquele grupo de índios, do outro lado do riacho, parecia provocá-los com o seu silêncio, apenas observando... observando...

Faustino ficou durante o dia supervisionando os trabalhos do acampamento, indo até a pequena taba de Urumã comunicar-lhe o que estava havendo, andando para cima e para baixo sempre com o olho pregado nas ocas dos Akawés, do outro lado do rio. Eles estavam em silêncio, pareciam conversar em voz baixa, mas também não tiravam o olho da “colocação”.

Maria Teresa, mesmo tranquilizada por Faustino, não conseguia esconder o nervosismo. Receava um ataque dos Akawés, que eles a sequestrassem e seu filho fosse nascer no meio deles. Tinha muito medo de que matassem o marido e ela ficasse sozinha no mundo. Mil e uma coisas passaram por sua cabeça. Apesar de normalmente ser uma pessoa calma, aquela situação não podia deixar de mexer com seus nervos. Procurava aparentar tranquilidade, conversar e brincar normalmente com as índias que a cercavam, mas seu ouvido e pensamento estavam fora da tenda, preocupada com o que estava acontecendo lá fora.

O dia, entretanto, transcorreu sem qualquer fato extraordinário. Os homens que foram trabalhar nas seringueiras voltaram às cinco da tarde com o carregamento habitual de cacimbas de látex. Faustino respirou aliviado quando viu os homens e os Deni chegando com o carregamento do ouro viscoso. Apesar de ainda tensos, conversavam alegremente.

Faustino perguntou a Raimundo:



- E então, Raimundo? Notou alguma coisa de anormal?  
- Não, patrão. Parecia tudo certo, não aconteceu nada diferente - foi a resposta.

Faustino procurou Pedro. O capataz estava lá no fundo do acampamento, nos barracões onde o látex fumegava nos buiões.

- Pedro, reforça a vigilância durante a noite em todos os lados da "colocação". Mas, vê se põe homens competentes, gente que não vai dormir durante a noite.

Pedro, sem camisa, o rosto molhado de suor, revolveu o látex com uma grande pá de madeira no interior do buião.

- Pode deixar, patrão. Vou dar um esporro nesses cabras - retrucou.

Quando voltava para a tenda, ainda olhou para o acampamento dos Akawés, do outro lado do igarapé. Eles continuavam se movimentando vagarosamente, com os olhos fixos no outro lado da margem. Não perdiam um só movimento, parecendo estudá-los de longe.

Faustino entrou na tenda. Maria Teresa, que bordava uma grande toalha de renda, com as índias atentas ao seu redor, logo levantou os olhos para ele. As índias nem pareceram notar sua chegada, continuando com os olhos fixados na toalha e nos pontos dados por Maria Teresa.

Faustino, como já era hábito, retirou o revólver da cintura, depositando-o sobre o caixote ao lado de sua rede. Dirigiu-se à mulher:

- Está tudo calmo, Teresa. Nada de anormal aconteceu, os homens já voltaram das seringueiras. Vou ver se tomo um banho. Você já tomou?

- E os Akawés? Ainda continuam lá? - perguntou ela ignorando a pergunta do marido.

Ele hesitou um pouco antes de responder.

- Estão sim. Não fizeram nada de estranho, só ficaram olhando para cá.

- Isso já está me dando nos nervos, Faustino. O que será que eles querem, afinal?

- Não sei, Teresa. Não podemos fazer nada, só nos resta esperar a iniciativa deles. Não fizeram nada até agora, nenhum ato hostil...

- E as flechas incendiárias que eles atiraram para cá? Isso não é ato hostil?

- Mas a gente não sabe realmente se foram eles que atiraram...

- E quem mais seria, Faustino? Quem mais? O próprio Urumã disse que eram flechas dos Akawés.

- Não sei, Teresa, não sei. Só não quero tomar uma atitude precipitada e iniciar uma guerra por aqui. Depois, seria eu o responsável por uma matança geral.

- É, acho que você tem razão - concordou ela.

- Bem, vou tomar meu banho - disse ele, já com a toalha sobre os ombros e o sabonete numa das mãos. - Vê se já está pronta pra gente jantar quando eu voltar.

- É bom, estou com fome - retrucou ela.

Faustino dirigiu-se para o banheiro improvisado. Quando a água já escorria sobre seu corpo, ouviu ao longe um barulho já conhecido. Abriu um largo sorriso e terminou de ensaboar-se. Enxaguou o corpo, secou-se com a toalha, vestiu a calça, colocou as botas e saiu rapidamente do reservado onde ficava o chuveiro. O matraquear do motor da "Filomena" já se ouvia mais perto.

A noite ainda não havia caído, mas já estava começando a ficar escuro.

Faustino abriu a porta de sua tenda e chamou a mulher:

- Vem, Teresa, o Morais está chegando. Não está ouvindo o barulho do motor?

Ela olhou para ele, surpresa. Levantou-se o mais rapidamente que lhe permitiu a volumosa barriga e dirigiu-se até onde estava o marido. Perguntou:

- Quem? O Moraes? Já se passaram quarenta dias?

- Já, Teresa. Já estamos em 12 de setembro. São mais de quarenta dias - respondeu ele. - Anda, venha logo, vamos ver o que ele nos conta de novidades.

Ela deu-lhe o braço e rumaram até a margem do igarapé. Ao longe, a gaiola já apontava. Moraes, ao divisar o pessoal aglomerado na beira do riacho, fez soar o apito da "Filomena". Faustino e Maria Teresa retribuíram o cumprimento, com acenos de mão. Faustino, entretanto, não deixava de manter os olhos fixados nos Akawés, no outro lado do igarapé. Eles pareceram surpresos com a aproximação da gaiola, alvoroçaram-se um pouco, pareciam conversar rapidamente entre eles.

A "Filomena" aproximava-se agora vagorosamente, o motor praticamente em ponto morto, a gaiola deixando-se levar pelo que restava da velocidade até ali desenvolvida.

Moraes, Miranda e Antonio Ferreira, na proa da embarcação, já abriam largos sorrisos. Finalmente, encostaram. Os três pularam para a margem, tendo Miranda, de imediato, fixado a corda de atracação num tronco de árvore ali próximo.

Moraes deu um forte abraço em Faustino, depois cumprimentou Maria Teresa, com um aperto de mão. Ferreira também cumprimentou os dois.

- Então, fizeram boa viagem? - perguntou Faustino. - Já estava ficando preocupado com a demora de vocês. Não tenho mais lugar para guardar as "pélas" lá no galpão.

- Tudo bem, Faustino, a viagem foi sem problemas. Mas, tive que pegar o Ferreira lá em Parintins e pedir para ele vir comigo. Ainda não fixei bem esses marcos que ele colocou no caminho.

Ferreira acrescentou:

- Foi um prazer, podem acreditar. Queria mesmo revê-lo, "seu" Faustino, e ver como estava indo sua exploração. Está tudo bem?

- Tudo, conseguimos preparar mais “pélas” do que esperava. De problemas, só aqueles Akawés do lado de lá. - respondeu, apontando com a mão direita para a outra margem do igarapé.

Morais e Ferreira viraram-se para o lado indicado por Faustino.

- O que é aquilo? - perguntou Moraes, surpreso. - O que eles estão fazendo lá?

Faustino, em breve relato, contou-lhes sobre o primeiro ataque dos Akawés contra os Deni e os acontecimentos que se sucederam.

- Engraçado - disse Ferreira. - Há muito tempo não ocorriam lutas entre os índios nesta região. Estou surpreso. Eles pareciam acomodados, já conformados até com a entrada do branco em suas terras. Sentiram que não tinham como resistir, por isso se afastaram. Essa sua amizade com o cacique Urumã, “ *seu* ” Faustino, é coisa rara por aqui. Talvez os Akawés tenham ficado com ciúme disso, sei lá, é apenas uma suposição.

- Bem, o Urumã me contou da outra vez que estive aqui, que os Akawés, antigamente, viviam perseguindo sua tribo. Mas, você tem razão Ferreira, ele não me falou nada sobre lutas recentes entre as tribos - comentou Faustino.

- É, porque com a fundação e o desenvolvimento de Manaus principalmente, a entrada do branco no território deles se tornou definitiva, irreversível. Ficaram sem saber o que fazer, pulando de lugar em lugar, sem uma fixação duradoura. Assim, não tinha mais razão a briga entre eles mesmos, quando o inimigo branco esmagava e destruía tudo: cultura, credices, mexia com toda a estrutura familiar que eles conservaram através dos séculos - disse Ferreira.

- Bem, vamos conversar sobre isso mais tarde. Aliás, Moraes, Urumã baixou acampamento aqui junto de nós, depois do ataque que sofreram - disse Faustino. - Se vocês

quiserem tomar um banho, a gente já tem até chuveiro. Mais tarde, vamos falar com Urumã e jantar.

Chamou Pedro:

- Pedro, infelizmente, você e seus companheiros de tenda vão ter que fazer uma pequena mudança por alguns dias. Vamos hospedar Morais, Miranda e o " seu " Ferreira na barraca que vocês estão ocupando. Vocês não se importam, não é?

Pedro, encabulado como sempre, respondeu em voz baixa:

- Que nada, patrão, a gente já está acostumado. Vamos só tirar nossas tralhas de lá e eles podem se acomodar - respondeu. - Mas, se o senhor quiser, montamos rápido uma outra tenda para eles trê.

Faustino virou-se para Morais:

- O que você acha, Morais?

- Como você achar melhor, Faustino, não queremos dar trabalho...

- Bem, Pedro, pode armar outra tenda. Quanto tempo, mais ou menos?

- Só uns vinte minutos, está bem?

Faustino concordou com um gesto de cabeça.

Morais, virando-se para Faustino, disse, batendo com a mão na testa:

- Ih! Quase ia me esquecendo... Trouxe uma novidade para vocês, principalmente para Teresa.

Conduziu Faustino e Teresa até à "Filomena":

- Vejam só, um casal de cabras que eu trouxe. - disse.- Assim, podem tirar algum leite para o "bichinho", quando ele nascer. E, quem sabe, no futuro, podem dar cria e vocês irão comer cabrito.

Mostrou outro dos presentes que trouxe:

- E, aqui, neste engradado, três galinhas e um galo. Vão poder comer ovos e frango.

Maria Teresa ficou contente. Agradeceu, brincando:

- Obrigado, Morais. Já estava ficando enjoada de ficar comendo carne de jacaré e tartaruga.

Morais soltou uma gargalhada. Foi até o meio da gaiola, onde estava o timão e abriu um pequeno armário. Dele retirou algumas cartas, passando-as para Faustino, dizendo:

- Tome Faustino, a correspondência para você, Maria Teresa e o Pedro. Foram essas as cartas que chegaram para vocês.

Espalhadas pelo convés da embarcação estavam as mercadorias que Morais trouxera: víveres, foices, facões e machados novos, cordas, serras e várias outras coisas.

Faustino mandou alguns homens descarregarem a mercadoria. Já em terra, disse para Morais e Ferreira:

- Porra, obrigado, Morais. Se vocês não tivessem chegado aqui agora, a gente ia ficar na mão. De verdade... Já estamos com muitas ferramentas quebradas pelo uso, principalmente facões e machados.

- Por nada, Faustino, eu sabia que você já devia estar preocupado com a nossa demora. Mas, infelizmente, não deu para vir antes.

Faustino disse para os dois:

- Bem, vão tomar banho, aguardo vocês para o jantar. O Pedro já deve estar tratando da arrumação da cabana de vocês.

## 37

Sentados todos em volta de uma das fogueiras, conversavam alegremente, esquecidos um pouco da tensão que os Akawés lhes causaram durante todos aqueles dias. Somente Maria Teresa estava sentada em sua espreguiçadeira, os homens espalhavam-se pelo chão, sobre esteiras de palha.

Urumã, sua esposa, filhos e filhas jantavam com o grupo. O cacique já conhecia Ferreira, Moraes e Miranda, os dois últimos das vezes anteriores em que Faustino estivera na Amazônia. Ferreira, ele já conhecia de um dos diversos contatos que os índios costumavam fazer com os brancos para a troca de mercadorias naquela região. Ferreira repetiu para o cacique o que achava sobre o ataque dos Akawés. Concluiu:

- Realmente, não entendi, chefe Urumã. Há mais de vinte anos não tinha notícia de nenhuma luta entre as tribos aqui da Amazônia.

Urumã olhava interrogativamente para Faustino, que tentava traduzir-lhe, da melhor maneira possível, na língua que só os dois conseguiam falar, as palavras e o significado do que Ferreira pretendia transmitir.

Finalmente, depois da tradução de Faustino, Urumã replicou:

- O senhor deve estar enganado. Os Akawés nunca deixaram de perseguir nossa tribo. São lutas espaçadas, mas sempre existiram. Nós é que somos de paz, preferimos nos mudar a enfrentá-los. Mas, sempre sofremos a perda de alguns guerreiros.

Ferreira acabou concordando:

- É, o chefe deve ter razão, as notícias que me vieram aos ouvidos não deviam estar corretas. Mas, por que eles

não atacaram logo, desde que ocorreu a morte do seu companheiro, dias atrás?

- Não sei - respondeu Urumã, ainda tendo Faustino como intérprete. - Talvez estivessem verificando quantas armas de fogo os homens têm aqui, se vale ou não a pena atacar se não tiverem armas suficientes para enfrentar a luta. Eles são muito traiçoeiros, o senhor pode acreditar. Ficam olhando, olhando, analisando os pontos fracos do inimigo, deixando-o nervoso com a atitude deles, e, quando atacam, vêm na certa.

Morais tentou mudar de assunto. Dirigiu-se a Maria Teresa:

- Teresa, tenho uma novidade para você.

Ela e Faustino olharam para ele interrogativamente. Depois de uma pausa, enquanto mastigava um pedaço de carne de paca, esclareceu:

- A Ana vem comigo da próxima vez. Ela já queria vir agora, mas achei melhor que só viesse mais perto da criança nascer.

Faustino deu um suspiro de alívio. Dirigiu-se à mulher:

- Viu, Teresa, que boa notícia? Agora, você vai ter uma enfermeira profissional do teu lado quando chegar a hora.

Maria Teresa sorriu. Retrucou:

- Vai ser ótimo, Moraes. Assim, não vou me sentir tão desamparada. Agradeça a ela, por favor, fiquei mais tranquila.

Faustino acrescentou:

- É, vai ser muito bom, Moraes. Apesar da Teresa estar se dando muito bem com as índias, ter uma outra mulher branca do lado lhe vai dar mais confiança. Ainda mais sendo o primeiro filho.

- Como eu disse a vocês, ela queria vir desta vez comigo. Mas, eu tenho certeza de que ela não aguentaria tanto tempo aqui na selva.



Continuaram conversando sobre assuntos diversos, inclusive sobre as notícias que as cartas vindas de Fortaleza traziam. As irmãs de Faustino estavam bem, mandavam lembranças. Os familiares de Maria Teresa também, mesmo que preocupados um pouco com sua segurança.

Depois do jantar, Moraes e Ferreira foram visitar o barracão onde estavam estocadas as “pélas”, no fundo da colocação. Visitaram também a taba de Urumã, sendo aquela a primeira vez em que efetivamente estiveram num acampamento indígena.

Moraes comentou com Faustino:

- É, vocês produziram mesmo bastante “pélas”, Faustino. Vão receber um bom dinheiro por elas.

- O pessoal é dedicado e disciplinado, Moraes. Assim, o trabalho aparece.

Antes de se recolherem, Faustino deu ordens aos vigias noturnos para que ficassem alertas, não dormissem à noite e mantivessem os olhos bem abertos sobre o que ocorria na outra margem do igarapé.

## 38

Na manhã seguinte, quando saiu da tenda, Moraes já tomava café junto à fogueira onde Mário preparava o desjejum do pessoal.

- Bom dia, Moraes - cumprimentou Faustino, enquanto pegava a caneca de café que Mário lhe passou. - Você não perdeu a mania de levantar cedo, não é?

- Já são cinco e meia, Faustino - respondeu Moraes, olhando para o relógio na algibeira. - Na minha terra, a essa hora, já estou na estrada há muito tempo.

- É, mas aqui o trabalho está correndo como um relógio- retrucou Faustino, cortando um pedaço do bolo de milho que Mário acabava de fazer. - A nossa meta de produção diária está sendo ultrapassada todos os dias. Por isso, o pessoal aqui está acordando um pouco mais tarde.

- Só mesmo você, Faustino, para ter esses cabras todos na palma da mão. Eles obedecem tudo o que você manda, seguem você sem discussão. Nunca vi coisa igual, ainda mais com esse pessoal ignorante como eles são.

- Saber comandar, Moraes, saber comandar. - filosofou Faustino. - Tratar bem, ouvir cada um com respeito, mas sem dar muita intimidade, não deixar espaço para que contestem suas decisões. Certo ou errado, você sempre será o responsável por tudo o que acontecer. Eles devem confiar em você, nunca pensarem que são mais espertos, que sabem mais que você. E, acima de tudo, cumprir sempre o que promete. Você pensa que eu iria trazer minha mulher para cá, no meio de todos esses homens, se não soubesse que poderia comandá-los?

- Você sabe que quando me disse que iria trazer Maria Teresa contigo, eu falei para Ana que você tinha ficado maluco? - perguntou Moraes. - Aqui, nesse fim de mundo,

sem médico, sem nenhuma assistência, sem ninguém a quem recorrer? Perigos da selva, doenças, índios e um monte de homens ignorantes, rudes, sem instrução, sem mulher no meio da selva, o que se poderia esperar disso tudo?

- Eu sei que você pensou isso - respondeu Faustino, com um sorriso nos lábios. - Mas, tinha confiança em mim, conversei bastante com Teresa antes de decidirmos que ela viria. E ela tem suportado tudo muito bem, sem reclamar, adaptando-se facilmente à situação. Conversa o dia inteiro com as índias, ensina tricô, bordado e até cozinhar.

- É, ela é uma mulher extraordinária, foi feita de encomenda para você - concluiu Moraes, acabando de virar sua caneca de café.

Faustino mandou Mário levar o café da manhã para Maria Teresa, chamando Moraes para acompanhá-lo até o barracão onde estavam armazenadas as "pélas".

- Bem, Moraes, vou te destinar três homens para embarcar as "pélas" na "Filomena". Fica a teu cargo orientá-los como trabalhar.

- Está certo - respondeu o outro.

Chegando ao barracão, Pedro já despachava os homens para as seringueiras, dividindo-os em grupos de quatro, contando os índios de Urumã que os acompanhavam.

Ao ver chegar Faustino, olhou para ele, cumprimentando:

- Bom dia, patrão; bom dia, " *seu* " Moraes. Estou mandando os homens para o trabalho. O senhor quer alguma coisa?

- Quero sim, Pedro - respondeu Faustino. - Separa três dos homens que vão ficar aqui no acampamento e coloque eles à disposição do Moraes para o carregamento das "pélas" na gaiola.

- Pode deixar comigo - retrucou Pedro.

Chamou Manuel, Marivaldo e José Ribamar, apresentando-os a Moraes.

- Pronto, " *seu* " Moraes, estes aqui vão ficar com o senhor. É só ordenar que eles obedecem.

Moraes foi até onde as "pélas " estavam empilhadas e, acompanhado dos três homens, explicou-lhes como transportá-las até a embarcação. Trouxera dois carrinhos de mão, construídos em madeira, para facilitar-lhes o trabalho. Depois de receberem as instruções, os três foram até à "Filomena" buscar os carrinhos.

Faustino convidou Moraes para visitar as áreas de extração do látex, chamando Ferreira para acompanhá-los. Miranda ficou supervisionando o carregamento das "pélas".

Enquanto isso, na outra margem do igarapé, os Akawés, agora procurando esconder-se um pouco atrás da densa vegetação, continuavam observando o acampamento dos seringueiros.

Aquilo continuava preocupando Faustino. Aquela atitude só de observação, de vigília, sem que nenhum ato de hostilidade fosse praticado. Até as flechas incendiárias não foram mais atiradas sobre o acampamento, desde que os Akawés se instalaram no outro lado do braço de rio.

- Mas, o que eu faço, Moraes? - perguntou Faustino ao amigo, enquanto avançavam mata adentro. Ferreira os seguia, dois passos atrás. - Se eu forço um ataque, posso estar iniciando uma guerra, sem que eles estivessem nos atacando. Também, se não tomo nenhuma atitude, se não sei o que eles realmente querem com a gente, deixo o meu pessoal à beira de um ataque de nervos. Está todo mundo tenso, podem explodir a qualquer instante.

- É, você tem razão - retrucou Moraes. - Essa atitude deles, de ficar só observando, realmente é muito estranha. Mas, se como você disse, eles se instalaram há alguns dias na outra margem do rio e nada fizeram até agora, ninguém

pode impedi-los de estar ali. Enquanto não praticarem algum ato de hostilidade, não estarão incomodando vocês.

- Pior é que estão. A atitude que eles estão tomando está acabando com os nervos dos meus homens. Qualquer hora, um pensa que viu algo suspeito e sai atirando por aí. E aí, não consigo controlar mais ninguém.

- É, concordo contigo. Você está numa situação difícil. Mas, sinceramente, acho que deve esperar que eles tomem a iniciativa. Não tem outro jeito - rebateu Moraes.

Ferreira que vinha logo atrás concordou:

- É, " *seu* " Faustino, às vezes eles não estão nem pensando em atacar. Pode ser só curiosidade, vontade de ver como os brancos vivem. E, o que eu acho mais significativo: o número daqueles que estão no acampamento não aumentou e vocês deixaram de perceber movimento na mata em outros locais onde eles costumavam aparecer. Talvez eles tenham se dividido e só ficaram esses poucos acampados por aqui. Os outros, quem sabe, pode ser que tenham ido embora.

- É, pode ser... -matutou Faustino com seus botões.

Chegaram a um dos pontos de extração do látex. Os homens haviam feito uma pequena clareira, de uns nove metros quadrados, onde havia uma fogueira que servia para esquentar o almoço. As seringueiras, com mais de 20 metros de altura, cercavam o local. Já apresentavam o tronco marcado por sulcos de onde escorria o ouro viscoso para as cacimbas amarradas com uma corda fina na parte inferior da árvore.

Firmino comandava aquele grupo. Faustino perguntou:

- Como é que é, Raimundo? Está tudo em ordem?

O caboclo respondeu, com aquele seu jeito bronco de falar:

- Tudo, patrão. O trabalho "tá " correndo sem problemas.

- E os índios, Raimundo? Vocês viram algum escondido na mata?

- Não, patrão. Tudo calmo.

Faustino mostrou a Moraes e Ferreira como a seiva das seringueiras escorria com abundância, logo enchendo as cacimbas.

- Está vendo, Moraes? É por isso que você viu todas aquelas “pélas” lá no barracão. Parabéns, Ferreira, você escolheu muito bem essa área. Aqui, é só fazer o sulco na árvore que a produção está garantida - disse.

Despediram-se de Raimundo e dos outros homens e foram visitar os demais pontos de extração, distantes aproximadamente uns trezentos metros um do outro. Retornaram ao acampamento por volta de onze e meia, com a barriga já roncando de fome. Mário já os aguardava com uma sopa de tartaruga e carne de porco do mato, caçado pelos índios na tarde anterior.

Faustino foi até sua tenda, onde lavou as mãos e o rosto. Chamou Maria Teresa para acompanhá-lo no almoço, fato raro nos últimos dias, quando o marido estava sempre longe do acampamento àquela hora, preocupado com um eventual ataque dos Akawés.

Quando saíram da tenda, Faustino olhou mais uma vez para a outra margem do igarapé. Não havia nenhum índio à vista, apesar de haver fumaça na taba dos Akawés. “ *Eles continuavam lá, tinha certeza. Estavam escondidos no interior das ocas, não havia dúvida*”, pensou consigo mesmo.

## 39

Morais, Ferreira e Miranda ficaram no acampamento por três dias.

Quando a “Filomena” acabou de ser carregada, todas as “pélas” devidamente arrumadas em seu convés, Faustino e Maria Teresa despediam-se dos amigos

- Boa viagem, Moraes - disse Faustino, apertando a mão do amigo. - Não se esqueça de ver se os compradores efetuaram o depósito no banco. E, também, se chegou mais alguma correspondência lá de Fortaleza.

Teresa também desejou boa viagem;

- Avise a Ana que estou aguardando a chegada dela com ansiedade. Ela vai ser de muita ajuda na hora do nascimento da criança, pode estar certo.

Ferreira também se despediu:

- Bem, acho que essa é a última vez que venho aqui, acho que o Moraes já aprendeu o caminho. Fiquem em paz. Espero que tudo corra bem e que os Akawés não venham perturbar vocês.

- É a única coisa que me preocupa, Ferreira - disse Faustino. - O resto acho que está tudo sob controle. Boa viagem.

Morais ligou o motor da gaiola, que se afastou vagarosamente da margem. De longe, eles ainda acenavam, tanto de terra como da embarcação. Da outra margem do igarapé, olhos curiosos e ocultos espreitavam a partida da “Filomena”.

Faustino acompanhou Maria Teresa até o interior da tenda:

- Teresa, você já tomou banho? - perguntou.

- Não, Faustino, estava esperando você chegar.

- Então, vai você primeiro, eu tomo em seguida. Enquanto isso, vou ver como estão as coisas lá no barracão dos fundos.

Ela começou a se despir, enquanto ele saía da tenda.

Nos fundos do acampamento o látex fervia dentro dos “buiões”. Faustino procurou por Pedro. Quando o encontrou, disse:

- Pedro, alerte bem os homens que vão ficar de vigia de madrugada. Olho aberto. Estou com um pressentimento de que alguma coisa vai acontecer.

- Pode deixar, patrão, vou escolher os melhores - respondeu o capataz.

Depois do jantar, quando voltaram à tenda, Faustino deixou Maria Teresa no interior da mesma e foi fazer uma última inspeção nos postos de vigília. Conferiu tudo, repetiu as advertências aos vigias. Estava preocupado, alguma coisa o perturbava, não sabia o que era. Sentia o ar da selva mais pesado, quase não havia ruído, as corujas e os macacos que costumavam piar ou soltar gritos esparsos durante a noite estavam mudos. Experimentava até uma sensação estranha de calor, incomum nas noites amazônicas.

Foi deitar preocupado. Mas, como estava muito cansado, dormiu profundamente.

A surpresa veio no dia seguinte.

Depois que levantou, lavou o rosto na água da bacia e escovou os dentes. Vestiu a camisa, calçou as botas, colocou o chapelão na cabeça e foi até à rede de Maria Teresa. A mulher ainda dormia e ele não quis acordá-la. Caminhou devagar pelo interior da tenda, procurando não fazer barulho com as botas pisando no chão de terra. Quando saiu, a surpresa.

No chão, em frente à tenda, uma vasilha grande de cerâmica com várias frutas. Também um porco do mato



morto e esfolado, pronto para ir ao fogo. E um grande arranjo de flores silvestres.

Foi até os três homens que estavam de vigia mais à frente, junto à margem do igarapé. Perguntou ao primeiro deles, que estava sentado no chão, as pernas cruzadas na frente do corpo, uma carabina apoiada sobre elas:

- Zeferino, quem foi que colocou aquelas coisas em frente à minha barraca?

Zeferino virou a cabeça olhando para o local indicado com o braço por Faustino:

- Não vi não, patrão. Hoje de manhã, quando reparei que estavam lá, pensei que tivesse sido o Mário ou o pessoal do cacique.

Faustino repetiu a pergunta para os outros dois vigias, João Paulo e Manuel. Nenhum dos dois também tinha visto nada, só repararam naquelas coisas quando o dia começava a clarear.

O sangue subiu à cabeça de Faustino. Nada disse, entretanto. Foi andando rapidamente até a parte dos fundos do acampamento, até a taba dos Deni. Procurou pela oca de Urumã, perguntando se sabia se algum dos seus tinha colocado aquelas coisas em frente à sua tenda.

O cacique disse que não sabia, mas que iria perguntar aos seus índios. Faustino saiu dali preocupado, a respiração ofegante.

Quando achou Pedro, relatou-lhe o ocorrido.

- Não sei não, patrão. Será se não foram as índias que fazem companhia à dona Maria Teresa? Elas gostam muito de agradar à patroa.

- Não. - retrucou com rispidez. - Já perguntei a elas.

- O senhor não "tá" pensando que foram... - Pedro deixou a interrogação no ar.

- É exatamente o que estou pensando. Que bons vigias você colocou para tomar conta do acampamento.

Pedro procurou desculpar-se:

- Mas, são os melhores homens que a gente tem, patrão. Têm o sono leve e eu fiz uma porção de advertências a eles.

- Pois dormiram, Pedro, esses putos dormiram. E os três na mesma hora. Os Akawés atravessaram o igarapé, vieram até nossa margem e colocaram aquelas coisas lá. Como se debochassem da gente, da nossa vigilância. Entraram e saíram do nosso acampamento como bem quiseram.

Pedro abaixou a cabeça, constrangido. Faustino o deixou parado, saindo apressadamente dali, resmungando. Voltou à sua tenda, onde Maria Teresa acabara de acordar. Já meio descontrolado, disse para a mulher:

- Vem aqui fora, Teresa, vem ver o que os Akawés trouxeram de presente para a gente.

Ela, meio surpresa, acabava de pentear os longos cabelos castanhos, perguntou:

- Presente? Que presente, Faustino?

- Vem cá fora, vem ver - chamou, sem esconder a irritação.

Ela acabou de prender o cabelo e foi até a porta da cabana. Faustino mostrou-lhe as "oferendas". Não podendo esconder o espanto, perguntou:

- Mas, o que é isso, Faustino? Que coisas são essas?

- Foram os Akawés que trouxeram durante a madrugada - retrucou ele.

- Mas... como? - indagou Maria Teresa. - E os vigias?

- Para você ver. Passaram pelos vigias, colocaram as coisas aqui, voltaram e ninguém viu nada.

- Mas, eles podiam ter matado a gente. Meu Deus do céu!!! - exclamou ela, levando a mão à boca.

- Agora, não adianta colocar ninguém mais vigiando.- retrucou ele. - Bem, tomei uma decisão.

- O que foi? - ela perguntou.

- Vou atravessar o igarapé e vou lá falar com eles - disse Faustino, já mais calmo.

Ela olhou para ele, um pouco assustada:

- Sei lá, Faustino, estou com medo. Você não sabe o que vai encontrar por lá, pode ser perigoso.

- Eu sei, mas tenho que resolver isso de uma vez por todas. A gente não pode ficar do jeito que está, nessa tensão, sem saber o que vai acontecer.

- Não sei, Faustino, estou com medo - repetiu ela, quase chorando.

- Pode deixar, Teresa, vou tomar cuidado. E não se esqueça de que já vim aqui antes outras vezes, mal ou bem sei lidar com isso.

Abraçou a mulher e saiu à procura do cozinheiro. Quando o encontrou, disse:

- Mário, cadê aquela piroga que você usa para pescar?

- "Tá" ali, patrão, atrás da latrina - respondeu Mário, apontando com o indicador.

- Vê se acha o Auã e o Pedro, manda eles virem aqui.

Enquanto Mário saiu apressado para cumprir a ordem, ele se dirigiu até à piroga. Examinou-a com cuidado, a procura de eventuais buracos ou outros defeitos que impedissem o seu uso.

Daí a alguns minutos, chegaram Pedro e Auã.

- Pedro, - disse Faustino, dirigindo-se ao capataz - vou com Auã lá no acampamento dos índios do outro lado do rio. Deixo tudo nas tuas mãos. Se me acontecer alguma coisa, tome conta de tudo, vê se consegue alguém para levar Maria Teresa até uma cidade maior, onde ela possa ter a criança. O resto, você sabe o que fazer.

Pedro ficou surpreso:

- O senhor tem mesmo certeza do que vai fazer? Não é melhor esperar mais um pouco?

- Não, Pedro, não aguento mais isso. É melhor resolver logo. Além do mais, como eles colocaram aqueles presentes

na frente da minha tenda, acho que estão querendo uma aproximação.

Pedro ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, disse:

- É verdade, o senhor tem razão. Pode deixar, patrão, tomo conta de tudo. Mas, se Deus quiser, não vai acontecer nada de ruim com o senhor.

Faustino explicou a Auã o que iriam fazer. O índio pareceu não se abalar, mantendo-se tranquilo.

- Você vai comigo para servir de intérprete caso eu não consiga conversar com eles. Me ajude aqui com a piroga. Ah! espera aí... Vou levar alguma coisa para retribuir os presentes deles.

Apanhou algumas coisas com Mário, como carne seca, jerimum, brinquedos e algumas rendas feitas por Maria Teresa.

Empurraram a embarcação até a água. Auã pegou os remos, começando a movimentar a piroga. Ia sentado na frente, enquanto Faustino ficava atrás. Carregava apenas o revólver na cintura, enquanto Auã tinha uma faca presa na tanga.

Quando chegaram ao meio do igarapé, não viram nenhum movimento de índios na outra margem, apesar de sair fumaça de uma fogueira acesa. Faustino ficou atento, os olhos fixados no acampamento dos Akawés, procurando perceber algum movimento, algum sinal de vida. Nada, parecia que não havia ninguém.

Na outra margem, encostaram a piroga em terra vagarosamente, os olhos atentos ao redor. Foram caminhando lentamente em direção às ocas, Faustino na frente, Auã dois passos atrás.

Faustino disse em voz baixa para o índio:

- Auã, grite alguma coisa na língua deles.

Ele obedeceu, dizendo algumas palavras em voz alta. Faustino não entendeu nada do que ele disse. Abriu com

cuidado a porta de palha de uma das ocas.

Lá dentro, uma índia gorda, aparentando uns cinquenta anos, estava sentada com três crianças em sua volta. Tinham a fisionomia assustada, aparentando um certo receio com a aparição dos dois homens. Mas, pareciam já esperá-los.

Faustino fez-lhes uma saudação indígena, com a mão direita espalmada para o alto, murmurando algo ininteligível. Elas continuaram a olhar para eles, sem nada dizer. Ele pegou um colar de contas e alguns brinquedos de madeira, entregando-os à velha e às crianças. Não moveram um músculo, continuando a fitá-los fixamente.

Faustino insistiu, dizendo em português:

- Toma, toma, podem pegar, é para vocês.

Os índios continuavam sentados, parados, sem fazer nenhum gesto. Faustino já estava ficando irritado. Passou os objetos a Auã, dizendo-lhe:

- Toma, tenta você, fale com eles.

O índio, na língua deles, tentou explicar o motivo da visita.

- Estamos trazendo presentes para vocês. Retribuindo o que levaram para a gente. Onde estão os homens da tribo?

A velha levantou-se, pegou os presentes, examinando-os cuidadosamente. Entregou às crianças os carrinhos de madeira e uma boneca para uma das meninas.

Respondeu a Auã:

- Obrigado pelos presentes. Os homens saíram cedo para caçar. Tem outras mulheres e crianças nas outras duas ocas.

Auã perguntou se ela poderia chamá-los. Ela fez que sim com a cabeça, saindo todos da cabana. Ela foi nas outras duas e chamou as pessoas que estavam no interior das mesmas. Mulheres, crianças e dois homens velhos.

Faustino distribuiu mais presentes entre eles. As mulheres gostaram muito das redes, enquanto as crianças se divertiam com os brinquedos recebidos.

Faustino mandou Auã traduzir:

- Quando os homens voltarem da caça estão convidados para conhecer o acampamento do outro lado do igarapé.

As mulheres agradeceram, ofereceram uma beberagem aos dois servida em cuias de casca de coco e prometeram que iriam visitá-los.

Os dois retornaram à margem do seu acampamento. Maria Teresa já os esperava com cara de poucos amigos.

Logo que deixaram a embarcação, Pedro foi ao encontro dos dois.

- E então, patrão, como foram as coisas? - perguntou, aliviado.

- Tudo bem, Pedro, depois eu te conto. Deixa primeiro eu acalmar Maria Teresa.

Andou rápido, em direção à mulher. Calmamente, disse:

- Estou chegando agora, Teresa Foi tudo bem. Nossos novos amigos vêm nos visitar mais tarde.

Ela não se conteve. Quase chorando, desabafou:

- Faustino, você quer me matar do coração. Você já imaginou o que iria acontecer comigo e o neném se não consegue voltar?

- Calma, Teresa, calma. Eu tinha que fazer aquilo, se não a gente não ia ter sossego. Sabia que você ia ficar preocupada, mas tive que ir. Correu tudo bem, falei com as mulheres e as crianças, os homens estavam fora, caçando. Levei presentes para eles, ficaram de nos visitar quando os homens voltarem da caça.

- Puxa vida, quase que tenho a criança aqui mesmo, sem saber o que estava acontecendo lá. Me deu um nó na garganta, fiquei com o estômago embrulhado, deu até

vontade de vomitar – retrucou ela, sem conseguir engolir o que o marido fizera.

- “Tá” certo, “tá” certo, você tem razão – admitiu ele. – Era perigoso, eu sei. Mas tinha que ser feito. Aqui na selva a gente não pode demorar em tomar as decisões. Se hesitar, a floresta te engole. Já esperara demais, achei que tinha que fazer alguma coisa. Não foi nada pensado, meditado. Só achei que não podia ficar parado, todo mundo nessa tensão de não saber se iam ou não ser atacados. Se ficasse demorando muito para decidir, acabaria não indo e as coisas continuariam como estavam, todo mundo nervoso, podendo explodir a qualquer momento.

- Tudo bem que deu tudo certo... Mas, e se não tivesse dado? – insistiu Maria Teresa.

- Não se esqueça que a iniciativa foi deles, o primeiro gesto de amizade, quando deixaram os presentes na frente da nossa tenda. O risco que eu corri foi calculado, sabia que tinha chance de êxito – concluiu ele.

Ela desistiu de argumentar. Ele retomou a palavra:

- Vê se separa mais alguns presentes para a gente oferecer quando eles chegarem aqui. Vou contar aos homens o que aconteceu. Acho que agora vão ficar mais tranquilos.

Ela concordou com a cabeça, voltando a entrar na tenda, acompanhada das índias Deni.

O acampamento estava fervilhando de murmúrios sobre a incursão de Faustino ao outro lado do igarapé. Todos exaltavam a coragem e a audácia do chefe que, acompanhado somente de Auã e com apenas um revólver na cinta, atravessou o riacho sem saber o que ia encontrar do outro lado.

Foi olhado com admiração à medida que circulava pelo acampamento, sendo cumprimentado por um e outro por onde passava. Chegou até à taba dos Deni, onde Urumã já o

aguardava. Saudou-o, com o braço direito estendido para o alto:

- Salve, "Fastino" - disse no seu português enrolado. - Já soubemos de sua façanha.

Faustino cumprimentou o morubixaba, apertando-o contra o peito, num abraço afetuoso.

- Bem, acho que agora não temos mais com o que nos preocupar - agradeceu Faustino. - Urumã, eles vêm nos visitar hoje à tarde, quando voltarem da caça. Queria que você e os seus estivessem presentes. Vamos ver se conseguimos colocar um ponto final na desavença entre as tribos.

Urumã, mesmo ainda um pouco ressentido com a morte do seu guerreiro, concordou, prometendo que compareceria.

Faustino correu todo o acampamento, relatando aos homens o que ocorrera quando de sua visita aos Akawés, o que serviu de alívio para todos.

Por volta das cinco e meia, quando alguns dos homens voltavam das seringueiras com o produto da colheita do látex, os demais, tendo Faustino à frente, estavam na margem do igarapé, ansiosos pela chegada dos Akawés.

Todas as fogueiras já estavam acesas, um porco do mato, caçado pelos Deni, já estava assando no fogo. Do outro lado, movimento de pessoas. Parecia que os homens Akawéstinhavam voltado da caça. Entravam e saíam das ocas, olhavam desconfiados para o acampamento dos brancos, conversavam em voz alta, pareciam discutir entre eles. Finalmente, acompanhados das mulheres e crianças, embarcaram em quatro pirogas, remando em direção à outra margem do igarapé .



# 40

Urumã, em pé ao lado de Faustino, comentou no seu português complicado:

- Eles vêm em paz.
- Como você sabe?
- Não têm o rosto pintado com as cores da guerra. - explicou o cacique.

Faustino, de mãos dadas com a mulher, tranquilizou Maria Teresa.

Quando os Akawés encostaram suas pirogas na margem, Faustino foi em sua direção. Saudou-os, o braço direito no alto. Com o que sabia da língua indígena, disse:

- Sejam bem vindos ao nosso acampamento.

Um índio alto, forte, aparentando uns trinta e cinco anos, vestindo uma minúscula tanga, o dorso nu, também com o braço direito levantado, retribuiu o cumprimento. Os outros Akawés, homens, mulheres e crianças, vinham logo atrás do líder.

Faustino chamou Urumã. O cacique Deni deu dois passos à frente. O líder dos Akawés também o saudou com o mesmo gesto de braço direito levantado.

Urumã, mesmo demonstrando contrariedade na fisionomia fechada, retribuiu o cumprimento.

Faustino fez um sinal com a mão, convidando os Akawés a segui-lo até onde estavam as fogueiras. Os outros homens do acampamento olhavam de longe, desconfiados. Os Deni também ficaram a uma distância razoável.

Faustino convidou todo mundo a sentar em volta da grande fogueira, onde o porco do mato era assado. Sempre com Maria Teresa ao seu lado, tentou puxar conversa com o chefe dos Akawés.

- Meu nome é Faustino, venho de longe, lá das bandas do Ceará. Venho extrair o leite da seringueira, que é muito apreciado naquela região.

O índio pareceu não entender perfeitamente o que Faustino disse. Aí veio em seu socorro, fazendo a tradução.

O chefe também se apresentou:

- Eu sou Amari. Eu e esses que me acompanham decidimos nos separar do resto da nossa tribo, quando vimos que os senhores haviam se instalado por aqui.

Eram treze no total. Quatro homens adultos, três mulheres de meia-idade e outra bem mais velha, e cinco crianças, com idades variando entre quatro e doze anos.

Faustino perguntou:

- Mas por que decidiram separar-se de sua tribo?

Amari tentou explicar, misturando sua língua com o português:

- Quando chegamos aqui, umas quatro luas atrás, encontramos alguns índios da tribo dos Deni. Pensamos que eles estivessem sós e, como éramos inimigos antigos, decidimos atacar. Um de nossos homens foi morto. Mas, nós éramos em muito maior número que eles e nosso chefe decidiu fazer um grande ataque na manhã seguinte.

Fez uma pausa, bebendo um pouco do suco de açaí, que Faustino lhe ofereceu numa cuia de casca de coco. Todos estavam atentos em sua narrativa. Ele continuou, pronunciando as palavras vagarosamente, com dificuldade, procurando fazer-se entender:

- Foi então que vimos que eles estavam acompanhando vários brancos. Decidimos observar um pouco mais, ver quantos eram, se estavam armados. Quando notamos que tinham várias armas com eles, nosso chefe ficou indeciso sobre o que fazer. Nós éramos uns cinquenta, mas quase não tínhamos armas de fogo, só alguns fuzis antigos e pouca munição. Decidimos ver qual

seria a reação de vocês, atirando uma flecha de fogo de vez em quando. Como vocês não foram embora, continuando a trabalhar normalmente, o morubixaba decidiu deixá-los de lado, não atacar. Eu sou o filho mais velho do chefe. Conversei muito com ele, achei que era melhor uma aproximação com vocês, procurando aprender como plantam a comida, como cozinham a mesma e como conseguem sobreviver na selva. Nós, que nascemos e fomos criados aqui, morremos com muita facilidade. Doenças, ferimentos, ataques de bichos, falta de comida. Muitas crianças não chegam a um ano de idade. Acho que, se vivêssemos em paz, teríamos muito que aprender. Agora não adianta mais, o branco já invadiu mesmo a nossa terra e dela não vai sair. A gente não tem armas para expulsá-lo daqui, o melhor é procurar aprender o que ele tem de bom para nos ensinar.

Fez outra pausa. Levou à boca um pedaço de carne de porco ainda fumegando, mastigando-a com calma. Todos permaneciam em silêncio, ouvindo atentamente.

Amari continuou:

- Meu pai não concordou comigo e decidiu partir com os outros guerreiros. Ele nunca se aproximaria dos brancos, a não ser em situação de guerra e quando achasse que pudesse derrotá-los. Quando foram embora, eu e esses aqui que me seguiram, decidimos montar acampamento do outro lado do rio, esperando uma aproximação. Não sabíamos como seríamos recebidos, por isso preferimos aguardar.

Urumã perguntou:

- Você sabe que mataram um dos nossos guerreiros?

Amari olhou para ele, surpreso:

- Não, não sabia. Ficamos com muita raiva de vocês, os Deni, quando mataram um dos nossos e juramos vingança.

- Pois mataram sim. E, nós não fizemos nada a vocês.

- E o nosso homem que morreu? Nossos povos sempre foram inimigos, você sabe disso, chefe - retrucou Amari.

Faustino interveio:

- Bem, mas isso agora acabou, não é? Os Akawés vieram em paz e se quiserem, vamos trabalhar todos juntos.

Amari indagou, dirigindo-se a Faustino:

- Era isso que eu queria saber. Nós, os homens, podemos trabalhar com vocês? Aprender a extrair o líquido branco das grandes árvores? E, nossas mulheres, podem aprender a cozinhar com as suas?

Ele olhou em direção a Maria Teresa, sentada ao lado de Faustino e em silêncio absoluto.

- Claro que podem. Serão bem recebidos - respondeu Faustino.

Em seguida, procedeu-se à troca de presentes. Os Akawés trouxeram colares, machadinhos, vasos de cerâmica e outros objetos artesanais. Receberam peixe salgado, carne seca, jerimum, toalhas de renda e outras pequenas coisas típicas do Ceará. As mulheres Akawés rodearam Maria Teresa, o que causou um pequeno ciúme nas Deni. Ficaram encantadas com suas longas tranças e sua barriga dilatada.

Urumã, mesmo ainda contrariado, depois que soube que também um dos Akawés havia sido morto, ficou mais descontraído, chegando até a conversar com Amari. “ *Era aquela história do olho por olho, dente por dente*”...

Faustino estava contente com o fim das preocupações que os Akawés lhe causaram durante aqueles últimos dias. Agora, parece que tudo voltara a entrar nos eixos, o trabalho voltaria a fluir normalmente. Eufórico, chegou até a pensar em mandar Pedro servir uma rodada de aguardente para todos, para comemorar o fim das hostilidades entre Deni e Akawés. Mas, refletiu melhor e desistiu da ideia. Uma das coisas pela qual sempre lutou foi manter íntegra a

inocência dos índios, evitando corrompê-los com os vícios dos brancos.

O jantar prolongou-se até quase às nove horas. Quando os Akawés se despediram, Amari cumprimentou efusivamente Urumã. As desavenças ficaram definitivamente para trás. Embarcaram em suas pirogas de volta para o seu acampamento, na outra margem do igarapé, prometendo voltar no dia seguinte para o primeiro dia de trabalho.

Já na sua tenda, enquanto se despia para dormir, Faustino não cabia em si de contentamento. Comentou com Maria Teresa:

- Viu, Teresa, o que se consegue ao procurar o diálogo? Se eu não tivesse tomado a iniciativa de atravessar para a outra margem, nós estaríamos até não sei quando naquele estado de tensão. Talvez até à beira de uma guerra. Imagina se algum de nós atira e mata um dos Akawés? O que poderia acontecer?

Maria Teresa murmurou baixinho, quase falando consigo mesma:

- Só mesmo você, Faustino, só mesmo você... Daqui para frente, não dou palpite em mais nada... - disse ela, enquanto tirava as botas.

Ele sorriu, enquanto enrolava um cigarro de palha.

# 41

O único fato que causou maior rebuliço no acampamento foi a perda de um braço de João Paulo. O negro, acompanhado de Zeferino e Venâncio, depois de um cansativo dia de trabalho, foi lavar-se à beira do igarapé, em local protegido pela vegetação, para não ficar nu na frente das mulheres. João Paulo arriscou-se a ir na parte mais funda do riacho, quando num bote rápido e certo, um enorme crocodilo atracou-se no seu braço esquerdo. Com sua força descomunal, conseguiu levantar o bicho, de mais de dois metros de comprimento, acima da linha d'água. Este continuava agarrado firmemente em seu braço. Quando novamente voltou para a água, o negro já estava com metade do membro superior fora do corpo, na altura do cotovelo. Conseguiu nadar correndo de volta para a margem, o sangue escorrendo-lhe com intensidade do coto, os ossos à mostra, enquanto o crocodilo se deliciava com o jantar inesperado.

Zeferino e Venâncio gritavam a plenos pulmões, tentando pedir ajuda. Pedro e Raimundo acudiram correndo, enquanto João Paulo, sentado na margem, continuava a sangrar abundantemente. Não deu um grito, a dor estava estampada em seu rosto, ele aguentando firme, sem reclamar. Pedro, vendo a gravidade do ferimento, tirou rápido sua própria camisa, enrolando-a no coto do braço de João Paulo. Mandou Firmino procurar Faustino.

Este, em sua tenda, tirava a roupa e se preparava para tomar o banho do fim do dia. Raimundo veio correndo, gritando do lado de fora:

- Patrão, patrão, venha rápido. O João perdeu o braço.

Faustino, surpreso, sem camisa, veio para fora da barraca:

- O que foi, Raimundo? Fala devagar homem, fica calmo.

O caboclo respondeu, gaguejando:

- O João Paulo, patrão. O jacaré... o jacaré comeu o braço dele.

Faustino saiu correndo na direção indicada por Raimundo. Lá, Pedro estava agachado ao lado do negro, apertando fortemente a camisa empapada de sangue contra o coto em carne viva.

- O que aconteceu, Pedro? - perguntou Faustino, o tom de voz nervoso.

Pedro nem olhou para ele. Continuava apertando com força a camisa contra o que restou do braço de João Paulo. Respondeu:

- Parece que foi crocodilo, patrão. Na hora em que tomava banho.

Faustino olhava para o sangue escorrendo abundantemente pela camisa apertada contra o que restou do braço de João Paulo. O negro estava nu, assim como Zeferino e Venâncio, que pareciam paralisados de terror, assistindo tudo ali ao lado, em pé, a um metro de distância.

Faustino recobrou o sangue-frio. Ordenou a Raimundo:

- Corre lá na taba dos Deni e chama Urumã. Conta rapidamente o que aconteceu e traz ele correndo aqui. Pedro, deixa que eu fico segurando essa camisa. Corre lá na minha tenda e traz a maleta de primeiros socorros.

Abaixou-se e substituiu Pedro na tarefa de tentar estancar o sangue que empapava a camisa que fazia às vezes de torniquete na parte superior do braço de João Paulo. Pedro saiu correndo em direção à tenda de Faustino.

O sangue parecia que começava a diminuir a intensidade com que escorria. Apertando fortemente a camisa ensanguentada contra o ferimento, Faustino olhou para João Paulo. O negro cerrava os dentes, mas não gritava, não queria aparentar sentir dor.

- Aguenta firme, João. Vamos tratar disso já - disse Faustino, tentando acalmar o negro.

João Paulo olhou para ele, olhos já embaçados, o sangue esvaindo-se de seu corpo. Esboçou um pequeno sorriso e desmaiou.

Urumã chegou correndo, acompanhado de alguns índios. Já tendo tomado ciência do que ocorrera pelo relato apressado de Firmino, trouxe consigo o curandeiro da tribo. Este ajoelhou-se ao lado de Faustino, olhando para a camisa encharcada de sangue. Pediu a Faustino, através de gestos, que soltasse o torniquete improvisado. Faustino tirou as mãos da camisa de Pedro, deixando que o índio examinasse o ferimento. Este retirou delicadamente o tecido de cima do coto de João Paulo. A carne estava dilacerada de forma irregular logo abaixo do cotovelo, aparecendo nítida a marca dos dentes do crocodilo na pele do negro. As pontas do rádio e do cúbito estavam salientes. Mas, o sangue parecia que havia estancado, o que diminuía o risco de hemorragia.

O curandeiro continuava olhando para o ferimento, aparentando não saber o que fazer. Olhou para Urumã, depois para Faustino, procurando por uma sugestão. Nesse momento, chegou Pedro correndo, Maria Teresa logo atrás.

Faustino, vendo que a mulher também se aproximava, mandou Zeferino e Venâncio saírem dali, pois os dois, ainda nus, continuavam paralisados no local. Os caboclos obedeceram imediatamente, escondendo-se por trás de algumas moitas da vegetação. Faustino, com uma folha de paxiúba, cobriu precariamente as partes íntimas de João Paulo, agora estirado no chão, ainda desacordado.

Faustino pegou a maleta de primeiros socorros das mãos de Pedro, abrindo-a rapidamente. Agachou-se novamente ao lado de João Paulo, retirando a tampa de cortiça de um vidro de álcool. Despejou o líquido sobre um grande chumaço de algodão e procurou limpar o ferimento.



Dirigiu-se a Pedro:

- Pedro, vai lá na fogueira, queima bem a ponta de uma faca até ela ficar em brasa. Depois traz correndo de volta.

Pedro correu para obedecer ao solicitado. Faustino continuava a limpeza do ferimento de João Paulo, procurando desinfetá-lo bem. O sangue, agora, escorria apenas de um pequeno filete. Ainda bem que o negro estava desacordado, não sentindo a dor que lhe devia estar sendo causada.

Pedro voltou com uma pequena faca com a ponta ainda rubra, incandescente.

Faustino mandou que Maria Teresa se afastasse um pouco. Encostou, então, a ponta da faca na extremidade do coto de João Paulo, procurando cauterizá-lo bem. O cheiro de carne queimada fez com que Maria Teresa e Firmino vomitassem na mesma hora. Lá de dentro do mato, onde ainda estavam Venâncio e Zeferino, também se ouviram ruídos de gente vomitando.

Nessa hora, João Paulo parece que quis acordar. Abriu os olhos por um instante, seu rosto fez uma contração de dor. Desmaiou novamente.

Amari, tendo visto o movimento da outra margem do igarapé, atravessou o mesmo rapidamente, procurando também ajudar. Inteirando-se do ocorrido, dirigiu-se ao curandeiro dos Deni, que estava em pé, ao lado de Urumã. Trocaram algumas palavras na língua deles e o curandeiro afastou-se rapidamente.

Faustino perguntou a Amari o que dissera ao outro índio.

- Perguntei a ele se conhecia algumas ervas que, nós, os Akawés, costumamos usar para ferimentos desse tipo. Ele disse que sim, então pedi a ele que fosse tentar achar algumas delas. Alguns dos nossos já foram atacados por

crocodilos e usamos uma mistura dessas ervas, tendo dado certo.

- Tudo bem, Amari, obrigado pela ajuda.

Urumã, ao lado, pareceu ficar um pouco enciumado, já que seu curandeiro teve que ser orientado por um índio de outra tribo para ir buscar o remédio a ser usado. Mas, ficou quieto em seu canto.

Dali a pouco, o curandeiro voltava com as ervas pedidas por Amari. Este deu-lhe algumas instruções e o curandeiro, também se agachando, fez uma espécie de emplastro sobre o ferimento, cobrindo-o totalmente.

Faustino, então, cobriu ainda mais o emplastro de ervas com uma espécie de gaze, enfaixando do local da ferida até o ombro do negro.

Levantando-se, depois de fechar a maleta de medicamentos, disse para Pedro:

- Bem, Pedro, chame mais alguns homens e o carreguem com cuidado para a tenda. Aproveitem que ele ainda não recuperou os sentidos. E, vamos rezar para que não inflame.

Colocando o braço direito sobre o ombro da mulher, apertou-a contra o peito nu, caminhando vagarosamente em direção à própria tenda. A noite caiu rapidamente, tornado o céu escuro como breu, o silêncio da mata parecendo querer engolir tudo em volta.

Os dias que se seguiram foram de relativa tranquilidade. Fora um espinho no pé de um aqui, uma picada de cobra não venenosa em outro ali, incidentes menores, nada de extraordinário aconteceu.

A produção seguia célere, agora com o reforço dos Akawés que rapidamente se entrosaram no ritmo normal de trabalho do acampamento.

A barriga de Maria Teresa aumentava a olhos vistos, já estávamos quase no fim de novembro, a hora do parto aproximava-se. Faustino estava um pouco apreensivo, pois

não recebera nenhuma notícia de Moraes e, principalmente, de Ana. Somente a presença da mulher do amigo junto a Teresa lhe daria tranquilidade. Lembrava-se muito bem de sua eficiência quando ele chegou doente a Belém, na última expedição. Os dias passados junto à sua cabeceira, tentando vencer a malária que o deixara prostrado, com febre contínua e à beira da morte, estavam bem vivos em sua mente. Sua experiência como enfermeira aposentada do melhor hospital de Belém foi fator preponderante para salvar-lhe a vida.

Por isso, só iria sentir-se tranquilo quando eles chegassem. Todo dia, quando deixava sua barraca, a primeira coisa que fazia era olhar para a esquerda, onde o igarapé se perdia de vista. Torcia intimamente para ver a “Filomena” resfolegando e se aproximando lentamente do atracadouro. Nada, dia após dia.

O galpão de estocagem das “pélas” já estava quase lotado, não iria caber muita coisa mais em pouco tempo.

Finalmente, em 26 de novembro, a “Filomena” novamente apitou ao longe, anunciando sua chegada. Depois que atracaram, após os cumprimentos costumeiros, Faustino ordenou a Pedro que levantasse outra tenda para Moraes, Ana e Maria do Céu, a filha do casal, que fez questão de acompanhá-los na aventura. Miranda ficou na barraca de Pedro.

A barriga de Maria Teresa estava enorme, o “bichinho” estava agitado, cada vez se mexia mais. Ana fez-lhe um exame detalhado, constatou que a gravidez corria normalmente e o parto seria para dali a alguns dias.

Depois de alojados, na hora do almoço, Faustino relatou a Moraes e à mulher o episódio da aproximação com os Akawés e como eles, agora, estavam adaptados à rotina de trabalho do acampamento. Contou, também, o incidente da perda do antebraço de João Paulo.

Moraes riu gostosamente.

- Só mesmo você, Faustino, só mesmo você - repetiu a frase costumeira. - Nunca vi ninguém ter tanta facilidade para lidar com os índios. Acho que, procurando bem, você deve ter alguma coisa do sangue deles correndo nas tuas veias.

- Você precisava ter visto a aflição em que fiquei quando esse homem decidiu atravessar o igarapé para falar com os Akawés. Quase que tenho a criança antes do tempo - interveio Maria Teresa, fazendo todos rir à vontade.

O episódio do crocodilo atacando João Paulo quase não foi comentado, até por ser corriqueiro na região.

À tarde, Faustino levou Morais e Miranda até o barracão onde as "pélas" estavam estocadas. O local estava cheio, já havia "pélas" fora do barracão, espalhadas pelo chão. O que não era bom.

- Estava com medo que vocês se atrasassem, Morais. Já não tinha mais local para estocar as "pélas" e se elas ficarem apanhando chuva durante muitos dias, a borracha fica dura, imprestável para o consumo - comentou Faustino.

- Sei disso, Faustino. Mas, a "Filomena" deu uma "pifada" no motor e tive que consertar em Santarém, perdendo três dias de viagem parado lá - retrucou Morais.

- E eu aqui, nessa imensidão do nada, sem saber o que aconteceu - filosofou Faustino. - E, mais preocupado estava com a aproximação da hora de Maria Teresa e sem a Ana aqui do lado dela.

- Bem, graças a Deus, chegamos a tempo e está tudo bem - disse Morais, batendo de leve com a mão esquerda no ombro do amigo.

Como da vez anterior, Faustino escolheu três homens para auxiliarem Morais e Miranda no carregamento das "pélas" para a "Filomena". Morais deu as ordens necessárias e o trabalho de transporte das enormes bolas de borracha defumada começou.

No final da tarde, mais um dia de trabalho se encerrava. Os homens voltavam dos seringais com os baldes cheios de látex, os “buiões” já estavam esperando para defumar a seiva das seringueiras. Uma turma ia tomar o seu banho de rio, aguardando a hora do jantar, enquanto a outra começava o seu trabalho, preparando as “pélas” para estocagem. O transporte das mesmas para a “Filomena” também se encerrava, aproveitando Moraes, Miranda, Venâncio, Marivaldo e José Ribamar para um banho rápido antes da refeição.

Amari e os demais Akawés atravessaram o igarapé, indo repousar do outro lado do riacho, junto com sua gente.

O pessoal de Faustino jantou em volta da fogueira, ao som do violão do José Ribamar.

O ambiente estava alegre, descontraído, bem diferente de algum tempo atrás...

## 42

Três dias depois, a “Filomena” já estava carregada, o convés coberto com as “pélas” bem protegidas por grossas lonas de tecido grosso e fortemente amarradas.

Pela manhã, pouco depois das oito, Moraes despedia-se de Faustino:

- Bem, Faustino, vou andando. Pensei que teu filho fosse nascer antes que eu partisse e eu estivesse aqui para alguma coisa que precisasse. Mas, como não nasceu, vou deixar Ana e Maria do Céu aqui com vocês e vou entregar esta mercadoria pra gente não pagar nenhuma multa. Mas, volto em seguida, não se preocupe. Ainda mais que você ainda tem muita “péla” estocada e já deve ter mais quando eu voltar.

- Está certo, Moraes. É pena você não poder ficar, mas, realmente é melhor você ir. Quando voltar, teu afilhado já deve ter nascido.

- Meu afilhado? - perguntou Moraes surpreso. - Porra, Faustino, você me deixa envaidecido...

- É claro que você será o padrinho... Quem mais poderia ser? - rebateu Faustino, abraçando o amigo.

O convite ainda não havia sido feito anteriormente, mas Faustino já conversara com Maria Teresa e já tinham decidido que Moraes e Ana seriam os padrinhos.

Ana também abraçou Maria Teresa, agradecendo o convite. Depois, despediu-se do marido:

- Vai com cuidado, Moraes. E vê se volta logo, não fica perdido em farras lá em Belém.

Moraes só sorriu.

- Você e Maria do Céu, tomem cuidado, estão em plena selva. Não vão querer ficar passeando por aí como se

estivessem em cidade grande - disse.

Beijou a mulher e a filha e pulou para dentro da "Filomena". Miranda ligou o motor.

A gaiola sumiu ao longe, na curva do igarapé.

O acampamento voltou à sua rotina.

Maria Teresa mostrou a Ana e Maria do Céu, como convivia com as índias, como estas tinham interesse em aprender a costurar, fazer rendas e cozinhar. Mesmo as Akawés, a princípio arredias, agora atravessavam o igarapé pela manhã com os maridos, e ficavam o dia inteiro em volta de Maria Teresa, convivendo em harmonia com as Deni. Naquele 29 de novembro, dia da partida de Moraes e Miranda, Maria Teresa ainda conseguiu andar normalmente, mostrando o acampamento a Ana e a filha. Fez a roda normal de costura com as índias, almoçou com Faustino e o resto do pessoal junto a uma das fogueiras. Andava com bastante dificuldade, carregando com muito esforço o filho em seu ventre. Tinha dificuldade em respirar, suava abundantemente, a toda hora procurava um lugar onde pudesse sentar e descansar por alguns instantes. Ana não saiu do seu lado, vigiando com atenção todos os seus movimentos. Sabia que a hora do parto estava próxima e queria tomar todas as providências necessárias para que tudo corresse em normalidade, sem nenhum imprevisto que pudesse atrapalhar o nascimento da criança.

À noite, Maria Teresa estava indisposta e andar causava-lhe muito esforço. Deitou em sua rede e avisou a Faustino que estava bem, mas preferia descansar. O marido levou-lhe o jantar na rede, mas ela só conseguiu tomar algumas colheres de sopa. Dormiu mal durante a madrugada, acordando a todo o momento, sentindo muita dificuldade em virar de lado na rede. Faustino mandou chamar Ana em sua tenda, pedindo-lhe que ficasse ao lado da mulher, indo ele dormir na cabana de Pedro.

Aquela madrugada foi terrível para Maria Teresa. Pouco dormiu, a criança mexia muito em sua barriga.

Na manhã seguinte, entretanto, ela acordou bem disposta, conseguindo sair da rede sem maior dificuldade. Foi ao banheiro, escovou os dentes, tomou um banho de água fria, sempre acompanhada por Ana, que não a deixou sozinha um único instante.

Tomou o café da manhã junto com Faustino, Ana e Maria do Céu.

- Como é Teresa, melhorou? - perguntou Faustino.

Ela, bebendo um pouco de chá de ervas que Ana preparara:

- Um pouco melhor, Faustino - respondeu. - Mas, o "bichinho" está muito agitado, está se mexendo muito. Acho que está doido para sair da barriga - tentou brincar.

Sua fisionomia estava pálida, o suor escorria-lhe pela face e pela testa.

Faustino tentou disfarçar a preocupação, enquanto mastigava um pedaço de bolo de mandioca.

- Vê se descansa bastante, não tem necessidade de ficar andando pra lá e pra cá - disse. - A Ana vai estar sempre do seu lado, não precisa se preocupar.

- "Tá" bem, "tá" bem, Faustino - retrucou ela, um pouco impaciente. - Vai trabalhar em paz, pode deixar que eu estou bem.

Faustino levantou-se, deu um beijo na testa da mulher, dizendo:

- Está certo, vou trabalhar. Mas, vou ficar aqui por perto. Qualquer coisa manda me chamar.

Depois que ele se afastou, Ana comentou com Maria Teresa:

- Ele está preocupado, Teresa. Também, não é para menos, é o primeiro filho, quem sofre mais são os homens.

Ajudou Maria Teresa a levantar da espreguiçadeira e conduziu-a pelo braço até o interior da tenda. Teresa



acomodou-se na rede com dificuldade, a enorme barriga pesando-lhe os movimentos.

As índias, tanto as Deni como as Akawés, logo a rodearam. Ana tentou explicar-lhes que a “professora” de costura não estava bem, que o neném estava para nascer. Elas pareceram não se importar com as explicações, brincando e rindo alegremente em volta da gestante. Maria Teresa pediu a Ana que as deixasse de lado, que não se importasse com elas, não lhe estavam fazendo mal.

Por volta das dez horas, Ana tentou tirar Maria Teresa da rede.

- Vamos, Teresa, vê se saí um pouco dessa rede, se mexe um pouco. Vamos tentar fazer alguns exercícios de respiração.

Ela levantou-se a muito custo. Reclamou:

- Estou meio tonta, Ana. A barriga está pesando muito.

Sentou-se no chão, Ana mandou que cruzasse a pernas e forçasse a respiração, inspirando e expirando lentamente. Depois, estendeu uma toalha no chão e mandou que ela deitasse de costas. Fez outros exercícios de respiração, expelindo o ar dos pulmões bem devagar.

Faustino, de quinze em quinze minutos, vinha até a barraca saber como ela estava. Era visível sua preocupação, sua ansiedade. Perguntava a Ana se havia algo que pudesse fazer, apertava a mão da mulher tentando transmitir-lhe uma sensação de calma que ele mesmo não conseguia aparentar.

Chegaram duas velhas índias, uma Deni, outra Akawé, com intervalo de meia hora aproximadamente. Dirigiram-se primeiro a Maria Teresa, depois a Ana. Nenhuma das duas entendeu o que elas queriam dizer. Faustino foi chamado. Como também não entendesse o que elas tentavam explicar, mandou chamar Auã.

O enorme índio seminu entrou na barraca. Faustino pediu-lhe que tentasse traduzir o que as duas velhas índias

queriam. Depois de conversar rapidamente com as duas, explicou secamente:

- Elas fazem os partos nas tribos delas. Estão oferecendo seus serviços.

Ana respondeu prontamente:

- São muito bem vindas. Toda ajuda que eu puder ter vai ser de muita valia.

Na hora do almoço, Maria Teresa comeu muito pouco. Uma sopa de tartaruga, sem sal ou tempero. Quase vomitou tudo, mas conseguiu segurar o alimento no estômago.

Depois de dormir um pouco após o almoço, pediu a Ana que a ajudasse a andar por alguns minutos.

- Isso é bom - disse Ana. - Você não deve ficar muito tempo parada. Incha os pés.

De braços com Ana e Maria do Céu, ela saiu da barraca e andou um pouco pela margem do igarapé. Chegou a brincar:

- Maria do Céu, que tal a gente dar uma voltinha de canoa?

Ana olhou para a filha interrogativamente. Perguntou:

- Você quer ir, Céu?

A menina hesitou um pouco.

- Não tem perigo, mãe? - indagou.

- Acho que não - respondeu. - Tem, Teresa?

Ela riu. Olhou para Maria do Céu e respondeu:

- Não, sua boba, eu já andei várias vezes. De vez em quando aparece um jacaré ou um peixe-boi, mas nunca fizeram nada comigo.

Maria do Céu engoliu em seco. Maria Teresa e Ana riram à vontade, soltando boas gargalhadas.

- Cadê tua coragem? Com medo de um pobrezinho de um jacaré?

Acabaram desistindo da canoa. Maria Teresa pediu a Ana que a acompanhasse até o barracão no fundo do

acampamento, onde Faustino deveria estar.

- Vamos até lá? Assim acalmo um pouco o Faustino.

Dirigiram-se para lá, passando pelas fogueiras e pelas tendas dos empregados. Mário lavava as marmitas e as panelas utilizadas no almoço. Brincou com Maria Teresa:

- O que o neném vai querer para o jantar, dona Teresa?

Ela respondeu, sorrindo, passando por ele:

- Faz uma sopa de surucucu, Mário. E, bota bastante pimenta.

Faustino ficou um pouco surpreso com a visita das três mulheres. Maria Teresa raramente o procurava lá nos fundos do acampamento. Vestiu rapidamente a camisa, abotoando-a no peito.

- A que devo a honra da visita? - brincou. - Você está bem, Teresa?

Ela respondeu, um pouco ofegante:

- Tudo bem, Faustino. Decidimos dar uma volta e viemos aqui visitá-lo. Estamos te atrapalhando?

- Não, meu bem. Não atrapalham não. Somente estranhei, pensei que você estivesse sentindo alguma coisa.

Ana e Maria do Céu olhavam curiosas para as enormes "pélas" estocadas e para os "buiões" fumegando. Faustino, reparando na curiosidade de ambas, explicou-lhes como eram preparadas as "pélas".

- É assim que eu ganho a vida, Ana. É meio dura, não é?- brincou.

- É, na realidade tem que ser aventureiro para vir para cá e ficar tão isolado de tudo. Vocês já se acostumaram, não é?

- No início, eu estranhei muito - respondeu Maria Teresa. - Hoje, nem percebo que a gente está tão só aqui, no meio do nada. É tanta coisa para a gente fazer que o dia passa tão rápido que nem se percebe.

Despediram-se de Faustino, voltando para a cabana.

As índias, tanto as Deni como as Akawés, aguardavam pacientemente o retorno da “professora”, exibindo, orgulhosas, as peças de renda em suas mãos. Saudaram Maria Teresa com entusiasmo, acariciando-lhe o rosto e os cabelos. Entraram todas na tenda. A gestante sentou-se numa das espreguiçadeiras, tendo as índias em sua volta. Ela sentia algumas dores, ora mais leves, ora mais agudas, apertando os lábios com força, procurando disfarçar o desconforto. Procurou distrair-se, ajudando as índias na grande toalha de renda que todas faziam em conjunto. Mas, de vez em quando, a criança mexia-se em seu ventre, ela sentia uma pontada forte, dava um gemido disfarçado.

Quando Faustino chegou, por volta das cinco e meia, perguntou:

- E então, Teresa, vamos jantar?

Ela tentou levantar da espreguiçadeira. Não conseguiu.

- Não, Faustino, não estou muito bem. Vai você - respondeu.

Ele olhou para ela, preocupado:

- Mas, o que houve? Você estava tão bem ainda há pouco.

- Não sei, Faustino, não sei - respondeu ela. - Está doendo muito, acho que está chegando a hora. Estou sentindo as pernas pesadas, talvez tenha sido o esforço de ter andado hoje à tarde.

- Então, está bem. Vou mandar o Mário te preparar uma sopinha, alguma coisa leve.

Virou-se para Ana:

- Ana, Maria do Céu, vocês vêm jantar? - perguntou ele.

Ana retrucou:

- Maria do Céu, vai você. Eu fico aqui com a Teresa.

Faustino concluiu, enquanto deixava a tenda:

- Mando trazer alguma coisa para você também, Ana. Qualquer coisa, é só gritar.

Maria do Céu o acompanhou.

# 43

Naquela noite, depois de ter tomado um pouco da sopa que Mário lhe trouxera, Maria Teresa quase não conseguia suportar as dores.

Deitou-se no chão, sobre a esteira de palha, forrada com um lençol de linho. Ali, na posição horizontal, sentia-se mais confortável do que na rede, onde seu corpo ficava curvado nas costas.

Faustino estava deitado na sua rede, olhos aberto, preocupado com o estado da mulher. Ana e Maria do Céu estavam junto de Maria Teresa, apertando-lhe as mãos.

Ela suava abundantemente, gemia a todo instante, não conseguia virar-se na esteira. A barriga pesava-lhe muito, o “bichinho” também se mexia a todo o momento, não parava sossegado. Ela pedia água, apertava com força a mão de Ana, falava palavras sem nexos.

Lá pelas quatro da madrugada, ninguém havia conseguido dormir. Faustino cochilava de vez em quando, o mesmo fazia Maria do Céu, sentada numa das espreguiçadeiras. Ana, recostada em outra, não fechou os olhos.

As dores de Maria Teresa aumentavam de intensidade e de frequência. Começou a gemer alto, o suor empapava-lhe a camisola. Lá pelas quatro e meia, começaram as contrações, logo reconhecidas por Ana, experiente em vários partos.

- Faustino... Faustino... - murmurou ela.

Ele, que cochilava em sua rede, despertou rapidamente.

- O que foi, Ana? Ela não está bem? - perguntou.

- Tudo bem, Faustino, ela está bem. Está chegando a hora. Por favor, mande chamar as índias parteiras para me

darem uma mão - respondeu. - E, mande ferver duas vasilhas com água.

Ele deu um salto, pulando fora da rede. Calçou o chinelo de couro e saiu da tenda. Lá fora, mandou um dos homens de vigia atravessar o igarapé para chamar a índia Akawé. Pedro estava acordado, tomava café junto a uma das fogueiras.

- "Tá" na hora, patrão? - indagou.

- Acho que sim, Pedro. Por favor, mande alguém lá nos Deni chamar a índia parteira para ajudar a Ana. E, acorde o Mário, vou precisar dele.

Pedro saiu correndo para cumprir as ordens. Dali a pouco aparecia Mário com cara de sono:

- Mário, bota umas três cacimbas com água para ferver. E, por favor, faz um café fresco, bem forte - disse Faustino.

- O neném já vai nascer, patrão? - indagou, curioso.

- Vai sim, Mário, vai sim - respondeu, nervoso.

Mário avivou o fogo, colocou as vasilhas cheias de água em cima, foi preparar o café. Faustino voltou para a tenda. Logo em seguida, chegaram as índias parteiras. Ficaram olhando para Maria Teresa e depois, como se tivessem combinado anteriormente, começaram a dançar e cantar em torno dela.

Ana olhou espantada para a movimentação das índias.

- Se é assim que elas vão me ajudar, eu vou ficar sem pai nem mãe - comentou.

Faustino só olhava para aquilo tudo, expressão abobalhada no rosto. Ana separou algumas toalhas limpas, não largando o pulso de Maria Teresa, conferindo as batidas. Perguntou a Faustino:

- Faustino, a água já ferveu? Se já, manda trazer para cá, por favor.

Ele abriu a porta da tenda, gritando para fora:

- Mário, a água já está fervida?

O cozinheiro respondeu:

- Quase, patrão. Mais um ou dois minutos.

- Traz logo pra cá, assim que ferver - ordenou.

Voltou para o interior da tenda. Maria Teresa gritava agora a plenos pulmões, não conseguindo controlar os gemidos. Ana cobriu-lhe as pernas já abertas, enfiando a cabeça por baixo do lençol.

Mário chegou com duas vasilhas com água fervendo. Passou-as a Faustino. Este chamou Maria do Céu, pedindo-lhe que as levasse até Ana.

Quando a menina se aproximou, as índias pegaram as vasilhas de suas mãos. Cada uma delas despejou um pouco de água em duas pequenas cuias de casca de coco. Depois, entregaram as vasilhas para Ana, que as colocou em cima de dois caixotes ao lado.

Maria Teresa continuava a gritar. Ana mandou que Maria do Céu segurasse seus braços acima da cabeça. As índias aproximaram-se com uma beberagem dentro das cuias, fazendo gestos para que Ana desse para Maria Teresa beber. Ela, a princípio desconfiada, acabou fazendo o que lhe pediam.

- Tome, Teresa, é um chazinho que as índias prepararam para você. Deve servir para te acalmar um pouco.

Ela bebeu, sem se importar com o que era. Queria qualquer coisa que lhe trouxesse algum alívio.

Para surpresa de Ana, em poucos minutos, Maria Teresa pareceu ficar mais tranquila. Ainda gritava muito, mas agora estava mais calma, a respiração parecia estar mais controlada.

Ana, depois de lavar bem as mãos numa das vasilhas, secou-as e enfiou-se de novo por baixo do lençol sobre as pernas da gestante. Pegou duas toalhas, embebendo-as na água quente e torcendo-as sobre as vasilhas.

Falava alto:



- Força, Teresa, força. Você tem que ajudar.

Teresa gemia, procurava fazer força. As duas índias agora estavam ao lado de Ana, ajudando-a com as toalhas.

- Força, Teresa, força. Depois, você vai relaxar.

Teresa gemia, suave. Ana continuava a incentivá-la.

- Força, Teresa. Ele já está vindo.

Teresa agora já urrava de dor.

- Força, Teresa, mais força. Já estou com a cabecinha dele nas mãos.

Teresa chorava e ria ao mesmo tempo. Ofegante, procurava fazer força, ajudando o filho a vir ao mundo.

- Mais um pouquinho de força, Teresa. Ele já está quase todo do lado de fora.

Maria do Céu continuava segurando firmemente os braços de Teresa. Tinha os olhos arregalados, nunca tinha visto cena igual. Faustino, não aguentando mais ficar ali dentro, saiu da tenda, acendendo nervosamente um cigarro do lado de fora. As índias agora retomavam o seu canto e sua dança em volta de Maria Teresa.

Finalmente, ouviu-se um choro de criança.

Duas lágrimas rolaram dos olhos de Faustino, que não conseguiu conter a emoção. *"Pai, finalmente era pai..."*.

Entrou descontrolado na tenda, sem ao menos apagar o cigarro. Ana olhou com censura para a sua mão direita. Jogou o cigarro no chão de terra, pisando-o.

Ana desinfetava a tesoura com álcool para cortar o cordão umbilical.

Faustino aproximou-se e viu a criança enrolada num lençol de linho branco, a boquinha aberta num choro estridente. Estava nos braços de Maria do Céu, minúscula, parecendo um pequeno animal.

- É menino, Faustino - disse Ana, ao lado da filha, acabando de desinfetar a tesoura.

Cortou o cordão que prendia a criança à mãe, depois lhe passou uma toalha úmida pelo corpinho.

Faustino não cabia em si de contentamento. Chorava, mesmo fazendo força para não deixar transparecer sua emoção, não se atrevendo a segurar a criança nos braços. Depois de alguns instantes daquela paralisia momentânea, foi até onde estava Maria Teresa, que agora já respirava normalmente. Apertou-lhe a mão direita, o rosto molhado pelas lágrimas que teimavam em continuar a correr.

- É menino, Teresa, é menino - disse, a voz embargada.

Ela estava lívida, o rosto acinzentado, de uma cor incomum. Também apertou com força a mão do marido. Disse:

- Eu já sei, Faustino, ouvi a Ana falar.

Olhava com admiração para Faustino, contente por ver sua reação. O homem durão, que não tinha medo de nada, acostumado a enfrentar com frieza os piores perigos, chorava como uma criança ali na sua frente. Era gostoso ver que ele também tinha emoções, não era somente frieza, insensibilidade, tudo aquilo que fazia questão de aparentar. Às vezes, as pessoas colocam uma capa exterior de dureza, ausência de sentimentos, só para impressionar aqueles que o cercam. Na realidade, têm o coração mole como manteiga, deixam suas reações aflorarem nos momentos de extrema sensibilidade, mostrando quem realmente são.

Maria Teresa tinha certeza de que o marido era um desses homens. Duro, exigente com seus empregados, rigoroso no cumprimento das obrigações assumidas, ao seu lado abria o coração. Por isso por ele se apaixonara, menina ainda, quando o via passar nas ruas de Fortaleza. Sabia que aquele homem altivo, porte soberbo, severo com as irmãs, escondia um ser humano sensível, doce e carinhoso. Só o tempo viria demonstrar-lhe essa sua faceta.

Ana, depois de limpar a criança com a toalha úmida, deitou-a nos braços da mãe. Faustino e Maria Teresa

olhavam para o filho com olhos de encantamento, de uma surda admiração. Não encontravam palavras para exprimir o que sentiam.

Duas lágrimas também rolaram pelo rosto de Maria Teresa. Ela, mesmo cansada, ainda conseguiu comentar:

- Viu, Faustino, é a tua cara...

Ele olhou fixamente para a criança, que ainda não conseguia abrir os olhos. Depois, disse:

- Que nada, Teresa, ele é a tua cara. Só quero ver a cor dos olhos.

O filho berrava a plenos pulmões. Ana disse:

- Faustino, me dá licença um pouco, vai lá fora fumar um cigarro. Quero ver se ponho o neném para mamar. Deve estar faminto.

Ele afastou-se, enquanto as índias continuavam dançando e cantando em torno de Maria Teresa. Do lado de fora, Pedro e os homens aguardavam. O dia começava a clarear.

Pedro olhava interrogativamente para o patrão. Faustino, já refeito da emoção de minutos antes, abriu um largo sorriso.

- É menino, Pedro, é menino - repetiu ele, dando um forte abraço no capataz.

Pedro retribuiu o gesto.

- Parabéns, patrão, o senhor merece.

Os homens, um pouco atrás, também soltaram gritos de comemoração e abraçaram Faustino. Este tentava a custo evitar que novas lágrimas lhe viessem aos olhos.

- Obrigado, gente, obrigado - disse, finalmente, quando se viu livre dos abraços e cumprimentos. - Mário, vê se manda caçar uns dois bichos grandes pra gente assar.

Chamou Pedro em separado e disse-lhe:

- Pedro, chama os homens, dois a dois, lá na tua tenda e serve uma rodada de cachaça pra eles. Mas, cuidado para os índios não perceberem.

Depois disse alto, para todos ouvirem:

- Bem, pessoal, hoje eu vou dar folga para todo mundo. Fiquem à vontade, aproveitem como quiserem o dia, vamos almoçar todos juntos. Quero vocês todos comemorando comigo o nascimento do meu filho.

O pessoal recebeu a comunicação com surpresa. Até ali tinham trabalhado duro, sem folgas, sem domingos ou feriados. Todo dia tinha sido dia de trabalho. A meta era alcançar a produção encomendada para terminarem logo o serviço. Tinha se esforçado ao máximo, debaixo de sol e de chuva. Nada reclamavam, pois sabiam que quanto mais cedo terminassem, mais cedo receberiam o dinheiro e voltariam para casa.

Assim que Faustino acabou de comunicar o dia de folga, todos gritaram de alegria, jogando os chapéus de palha para o alto. Alguns dançaram, outros se jogaram no igarapé de roupa e tudo, a maioria se abraçou, sorriso de satisfação nos lábios. Os índios que, a princípio, não entenderam direito o que se passava, aderiram à alegria dos brancos. Também começaram a dançar em volta da fogueira, tocando ruidosamente seus objetos de percussão.

Mário disse:

- Bem, quero ver quem vai caçar os bichos para o almoço. Já vou preparar as panelas e acender as outras fogueiras.

O clima no acampamento era de alegria, contentamento. Todos falavam alto, brincavam, faziam brincadeiras uns com os outros. Os homens se dividiram em três grupos, e, assessorados por alguns índios, foram caçar a presa para o almoço.

Faustino voltou para o interior da tenda.

Ana passava uma esponja molhada pelo corpo de Maria Teresa, enquanto as índias continuavam sua dança e cantoria em volta. Maria do Céu segurava uma bacia com água morna, onde a mãe molhava e espremia a esponja.

Percebendo a aproximação de Faustino, disse:

- Faustino, vou deixar ela dormir um pouco. Por enquanto, é melhor que ela fique aqui mesmo na esteira. Mais tarde, a gente coloca ela na rede.

Ele concordou com um gesto de cabeça. Não tirava os olhos da criança, que parecia dormir tranquilamente sobre o braço esquerdo de Maria Teresa. Ainda não parecia completamente refeito da emoção que lhe causou o nascimento do filho.

Acabando de fazer a higiene na parturiente, Ana enxotou as índias da tenda, fazendo-lhes vários gestos indicativos com as mãos, tentando explicar-lhes que Maria Teresa agora precisava descansar.

As índias, depois de Ana muito insistir, acabaram compreendendo e concordaram em sair da cabana.

- Bem, Faustino, se você não se importar, eu também queria descansar um pouco. Não preguei os olhos a noite toda. Mas, quero ficar aqui, ao lado da Teresa, junto com a Maria do Céu, que, coitada, também quase não dormiu. Será se você pode deixar a gente dormir umas duas horas? - perguntou Ana.

Faustino entendeu a indireta.

- Claro, Ana, vocês bem merecem. Pode deixar que eu vou ficar lá fora, não vou atrapalhar vocês - respondeu.- Qualquer coisa, manda me chamar, estou por aí.

Saiu da cabana, fechando a porta de lona. Estava feliz, uma sensação de alegria e contentamento invadia-lhe o espírito. Distribuiu charutos entre os homens, foi até a tenda de Pedro, que servia as doses de cachaça para os trabalhadores. Também tomou uma, batendo copo com o capataz, brindando o nascimento do filho.

Uma sensação de alívio tomava conta de seu corpo. Até ali tinha vários medos, muitas incertezas sobre se as coisas correriam bem com Maria Teresa e a criança. A chegada de Ana tranquilizou-o um pouco, mas suas dúvidas

ainda persistiam. E, se alguma coisa corresse errada? Se Teresa necessitasse de algum atendimento mais especializado, dos cuidados de um hospital? Ali, naquele fim de mundo, estava entregue a Deus e a mais ninguém. O lugar mais próximo, Itacoatiara, ficava a dois dias de viagem de barco. Se algo desse errado, nada poderia fazer. Só rezar e nada mais...

Agora, não. Felizmente, o parto correu sem problemas, a criança nascera forte e saudável. Era pai, podia comemorar. Mais dois ou três meses de extração da borracha e poderiam estar de volta a Fortaleza, onde poderia criar seu “bichinho” numa cidade grande, cercada de todo os carinhos e cuidados... Já pensava seriamente em abreviar o tempo em que permaneceriam na mata...

1º de dezembro de 1916...

Aquela data seria marcante em sua vida e na de Maria Teresa, representando não somente o dia do nascimento do primeiro filho, mas o marco de uma nova definição de rumos de suas vidas dali para frente...

## **Segunda Parte**

# **Os Caminhos do Sul**

## 44

O velho cargueiro rangia ruidosamente, avançando com cautela nas águas revoltas do Atlântico.

Desde que deixara o porto de Vigo, só viajara com mar encapelado, balançando bastante, com ondas gigantescas batendo-lhe vigorosamente no casco.

Seu nome era “Highland Chieftain”, de bandeira inglesa. Fazia, com regularidade e há mais de dez anos, a rota entre Southampton e Buenos Aires, transportando mercadorias diversas, originárias da Inglaterra e alguns outros países da Europa, para a América do Sul, em especial para o Brasil e Argentina.

Entretanto, depois do desenvolvimento da agricultura no Brasil, principalmente a lavoura do café, passou a reservar um andar inteiro para o transporte de imigrantes espanhóis e portugueses. Nesse andar havia dois enormes dormitórios, um feminino, outro masculino, com mais de trezentas camas tipo beliche em cada um. Mesmo as famílias constituídas eram separadas nos dois dormitórios, ficando as crianças com as mães, no feminino. Um refeitório bem grande servia as refeições em dois turnos, mas a comida era a mesma. Os passageiros, que pagavam o correspondente a oitenta libras por pessoa pela viagem, tinham acesso ao convés superior, onde podiam tomar sol e respirar ar puro. Mas, não tinham áreas de lazer ou de descanso, viajando em condições precárias de conforto e higiene, quase amontoados como gado.

Para eles, entretanto, valia a pena o sacrifício. A grande maioria era de analfabetos ou semialfabetizados, originários das pequenas cidades do interior da Espanha e Portugal, onde a agricultura e a pecuária rudimentar eram o forte da economia local. As perspectivas de melhoria de vida ali



eram quase mínimas e poucos se atreviam a deixar suas cidades em busca de centros maiores de seus próprios países, onde as dificuldades para sobreviver seriam ainda maiores.

Além do mais, a guerra que explodira na Europa em 1914, estava batendo nas portas de Portugal e Espanha, causando grande desemprego e fome na população mais carente. A juventude masculina desses países já tinha receio de ser convocada para participar do conflito mundial que se travava de forma violenta nas terras de Alemanha, França, Itália e países vizinhos.

Assim, muitos deles, por falta de perspectiva de um futuro melhor em seus países ou pelo medo de serem convocados para a guerra europeia, buscavam guarida nos países da América do Sul que lhes ofereciam oportunidades de trabalho, principalmente na lavoura. Além, disso, Brasil e Argentina, os dois mais procurados pelos imigrantes espanhóis, italianos e portugueses, devido à identidade das línguas, pareciam bem distantes de se envolverem no conflito mundial.

Como a agricultura era o elemento mais forte da economia daqueles países sul-americanos, a necessidade de mão de obra barata era imperiosa desde a libertação dos escravos negros no Brasil, em 1888. As grandes lavouras de café e açúcar, principalmente as duas, sofreram uma queda brutal na produção, após perderem a mão de obra escrava. Desta forma, a vinda de imigrantes, acostumados ao trabalho duro em seus países de origem, era mais que bem vinda.

Manuel Blando, mais conhecido pelo apelido de Manolo, espanhol da Galícia, era um desses imigrantes. Natural de uma pequena cidade do interior daquela região espanhola, filho de família numerosa, via com tristeza o pai e a mãe lutarem impotentes para conseguir alimentar os filhos. A pequena lavoura que exploravam mal dava para o sustento

da prole numerosa. A mãe costurava até altas horas da madrugada, tentando ajudar a colocar algum dinheiro dentro de casa. Ele e alguns irmãos adolescentes tentaram conseguir trabalho em diversos lugares, mas nada conseguiram. Um biscate aqui, outro ali, no máximo uma colocação temporária em alguma lavoura. A fome batia-lhes à porta e era com pesar e um aperto no coração que reparava nos irmãos menores que, com olhos de súplica, imploravam por um pedaço de pão.

Para piorar, as notícias inquietantes da guerra próxima agora eram mais frequentes e a iminência da Espanha ser atingida pelo conflito era mais real. Estava ele com 21 anos de idade e se seu país entrasse na guerra, certamente seria convocado.

*“Não, não iria servir de bucha de canhão numa guerra com a qual não tinha nada a ver”* - pensava consigo mesmo.

Seu irmão mais velho, José, o “Pepe”, já tinha partido para o Brasil dois anos antes, logo que a guerra foi deflagrada. Escrevera dizendo que estava trabalhando numa lavoura de café no interior de São Paulo. Em sua carta, contava maravilhas sobre o Brasil, as oportunidades de emprego, a tranquilidade do país, a boa acolhida que tivera. Incentivava os irmãos a seguirem o mesmo caminho, acenando-lhes com uma possibilidade de uma vida melhor e um futuro promissor.

Manolo, a princípio, resistiu à ideia de afastar-se dos seus, de sua terra natal. Sentia que o pai e a mãe estavam muito fragilizados, praticamente sem forças para suportar aquele estado de coisas. Aguentou o quanto pôde, procurando apoiar a família naquela situação. Mas, como a possibilidade de ser convocado para a guerra aumentasse, e não vendo qualquer perspectiva de melhorar de vida, acabou por decidir-se. Afinal, seria uma boca de menos para alimentar.

Assim, conseguiu juntar com dificuldade o dinheiro para a passagem e, no dia 1º de dezembro de 1916, embarcava no “Highland Chieftain” rumo à cidade de Santos.

No porto de Vigo, na costa ocidental da Espanha, encontrou alguns conhecidos da região onde nascera, que também iriam seguir para o Brasil e Argentina. Deviam estar embarcando mais de cem espanhóis naquele porto, pois era grande o número daqueles que fugiam da fome e da guerra.

A maioria já tinha algum parente ou amigo no local de destino, que os ajudaria numa adaptação mais rápida na terra distante. Já iam com uma colocação garantida numa lavoura ou num emprego qualquer, por isso viajavam mais tranquilos. Outros, em menor número, partiam para a aventura sem dinheiro no bolso, só com a roupa do corpo, e sem nada que os aguardasse. Iriam tentar a sorte em países que prometiam um futuro melhor, bastando que tivessem vontade de trabalhar, coisa que, aliás, não lhes faltava.

No Estado de São Paulo, naquela segunda década do século XX, o maior número de imigrantes era de italianos. Nesse Estado localizou-se a grande colônia daquele país, tanto na capital, como nas cidades emergentes do interior. Depois, vieram os japoneses, principalmente nas lavouras de café do interior paulista. Em menor número, os espanhóis e, por fim, os portugueses.

No Rio de Janeiro, porto onde também paravam os navios com imigrantes, a maioria já era de portugueses, que se estabeleciam principalmente no comércio, em especial o de bares e restaurantes. Logo em seguida, os espanhóis, que também se dedicavam aos restaurantes. Os italianos por fim, em especial no ramo de distribuição de jornais e revistas.

O “Highland Chieftain”, depois de deixar Southampton, iria fazer escalas em Vigo e Leixões, onde embarcaria o

grosso dos imigrantes espanhóis e portugueses, respectivamente. Depois, aportaria em Funchal (alguns portugueses mais), Lanzaroti (outros espanhóis), Dakar, Recife, Salvador, Vitória, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, e o destino final, Buenos Aires.

A escala em Dakar seria apenas técnica, somente para reabastecimento e descarga de algumas mercadorias industrializadas, produtos das fábricas inglesas.

Em Recife e Salvador, desembarcariam poucos imigrantes dos dois países, a maioria com parentes radicados nas duas cidades do nordeste brasileiro. O grande número deles se destinava ao Rio e Santos, principalmente para esta última. Para Buenos Aires, alguns poucos.

A viagem toda, do porto de partida (Southampton) até o de destino (Buenos Aires), demorava, em média, de 45 a 50 dias, dependendo das condições do mar e do tempo demorado em cada porto com o embarque e desembarque das mercadorias e passageiros. Além do mais, com a guerra em pleno curso na Europa, a navegação em alto-mar tornava-se bem mais perigosa. Apesar de serem poucas as batalhas navais travadas na guerra de 1914, sempre havia o receio de um navio mercante ser posto a pique.

Embarcando em Vigo, Manolo acomodou-se na parte superior de um beliche no enorme dormitório destinado aos imigrantes. Na cama inferior ficou um seu conhecido da região onde nascera, de nome Raphael. Tinham quase a mesma idade (Manolo era meses mais velho, tinham nascido em 1895) e partiam cheios de sonhos e esperanças de encontrar um futuro melhor na nova terra. Não eram amigos íntimos, o conhecimento era superficial, mas, pelo menos já tinham com quem conversar durante a viagem. Manolo levava uma mala, enquanto Raphael conduzia apenas um saco de viagem.

Raphael ofereceu:

- Você quer guardar sua mala embaixo da minha cama? Fique à vontade.

- Obrigado - respondeu Manolo, enquanto retirava alguns objetos pessoais de uso mais imediato de sua mala (escova, pasta de dentes, sabonete e outras coisas). Colocou-os embaixo do travesseiro de crina de palha.

Depois que os dois se instalaram, deixando alguns pertences sobre as camas que lhes foram destinadas, saíram juntos em direção ao convés. Manolo cumprimentou um ou outro conhecido da Galícia, o mesmo fazendo Raphael em relação a alguém que reconhecia. Fora aqueles poucos que viajavam com mulher e filhos, a maioria dos homens que estava no alojamento era constituída de jovens espanhóis solteiros que fugiam daqueles tempos difíceis por que passava o Velho Mundo.

Manolo ofereceu um cigarro a Raphael, que o aceitou, agradecendo.

- Você vai para onde, Raphael? Santos ou Rio? - perguntou.

- Rio - respondeu. - Vou trabalhar com um cunhado, que é garçom num restaurante lá. E você? - devolveu a pergunta.

- Eu vou para Santos. Dali vou para o interior de São Paulo trabalhar numa lavoura de café - respondeu Manolo.

- Você tem algum parente por lá?

- Tenho sim, um irmão. Mas, meu negócio não é lavoura, não. Vou trabalhar numa delas no início, mas depois vou tentar arranjar um trabalho naquilo que sei fazer melhor - retrucou Manolo.

- E o que é? - continuou indagando Raphael.

- Construção. Eu sou mestre de obras, mas aqui na Espanha não conseguia arranjar mais trabalho nessa área. Com essa falta de dinheiro, ninguém quer saber de construir nada, de levantar uma obra.

- É verdade - retrucou Raphael. - Eu fiz de tudo um pouco: fui carpinteiro, pedreiro, trabalhei duro na lavoura lá minha terra, mas atualmente só conseguia um biscate aqui, outro ali. Nada de emprego fixo, nada que me desse tranquilidade para o futuro. Ia ficar noivo, mas desisti. E, agora, vou trabalhar de ajudante de garçom, coisa que nunca fiz na vida.

- A gente aprende, Raphael, a gente aprende - disse Manolo. - A necessidade faz com que a gente aprenda tudo na vida.

- Eu queria ir é para Buenos Aires - comentou Raphael.- Está todo mundo dizendo que lá a qualidade de vida é melhor, as cidades da Argentina são mais evoluídas. Mas eles só estão aceitando imigrantes que tenham algum parente por lá, com emprego já definido. Além disso, haveria para a gente a facilidade da língua que é a mesma nossa. Eu e você, infelizmente, só temos parentes no Brasil.

- Pois para mim qualquer coisa está bom - disse Manolo. - Desde que seja para ficar longe da miséria e da falta de emprego lá da minha terra. Tenho pena de ter deixado meus pais e meus irmãos naquela situação, mas para eles vai ser melhor, é menos uma boca para alimentar. E, se eu conseguir juntar algum dinheirinho lá no Brasil, chamo logo eles para morar comigo.

Os dois voltaram a conversar nos dias seguintes, relembrando fatos marcantes passados na terra natal que agora ficava para trás. Ao mesmo tempo, sonhavam com um futuro venturoso no Brasil, fazendo mil planos para quando chegassem à terra promissora da América do Sul.

À medida que o "Highland Chieftain" se afastava da costa europeia, a ansiedade pelo começo de uma nova vida aumentava para os dois espanhóis. Aliás, para toda a população de imigrantes a bordo do cargueiro inglês. E, para todos, a lembrança da terra de origem ficava cada dia mais distante.

Depois de um dia de viagem, a parada em Leixões, cidade portuguesa acima do Porto. Ali embarcaram perto de duzentos portugueses, sendo que havia mais famílias do que em relação aos espanhóis. Destinavam-se eles, em sua maioria, ao Rio de Janeiro, onde iriam trabalhar em bares, armazéns e pequenos estabelecimentos comerciais.

Foram embarcadas várias caixas de bacalhau e azeite, produtos típicos de Portugal, que seriam destinadas ao Brasil e Argentina. Os imigrantes portugueses eram mais alegres e comunicativos que os espanhóis, sempre falando alto, rindo muito e procurando sempre um motivo para diversão.

O comandante do navio procurou separá-los no refeitório, nos dois turnos pré-estabelecidos. Assim, ficariam mais perto das famílias aqueles que eram casados, prevalecendo a identidade de línguas naqueles momentos de convívio obrigatório. Mas, nos dormitórios, o masculino e o feminino, a confusão era total. Tanto pela diferença de línguas, como também de costumes, o que era bem marcante, apesar de serem originários de dois países vizinhos e de origem latina. Aliás, os espanhóis tinham, entre eles mesmos, várias distinções bem claras, dependendo da região de onde eram originários. Havia catalães, andaluzes, galegos, bascos, valencianos, madrilenhos e outros, todos falando dialetos próprios, bem como com costumes e músicas regionais característicos. Além de uma mal disfarçada rivalidade entre eles. Tratavam-se com indiferença, quase com hostilidade, o mesmo acontecendo com o tratamento dispensado aos portugueses.

Formavam-se, assim, vários grupinhos isolados no convés, que só se reuniam nas horas de refeição e de dormir. Naquelas ocasiões, conversavam animadamente em seus dialetos, brincavam, riam, dançavam, divertiam-se. No refeitório e dormitório mudavam de comportamento,

isolavam-se em seus beliches, fumavam ou liam alguma coisa, aqueles poucos que sabiam ler.

O banheiro era coletivo, o horário do banho disputado. Por isso, vários deles deixavam de tomá-lo diariamente, só o fazendo em dias alternados ou, até mesmo de dois em dois dias. Também era disputado o horário para escovar os dentes pela manhã, tanto nos apertados banheiros femininos como nos masculinos.

Por isso, apesar das línguas das duas categorias de imigrantes serem irmãs, de origem latina, devido aos vários dialetos utilizados, principalmente em relação aos espanhóis, em determinados momentos ouvia-se uma mistura incompreensível de sotaques, gírias e expressões populares. Acresça-se a isso o fato de que a tripulação era de língua inglesa, o que mais aumentava a confusão quando procuravam falar uns com os outros.

Além de Raphael, Manolo conversava mais frequentemente com Miguel e Antonio, dois outros galegos como ele. Não eram originários da mesma cidade da Galícia, mas habitavam localidades próximas umas das outras, todas elas não passando de pequenos vilarejos daquela região espanhola. Miguel, como Manolo, iria desembarcar em Santos e também iria trabalhar na lavoura de café, numa fazenda perto de Sorocaba. Antonio viajaria até Buenos Aires, já com uma colocação garantida numa fábrica de couro da capital argentina.

Manolo vestia todos os dias praticamente a mesma roupa. Calça e paletó de cor cinza, trocando apenas a camisa e a cueca de três em três dias. Em sua mala, não levava muita coisa mais. Um quatro camisas, o mesmo número de cuecas, duas ceroulas que usava para dormir, uns três pares de meia. Sapato, apenas um par. Duas toalhas de banho, três lenços, pasta de dente, escova, pente e sabonete. Uma garrafa de vinho tinto para



presentear o irmão Pepe. Uns quatro pacotes de cigarros baratos, seu único vício. Nada mais

Aliás, quase todos os imigrantes levavam pouca coisa, pois não tinham muito para carregar com eles. Apenas o essencial para sobreviverem.

Em Leixões, o cargueiro ancorou ao largo, já que o pequeno porto não oferecia condições de atracação direta. Os quatro espanhóis decidiram ir a terra, para espairecer um pouco, conhecer a cidade portuguesa e comprar algumas coisas. Manolo ampliou seu estoque de cigarros, os outros adquiriram pequenas lembranças para os parentes dos portos de destino.

- Eu nunca saí da minha cidade, para mim tudo é novidade, principalmente conhecer outros lugares. - comentou Antonio.

- Eu também conheço muito pouco fora de onde nasci, apenas uma cidade ou outra perto da minha. - concordou Raphael.

Passearam pelas ruas estreitas da cidade portuguesa, tomaram um trago aqui, outro ali, tentando acostumar-se com o sotaque da língua.

- Nem adianta ouvir muito o que eles falam - disse Manolo. - Meu irmão escreveu dizendo que o português que eles falam lá no Brasil é bem diferente do falado aqui em Portugal.

- É, também ouvi dizer isso. - concordou Miguel. - Só Antonio é que não vai ter problema com língua. - brincou.- Mas, também já ouvi dizer que o espanhol falado em Buenos Aires é bem diferente daquele daqui da Espanha. Aliás, aqui, também se fala catalão, galego, valenciano, basco, etc...

Antonio ainda sugeriu que almoçassem num restaurante qualquer da cidade, mas os outros acabaram não concordando.

- É melhor comer no navio, lá a comida já está paga no preço da passagem. Assim a gente economiza um pouco mais.- disse Raphael.

Todos acabaram concordando. Deram mais umas voltas pela cidade, flertaram com as jovens portuguesas, tomaram mais uns tragos aqui e ali, e, às seis da tarde, pegaram o bote de volta para o navio.

# 45

Os dias de viagem se sucediam monótonos, um repetindo o outro. As novidades ficavam por conta dos portos em que ancoravam. Após quatro dias de navegação em alto-mar depois que deixaram Leixões, o porto seguinte foi Funchal, capital da Madeira.

Ilha de colonização portuguesa, apresentava um desenvolvimento muito grande para uma simples colônia. Apesar de ali também os navios de grande calado não atracarem diretamente no porto, a cidade era bem planejada, ruas limpas e bem cuidadas, jardins exuberantes. Mais para o interior, na região montanhosa, várias lavouras de banana e muitas habitações sendo construídas. Como no litoral, tudo limpinho e bem conservado.

Ali também Manolo e seus companheiros espanhóis foram até a cidade, tentando esquecer um pouco os dias passados no mar. Repetiram o que fizeram em Leixões: Manolo comprou mais cigarros, os outros algumas lembrancinhas para os parentes. Tomaram mais uns tragos, passearam pela ilha, acabaram almoçando por lá. Almoço simples, numa pensão modesta. E só fizeram isso porque estavam longe do porto e não daria tempo de retornar para o almoço no navio. Economia, para eles, era uma questão de sobrevivência, já que tinham apenas o dinheiro contado para chegar ao destino.

- Esse lugar estava bom para eu ficar. - comentou Manolo, enquanto comiam fatias de presunto com pão. - Vocês viram o número de prédios sendo construídos?

- E por que você não fica? - brincou Raphael.

- Agora não dá mais. Meu irmão já está me esperando lá no Brasil, não vou deixar ele na mão. Mas, que dava vontade de ficar, isso dava. Com tanta obra por aqui em

andamento, emprego é que não me faltaria - retrucou Manolo.

- É aquele negócio - interveio Antonio, virando uma caneca de vinho tinto. - A gente nunca consegue fazer aquilo que quer, aquilo que gosta. Sempre acabamos aceitando alguma coisa fora do nosso ramo de trabalho.

- Caso contrário, morre-se de fome - filosofou Miguel.- Mas, tenho esperança de que, após algum tempo de trabalho, mesmo sendo naquilo que a gente conseguiu arranjar, vamos nos dar melhor, conseguir alguma coisa que seja do nosso gosto. Por falar nisso, vocês pensam em voltar para a Espanha depois que conseguirem algum dinheiro?

- Não sei, não sei - respondeu Manolo, com hesitação.- Tudo vai depender de como as coisas vão se passar lá pelo Brasil. Quem sabe acabo casando com uma brasileira? - indagou, com um sorriso maroto nos lábios.

- Dizem que elas são muito bonitas e muito "calientes".- brincou Antonio, pegando um pepino em conserva com um palito e enfiando-o na boca. - Já eu, que vou para a Argentina, penso em voltar para minha terra. É só juntar um bom dinheiro. Mal ou bem, deixei uma namorada firme lá na minha cidade, não penso em me fixar em Buenos Aires.

- Eu também não sei - disse Raphael. - Como disse o Manolo, tudo vai depender do que eu conseguir lá no Brasil. Para mim, tudo é incerto, não sei de nada do que vai me acontecer. E você, Miguel?

Ele coçou a cabeça, refletindo sua hesitação. Respondeu:

- Eu estou como vocês. Ainda não pensei sobre isso. É lógico que se puder e tiver condições para isso, volto para a minha terra. Afinal de contas, minhas raízes estão lá, minha família, minha língua...

- Mas, por que vocês escolheram o Brasil e a Argentina? Todo mundo diz que os Estados Unidos oferecem

melhores condições para fazer um “pé de meia” rápido”. - perguntou Manolo.

- Sei disso - respondeu Antonio. - Tenho um tio e dois irmãos que estão lá. Mas, tem o problema da língua... Eu que sou analfabeto no espanhol, só sei assinar meu nome, quem dirá no inglês...

- Além disso, eu não tenho ninguém nos Estados Unidos para me dar acolhida, ao contrário do Brasil, onde já tenho emprego garantido no restaurante onde trabalha meu primo.- retrucou Raphael.

- É duro a gente ter que largar nossa família, nossa terra e ir buscar trabalho num país distante, que deve ser mais atrasado que o nosso - comentou Miguel. - Mas, o frio, o inverno, a fome acabam nos obrigando a fazer isso.

- Lá no Brasil, pelo menos, dizem que faz calor o ano inteiro - brincou Raphael.

- É, acho que lá minha barriga não vai roncar de fome.- acresceu Miguel.

## 46

Porto seguinte: Lanzarote, nas Ilhas Canárias.

Novamente, os quatro amigos foram visitar a cidade. A eles juntou-se Joaquim, um português da região de Trás-os-Montes. Aliás, eram poucos os imigrantes que desciam a terra, seja porque não tinham dinheiro para gastar ou não quisessem dispor do pouco que traziam com eles.

Durante a viagem de Funchal a Lanzarote, Raphael sugeriu jogarem cartas. Conseguiram um baralho com um dos taifeiros, mas Antonio não quis participar do jogo. Como eram necessários quatro para formar a roda de buraco, Joaquim, que já andava peruando as saídas dos espanhóis nos portos de escala, querendo acompanhá-los, mas com vergonha de se oferecer, aproveitou a oportunidade para perguntar se poderia participar da roda. Os espanhóis concordaram e o português juntou-se a eles.

Era um sujeito alegre, descontraído, vivia contando piadas, um sorriso sempre estampado nos lábios. Baixinho, meio gordinho, espesso bigode preto, cabelos lisos e negros penteados para trás, no tradicional estilo “boi lambeu”. Entretanto, nele, o que chamava mais atenção era a corda que usava na cintura, no cóis da calça, fazendo às vezes de cinto. Ninguém lhe perguntou nada, mas todos reparavam. No navio andava de tamancos de madeira, camisa de meia encardida cobrindo-lhe o tórax. No dia em que desembarcaram em Lanzarote vestiu uma camisa velha, mas limpa, e calçou um par de sapatos surrados, que pareciam nunca ter visto graxa. Não trocou de calça, já que trouxera somente aquela.

O português que falava era bem carregado, quase impossível de ser entendido pelos espanhóis. Só

conseguiram se fazer compreender razoavelmente depois de quatro ou cinco dias de convivência.

O mesmo pensava Joaquim em relação aos espanhóis, que falavam uma língua incompreensível para ele.

Na cidade, também alcançada de bote, tendo o navio ancorado ao largo, juntaram os trocados e decidiram alugar uma charrete, onde os quatro se acomodaram precariamente, além do dono da viatura.

Lanzarote é uma ilha vulcânica, uma daquelas que compõem o arquipélago das Canárias. É a que fica na parte mais oriental do conjunto de ilhas, formada por vulcões adormecidos, rios de lava e enormes crateras. O charreteiro, querendo demonstrar que conhecia bem o local, explicou aos imigrantes que a ilha foi descoberta por um navegador de Gênova, cujo nome era Lanzelot. No século XVIII, entre 1730 e 1736, ocorreram grandes erupções vulcânicas, que destruíram vilas inteiras, tendo a população fugido para as ilhas vizinhas do arquipélago.

A capital é Arrecife. Ainda segundo o charreteiro, que ia fazendo o seu relato com prazer enquanto conduzia o veículo, o arquipélago fica a uma distância de 1000 quilômetros da costa ibérica e a 140 da africana. A paisagem é árida, a terra marcada violentamente pela lava vulcânica, mas era um ponto importante de parada de navios entre a Europa e a América do Sul, bem como o sul da África. E, o mais importante para os europeus da época das grandes navegações: o caminho marítimo para as Índias.

O passeio foi bem interessante, durando aproximadamente umas três horas. Depois, o charreteiro levou seus clientes para almoçar num botequim perto do porto. Comeram peixe, produto principal da região.

Já de volta ao navio, Raphael comentou:

- Olha que eu não podia gastar o dinheiro que gastei, mas valeu a pena o passeio.

- Também gostei muito - concordou Antonio. - E, você, Joaquim, o que achou?

O português coçou o espesso bigode. Respondeu:

- Bonito, bonito, ora pois, pois. Mas, eu não posso ficar gastando dinheiro desse jeito. Vou acabar passando fome.

Miguel deu-lhe um tapinha nas costas.

- Aproveita um pouco a vida, homem. Às vezes, vale a pena gastar um pouquinho.

- É que vocês não devem saber o que é passar fome - rebateu Joaquim, enquanto tirava o baralho do bolso da calça.- Vamos jogar uma partidinha?

Manolo respondeu, sempre com o cigarro pendurado no canto da boca:

- Vamos sim. Ainda falta uma hora para o jantar.

Sentaram-se no chão do convés, menos Antonio, que apreciava a partida do navio, a cidade distanciando-se aos poucos. Em pouco tempo, conversavam alegremente, enquanto as cartas corriam de mão em mão.



## 47

Mais três dias de viagem e alcançaram Dakar, na costa africana. A capital do Senegal, colônia francesa, era um porto movimentado do Atlântico na África.

Quando desembarcaram, os cinco companheiros de viagem ficaram surpresos com o número de pessoas que os assediaram, oferecendo suas mercadorias, indicando-lhes passeios, bares e restaurantes. Quase não podiam andar, tamanho o número de negros, com suas vestes compridas, que iam até os pés, atravancando-lhes o caminho.

Compraram uma bugiganga aqui, outra ali, conseguindo a muito custo desvencilhar-se dos importunos. Ficaram por ali mesmo, nas imediações do porto, não se atrevendo a conhecer melhor a cidade. Além de não desejarem gastar o pouco dinheiro que levavam, o navio também não iria demorar muito tempo em Dakar. Somente o tempo necessário para o reabastecimento de combustível e o carregamento de alguma mercadoria perecível, que se destinaria ao consumo dos passageiros.

Fizeram o que estavam acostumados: um passeio pelas ruas estreitas da região do cais, um trago ou outro num boteco escondido. Joaquim, mais precavido, preparou três sanduíches de salame no café da manhã do navio, levando-os com ele. Tendo bom coração, dividiu a pequena refeição com os amigos. Manolo, como de hábito, comprou três pacotes de cigarros senegaleses.

Enquanto bebiam alguns copos de vinho em pé, junto ao balcão engordurado de um barzinho da cidade, Joaquim contava suas mágoas:

- Eu tenho que arranjar logo um bom dinheiro no Brasil. Minha família está até o pescoço de dívidas.

- Você vai para qual cidade, Joaquim? - perguntou Miguel.

- Vou ficar no Rio de Janeiro - respondeu. - Meu cunhado, casado com minha irmã, tem um estabelecimento num subúrbio da cidade. Acho que se chama Encantado... ou coisa parecida.

- Então, vais trabalhar para o teu cunhado... Esse estabelecimento é de quê? - perguntou Antonio.

Joaquim olhou para ele interrogativamente.

- Não entendi... estabelecimento de quê?

- O que faz esse estabelecimento? Vende o quê? É um bar? Um restaurante? - esclareceu Antonio.

- Ah! sim - retrucou Joaquim. - É um armazém de secos e molhados.

- E você sabe onde fica esse subúrbio? O Encantado?

- Não tenho a mínima ideia. Espero que seja junto da praia para que eu possa admirar as cachopas - respondeu, com um sorriso nos lábios.

- Acho difícil - duvidou Manolo. - Subúrbio geralmente é lugar afastado, longe de tudo que é bom.

- Lá em Portugal, você vivia com quem, Joaquim? És casado? Tens filhos? - perguntou Miguel.

- Não, sou muito novo para isso - respondeu Joaquim, sorrindo. - Vivia com meus pais e meus irmãos, que são oito.

- Puxa vida, parecido comigo. - comentou Manolo. - É muita gente para sustentar.

- A gente tem uma pequena propriedade lá em Trás-os-Montes. Mas, com o frio, a lavoura não tem dado nada. O nosso gado, que já era pouco, agora quase não dá leite. Cinco cabeças, apenas. Tínhamos algumas cabras, mas fomos obrigados a vender. Emprego não se arranja. Fui tentar a sorte nas cidades próximas, cheguei a passar fome - lamentou-se Joaquim.

- É, está duro mesmo - filosofou Raphael. - Acho que nós todos temos uma história parecida. Ninguém sai de sua terra porque quer.

Cada um deles trazia consigo um passado de tristeza, de amargura, de sofrimentos. E, agora, quando alguns encerravam a segunda década de vida e outros iniciavam a terceira, partiam cheios de esperanças para o desconhecido, para a terra nova que lhes abria as portas, oferecendo-lhes um futuro promissor e uma vida menos sacrificada.

Na volta ao navio foram novamente cercados pelos negros senegaleses oferecendo-lhes colares, pulseiras e outros objetos típicos da região. Falavam francês, a língua de seus colonizadores.

Manolo saía gritando em espanhol:

- Não compreendo, não compreendo - afastando de perto dele os vendedores.

Nem os nativos também compreendiam o que ele dizia...

## 48

Deixaram Dakar com um magnífico sol deitando-se no poente. Agora iria começar a parte mais monótona e entediante da viagem: a travessia do Atlântico, da África para a América do Sul.

Seriam nove dias de oceano. A vista seria somente a do mar. Imenso, a perder de vista. Somente o barulho das ondas batendo no casco do navio, e a paisagem ora verde, ora azul escuro, de vez em quando algumas ondas brancas espumando em volta.

Se já no período anterior da viagem, quando faziam escalas de três em três, quatro em quatro dias aproximadamente, vários passageiros passaram mal e vomitaram por todo o navio, agora então, deveria ser pior.

O cheiro azedo de vômito logo se fez sentir em todos os lugares: nos dormitórios, refeitório, convés. Não era raro as pessoas enfiarem os pés em alguma poça de vômito espalhada pelo chão. O comandante, um inglês muito calmo e apreciador do inigualável líquido escocês, Mr. Smith, não se afobou: mandou distribuir comprimidos contra o enjoo, mantendo a enfermaria sempre lotada, face à procura frequente do medicamento.

A tripulação tentou fazer algumas brincadeiras para diversão dos passageiros, como a Festa de Netuno quando da travessia do equador e outras mais para as crianças. Mas, não adiantou muito: a sessão de vômitos continuava sem parar, dia, noite e madrugada adentro.

Manolo, que se gabava de ter um estômago de ferro, foi um dos poucos que não jogou cargas ao mar. Seus companheiros de viagem, todos eles, de vez em quando, estavam debruçados na murada do convés, a cabeça para fora do navio, vomitando no oceano. Até Dakar, somente

Miguel não se sentira bem. Os outros tinham um mal-estar passageiro, mas não chegaram a vomitar. Entretanto, quando a grande travessia do Atlântico começou, não conseguiram suportar. Colocavam para fora ora o café da manhã, ora o almoço, ora o jantar. A comida, que já era de qualidade duvidosa, acrescida ao enjoo do mar, completavam a combinação perfeita.

Os dias se sucederam monótonos, passando lentamente, parecendo que não acabavam. Nem o carteadado, nem as diversões de bordo faziam com que transcorressem mais depressa. No quinto dia de navegação, já havia vários imigrantes desidratados, recolhidos quase que permanentemente à minúscula enfermaria do “Highland Chieftain”. No corredor do lado de fora da sala de atendimento médico, muitos passageiros, deitados no chão, aguardavam a vez de serem socorridos.

Mr. Smith, já tendo feito outras viagens como aquela, não se abalava. Continuava tranquilamente a beber seu uísque e a fumar seu cachimbo revestido de prata. A toda hora era procurado pelo imediato, que, nervoso, relatava os problemas de vômito dos imigrantes. Limitou-se a dizer:

- Dê-lhes o remédio contra enjoo, dê-lhes o remédio...
- Mas, comandante, tem gente que está totalmente desidratada, brancos que nem cera...
- O que o médico disse?
- Que é preciso dar-lhes soro. Mas, não temos mais a bordo, acabou - retrucou o imediato.
- Então, não deixe eles comerem. Assim, não vão ter nada para colocar para fora - decidiu, pondo fim à conversa.

O outro grave problema que se seguiu à interminável sessão de vômitos foi a diarreia que passou a afligir a maioria dos passageiros. O odor inconfundível de comida azeda que até então empestava as dependências do “Highland Chieftain” foi substituído, ou melhor, misturou-se

ao cheiro de merda liquefeita que exalava dos poucos banheiros existentes e até dos corredores e dormitório.

Os passageiros, mal alimentados, desidratados e ainda vomitando sem parar, começaram a ter problemas intestinais, que culminaram com a diarreia coletiva. As filas nas portas dos banheiros eram intermináveis, crianças choravam pelos cantos, mães não paravam de trocar fraldas de bebês, que berravam sem parar.

Manolo, um dos poucos a não ser afetado pelas crises de vômito ou de diarreia, fumava calmamente no convés, encostado à amurada do navio. Ali ficava o dia inteiro após as refeições, fugindo do impregnado ambiente do dormitório, onde costumava repousar anteriormente.

Ao seu lado estava Raphael, que sofrera um pouco com o enjoo, mas que, agora, passados quatro dias desde que deixaram Dakar, estava mais acostumado com o balanço do navio. Realmente, a travessia do oceano fazia com que o cargueiro jogasse bastante, tentando vencer com grande esforço as imensas ondas que se formavam à sua frente. Havia momentos em que parecia afundar por completo sob um vagalhão de água salgada, para, logo depois, reaparecer na outra ponta, continuando, assim, sua infatigável tarefa de vencer o oceano.

- E aí, Raphael, está melhor? - perguntou Manolo, não conseguindo esconder um pequeno sorriso de deboche, ao ver a aparência pálida, mais para verde, do rosto do companheiro de viagem.

- Melhorei bastante. Também, acho que já vomitei por toda a minha vida - respondeu Raphael, fazendo um gesto com a mão em frente ao nariz, como se tentasse afastar o cheiro enjoativo do cigarro do companheiro.

- Pois eu não senti quase nada. Acho que tenho o estômago de avestruz.

- Eu também nunca fui de enjoar. - retrucou Raphael.- Mas, o navio está balançando demais.

- E ainda faltam cinco dias para chegarmos ao Recife- comentou Manolo, um pouco desanimado. - Será se esse pessoal vai aguentar até lá? Nunca vi gente de estômago tão fraco.

- Não estão acostumados, Manolo, é isso. A maioria dessa gente nunca soube o que era o mar até embarcar no navio.

- O comandante deveria estar mais preparado, já deveria saber que isso iria acontecer - disse Manolo.

- Ouvi dizer que é a primeira viagem transatlântica dele- rebateu Raphael, desinformado. - Mas, mesmo assim, você tem razão, ele deveria ter-se preparado antes, informar-se melhor, trazer medicamentos e um médico de verdade.

- O problema é a ganância, Raphael. Isso aqui é um cargueiro, eles transportam passageiros como se fosse carga, visando apenas o lucro, ganhar mais dinheiro. Ainda mais com essa fuga em massa de europeus para a América, por causa da guerra. Já ouvi dizer que também na Itália tem muita gente fugindo para o Brasil e Argentina.

- E os passageiros são todos pessoas humildes, a maioria analfabeta, ninguém reclama, eles fazem o que querem... - comentou Raphael.

- É verdade. Sinal dos tempos de hoje, quando todo mundo quer se aproveitar da situação da guerra. Essas pessoas não estão preparadas para isso, Raphael... - concluiu Manolo.

## 49

A verdade é que uma criança acabou não resistindo e morreu na enfermaria, colocando os bofes para fora. O médico, que nem formado era, apenas um simples prático e estagiário de hospitais de Londres, relatou o óbito a Mr. Smith:

- Morreu uma, comandante. Estava muito fraca e eu não tinha mais soro para dar.

Mr. Smith apenas lamentou, tirando uma baforada de seu cachimbo:

- Chato, não é? Bem, vamos providenciar o funeral.

Formou-se uma confusão. O comandante, como inglês que era, queria fazer a cerimônia protestante. A família da vítima, portuguesa, era católica e exigiu o ritual da sua religião.

O corpo, enrolado em grossa mortalha, aguardava no convés. O choro convulsivo, quase histérico dos parentes, dominava o ambiente. A mãe segurava fortemente o corpo enrolado da filha de três anos, dele não querendo separar-se...

O comandante, impaciente por não entender a língua dos imigrantes, queria jogar logo o corpo ao mar e dar por encerrado o funeral. Por sua vez, eles insistiam que queriam um padre e que fosse obedecido o ritual católico.

Mr. Smith, já nervoso, disse que iria ler um trecho da Bíblia e, quem quisesse, poderia cantar um hino religioso. Já os imigrantes insistiam na presença de um padre e que o corpo fosse encomendado segundo os cânones da Santa Igreja Católica. Criado o impasse, o imediato que falava um pouco de espanhol, tentava explicar ao comandante e aos imigrantes o que cada um estava dizendo.



- Não temos padre no navio - dizia o imediato aos espanhóis e portugueses. - Na Inglaterra, a religião é a protestante. Mesmo assim, não trouxemos nenhum pastor, pois seria mais uma despesa.

- Eu quero um padre - insistia a mãe da menina, quase aos berros.

O comandante e o imediato confabularam. Não encontravam saída. Por sorte, alguém da tripulação lembrou que um dos imigrantes portugueses dissera que fora coroinha numa igreja do interior de Portugal.

- Mande buscar esse homem - gritou o comandante.

Depois de uma busca no dormitório, onde alguns imigrantes ainda dormiam, foi encontrado o tal coroinha. Engraxava ele calmamente os seus sapatos, sentado em seu beliche.

- Você já trabalhou numa igreja? - perguntou o imediato em tom agressivo, em seu precário castelhano.

- Como? - respondeu o português, com medo de ter feito algo errado. - Não entendi, senhor.

O imediato procurou acalmar-se. Repetiu a pergunta, agora falando mais lentamente, num tom de voz mais amistoso.

O rapazinho português, que não devia ter dezoito anos, continuou olhando para o imediato com ar apalermado, segurando um dos pés do sapato com a mão esquerda e a escova com a direita.

- Como, senhor? Não entendo o que o senhor quer dizer.

Manolo, que acompanhava toda a cena desde o convés, tendo seguido o imediato até o dormitório, interferiu, falando em espanhol, mas bem devagar:

- Permita-me, oficial, talvez eu possa ajudá-lo.

O inglês olhou para trás, encarando Manolo. Perguntou, agressivamente:

- O senhor fala a língua dele?

- Sim, um pouco. Sou espanhol, mas entendo um pouco de português.

O imediato mudou sua atitude. Já agora mais amável, pediu a Manolo:

- Por favor, repita a ele o que eu perguntei.

Manolo repetiu a pergunta do imediato. O rapaz, que se chamava João Maria respondeu:

- Sim, eu fui coroinha por algum tempo. Mas, isso faz tempo, eu devia ter uns dez anos.

Manolo traduziu para o imediato, em espanhol.

- Pergunte a ele se já encomendou um corpo. - pediu o imediato.

Manolo fez a pergunta. João Maria respondeu:

- Não senhor, eu só ajudava em algumas missas. Mas, nunca assisti a um enterro, não senhor.

Manolo fez a tradução. O imediato pensou por um instante e, também já sem paciência, disse:

- Serve assim mesmo. Pelo menos ele é o único que já teve experiência com a igreja católica. Chamou um marreiro, ordenou-lhe que fizesse um buraco no meio de um lençol, colocando-o por sobre as costas de João Maria, enfiando-lhe a cabeça no buraco.

Perguntou a Manolo:

- O senhor acha que ele já está parecido com um padre?

Manolo não conseguiu conter o riso.

- É, acho que vai dar para enganar.

O imediato pediu a Manolo que instrísse o rapaz a dizer algumas palavras em latim e que tentasse convencer os parentes dos mortos de que estava encomendando o corpo.

João Maria, ciente das obrigações que lhe foram atribuídas, assumiu ares de importância. Disse, com um sorriso irônico nos lábios:

- Pode deixar comigo. Digo umas besteiras no meu latim e eles nem vão perceber.

- Então, vamos subir - ordenou, impaciente, o imediato.

Chegando perto do almirante, que já estava a ponto de explodir, disse:

- Pronto, comandante, acho que está tudo resolvido.

Mr. Smith, meio frustrado por não presidir a cerimônia, fechou a Bíblia que tinha nas mãos. Disse, um pouco contrariado:

- Então, vamos acabar logo com isso.

O imediato mandou que João Maria começasse. O rapaz, com aquela batina improvisada, pediu a Bíblia emprestada ao comandante, abriu-a numa página qualquer. Recitou algumas palavras num latim aportuguesado, fingiu ler uns trechos do Livro Sagrado, fez o sinal da cruz, puxou a reza do Padre-Nosso e da Ave-Maria. O corpo, enrolado na mortalha, foi lançado ao mar.

Daquele dia em diante, João Maria passou realmente a ser considerado um padre pelos imigrantes. Vários deles vinham pedir-lhe para que os ouvisse em confissão, foi procurado para dar conselhos, até missa acabou oficiando a pedido dos passageiros.

Também, não fez por menos. Exigiu do imediato comer a mesma comida dos oficiais, tomar banho no chuveiro que os mesmos utilizavam, enfim, ter várias regalias na viagem.

Portuguesinho sabido estava ali. Deram-lhe a oportunidade, segurou-a com unhas e dentes...

## 50

Os dias seguintes foram a prova maior do suplício marítimo a que estavam sendo submetidos os passageiros. Enquanto Mr. Smith permanecia trancado em seu camarote, sorvendo goles generosos do líquido escocês e recusando-se a enfrentar a situação, o imediato e o restante da tripulação se viravam para atender os passageiros debilitados pelo vômito e diarreia.

Improvisaram um dormitório no convés para que respirassem ar puro, pelo menos um pouco longe do cheiro azedo da comida recusada pelo estômago maltratado dos pobres portugueses e espanhóis.

As cenas de mães carregando os filhos vomitando nos ombros e de mulheres e homens desesperados nas portas dos poucos banheiros trancados repetiam-se a todo instante. O cheiro era insuportável. Só no convés, com o nariz voltado para o mar, era possível respirar um pouco de ar puro.

Imigrantes impacientes batiam furiosamente nas portas dos banheiros, ameaçando de espancamento quem estava no interior dos mesmos. Mães histéricas vagavam como zumbis pelo convés, carregando os filhos fedendo a vômito e cocô mole. A choradeira dos “miúdos” não cessava.

Cada dia era um tormento, parecia que não acabava. O sol forte, inclemente, queimava sem pena a pele branca dos europeus que fugiam para o convés em busca de um ar menos poluído. As noites, intermináveis, a lua teimando em permanecer no céu, o sol custando a aparecer.

Enfim, depois de mais quatro dias e noites de sofrimentos e lamentações após a morte da criança portuguesa, chegaram ao Recife. Nem repararam quando o

velho navio passou por Fernando de Noronha, um arquipélago de uma beleza extraordinária. Estavam mais preocupados com seus estômagos e intestinos desarranjados. O refeitório ficara praticamente vazio naqueles dias de travessia do Atlântico. Por isso, quando o “Highland Chieftain” aproximou-se do porto pernambucano, o cenário a bordo era de desolação e reclamações entre os passageiros.

Como em quase todos os portos em que iria tocar, o navio não conseguiu atracar, ficando ancorado ao largo. Ainda mais ali, onde os arrecifes de coral eram uma séria ameaça aos navios que se aproximavam da cidade.

Rendendo-se às ponderações do imediato e outros membros de sua tripulação, Mr. Smith concordou em mandar buscar um médico na cidade para que examinasse os passageiros. Quando este subiu a bordo, um velhinho simpático, abdome avantajado, ar bonachão, trajando um terno branco e chapéu panamá, foi recebido pelo comandante da embarcação:

- “Good morning” - cumprimentou-o Mr. Smith, apertando-lhe a mão direita.

- Bom dia - respondeu o médico, retribuindo o aperto de mão do inglês. - Meu nome é doutor Amâncio. Desculpe, mas não sei falar inglês - completou, ajeitando os óculos de grossas lentes sobre o nariz.

O imediato interveio, em seu espanhol enrolado:

- Doutor, tivemos problemas a bordo durante a travessia do oceano. Vários passageiros vomitaram muito, tivemos casos de diarreia. Chegamos a ter um óbito.

O médico olhou-o com espanto. Coçou o bigode branco, denotando preocupação. Perguntou:

- Mas, vocês não tinham soro para lhes dar? É o mínimo que se exige para uma travessia transatlântica.

- Tínhamos sim, doutor. Mas, acabou logo, parece que todos os passageiros passaram mal ao mesmo tempo -

respondeu o imediato.

- Quantos imigrantes vocês estão transportando? - indagou o médico.

O imediato hesitou um pouco, olhando interrogativamente para Mr. Smith. Este, que não entendera nada do diálogo entre os dois, nada respondeu, limitando-se a retribuir o olhar do imediato.

O médico logo compreendeu.

- Estão com excesso de lotação, não é? Quantos passageiros? - repetiu a pergunta.

- Trezentos e oitenta e cinco. - respondeu finalmente o imediato, olhando com receio para Mr. Smith.

Este continuara não entendendo nada do que conversavam o médico e o imediato. O Dr. Amâncio comentou, em tom de crítica:

- É por isso que o soro não deu para atender todo mundo... essa mania que vocês têm de só pensar em ganhar dinheiro, transportando gente como se fosse gado...

Olhou severamente para Mr. Smith. Depois, voltando-se novamente para o imediato:

- Bem, agora não adianta lamentar. Faça o seguinte: encaminhe para a enfermaria os casos mais urgentes, aqueles que parecem precisar de atendimento imediato. Vou fazer-lhes um primeiro exame e ver o que posso fazer. Ainda bem que eu trouxe bastante soro de terra. Já previa que seria isso o que iria encontrar por aqui. Primeiro as crianças, ouviu bem? - falou, quase aos berros.

Manolo e Raphael, que presenciaram o diálogo a uns dois metros de distância, ofereceram-se ao médico para auxiliá-lo.

Este agradeceu, dizendo:

- Quero sim a ajuda de vocês. Venham comigo.

Na enfermaria, lotada de pacientes, o acadêmico de medicina inglês já havia entregado os pontos. Quando viu o médico chegar, disse aliviado, em sua língua:

- "Thanks God!"

Dr. Amâncio fingiu não vê-lo. Tirou o paletó e a gravata borboleta, arregaçou as mangas da camisa. Manolo explicou-lhe:

- Este aqui é o médico do navio - disse apontando para o acadêmico. - Mas, acho que não é médico de verdade - resmungou.

Só então o Dr. Amâncio olhou para o inglês, que permanecia paralisado, com uma expressão apalermada no rosto. Tentou perguntar-lhe quais as providências que havia tomado, qual a medicação que havia dado aos pacientes, etc...

O inglês não entendeu suas perguntas. Dr. Amâncio desistiu. Pegou a primeira criança que estava chorando sem parar no colo da mãe. Colocou-a sobre uma mesa pequena, que servia de local de exames. Mandou que a mãe lhe tirasse a roupa do corpo, apertou a região do abdome, examinou-lhe a garganta e os ouvidos. Disse para Manolo:

- Por favor, veja se consegue ferver alguma água.

Manolo saiu rapidamente, providenciando o que lhe fora pedido. O médico fazia um exame superficial nas crianças enfileiradas na enfermaria, dava-lhes algum remédio. Para a maioria pastilhas para reidratá-los, em outros aplicava uma injeção, enfim, procurava minorar-lhes o sofrimento.

Depois de quase quatro horas de trabalho árduo, conseguiu ter uma posição aproximada dos problemas dos passageiros. A maior parte estava desidratada, alguns poucos uma infecção de garganta, uma gripe, coisas de fácil tratamento.

Pediu a Manolo:

- Por favor, avise àquele comandante imbecil que vou precisar de mais remédios, principalmente soro hidratante. Também muitas frutas, em especial laranjas e bananas. Diga para ele mandar imediatamente um barco a terra para

providenciar o que estou pedindo. Se ele relutar, diga para obedecer agora mesmo, do contrário vou comunicar o que ocorreu às autoridades portuárias.

Manolo transmitiu em espanhol o recado ao imediato, aumentando um pouco a gravidade da situação.

- Olha, ele disse que vai pedir a quarentena do navio, que não vai poder sair tão cedo do porto.

O imediato, apavorado, levou a mensagem a Mr. Smith. Este, contrariado, deu um soco na mesa e virou mais um gole do líquido escocês. Ruminou uma praga em inglês, mas mandou que o pedido do médico fosse atendido sem demora.

Lá pelas onze da noite a situação estava praticamente sob controle. Dr. Amâncio, suando bastante, a camisa molhada, ajeitou as mangas, colocou com cuidado a gravata borboleta no colarinho, deu uma esticada nos suspensórios, vestiu o paletó e enfiou o chapéu panamá na cabeça grisalha. Pegou sua maleta e, acompanhado de Manolo, Raphael e do aprendiz de médico inglês, dirigiu-se ao convés.

Lá o esperavam Mr. Smith e o imediato. O médico dirigiu-se ao comandante, voz firme e severa, fisionomia fechada:

- Olhe bem, Mister ou o diabo que seja: que isso nunca mais se repita. Se não casso a tua licença para vocês deixarem de andar por aí viajando de forma tão irresponsável. Sem um médico formado a bordo, sem soro suficiente para uma viagem através do Atlântico...

O imediato traduziu com cuidado as palavras do Dr. Amâncio. Mr. Smith entendeu o recado e ficou vermelho como um tomate maduro. Engoliu em seco. Mandou o imediato perguntar se poderiam zarpar.

- Hoje não. Vamos ver como os casos mais graves reagem até amanhã. Mas, acho que vai dar tudo certo. - respondeu o médico.



Elogiou e agradeceu a colaboração de Manolo e Raphael. Já dentro do bote que o levaria a terra, despediu-se, mandando que o acadêmico inglês ficasse de olho nos doentes que ficaram internados na enfermaria.

Intimamente, sabia que não adiantava nada comunicar o fato às autoridades brasileiras. Estas sempre fechavam os olhos para aquelas irregularidades, para o transporte desumano de imigrantes como escravos. Parecia a cópia fiel da vinda dos negros africanos um século antes para o Brasil, para trabalharem nas lavouras do país emergente... E, era irônico recordar que os ingleses, naquela época, arvoraram-se em defensores dos escravos, atacando e pondo a pique navios negreiros que vinham para o Brasil...

Para as atuais autoridades portuárias brasileiras importava somente que mais e mais navios ancorassem nos nossos portos, trazendo dinheiro e movimento às cidades tocadas pelos barcos estrangeiros. Além, é claro, das propinas que recebiam e do lucro com o contrabando de várias mercadorias que vinham de além-mar...

*“ Mas, pelo menos, sentia-se satisfeito com o esporro que dera naqueles filhos da puta...”.*

# 51

Na manhã seguinte, após nova visita do Dr. Amâncio e do desembarque de alguns poucos imigrantes que se dirigiam ao Recife, o navio foi liberado pelo médico. Deixou ele com o acadêmico várias recomendações para o tratamento dos pacientes ainda desidratados, além de suprir a pequena farmácia da enfermaria com alguns medicamentos considerados como de primeira necessidade. Foi à forra: apresentou uma conta altíssima a Mr. Smith, que, embora contrariado e dizendo mil palavrões por dentro, não relutou em pagá-la. Nem tentou reclamar ou regatear. Tinha um medo danado que cassassem sua licença e o impedissem de navegar.

O “Highland Chieftain” voltou ao oceano por volta das dez e meia. Os passageiros, na sua maioria já curados da desidratação e devidamente medicados contra o enjoo do mar, voltavam a circular alegres pelos corredores e convés. Na hora do almoço, novamente o refeitório ficou cheio.

Manolo e Raphael, juntamente com o coroinha português, passaram a ser considerados como heróis pelos demais passageiros. Eram cumprimentados a toda hora por uma mãe agradecida ou por um ou outro português ou espanhol agora aliviados do enjoo, das crises de vômitos ou da diarreia. O cheiro de azedo e o fedor das fezes líquidas desapareceram como por encanto das dependências do barco inglês.

Manolo, ao lado de Raphael, comentava, debruçado sobre a amurada do convés:

- Puxa vida, Raphael, nem conseguimos ir a terra, conhecer um pouco a cidade do Recife. Depois de tantos dias no mar.

- É verdade - respondeu o outro. - Mas, trabalhar do jeito que trabalhamos, não havia tempo para isso. Também, nenhum outro dos passageiros foi a terra...

- Mas, acho que ajudamos um pouco, não foi? - indagou Manolo.

A pergunta ficou sem resposta. Raphael estava pensativo, olhando de maneira enigmática para o horizonte ao longe. O navio evitava afastar-se muito da costa brasileira, temendo por outras ondas violentas do alto-mar e nova sessão de vômitos e diarreia... O estômago e o intestino ainda o incomodavam bastante...

A viagem até Salvador, que durou mais dois dias, transcorreu num ambiente de alegria e descontração. As noites eram preenchidas por músicas e danças folclóricas. Durante o dia, a algazarra das crianças correndo pelo convés ou os jogos de malha entre os passageiros.

Do lado direito do navio, estibordo para os homens do mar, via-se a interminável costa brasileira. Depois que deixaram Pernambuco, surgiram as magníficas praias de Alagoas. Maceió, ao longe, com o inconfundível "Gogó da Ema" aparecendo no horizonte, bem distante, o coqueiro símbolo principal da terra alagoana.

Mais uma vez, Manolo e Raphael, depois do almoço, fumavam apoiados no balaústre do convés, admirando a paisagem.

- Muito bonito isso aqui, não é Manolo? - perguntou Raphael.

- Você tem razão... E esse sol maravilhoso, que não para de brilhar no céu. Tão diferente da neve e do frio a que estávamos acostumados na nossa terra, não é? - rebateu Manolo.

Os dois companheiros de viagem, entre uma e outra baforada de cigarro, filosofavam sobre as belezas do novo país, até então um ilustre desconhecido para eles. Lamentaram profundamente não terem podido conhecer

Recife, devido ao problema dos doentes do navio. Ninguém desceu até a capital pernambucana, a não ser os passageiros que ali iriam desembarcar, mesmo assim após a devida autorização do Dr. Amâncio.

- Não tenho a mínima ideia de como será a vida aqui no Brasil... - divagou Manolo. - Não sei como eles vivem, quais são suas atividades principais... Ouvi falar que é a lavoura, mas também devem estar construindo casas, abrindo estradas, erguendo pontes... E é aí que eu pretendo entrar.

- Mas, com esse sol tão forte, quem tem disposição para trabalhar? - rebateu Raphael. - Aposto que a sesta deles deve durar a tarde toda e não apenas as duas horas a que estamos acostumados lá na Espanha...

- Bem, eu vou trabalhar na lavoura e não acredito que eles não trabalhem à tarde. Deve ser uma dureza danada - divagou Manolo. - Ouvi dizer que tem muita plantação de café e cana de açúcar e que isso dá muito dinheiro, segundo meu irmão.

- Vou economizar tudo o que puder, só vou gastar aquilo que for absolutamente necessário - comentou Raphael.

- Eu também - retorquiu Manolo. - E logo que tiver algum dinheirinho guardado, compro umas terras e construo umas casas para revender logo e fazer mais dinheiro. Foi dessa forma que vi muita gente enriquecer na Espanha.

Joaquim e Miguel aproximaram-se dos dois.

- Vamos jogar uma partidinha de cartas? - convidou o português.

O convite foi aceito. Procuraram uma sombra, sentaram-se no chão do convés e formaram a roda de baralho.

## 52

O “Highland Chieftain” manobrava vagarosamente, puxado por dois pequenos rebocadores que resfolegavam fazendo um enorme barulho, utilizando força máxima para puxar o velho cargueiro e encostá-lo no porto da capital baiana.

Quando entraram na Baía de Todos os Santos, via-se, ao longe, o forte de São Marcelo, marco da época da escravidão no Brasil.

Eram quase nove da manhã. O sol resplandecia no céu azul sem nuvens, irradiando todo o seu fulgor sobre as maravilhosas praias e morros da cidade que já surgia à distância.

A maioria dos passageiros estava debruçada na amurada de madeira do convés superior, a bombordo do navio. Do outro lado, a estibordo, a enorme ilha de Itaparica, completava o maravilhoso cenário. O casario de estilo colonial, as torres e as numerosas igrejas dominavam os morros e a parte baixa da cidade.

Manolo comentou:

- Bem que ouvi dizer que aqui, em Salvador, existiam muitas igrejas. É considerada uma das cidades mais católicas do mundo.

Raphael observou:

- Ouvi dizer também que foi a primeira capital do Brasil. Será verdade?

- Acho que sim, também ouvi falar isso - disse Joaquim.

- E a maioria da população é de negros - acrescentou Manolo. - Isso se deve a vocês, portugueses, não é? - brincou, provocando Joaquim.

- Mas, no século passado, quase todo mundo trazia os escravos para suas colônias. Era a mão de obra mais barata para suas lavouras - rebateu o português.

- É verdade - disse Raphael. - Até os ingleses, que mais tarde combateram o tráfico de negros da África, levaram muitos deles para os Estados Unidos para as lavouras do Sul. Chegaram a ter uma guerra entre eles, americanos do Norte contra os do Sul, no fim do século passado, por causa dos escravos.

- Rapazinho inteligente esse nosso Raphael - debochou Manolo. - Onde você aprendeu tudo isso?

- Olha, eu não tive muita instrução, mas aprendi a ler e escrever alguma coisa. E, sempre que podia, lia um jornal ou um folheto lá na minha aldeia. Assim, não fiquei totalmente ignorante das coisas como vocês - rebateu Raphael a provocação.

O navio aproximava-se do cais. O alvoroço dos marinheiros, tanto os de bordo como os de terra, gritando ordens, transmitindo orientações, abafou a conversa dos imigrantes. As cordas foram lançadas para os que estavam em terra, sendo amarradas fortemente em grossos troncos de madeira fixados no chão de pedra. Já com os motores parados, foi atirada a grande âncora ao mar.

A escada foi baixada e as autoridades brasileiras subiram ao navio para examinar a documentação. Uma hora depois, foi autorizada a descida dos passageiros à terra.

O calor sufocante e o ar abafado, as duas primeiras coisas notadas pelos imigrantes quando colocaram os pés no solo baiano. No ar, um cheiro mistura de suor e azeite de dendê, característica que diferenciava a cidade das outras.

Apesar de já terem visto muitos negros quando passaram por Lanzarote e Dakar, os cinco imigrantes se surpreenderam com o grande número deles circulando pelas ruas. Manolo, Raphael, Antonio, Miguel e Joaquim

caminhando já nas proximidades do Mercado Modelo, souberam que no porão do mesmo, aonde chegava a água do mar, os escravos eram desembarcados diretamente dos navios que vinham da África. Salvador era o primeiro porto brasileiro onde os barcos negreiros tocavam, dirigindo-se depois para o Rio de Janeiro e Santos. Também fora a primeira capital do Brasil, daí a sua importância desde a época do descobrimento.

Depois de perambularem pelas dependências do mercado, onde uma variedade enorme de mercadorias era vendida, decidiram explorar as ruelas e caminhos da cidade. Caminhando por entre os pequenos e íngremes caminhos de pedra, foram subindo para a cidade alta, em direção à Praça da Sé. Dali divisaram uma vista magnífica da Baía de Todos os Santos, com o Mercado Modelo logo abaixo, o forte de São Marcelo mais à frente, guardando a entrada do porto e, mais ao longe, a imensidão de terra da então quase inexplorada ilha de Itaparica.

Visitaram a Catedral, depois a Igreja de São Francisco, com seus magníficos adornos em ouro maciço.

Joaquim comentou:

- Portugal, mas também a Espanha e até a Inglaterra levaram muito ouro do Brasil. Portugal fazia a exploração e quando transportava o metal para Lisboa, muitos navios eram atacados e pilhados pelos espanhóis e ingleses. A pirataria era muito grande nesses oceanos há dois séculos atrás.

- E vejam que ainda sobrou algum ouro aqui no Brasil para cobrir quase toda essa maravilha de igreja - disse Manolo, enquanto visitavam São Francisco.

Em seguida, desceram uma ladeira que ia dar no Largo do Pelourinho. Souberam por um português, dono de um pequeno bar, que ali os escravos eram açoitados antigamente.

Enquanto tomavam uma aguardente feita de cana de açúcar, ouviam com atenção o relato do dono do botequim:

- Isso aqui tem muitas histórias, meus amigos - dizia o português.

Beliscaram alguns tremoços, nacos de presunto defumado e sarapatel. Experimentaram a pimenta baiana. O homem advertiu:

- Tomem cuidado, que ela é muito forte, se não estão acostumados é melhor não comerem.

Raphael brincou com Miguel e Antonio:

- Vocês dois aí, abram o olho. Já tiveram bastante diarreia no navio.

Entre os outros fregueses do bar estavam vários negros, conversando animadamente em outras mesas ao lado. Para os imigrantes, aquela era uma cena inusitada, pois nunca a haviam visto antes em sua terra natal. Aliás, para dizer a verdade, nenhum deles havia visto um negro antes, até a escala do navio em Lanzarote.

O dono do bar, notando o ar de surpresa dos novos fregueses, comentou:

- Pois é, há pouco mais de trinta anos atrás, eles chegavam aqui como escravos, vendidos nos leilões públicos. Depois que foram libertados pela Princesa, em 1888, tiveram muita dificuldade no início para se acostumarem com a nova situação. Mas, foram se adaptando aos poucos, arranjando um emprego aqui, outro ali, e hoje muitos deles já têm um comércio próprio, exercem várias profissões como marceneiros, cozinheiros, pedreiros e várias outras. E, olha: são ótimos em tudo o que fazem. Eu mesmo tenho um cozinheiro negro trabalhando aqui comigo. Se quiserem experimentar a comida dele, tenho certeza de que vão gostar.

Os amigos se entreolharam. Depois de alguns segundos, numa espécie de consulta silenciosa, Manolo disse:



- Está bem, é uma boa ideia almoçar aqui. Mas, o senhor não cobra caro, não é?

- Não, meu amigo, a minha clientela é só de gente pobre. Aqui se come bem e barato - respondeu, sorrindo o português.

Manolo continuou:

- Bem, mas ainda é muito cedo para o almoço. Vamos dar umas voltas antes, conhecer um pouco mais da cidade. O que o senhor nos recomenda visitar?

O português coçou o vasto bigode negro. Respondeu:

- Olha, visitem as igrejas aqui de cima. Carmo, Santo Antonio, a imagem do Senhor morto. São muito bonitas. Se tiverem tempo, vão até o Bonfim. Mas, lá é mais longe, vão ter que pegar condução.

- Obrigado - disse Manolo, arrecadando o rateio dos outros para pagar a conta. Voltamos lá pelas duas horas para o almoço. Pode nos aguardar.

Despediram-se e continuaram sua peregrinação pela capital baiana. Visitaram as igrejas indicadas pelo português, descobriram um transporte que os conduziu ao Bonfim, onde visitaram a igreja. Depois Itapagipe, Mont Serrat e Boa Viagem. Aquela fora, sem dúvida, a melhor escala do "Highland Chieftain". Mesmo com o dinheiro controlado, gastando muito pouco, foi o porto onde mais se divertiram.

As horas passaram rapidamente, pouco depois das duas da tarde estavam de volta ao botequim do português para o almoço. Foi-lhes servida uma deliciosa feijoada, prato que nunca haviam experimentado antes. Feijoada baiana, feita com feijão mulatinho. Recheada de todos os complementos necessários: carne seca, lombo, rabo, orelha, pé de porco. O português explicou:

- Esse é um prato tipicamente brasileiro, originado dos escravos que vieram para cá. Era feito antigamente nas senzalas aproveitando os escravos dos restos da carne de

porco que os patrões não comiam, como o lombo, a orelha, o rabinho, o chispe. Hoje, é a comida-símbolo do Brasil, servida nos melhores restaurantes do país. Aqui, no Nordeste, é feita com feijão mulatinho. No Rio, com feijão preto, vocês vão conhecer.

Os imigrantes se fartaram de tanto comer. E, abusaram da pimenta malagueta, que, realmente, como disse o português, dava um gostinho especial à comida. Para acompanhar, mais aguardente de cana de açúcar. Não pediram cerveja, pois ficaria muita cara a despesa.

Lá pelas quatro, depois de saciarem a fome com fartura, voltavam para o navio.

No caminho, desceram ladeiras estreitas e com aspecto meio suspeito. Das janelas das casas algumas mulheres acenaram alegremente, convidando-os para uma tarde de prazer. Joaquim, já semiembriagado pelo efeito da aguardente ingerida no almoço, estava disposto a aceitar o convite.

Tentou seduzir os outros.

- Vamos lá. - insistiu, puxando Manolo pelo braço. - Já não vemos mulher há muito tempo.

Manolo desvencilhou-se do seu braço.

- Vamos embora, Joaquim. Essas mulheres vão te deixar liso, sem dinheiro nenhum - disse.

Raphael concordou:

- Vamos, Joaquim. A gente quase não tem dinheiro, não podemos nos dar o luxo de gastar com putas.

A contragosto, Joaquim concordou com os outros. Voltou para o navio, resmungando.

## 53

Os trabalhos de carga e descarga duraram um dia e meio.

Manolo, Raphael e Antonio desceram mais uma vez do navio pela manhã e foram experimentar o acarajé, comida típica da Bahia. Era um bolinho feito de uma pasta de feijão branco, frito num azeite típico da região, chamado dendê. Dentro colocavam camarão seco e uma massa chamada vatapá. Com um molho de pimenta preta, fritada no dendê numa frigideira, tinha um sabor delicioso. Era a primeira vez que comiam tal iguaria, tendo ficado encantados com a mesma. Foi-lhes dito que aquela era uma comida de origem africana, cultivada pelo povo baiano.

O “Highland Chieftain” só deixou o porto por volta das quatro da tarde. Continuou sua marcha em direção ao sul do Brasil, costeando vagarosamente o imenso litoral baiano.

A sucessão interminável de praias desertas e paradisíacas constituía a paisagem que viram durante os três dias seguintes. A rotina da vida a bordo voltou ao seu normal. Ninguém mais enjoou ou teve diarreia.

Os imigrantes estavam ansiosos pela chegada ao Rio de Janeiro, porto de destino de vários deles. Mas, a costa baiana era imensa, maior que muitos países da Europa. No fim do dia seguinte, por volta das seis da tarde, viram ao longe o casario de Ilhéus. O navio seguia muito próximo ao litoral, pouco mais de setecentos metros, evitando as ondas gigantescas de alto-mar. Logo em seguida, quase escurecendo, aparecia o Pontal.

Depois do jantar, como fazia habitualmente, Manolo subiu até o convés, acendendo seu cigarro. A noite estava maravilhosa, o céu coalhado de estrelas, a lua brilhando forte, em todo seu esplendor. Debruçado sobre a amurada

de madeira, admirava a beleza da noite, aproveitando para gozar o frescor da brisa leve que lhe tocava o rosto. Ora olhava para o céu, para a imensidão de estrelas, ora para o mar, vendo as espumas das ondas que batiam vagarosamente no casco do velho navio, enquanto este avançava lentamente.

Manolo meditava, lembrando-se de sua infância miserável e da vida dura que levou na sua cidadezinha do interior espanhol. Conseguiu apenas aprender a ler e a escrever precariamente, as quatro operações e nada mais. Queria ter estudado mais, não foi possível. Desde os sete anos já ajudava o pai na rudimentar lavoura de fundo de quintal que mantinham em casa, que mal dava para o sustento da família. Já um pouco mais velho, por sua iniciativa, sem que ninguém o orientasse ou influenciasse, aproximou-se de um pedreiro que trabalhava na construção de uma casa na aldeia. Ficaram amigos, tinham a mesma idade, e Manolo foi com ele aprendendo os segredos da profissão. Aprendeu a misturar pedra, areia e cimento, a usar o fio de prumo e o metro de madeira, a empilhar os tijolos uns sobre os outros, a construir alicerces, caixa d'água, etc... Seu aprendizado foi além daquele de um simples pedreiro. Aprendeu a mexer com madeira, com vergalhão, tinta, argamassa, até sobre eletricidade teve algumas noções...

Quando chegou aos dezesseis anos já sabia quase tudo sobre construção, arranjando alguns biscates nas cidades próximas que em muito ajudavam as finanças da casa. Mas, o trabalho era escasso e tinha que procurá-lo em cidades cada vez mais longínquas. Acabava ficando meses sem trabalhar, vivendo ele e a família apenas da lavoura que tinham nos fundos da casa.

Foi quando Pepe, seu irmão mais velho, que tinha ido para o Brasil há uns dois anos, escreveu-lhe fazendo o convite para também ir para lá. Tinha vaga na lavoura onde

trabalhava, em Ribeirão Preto, cidade agrícola do interior do Estado de São Paulo. José, o Pepe, disse na carta que estava conseguindo economizar algum dinheiro e que, em pouco tempo, compraria uma casinha para ele e a mulher.

Manolo, não vendo saída para a situação em que se encontrava, bem como sentindo de perto a ameaça de que a guerra na Europa se estendesse à Espanha, acabou convencido. Seu pai e sua mãe, embora tristes, não fizeram muita força para que ele ficasse. Afinal, diminuiria as despesas em casa.

O que o esperava na nova terra? Será que se adaptaria? Conseguiria um emprego melhor? Sairia, enfim, da miséria de vida em que transcorreram os primeiros vinte anos de sua vida? Teria um teto para abrigá-lo, faria as três refeições diárias, vestiria roupas ao menos decentes? As antigas dúvidas voltaram a povoar sua mente.

Essas as preocupações que o atormentavam. Estava com o olhar distante, perdido em suas divagações, quando Raphael chegou. Apoiou os cotovelos na amurada de madeira.

- Está dormindo acordado, Manolo? - brincou.

O outro levou um susto, distraído que estava. Virou-se para ele.

- Não, Raphael, estou pensando na morte da bezerra.- devolveu a ironia.

O outro espanhol ficou meio sem graça. Ficou quieto, olhando também para a espuma que batia no casco do navio.

Manolo retomou a palavra:

- Estava pensando no que me espera lá em São Paulo. Outra terra, outro povo, outros costumes, comida diferente. Será que vou me acostumar?

Raphael ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, com voz calma, retrucou:

- Acho que sim, não vai haver problema. Você, pelo menos, vai ter seu irmão ao seu lado, com quem se dá muito bem. Eu vou trabalhar com meu cunhado, que nem conheço direito, só vi uma vez quando era pequeno. Além disso, vou trabalhar num bar, coisa que nunca fiz. Não sei lavar um prato, nunca fui cozinheiro...

Manolo deu uma risada. Bateu amigavelmente nas costas do amigo.

- Não se preocupe, você aprende logo. Serviço de botequim é muito mais fácil que o de lavoura, para onde vou.

- Lavoura, pelo menos, estou acostumado - retrucou Raphael, acendendo também um cigarro. Mas, esse negócio de atender balcão, servir freguês, não é comigo não. Além do mais, dizem que no Rio faz muito calor, é muito quente. Você, pelo menos, vai para o interior de São Paulo, onde faz frio, segundo ouvi dizer. Já está acostumado.

- Não reclama, Raphael, não reclama - disse Manolo, sorrindo, encerrando a conversa, dirigindo-se os dois para o dormitório, dois andares abaixo.

A longa viagem se aproximava do fim. A ansiedade aumentava, a incerteza os dominava.

## 54

Dois dias depois chegaram a Vitória, capital do Espírito Santo.

A cidade, ainda bem pequena, constituía-se de um amontoado de casas à beira-mar. Ficava numa ilha, ainda pouco povoada. Não tinha porto construído, sendo o navio obrigado a lançar âncora a uma certa distância da praia. Não foi permitido o desembarque de passageiros para a visita da cidade, já que a escala seria muito rápida, apenas o tempo necessário para descarregar algumas mercadorias industrializadas que vieram da Inglaterra. Não seria necessário carregar artigos perecíveis, como carne, peixe e frutas, já que em Salvador isso fora feito com sobras.

Manolo, Raphael, Antonio, Miguel e Joaquim estavam debruçados sobre a amurada do velho cargueiro, observando o movimento de pessoas na cidade ao longe.

Manolo, com o cigarro de sempre no canto da boca, comentou:

- Pena que a gente não pode descer. Queria esticar um pouco as pernas, tomar um trago...

- E eu queria comer uma comida diferente - lamentou-se Joaquim.

- Eu também - concordou Antonio. - Já estou cansado dessa comida aqui do navio. Todo dia a mesma coisa.

- Bem, pelo menos, a gente não gasta dinheiro em terra. É uma economia a mais - acrescentou Miguel.

Conversaram sobre diversos assuntos, mas era visível a ansiedade que deles tomava conta. Cada um imaginava como seria o futuro, o que os esperava no Brasil e na Argentina, como seria a adaptação à nova terra. As incertezas povoavam suas mentes jovens, mal saídas da adolescência.

- Porra, estou doido para que essa viagem termine logo. Já não aguento mais essa vida de mar. Nem enjoado mais eu fico. Quero logo chegar ao Rio, pegar no batente, ganhar o meu dinheirinho - comentou Joaquim.

- Teu parente vai estar te esperando no porto, Joaquim?- perguntou Raphael.

- Deve estar, sei lá - respondeu o português. - Por que perguntas?

- Tu vais acabar te perdendo no Rio de Janeiro, portuga. Reza para ele estar te esperando lá, se não vais acabar sendo roubado - debochou Raphael.

Joaquim enrubesceu, nada respondendo.

- E eu ainda vou ter que suportar mais de um dia desse navio, depois de você, Joaquim - lamentou-se Manolo.

- Pior sou eu - disse Antonio. - Mais seis dias até Buenos Aires. Estou louco para chegar.

- Bem, não adianta reclamar - filosofou Manolo. - A gente estava em pior situação lá na nossa terra. Aqui, pelo menos, tem uma esperança, um futuro.

- É verdade - concordou Miguel. - É verdade...

Apesar do ambiente tranquilo que agora reinava no navio, os imigrantes não podiam esconder o nervosismo, a excitação. As mulheres cochichavam pelos cantos, contando mil e uma histórias sobre o Brasil, a maioria pura invencionice. Os homens, preocupados e sem maiores informações sobre o que os esperava, valiam-se apenas das notícias dos parentes que já estavam radicados em terras brasileiras, tentando acalmar as mulheres e filhos. As cartas que recebiam periodicamente eram a única fonte de informação sobre a nova terra. Mas, a imaginação de alguns ultrapassava todos os limites da racionalidade. Uns comentavam com medo que ouviram contar que teriam que enfrentar os índios que costumavam invadir as fazendas de café e cana de açúcar. Outros contavam histórias fantasiosas sobre as doenças tropicais, capazes



de matar um homem em poucos dias. Outros, mais impressionáveis, relatavam lendas sobre fantasmas, curandeiros, feiticeiros e várias entidades do outro mundo, trazidas pelos negros da África. Histórias de magia negra eram as mais corriqueiras. Outras sobre canibalismo também ocupavam os comentários dos imigrantes, a maioria analfabeta, alguns apenas sabendo assinar o nome. Cobras que engoliam um boi vivo, onças, jacarés e outros animais menos cotados frequentariam as ruas e casas das cidades brasileiras.

Só as crianças pareciam alheias àqueles receios, àquelas incertezas. Corriam e brincavam alegremente pelas dependências do navio, ora no convés, ora no refeitório ou até mesmo nos dormitórios. Não tinham a real consciência do que os esperava na nova vida, até porque não tiveram tempo suficiente para se acostumarem com a antiga, em seus países de origem.

Os tripulantes que foram a terra, nos botes do navio, desembarcando mercadorias, agora retornavam. Já passava das sete da noite. O sol começava a se pôr ao longe, lançando seus últimos raios sobre as serras capixabas.

Manolo disse para Raphael:

- Vamos ver se o John conseguiu o peixe.

- Vamos sim - concordou o outro.

Deixaram os outros conversando no convés, enquanto foram atrás de um dos cozinheiros do navio.

Na cozinha, encontraram John.

- Conseguiu, John? - perguntou Manolo.

O inglês, com um cigarro no canto da boca, respondeu:

- "Yes, sir."

Foi até um cesto de palha que estava sobre a pia e exibiu dois peixes enormes, que deviam pesar, juntos, mais de sete quilos.

- "Garrropa" - tentou explicar o inglês, puxando fortemente o "erre", numa mistura de sua língua com o

português.

Manolo examinou as guelras dos peixes, verificando que estavam frescos. Por gestos e palavras incompreensíveis, tentou explicar ao cozinheiro como queria que os peixes fossem preparados. Conferiu também os enormes camarões cinza que o cozinheiro havia comprado.

- Um ensopado, com muito tempero, pimentão, tomate e cebola, misturados com arroz, tipo paella. - explicou, fazendo gestos com as mãos e falando numa combinação de espanhol e inglês. Apontava para uma grande caçarola que havia sobre o fogão.

John pareceu compreender.

- "All right" - respondeu, encerrando a conversa.

Manolo deixou duas notas em dinheiro espanhol na mão do cozinheiro.

Voltaram para o convés.

Lá, convidaram os outros: Antonio, Miguel, Joaquim e alguns companheiros de viagem para saborearem o risoto mais tarde.

- Pelo menos, a gente varia um pouco da comida do navio - disse Manolo, retribuindo os agradecimentos. - E, de qualquer maneira, serve para comemorar a despedida de nossa viagem. Depois de amanhã, bem cedo, chegamos ao Rio de Janeiro, segundo me disse o imediato.

# 55

A entrada na baía de Guanabara era realmente alguma coisa de extraordinário. Manolo já havia ouvido falar através das cartas enviadas pelo irmão José, quando passara pelo Rio de Janeiro, anos antes. Deslumbrante...

Levantou bem cedo naquela manhã. Foi logo avisado pelo imediato de que o “Highland Chieftain” iria ingressar na baía por volta da seis, ao alvorecer. Acordou Raphael e Joaquim, que por sua vez chamou Antonio. Tomaram o café da manhã rapidamente, ainda com pouca gente no amplo refeitório. Dirigiram-se a passos rápidos para o convés, onde outros vários imigrantes, bem como grande parte da população, estavam debruçados sobre a amurada de madeira.

A manhã prometia ser esplendorosa. Um sol enorme lançava seus primeiros raios sobre a bela cidade que ainda dormia ao longe. O navio singrava vagarosamente as águas calmas do Atlântico, vencendo a distância que o separava da conhecida internacionalmente como a “cidade maravilhosa”. À direita do navio, algumas praias que pareciam não ter fim, uma emendada na outra, separadas apenas por um morro aqui, outro ali. Alguém disse que eram praias de Niterói, cidade que ficava em frente ao Rio de Janeiro, do outro lado da baía. Do lado esquerdo, fora da entrada da barra, via-se a maravilhosa Copacabana, logo reconhecida por seu formato de colar de pérolas como aparecia em algumas raras fotografias vistas pelos imigrantes anteriormente.

O enorme morro do Pão de Açúcar aparecia imponente, do lado esquerdo do navio. Sua pedra escarpada, salpicada aqui e ali por algumas manchas verdes da vegetação primitiva, era uma visão impressionante. Do lado esquerdo

do navio, o forte de São João, no Morro Cara de Cão e, do lado direito, a fortaleza de Santa Cruz, construídas pelos portugueses para proteger a entrada da baía, para impedir a entrada de invasores.

O cargueiro rangia ruidosamente, tentando vencer as ondas brandas e avançando com lentidão em direção ao cais. Parecia sentir que o fim da viagem se aproximava. Os imigrantes e tripulantes dividiam-se, alvoroçados, pelos dois lados do convés, apontando com os dedos das mãos as praias e pequenas casas que surgiam de um lado e do outro. Urca, Botafogo, Flamengo, Glória, do lado esquerdo, no Rio de Janeiro. Icaraí, Flechas, Boa Viagem, Gragoatá, do lado direito, em Niterói. Estavam deslumbrados com a magnífica vista que tinham oportunidade de ver desfilando ante os olhos.

O cais se aproximava...

Os rebocadores encostavam no velho casco, resfolegando e expelindo uma fumaça negra pela chaminé. A Avenida Central, construída há poucos anos atrás, já aparecia ao longe, rasgando o centro da cidade, da Praça Mauá até o outro lado da baía, lá depois do Teatro Municipal.

Os imigrantes estavam extasiados com a beleza do cenário que se abria diante de seus olhos. Jamais tinham visto paisagens tão lindas, reafirmando os comentários do mundo inteiro de que a natureza fora pródiga quando se derramou sobre o Rio de Janeiro. Homens, mulheres e crianças apontavam para aquela praia aqui, aquele morro ali, um ou outro prédio que chamava a atenção. O Pão de Açúcar, os morros do Sumaré, Castelo e São Bento compunham a bela moldura do cenário de deixar todos de boca aberta: a cidade maravilhosa...

Joaquim, apressado como sempre, já estava com o saco de viagem aos seus pés, pronto para o desembarque.

O pessoal riu dele. Raphael brincou:

- Vai se atirar na água, lusitano? Não vai esperar o navio atracar?

Joaquim ficou vermelho e nada respondeu.

Raphael continuou com a gozação:

- Vê lá se vai se perder aí no Rio... leva uns grãos de milho para marcar o caminho por onde você passar.

Os outros riram do jeito como Joaquim reagia às provocações de Raphael. Resmungava em voz baixa, ninguém entendia o que dizia. Manolo veio em seu socorro:

- Acho melhor você ficar calado, Raphael. Se teu parente também não vier te buscar, vais também ficar perdido aqui na cidade - disse.

Raphael retrucou:

- Não se preocupe, sei me virar. Quem tem boca é só perguntar que chega lá...

Manolo rebateu:

- Quero ver quem vai entender esse teu espanhol enrolado da Galícia. É mais fácil entenderem o Joaquim, que, pelo menos, fala português.

Joaquim sentiu-se vingado. Olhou com ar de triunfo para Raphael, que ficou meio pensativo.

O velho cargueiro preparava-se para atracar. Os rebocadores empurravam-no lentamente para junto da amurada de pedra, fazendo com que encostasse bem suavemente. Pela chaminé, soltava grossos rolos de fumaça, apitando estridentemente.

O dia de sol inclemente estava abafado, quase não havia uma brisa no ar.

Em terra, várias pessoas aguardavam. Reconhecendo um ou outro passageiro, para ele acenavam com alegria. Vários imigrantes iriam descer no Rio de Janeiro, apesar da grande maioria ter como destino o porto de Santos, pois no Estado de São Paulo é que estavam as grandes fazendas de café e as pequenas indústrias que, aos poucos, eram instaladas no país.

Finalmente, as grossas cordas de atracação foram lançadas para os estivadores no cais. Amarradas fortemente em bigornas de ferro maciço fixadas solidamente ao chão de pedra fizeram com que o navio ficasse praticamente imóvel. Só então a pesada âncora de ferro foi baixada, suas correntes rangendo ruidosamente.

Depois que atracou o “Highland Chieftain”, Raphael disse:

- Bem, também vou buscar minhas tralhas. Acho que a viagem acabou para mim.

Virou-se para Manolo, Antonio e Miguel:

- Vocês vão descer agora? - perguntou.

Manolo olhou para os outros dois. Antonio respondeu:

- Vamos sim, não é melhor? Não temos mesmo nada para ficar fazendo aqui...

Manolo virou-se para Raphael, dizendo:

- Então, vai buscar tuas coisas lá no alojamento que te esperamos na porta de saída.

Raphael despediu-se, enquanto Manolo, Antonio e Miguel, acompanhados de Joaquim, procuraram as escadas que davam acesso à porta de saída da embarcação.

Quando Raphael chegou, trazendo seu velho e desbotado saco de lona, desceram alegremente para o cais. Falavam alto, cantavam músicas de suas regiões, cantigas portuguesas e espanholas. Quando chegaram do lado de fora da estação de embarque, Joaquim e Raphael procuraram com os olhos por seus parentes.

Demorou um pouco, mas Joaquim conseguiu localizar seu primo, o português do Encantado. Abraçaram-se calorosamente.

O lusitano perguntou a Joaquim:

- E então, primo Joaquim, como foi de viagem?

Joaquim, conseguindo enfim desvencilhar-se dos braços fortes do primo, respondeu:

- Tudo bem, primo João. A viagem foi cansativa, mas cá estou eu.

Joaquim apresentou o primo aos companheiros de viagem. Enquanto isso, Raphael procurava com os olhos alguém conhecido. Ansioso, tentava levantar a cabeça acima dos outros passageiros que também desembarcavam, buscando encontrar o cunhado que prometera esperá-lo no desembarque.

Manolo perguntou a João:

- O que você pode nos indicar para visitar nessas horas que vamos passar aqui no Rio? Nada muito caro, de preferência perto daqui.

O português pensou um pouco antes de responder:

- Bem, tem uns lugares bonitos, mas é tudo longe daqui. As praias, Botafogo, Flamengo, Copacabana, Ipanema. Aqui perto tem o Teatro Municipal, os bares da Avenida Central... O lugar mais interessante e de onde se tem uma vista maravilhosa é o Pão de Açúcar, aquele morro de formato diferente que vocês devem ter visto quando o navio entrou na baía. Há pouco mais de três anos, em 1913, inauguraram um teleférico que vai até lá em cima. É um passeio extraordinário, já fiz com minha família, mas tem que pegar condução para ir até lá.

Fez uma pausa. Perguntou a Manolo:

- Quantas horas vocês vão ficar ancorados aqui?

- Umas doze, quatorze, acredito. Tem muita mercadoria para descarregar. E, muito passageiro vai descer aqui. Mas, vou me informar antes.

Atravessaram as ruas próximas ao porto, entraram num botequim, onde tomaram um café. Raphael ficou aguardando seu parente. Despediram-se de Joaquim e de João, voltaram ao cais. O cunhado de Raphael havia chegado. Depois das apresentações, despediram-se também, tendo Manolo deixado seu endereço com o amigo, o mesmo fazendo este.

Manolo foi indagar a que horas o navio deveria partir. Ficaria quinze horas no porto.

- Tempo bastante para darmos uma volta pela cidade-comentou com Antonio e Miguel.

Desceram a Avenida Central, repleta de cafés, bancos, restaurantes com mesas espalhadas pelas calçadas. Ficaram maravilhados com o movimento de pessoas andando de cima para baixo na larga avenida, dividida ao meio pelos postes de iluminação. Mulheres muito bonitas, com trajes elegantes, homens vestindo a última moda masculina, com um chapéu na cabeça. Trocaram algum dinheiro espanhol pelo brasileiro, numa pequena casa de câmbio, como já haviam feito anteriormente em Salvador. Conversavam alegremente, enquanto caminhavam ou tomavam um café ou um aperitivo nos inúmeros bares com mesas de tampo de mármore e cadeiras de palha.

Tomaram uma condução e foram até a Praia Vermelha, onde pegaram o bondinho para a visita ao Pão de Açúcar. Quando desceram no primeiro morro, o da Urca, já ficaram extasiados com a vista abaixo deles. Do lado esquerdo, a Praia de Botafogo, mais abaixo a do Flamengo, com a água do mar batendo forte nas amuradas de pedra que impediam que atingisse a rua por onde os veículos e pedestres transitavam. Bem mais ao fundo, o porto onde haviam desembarcado. Do lado direito, a maravilhosa Praia de Copacabana, atrás de um pequeno morro. Ao longe, as enormes montanhas que compunham a geografia do Rio de Janeiro: Sumaré, Corcovado. Do outro lado da baía, divisava-se a cidade de Niterói, a que se chamara Praia Grande alguns anos antes, com suas belas praias e morros emoldurando-lhe a paisagem.

Com a boca aberta de tanta admiração, pegaram o segundo bondinho, que os levou ao morro maior, o Pão de Açúcar. Lá em cima, então, o que divisaram deixou-os de queixo caído. Que vista maravilhosa !!! Que paisagem



estonteante !!! Valera bem a pena o dinheiro que gastaram para subirem até ali...

Ficaram lá em cima por uma meia hora, tomaram outro café, pois não tinham muito dinheiro para gastar, suas economias estavam chegando ao fim.

Quando chegaram novamente em terra firme, na Praia Vermelha, não conseguiram esconder uma sensação de alívio por poderem pisar outra vez o chão. Procuraram uma outra condução, que os levou até Copacabana e Ipanema, então dois imensos areais, com mansões e casarões esparsos construídos na ampla orla que margeava as duas praias. Voltaram ao centro da cidade, perguntaram daqui, indagaram dali, acabaram na Lapa, a zona boêmia da cidade, onde almoçaram num botequim bem vagabundo, mas que parecia vender uma boa comida a preço razoável. Depois do almoço, um bom cosido à espanhola, voltaram a pé para a região do porto. Ainda ficaram sentados num barzinho próximo ao cais, onde tomaram alguns aperitivos, a famosa cachaça brasileira, aguardente feita com cana de açúcar, à qual já haviam sido apresentados quando da passagem por Salvador.

Voltaram para o navio por volta das sete da noite.

Às onze, o “Highland Chieftain” deixava o Rio de Janeiro, em direção a Santos.

Debruçados na amurada do convés, Manolo e Miguel observaram as luzes da costa carioca ao longe.

O navio não navegava muito longe da costa, podendo a mesma ser vista com relativa nitidez, pois a noite era de lua cheia, por sinal, esplendorosa.

Manolo acendeu um cigarro.

- Muito bonita a cidade, não achou, Miguel? - perguntou.

- Sim, muito bonita. “Maravilhosa...”. - concordou o outro.

- Bem, agora finalmente estamos próximos de chegar ao nosso destino. Não vejo a hora de deixar este navio.

- Eu também - retrucou Miguel. - Estou ansioso por saber o que me espera lá em São Paulo.

Rememoravam, mais uma vez, suas vidas lá no interior da Espanha, as dificuldades por que haviam passado e a esperança que tinham de um futuro cheio de ventura e prosperidade na nova terra. Outra vez, a melancolia invadia suas almas.

## 56

A fileira de praias continuava, ininterrupta. Por quase todo o litoral.

No dia seguinte, pela manhã, estavam na altura de Angra dos Reis, a Ilha Grande sobressaindo ao fundo na paisagem de um verde forte, que refletia a floresta densa da mata cerrada que dominava o ambiente.

Manolo fumava despreocupadamente no convés, debruçado sobre a amurada de madeira. Olhava para a paisagem de praias alvas ao longe. Já tomara o café da manhã, estava ali matutando mais uma vez sobre seu futuro. Pouco depois, chegou Antonio.

- E aí, Manolo? Doido pra chegar, não? - perguntou.

Ele tirou uma baforada profunda de seu cigarro.

- É, até que enfim está acabando. Já não aguentava mais o balanço do mar. Quero sentir a terra firme sob meus pés, andar despreocupadamente pelas ruas. Você é que ainda vai sofrer um pouco mais, não é?

- Mais seis dias - respondeu Antonio. Depois de Santos, o navio ainda faz uma escala em Paranaguá e outra em Montevideu, antes de chegar a Buenos Aires. Mas, também não vejo a hora dessa viagem terminar.

- Bem, mas daqui para frente, vida nova, novos horizontes - brincou Manolo, dando um tapinha carinhoso nas costas do amigo de viagem. - Quem sabe daqui a quarenta, cinquenta anos, não nos encontramos todos novamente, ricos, cheios de filhos e comemoremos nossos sucessos na vida?

- É, quem sabe... - resmungou melancolicamente Antonio.

Miguel chegou em seguida, ficaram ali jogando conversa fora, aproveitando o sol gostoso daquela manhã

de dezembro, a brisa leve batendo-lhes suavemente nos rostos. O navio, agora mais vazio, depois do desembarque dos passageiros em Salvador e no Rio de Janeiro, estava mais silencioso, mais tranquilo. O número de crianças que corriam fazendo algazarra pelo convés diminuiu consideravelmente. O mesmo ocorreu com os imigrantes que faziam barulho nos seus jogos de bocha, baralho ou que bebiam descontraidamente, aproveitando os dias de sol que eles não tinham na Europa. Agora, até sobravam lugares nas poucas espreguiçadeiras de lona espalhadas pelo convés. A maior parte dos imigrantes iria desembarcar em Santos e preparavam suas bagagens, arrumavam suas malas para a despedida do navio.

Na parte da tarde, o imediato foi avisando os passageiros sobre os procedimentos de desembarque, na manhã seguinte. Disse, ainda, que Mr. Smith, o comandante, iria dar uma festa de despedida para aqueles que desembarcariam em Santos, o grosso de seus passageiros.

Miguel comentou, depois que o imediato se afastou:

- Ainda bem que aquele filho da puta decidiu abrir a mão e oferecer alguma coisa para a gente. Que cara miserável, esse inglês.

Manolo riu sonoramente.

- Queria o quê, Miguel? Serviço de primeira classe? Você ainda deve se dar por feliz por termos conseguido arranjar passagem para o Brasil por preço tão barato.

- Não é disso que estou falando - retrucou Miguel. - Só acho que eles poderiam dar mais atenção aos passageiros, não ficassem achando que somos iguais às mercadorias que eles transportam.

- Mas, o comandante vai dar uma festa de despedida hoje à noite - continuou debochando Manolo.

- Por mim, ele pode enfiar a festa dele no rabo - rebateu Miguel. - Vou tratar de arrumar minhas coisas e

dormir bastante, pois não sei o que me espera amanhã.

Antonio presenciava o diálogo dos dois, sem nada dizer. Apenas esboçava um pequeno sorriso no canto dos lábios. Aquela festa não significaria muito para ele, que teria ainda mais alguns dias de viagem até chegar ao seu destino. Mesmo assim, sentia-se leve, feliz por partilhar da alegria dos companheiros que conhecera no navio. Era interessante verificar como apenas alguns dias de uma viagem mais longa faziam com que as pessoas se tornassem relativamente íntimas, iniciassem uma boa amizade que poderia ou não solidificar seus laços no futuro. O convívio obrigatório com as mesmas pessoas durante mais de 20 dias, muitas originárias do mesmo país e com as mesmas ambições de vida, fazia com que se abrissem uns para os outros, relatassem suas experiências, seus projetos, suas alegrias e decepções. Se voltassem a ter um novo encontro no futuro, jamais esqueceriam aquela viagem, aqueles dias passados a bordo do “Highland Chieftain”.

Antonio até que não sentira muito a monotonia da viagem. Metido a conquistador, logo abriu suas asas para cima de uma espanhola bonitinha, de uns dezesseis anos aproximadamente. Ela também embarcara em Vigo. Apesar de ser da Catalunha, região distante da dele, ficaram trocando olhares quando se cruzavam nos corredores, às vezes no refeitório ou no convés. Quando deixaram Leixões, em Portugal, já conversavam. Ela viajava com o pai, a mãe e dois irmãos mais novos. iam para o Rio de Janeiro.

Durante os monótonos dias de navegação pelo oceano, ficavam conversando no convés. Em poucos dias de viagem, já estavam de mãos dadas. Depois do Funchal, foi apresentado aos pais da menina. Ah! Seu nome era Maria del Carmem. Foi convidado a fazer suas refeições com a família dela, o que passou a ser quase uma rotina. Não abandonou, porém, vez por outra, o almoço ou o jantar em

companhia de Manolo e demais conhecidos de viagem. E, nos portos, sempre ia a terra na companhia deles.

Assim, o tempo passava mais rapidamente para ele. Divertia-se com a menina, que era alegre, brincalhona. Infelizmente, como a grande maioria dos imigrantes, também analfabeta, bem como seus pais e irmãos. Por isso, a conversa entre eles não passava dos assuntos triviais, do dia a dia da viagem. E, fora alguns poucos beijos trocados rapidamente, não avançou muito em sua intimidade com ela. Sempre a mãe ou os irmãos estavam por perto quando estava com a menina.

Sendo assim, não sentiu muito quando ela desembarcou no Rio de Janeiro. Ela, sim, pareceu ter ficado mais apegada a ele. Chorou muito quando se despediram, deixou com ele seu endereço no Rio, prometeu que trocariam cartas. Quem sabe, casariam um dia?

Manolo é que não perdeu a oportunidade de brincar com o companheiro. Quando Antonio se aproximou enquanto ele conversava com Miguel, perguntou-lhe, com um sorriso irônico no canto da boca:

- Como é Antonio, agora teve que voltar à velha punheta, não é?

Antonio olhou para ele, fingindo não entender a ironia.

- O que é que foi? Não entendi...

- Ora, ora, a namoradinha já ficou para trás, não é?- insistiu Manolo, com o mesmo sorriso nos lábios.

Antonio enrubesceu fortemente. Engoliu em seco, preferiu não responder. Continuou em silêncio, enquanto Manolo voltava suas baterias para Miguel, que continuava reclamando do pão-durismo de Mr. Smith.

- Não vou a porra de festa nenhuma. Vão vocês dois e aproveitem bem - praguejava Miguel.

- Vou sim - disse Manolo. - Vou encher a cara e dançar com todas as mulheres que sobraram no navio.

- Não sei com o quê você vai encher a cara. Está pensando que o mister aí vai dar mais que um copo de cerveja para cada um? - rebateu Miguel, sorrindo.

Antonio sorriu. Quebrou seu silêncio.

- Porra, vocês dois não tomam jeito mesmo. Passaram a viagem toda discutindo e, nem na última noite, conseguem sossegar. Fumem o cachimbo da paz, meus amigos. Uma vida nova está começando para nós...

Manolo e Miguel olharam um para o outro. Abriram um largo sorriso e se abraçaram.

Manolo disse:

- Vamos tomar um trago e brindar ao futuro.

Dirigiram-se à cozinha, onde o amigo deles, o "inglês-cozinheiro", tinha sempre uma garrafa de whisky ordinário escondida...

Finalmente, o “Highland Chieftain” chegava ao porto de Santos. Após deixar o mar alto, entrava numa espécie de canal, onde ficava o atracadouro dos navios. Vagarosamente, puxado pelos rebocadores, as caldeiras já desativadas, tentava encostar no cais de pedra do maior porto do país. Após muitas manobras de ida e vinda, muitos xingamentos em português e inglês, finalmente atracou, baixando a pesada âncora enferrujada.

Os passageiros remanescentes, aqueles que iriam desembarcar em Santos, Montevideu e Buenos Aires, estavam debruçados sobre a amurada, acompanhando as manobras de atracação. Conversavam alegremente, uns já com suas bagagens ao lado, outros quase não acreditando que a longa viagem chegara ao fim.

O clima era de festa. Os imigrantes se abraçavam, outros dançavam no convés... A maioria procurava um parente ou conhecido no cais. Quando o encontrava, acenavam vigorosamente com as mãos.

Em terra, a uma distância de uns vinte metros, várias pessoas acenavam para os passageiros, logo que eram reconhecidos por parentes ou amigos.

Manolo, com os cotovelos apoiados na amurada de madeira, procurava Pepe com ansiedade, os olhos varrendo a pequena aglomeração de pessoas espalhadas pelo cais. Finalmente, divisou a figura magra e alta do irmão mais velho. Fez-lhe vigorosos acenos com as duas mãos. Gritou seu nome várias vezes, mas a distância não permitia que se ouvissem as vozes com nitidez. Só depois de vários minutos acenando foi que Pepe o reconheceu, retribuindo o gesto com a mão direita.



Manolo despediu-se de Antonio e de alguns outros imigrantes que iriam seguir viagem. Acompanhado de Miguel, pegou sua velha e surrada mala de couro com a mão direita e entrou na fila daqueles que iriam desembarcar. Estava doido para deixar o navio, abraçar o irmão, começar logo a nova vida.

Desceu as escadas que davam acesso ao cais em passos rápidos, quase correndo. Abraçou fortemente José, seu irmão, que não conseguiu conter a emoção, duas lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

- E então, Manolo, como foi a viagem? - indagou José.

- Muito cansativa, Pepe. Muito cansativa - repetiu Manolo, também emocionado com o abraço do irmão que já não via há mais de seis anos.

- Mas, como você cresceu, menino - disse José, já afastado do irmão, mas ainda segurando-lhe os dois braços.

- Quando saí da Espanha, você não passava de um molecote, agora já está um homem feito, tem até barba na cara. Ah! Deixa eu te apresentar a Matilde, minha esposa - disse, apontando para uma mulher ao seu lado.

Ela sorriu e Manolo apertou-lhe fortemente a mão direita.

- Prazer em conhecê-la, Matilde. O Pepe já havia me escrito que havia casado aqui no Brasil, mas eu não sabia que tinha sido com uma moça tão bonita - retrucou, procurando ser gentil com a moça.

Na verdade, Matilde era bem feinha: baixa, com um dente faltando na frente da boca, um lenço na cabeça encobrendo-lhe os cabelos negros em desalinho, vestida simplesmente, com uma roupinha surrada. Nos pés, um par de sapatos empoeirados. Parecia uma camponesa de Trás-os-Montes, em Portugal, ou do interior da Espanha, das regiões mais atrasadas.

Manolo sorriu interiormente, lembrando-se de quando Pepe deixara a Galícia vindo para o Brasil, lá prometera a

Carmencita, a moça que namorava, que logo estaria de volta, cheio de dinheiro e então casariam. Pepe parece que entendeu os pensamentos do irmão, fazendo apenas um gesto de conformismo com o olhar e as mãos.

Matilde trazia presa à sua mão direita uma criança que devia ter uns três anos de idade. Ante a curiosidade de Manolo, Pepe apressou-se em explicar:

- Este é Juan, meu filho e seu sobrinho - disse, com orgulho na voz.

O menino abaixou os olhos, envergonhado. Manolo passou a mão direita em sua cabeça. Apresentou Miguel a José e Matilde:

- Este aqui é o Miguel, meu companheiro nessa longa viagem. Ele também é da Galícia, como nós, Pepe. Você não o conheceu por lá?

- Não, não me recordo - respondeu José. - Mas, também eu sou bem mais velho que vocês dois. Pode ser que eu tenha conhecido sua família.

Miguel disse de que cidade da Galícia era, mas José não conseguiu lembrar-se de alguém conhecido naquela região.

- Bem - disse José - temos que ir andando, pegar o trem para São Paulo, que parte em meia hora. Você também vai para São Paulo, Miguel? - indagou.

- Sim, depois vou pegar outro trem para Pirassununga, onde vou encontrar meu parente.

- Então, devemos nos apressar - retrucou José. - A estação de trem aqui em Santos fica um pouco longe do porto e temos que ir a pé.

E lá foram eles. Pepe, a mulher e o filho, mais Manolo e Miguel, estes dois carregando suas pesadas malas, caminhando sob o sol inclemente daquela manhã de verão pelo chão de terra batida das ruas de Santos.

A viagem de trem até São Paulo demorou mais de três horas, numa velha maria-fumaça. Despediram-se de Miguel, cujo trem partiu mais cedo do que o deles. Fizeram um

pequeno lanche num barzinho da estação. Coisa simples: café com leite, um sanduíche de mortadela, que, ao menos, serviu para ferrar o estômago.

Manolo queria conversar com o irmão, mas não se sentia muito à vontade na presença da cunhada e do sobrinho. A língua era diferente, até que poderiam falar um com o outro sem que ela entendesse muita coisa (assim acreditava ele), mas sentia-se inibido. Pensava que Pepe fosse esperá-lo sozinho, tinha tanta coisa para contar, notícias da terra natal, da qual Pepe já estava afastado há mais de dois anos.

Mas, José, aos poucos, foi quebrando a inibição do irmão:

- E, então, Manolo, conte-me as novidades de casa. Como estão o pai e a mãe? E os irmãos e irmãs? - perguntou.

Manolo mordeu um pedaço de seu sanduíche. Olhou para Matilde e o sobrinho. Depois que engoliu o que tinha na boca, falou pausadamente:

- Estão todos bem, se você pergunta pela saúde deles.- respondeu no seu espanhol carregado. - Mas, a situação lá na Espanha não está nada boa. Muitos já passam fome e a guerra está pertinho de nós.

- É mesmo? - surpreendeu-se José. - Não sabia que a coisa estava tão ruim assim. Aqui no Brasil é tudo uma tranquilidade só. Tem trabalho para todo mundo, ninguém passa fome. Dá-se um duro danado, não se fica rico da noite para o dia, mas vive-se em paz, sem maiores problemas. Pelo menos, com dignidade.

Manolo ouvia tudo com atenção. Perguntou:

- Mas, o que você faz lá na fazenda, Pepe? Trabalha em quê?

- Bem, quando cheguei aqui no Brasil, fui direto para a lavoura mesmo. Plantar, cuidar e colher o café. Vim para

cumprir um contrato, lembra? Como vários outros patrícios nossos vieram naquela época.

Fez uma pequena pausa para engolir um pouco do seu café com leite. Continuou:

- Depois de mais ou menos dois anos de trabalho duro na lavoura, me promoveram a fiscal. O serviço é menos pesado, não pego em enxada, nem foice. Percorro a fazenda toda durante o dia, inspecionando o trabalho dos colonos, acompanhando o desenvolvimento das plantações. Hoje, já consegui comprar uma casinha na cidade. Não vivemos com luxo, mas temos o conforto necessário para uma família.

- E eu, vou trabalhar onde? - perguntou Manolo, curioso.

Pepe olhou fixamente dentro dos olhos do irmão.

- Bem, no início você vai ter que enfrentar a lavoura. Não tem jeito, o patrão não deixa ninguém começar a trabalhar na fazenda a não ser enfrentando o duro da plantação.

Manolo ouviu em silêncio, sem nada dizer. José continuou:

- Mas, já falei com ele que você tem experiência em construção e ele demonstrou interesse. Além de algumas obras na fazenda, ele está construindo algumas casas na cidade. Quem sabe você consegue alguma coisa?

Manolo assentiu com a cabeça, sem nada dizer. Depois de algum tempo em silêncio, perguntou:

- Como é o nome da cidade mesmo?

- Ribeirão Preto - respondeu José. - Nunca ouviu falar? É conhecida como a capital do café, principal produtora do país.

Manolo fez um gesto negativo com a cabeça. Matilde e o filho permaneciam alheios à conversa dos irmãos. Brincavam entre os dois, trocando palavras que Manolo não conseguia compreender.

Finalmente, acabado o lanche, José levantou-se e disse:

- Bem, nosso trem vai sair em vinte minutos. É melhor irmos para a plataforma, são mais de dez horas até Ribeirão.

Levantaram-se e foram caminhando lentamente através da multidão de pessoas que lotava o saguão da ferrovia.

Manolo nunca vira tanta gente junta ao mesmo tempo.

## 58

Os três primeiros meses na fazenda realmente foram duros para Manolo.

Não pelo trabalho na lavoura propriamente dito, pois, de certa forma, já tinha experiência nesse ramo desde a Espanha, onde cultivara por algum tempo a terra improdutiva de sua família. Aqui, pelo menos, o solo era fértil, era só fazer um preparo não muito rigoroso do mesmo e colocar as mudas de café, que logo pegavam e se transformavam em árvores robustas e produtivas.

Mas, a rotina de trabalho era bem diferente. Na Espanha, trabalhava mais à vontade, não tinha horários rígidos a cumprir. Na fazenda, em Ribeirão, os colonos eram acordados no dormitório coletivo por volta das quatro da manhã. Com o céu ainda escuro, lavavam o rosto, escovavam os dentes e iam para o refeitório, onde tomavam um reforçado café da manhã. Pouco antes das cinco subiam nos caminhões que iriam levá-los às plantações, distantes uns quinze minutos da sede da fazenda. Lá, os colonos eram distribuídos pela vasta extensão de terra, onde alguns aravam o solo com pás e enxadas, outros tratavam de irrigar as mudas já plantadas, enquanto outros se ocupavam da colheita e do armazenamento do café em grandes silos espalhados por ali. Nos grandes galpões, outros empregados faziam a seleção dos grãos, trabalho feito manualmente, separando os bons dos que não prestavam para o consumo. Em outra seção, outros colonos ensacavam os grãos escolhidos em grandes sacos de cinquenta quilos cada um, pesando-os e empilhando-os para o transporte.

O sol era muito forte, queimava de verdade. O pessoal que trabalhava na área externa, na lavoura propriamente

dita, suava em bicas e já apresentava a pele do rosto toda enrugada, curtida pelo sol inclemente. Mesmo usando chapéu de palha e tendo os braços e pernas protegidos pelas camisas de mangas longas e calças compridas, as faces, nariz e testa ficavam de fora, expostos ao sol.

Bebiam água de hora em hora para evitar a desidratação. As mãos logo ficavam calejadas pelo uso da pá e da enxada.

Por volta do meio-dia faziam uma pausa para o almoço, quando voltavam todos ao refeitório, junto à sede. Uma e hora e meia depois retomavam o trabalho, indo até às 19 horas. Voltavam para o dormitório, tomavam um banho, jantavam e às dez já estavam dormindo.

Essa dura jornada de trabalho foi enfrentada por Manolo durante os três primeiros meses na fazenda. Nesse período, não chegou a conhecer pessoalmente o patrão, o Sr. Ambrósio, como ele também filho de imigrantes, só que italianos, que tinham chegado ao Brasil no século anterior. Viu-o umas duas vezes, somente quando o mesmo foi inspecionar as plantações, montado em um vistoso cavalo negro.

O alojamento dos colonos, um grande galpão onde estavam espalhadas várias camas de solteiro, ficava a uns oitocentos metros da casa principal da fazenda, onde o Sr. Ambrósio morava com a esposa e filhos, seis ao todo, segundo ouviu comentar. Nunca os viu pessoalmente, tendo em vista a hora em que saía para trabalhar, antes das cinco da manhã e aquela em que retornava, quase oito da noite.

Mesmo aos domingos, dia da folga semanal, os colonos não chegavam perto da fazenda, sendo que a maioria dirigia-se até o centro de Ribeirão Preto, onde tomavam algumas doses de aguardente ou iam a algum bordel da cidade.

José, que durante a semana, encontrava-se várias vezes com Manolo durante suas inspeções rotineiras nas

plantações, aos domingos vinha buscá-lo com a charrete. Levava-o até sua casa, um pouco afastada do centro de Ribeirão Preto, onde ele almoçava e passava uma manhã e tarde agradáveis em companhia do irmão, cunhada e sobrinho. O menino, Juan, perdeu a timidez inicial e logo que Manolo chegava com Pepe, enganchava-se em seu pescoço, chamando-o para brincar.

Manolo colocava-o sentado em uma de suas pernas e contava-lhe estórias sobre touros e toureiros, que encantavam o menino.

Apesar de não entender muito bem aquela língua estranha que o tio falava, o pequeno Juan ficava com os olhos grudados nele, prestando absoluta atenção nas narrativas fantasiosas de Manolo. O garoto também ficava ansioso pela chegada dos domingos, pois o tio sempre lhe trazia alguma coisa: um pacote de balas, uma revista de aventuras, um bola de borracha.

Manolo, apesar de fatigado pela semana de trabalho, não deixava de observar o que via na cidade. E, o que mais lhe interessava: o número de novas construções que a cada domingo ele via nascer. Ribeirão Preto, àquela época, estava no auge da exploração do café, e, como era o maior centro produtor do país, pela qualidade de sua terra e clima, crescia rapidamente.

Num desses domingos, comentou com José:

- Pepe, como a cidade está crescendo. Cada vez que venho na tua casa, só vejo novas obras espalhadas por aí.

- É, tem muita gente construindo mesmo - retrucou o irmão. - O Brasil é engraçado, só depois de algum tempo aqui é que fui perceber. Em determinadas regiões, surge alguma lavoura que todo mundo começa a explorar e começa a atrair gente de outras cidades, algumas até bem distantes. No século passado foi a cana de açúcar; neste, a borracha; agora, o café. E, com isso, o país se desenvolve, vai crescendo em função dessas culturas agrícolas. Foi a



região de Pernambuco, com a cana; a Amazônia, com a borracha e São Paulo e Paraná, principalmente, com o café.

Manolo continuou:

- Pepe, já estou trabalhando há sete meses na lavoura. Consegui guardar algum dinheirinho, já que quase não tenho despesas. Aquilo não é o que gosto de fazer, você sabe bem disso.

José olhava interrogativamente para o irmão. Mas, já lhe adivinhara os pensamentos. Perguntou, como se já não soubesse a resposta:

- E você pretende fazer o quê?

Manolo olhou para o irmão, pensativo. Depois de um instante de silêncio, respondeu:

- Não sei, Pepe, ainda não sei. Estava pensando em sondar nessas obras novas que estão espalhadas por aí se tem algum trabalho na minha área. Ladrilheiro, pedreiro, pintor, quem sabe?

José pensou um pouco antes de responder. Finalmente, disse:

- Tudo bem, se é isso que você gosta de fazer. Mas, acho que estão pagando menos que lá na fazenda. Além disso, lá você tem casa e comida. Aqui fora, não terá isso. A não ser que queira ficar alojado na oficina, lá nos fundos do quintal. - concluiu, apontando com a mão para um pequeno barraco de madeira construído na parte de trás do terreno, onde José tinha guardadas algumas ferramentas de marcenaria, que era o que gostava de fazer.

Manolo olhou para o barraco, um sorriso de satisfação veio-lhe à boca.

- Porra, Pepe, seria o ideal para mim, até eu conseguir me estabilizar financeiramente. Depois, arranjo um cantinho onde ficar. Mas, não vou te dar trabalho? A você e a Matilde?

- Quanto a isso, é claro que não. Onde comem três, podem comer quatro. Mas, lá você não vai ter conforto

algum, não tem nada, nem cama, nem banheiro - respondeu José.

- Pode deixar que eu me arranjo, Pepe. E, se você permitir, vou construir algumas coisinhas para melhorar o barraco.- rebateu Manolo.

- O quê, por exemplo? - indagou José, curioso.

- Um pequeno banheiro, com vaso sanitário, pia e chuveiro; uma cozinha simples e fazer em alvenaria o que hoje está em madeira - respondeu Manolo, animado.

José encarava o irmão, um pouco desconfiado. Bebeu mais um gole de seu copo de vinho. Depois, disse, pausadamente:

- Bem, espero que você esteja fazendo o que é certo. Mas, devo te lembrar de que nem sempre a gente pode trabalhar naquilo que gosta. Eu, por exemplo, gosto de mexer com madeira, de fazer móveis, acho até que tenho jeito para isso, mas acabei administrador de lavoura. Mas, lá pelo menos, tenho segurança, o ordenado é certo no fim do mês, não preciso ficar correndo atrás de cliente... Bem, mas eu estou casado, tenho um filho para criar. Já você é solteiro, ainda tem tempo para dar umas cabeçadas na vida.

Manolo olhava para o irmão, pensativo. José continuou:

- Mas, se é isso o que você quer, vai em frente. Enquanto eu puder te ajudar, pode contar comigo.

Intimamente, Manolo já havia refletido bastante sobre o passo que estava prestes a dar. Não via maior futuro para ele na fazenda, onde seria sempre um empregado, teria que obedecer ordens e sua vida se tornaria rotineira, sem interesse. Gostava da aventura, de correr riscos, por isso tinha plena consciência do que iria enfrentar. Mas, tinha absoluta confiança no seu trabalho, no que sabia fazer e tinha certeza de que não fracassaria. Não queria viver aquela vida conformada do irmão, que, depois do

casamento, já não tinha mais ambições, aceitara o seu modo de vida para o resto dos seus dias.

Manolo ainda continuou trabalhando na fazenda por mais dois meses. Nesse período, aos domingos, quando ia à casa de José, passava antes em várias construções em andamento na cidade. Perguntava se precisavam de pintor, pedreiro, ladrilheiro, bombeiro, eletricista. Mas, como era sempre domingo o dia dessas visitas, só encontrava um vigia na obra. Pedia que caso houvesse interesse do construtor poderiam deixar recado na casa de José.

Recebeu algumas propostas, foi contatado por alguns mestres de obra, mas o que lhe foi oferecido era bem menos do que recebia na fazenda. Recusou polidamente aquelas ofertas de trabalho, já que muitas delas exigiam um período de experiência de pelo menos dois meses. Isso era inaceitável, pois corria o risco de deixar o emprego na fazenda e não ser aproveitado posteriormente na obra. Só queria largar a lavoura quando tivesse alguma coisa relativamente certa pela frente.

Finalmente, depois de um número relativamente grande de propostas recusadas, apareceu uma que realmente lhe despertou o interesse.

Estava ele brincando com o sobrinho na varanda da casa de José, num daqueles domingos de visita semanal. Haviam acabado de almoçar, estavam os dois sentados em cadeiras de palha, aproveitando a brisa fresca que soprava naquele início de tarde. Manolo ajudava o sobrinho a montar um quebra-cabeça, quando alguém bateu palmas no portão.

Um homem de meia-idade, baixo, forte, vestindo um velho paletó de linho, estava no portão. Quando Manolo dirigiu-lhe o olhar, perguntou:

- Queria falar com o Sr. Manuel Blando, por favor.

Manolo levantou-se, dirigindo-se ao portão.

- Sou eu mesmo. O senhor deseja falar comigo? - perguntou, abrindo o portão.

O homem estendeu-lhe a mão direita. Manolo retribuiu o gesto de cumprimento.

- Meu nome é Antonio Bandeira. Disseram-me que o senhor andava procurando emprego em alguma construção em andamento.

Manolo fez um gesto com a mão, convidando o homem a entrar. Sentaram-se nas cadeiras da varanda. Já estava acostumado a receber algumas daquelas visitas aos domingos, quando recusara as propostas de emprego anteriores. Por isso, nem mandou que o sobrinho fosse chamar José, que devia estar fazendo a sesta depois do almoço.

- Pois não, senhor Bandeira. Estou ouvindo - disse Manolo, depois que sentaram.

- Bem, senhor Blando, estou construindo uma pequena casinha aqui perto, a duas quadras. O serviço ia transcorrendo normalmente, os alicerces já estão prontos, o primeiro andar de tijolos já está em pé. Acontece que meu mestre de obras, homem honesto e de minha inteira confiança, faleceu recentemente. Ataque do coração, coisa repentina, sem que ninguém esperasse.

Manolo ouvia atentamente. Interrompeu a narrativa, pedindo ao sobrinho que fosse à cozinha e trouxesse uma jarra de limonada e alguns copos.

Bandeira continuou:

- Bem, sou muito cuidadoso com minhas coisas, senhor Blando. Não vou entregar minha obra a qualquer um. Soube que o senhor tem procurado algumas construções aqui na cidade, oferecendo seus serviços de pedreiro, ladrilheiro, pintor e outras coisas. Parece que o senhor conhece todos esses ramos da atividade, que é o que me interessa. Preciso de um homem assim, que seja experiente em tudo numa obra, não apenas num setor. O senhor já trabalhou anteriormente aqui na região?

É claro que o homem queria saber onde obter referências de Manolo. Saber onde trabalhara, qual era a opinião de anteriores empregadores.

Respondeu:

- Bem, senhor Bandeira, como o senhor deve ter notado pelo meu sotaque carregado, sou espanhol, imigrante da Galícia. Cheguei ao Brasil há alguns meses e estou trabalhando atualmente na fazenda do senhor Ambrósio, o senhor deve conhecer pelo menos de nome. Lá, trabalho na lavoura, mas não é o meu ramo de negócio. Na Espanha trabalhei em muitas construções, em diversas especialidades. Por isso, conheço os serviços de pintura, pedreiro, eletricista, ladrilheiro e bombeiro hidráulico. Já tinha uma boa clientela por lá, mas o trabalho andava escasso, a ameaça da guerra próxima aterrorizava as pessoas. Por isso, vim para o Brasil, a convite do meu irmão mais velho, que é o dono desta casa. Dessa forma, não posso lhe dar referências de trabalhos meus anteriores aqui no Brasil.

- Ah! é o seu irmão quem mora aqui? Já ouvi falar muito bem dele, o senhor José Blando, não?

- Sim - respondeu Manolo. - E, para o senhor não perder seu tempo comigo, senhor Bandeira, devo dizer-lhe que tenho recebido muitas propostas de emprego em diversas obras da cidade, mas nenhuma delas me atraiu. Ora me querem apenas como bombeiro, ora como eletricista, ou ladrilheiro. Nada tão abrangente como a sua oferta. Mas, muitos querem que eu passe por um período de experiência. O senhor entende, não posso largar o meu emprego certo para fazer experiência e depois ser mandado embora.

Bandeira refletiu por um momento. Depois, disse:

- Está certo, senhor Blando. Pela nossa breve conversa já deu para perceber que o senhor é uma pessoa de bem,

trabalhador e honesto. Vou confiar no senhor, não preciso mais tomar referências suas.

Fez uma pausa, enquanto sorvia a refrescante limonada que Juanito acabara de trazer. Prosseguiu:

- Bem, agora vamos combinar o seu salário...

## 59

Manolo agora se sentia feliz.

Voltar a colocar a mão na massa, misturar cimento e areia, usar novamente o fio de prumo, a pá de pedreiro, empilhar os tijolos um a um, ver a construção subir, tudo isso o encheu novamente de alegria.

Estranhou um pouco, no início, a indolência, quase preguiça dos trabalhadores brasileiros. Acostumado ao rigor do inverno europeu e ao ritmo de trabalho ali desenvolvido, surpreendeu-se quando viu os operários chegarem atrasados para o trabalho, dormirem ao sol do meio-dia após o almoço e voltarem parecendo cansados para a jornada da tarde. Começou a exigir um pouco mais deles, mas também não forçou muito nas exigências, pois sabia que ele é que tinha que se adaptar ao Brasil, e não o contrário.

Mesmo tendo posição de chefia, o que quase sempre é antipático, acabou ganhando a confiança dos empregados, tornando-se amigo de vários deles. Conseguiu incutir-lhes nas mentes que quanto mais cedo terminassem a obra, mais cedo receberiam a recompensa final, prometida pelo dono.

Outro problema que enfrentou foi o que já era quase um costume nas construções de então: o desvio de material por parte dos operários e até dos mestres de obra. Foi difícil convencê-los de que a proporção correta da massa de revestir era de três porções de areia para uma de cimento. Eles estavam acostumados a colocar bem menos cimento, desviando o que sobrava para revender no comércio local.

Manolo foi logo advertindo:

*“ - Coloquem a proporção certa: três por um. Caso contrário, em pouco tempo as casas que vocês construíram vão apresentar rachaduras e trincas”.*

Ou então:

*“- Cuidado quando forem preparar os alicerces e as vigas. Usem a quantidade certa de vergalhão e cimento, não as deixem finas demais, se não desaba tudo um dia.”*

E alertava:

*“A reputação de vocês vai ser criada através do trabalho de cada um. Um bom profissional deve ter boas referências dos locais em que trabalhou. É o maior tesouro que vocês podem conquistar na vida: uma boa reputação.”*

Os operários, relutantes a princípio com as novas regras, acabaram a elas se adaptando. A obra desenvolvia-se velozmente. Em pouco mais de um mês já haviam levantado o segundo andar. E não seria obra pequena: dois enormes salões na parte inferior, uma grande varanda, cozinha, dependências de empregada. Na parte de cima, seis quartos e três banheiros. A parte estrutural estava praticamente concluída.

Bandeira passava quase todo dia na obra, no final da tarde. Estava satisfeito com o que via. Nunca vira uma construção andar tão rápido. Ele, que não era leigo na matéria, sabia muito bem que Manolo dera nova dinâmica e orientação aos trabalhos, principalmente no que se refere à robustez das vigas e dos alicerces.

Aos sábados, por volta do meio-dia, quando encerravam os trabalhos da semana, efetuava pessoalmente o pagamento do pessoal. Às vezes, até ia com eles tomar um gole de cachaça no boteco da esquina. Se não chegava a ser íntimo dos operários, pelo menos não era mal visto por eles.

E, Manolo, para ele, parecia ter caído do céu. Sério, responsável, competente, sabia comandar os operários com firmeza. Pelo menos na sua presença todos pareciam



obedecer suas ordens sem demonstrar qualquer tipo de desagrado ou descontentamento. E ele não era só de ficar olhando: arregaçava as mangas, calçava os mesmos tamancos de madeira que os operários usavam e metia a mão na massa. Usava sua pá de pedreiro com rara maestria, ensinava-os a colocar os tijolos corretamente uns sobre os outros, a bater bastante o cimento com a pedra britada e a água, deixando-o no ponto para preencher as vigas de vergalhão e madeira. Terminava o dia tão sujo de massa, cimento e poeira como qualquer outro operário. Tomava banho na obra mesmo, apesar de já ter construído um pequeno banheiro com chuveiro e vaso sanitário no anexo onde era o barracão de marceneiro no terreno de José. Fazia questão de chegar em casa limpinho, quando convidava José para tomarem uma cerveja juntos na varanda ou na tendinha do “ *seu* ” Anastácio, ali próxima.

O ano de 1917 chegava ao fim. Seu primeiro ano de Brasil. Agora, já misturava o espanhol com o português, conseguindo fazer-se entender relativamente bem. No início de 1918 começara a fase de bombeiro hidráulico e eletricista na obra. As paredes de tijolos eram rasgadas para introduzir os canos de ferro por onde passariam as redes hidráulica e elétrica. Agora, o serviço era mais rápido. Apesar de ter razoável conhecimento de instalação hidráulica e eletricidade, Manolo preferiu encontrar um bombeiro e um eletricista na cidade, que conheciam melhor que ele o serviço a ser feito. Mas Bandeira ficou surpreso com os conhecimentos de Manolo sobre a matéria. Várias vezes ele o viu orientando os dois especialistas contratados quando eles tinham alguma dúvida.

Tudo isso aumentou o respeito que tinham por ele.

Começou a fase do acabamento propriamente dito, um mês e meio depois, e ele já era conhecido na cidade como um excelente mestre de obras. A propaganda boca a boca de seu trabalho correu todas as construções em andamento.

Quando revestia os tijolos de massa e começava o serviço de ladrilheiro, colocando azulejos e ladrilhos na cozinha e nos banheiros, já fora procurado para trabalhar em três outras construções em andamento, cujos proprietários não estavam muito satisfeitos com os mestres de obra que haviam contratado.

A todos dizia que só poderia assumir novos compromissos depois de terminada a obra de Bandeira, com quem estava comprometido. Mas, não fechava inteiramente as portas. Era educado, cortês, mostrava seu trabalho ao vivo àqueles que pretendiam contratar seus serviços. Dizia a todos:

*“- No momento não posso aceitar sua proposta, que muito me honra. Dei minha palavra que entregaria a obra pronta ao Sr. Bandeira e vou cumpri-la. Mas, quando terminá-la, se o senhor ainda precisar de mim...”*

Quando a casa de Bandeira estava praticamente pronta, em março de 1918, faltando apenas alguns detalhes de acabamento, conversou com José:

- Pepe, quero te agradecer tudo o que você fez por mim. Principalmente, por ter permitido que eu morasse aqui no seu terreno depois que larguei a lavoura.

José ouvia-o com atenção, enrolando um cigarro de palha. Manolo continuou:

- Agora não preciso mais te dar trabalho. Já consegui guardar dinheiro bastante para alugar uma casinha para mim.

José continuava em silêncio. Como Manolo olhasse para ele interrogativamente, disse apenas:

- Mas, você não precisa mudar. Afinal de contas, não deu trabalho nenhum. Ficou lá no seu cantinho do quintal, que, aliás, você melhorou muito. Nem despesa de comida você deu aqui em casa, pois comia lá na sua obra. Se quiser, pode continuar aqui, o Juanito gosta muito de você, vai sentir sua falta.

- Não, obrigado, Pepe, mas quero seguir minha própria vida. Se não fosse sua ajuda nesses primeiros tempos de Brasil, não teria conseguido nada. Inclusive, devo a você a minha vinda para cá. Mas, já te dei muito trabalho, abusei da tua amizade, não vou mais invadir tua privacidade. Já aluguei uma casinha aqui perto, vou levar meus móveis pra lá amanhã. E, de qualquer jeito, vamos estar perto um do outro, vou estar sempre aqui, o Juanito pode me visitar sempre que quiser.

Tirou do bolso da calça um maço de notas de dinheiro, passando-o a José. Este, sem saber do que se tratava, perguntou:

- O que é isso?

- Nada, apenas uma pequena recompensa pelos gastos que te dei.

José empurrou a mão de Manolo de volta. Parecia um pouco irritado, quase como se tivesse ficado ofendido.

- Não, senhor, não quero o seu dinheiro. Você é meu irmão e não fiz nada mais que minha obrigação em acolhê-lo em minha casa. Nunca esperei receber qualquer pagamento por isso.

Manolo ficou encabulado, o maço de dinheiro em suas mãos. Ficou olhando sem graça para o irmão, baixou os olhos. Depois que recuperou o sangue-frio, disse:

- Bem, então você vai me permitir, ao menos, comprar uns presentinhos para o Juanito, para a Matilde e você.

José rebateu secamente:

- Para mim, não precisa. Se quiser comprar para a Matilde e o menino, tudo bem, eles vão gostar. Mas, para mim, não precisa - repetiu.

A conversa foi encerrada ali. Manolo, ainda sem graça, despediu-se de José, deixando-o sozinho na varanda da casa. Dirigiu-se para o seu quartinho, lá nos fundos. Apesar do ligeiro constrangimento que a recusa de José lhe causou, estava eufórico. Finalmente, ia começar a andar com suas

próprias pernas, ter sua casa, realmente entrar na vida adulta.

## 60

Julho de 1918.

Manolo trabalhava agora em duas obras, dois prédios de três pavimentos cada um, no centro da cidade. Pertenciam ao mesmo dono, Armando Tavares, que já assediava Manolo mesmo antes dele terminar a obra do Bandeira. De todas as propostas que recebeu aquela foi a melhor, já que tocava duas obras ao mesmo tempo, uma perto da outra. Tavares, dono e sócio de várias empresas na cidade e até na capital do Estado, atento ao vertiginoso crescimento da cidade impulsionado pela febre da lavoura do café, comprara os dois terrenos alguns anos antes. E, como o local precisasse urgentemente de prédios comerciais, foi o que decidiu construir. Locais onde poderiam ser instaladas farmácias, padarias, escritórios de advogados e contadores, consultórios médicos e dentários.

Manolo levou consigo alguns operários da obra terminada do Bandeira, que aceitaram agradecidos a nova proposta de emprego. O espírito de liderança de Manolo, aliado à sua competência profissional, fizeram-no respeitado na cidade.

Mantinha sua mesma rotina de trabalho, chegando na obra antes das sete da manhã e só a deixando já noite escura, depois da sete da noite. Como já havia feito na construção da casa do Bandeira, não era de ficar somente supervisionando. Pegava sua pá e as demais ferramentas e metia a mão no cimento. Literalmente.

Mas, sua importância maior estava mesmo na orientação aos operários. Eles eram muito brancos, só

faziam aquilo que lhes era ordenado, não tinham o menor senso de iniciativa própria. Ensinou-os a preparar os alicerces, cortar o ferro na medida certa, preparar as armações de madeira onde o cimento misturado com a pedra britada iria ser despejado. Depois, as vigas, mostrando-lhes qual seria a grossura correta, a medida que deveriam ter. Às vezes, chegava a discordar das plantas elaboradas pelos engenheiros, discutindo com eles detalhes técnicos e, muitas vezes, fazendo-os corrigir erros grosseiros de construção. Sua prática suplantava em muito a teoria de engenheiros recém-formados, que ainda não tinham a experiência necessária para elaborar cálculos e plantas de construções. Em pouco tempo tornou-se amigo de vários deles, que o procuravam com frequência para trocar ideias ou tirar algumas dúvidas sobre plantas que iriam elaborar.

Aos domingos, não deixava de visitar José, às vezes levando Juanito para passear na praça, outras vezes a um circo ou parque de diversões. Gostava muito do menino, estabelecendo-se entre os dois uma amizade muito forte, quase cumplicidade. Guardavam pequenos segredos entre eles, Juanito adorava ouvir as histórias contadas pelo tio.

O resto daquele ano transcorreu sem novidades, os dois prédios subindo rapidamente, Manolo trabalhando duro, mas vendo seu esforço sendo recompensado. Como acontecera com Bandeira, agora era Tavares quem estava encantado com o seu mestre de obras.

No final do ano, no mês de dezembro, Tavares foi visitar as obras, no fim da tarde. Já batera o sino das cinco horas, que determinava o final do dia de trabalho. Alguns dos operários tomavam um banho improvisado utilizando a água acumulada nos diversos galões de cinquenta litros, usado originariamente para armazenar óleo e aproveitado nas obras como reservatório d'água.

Manolo também se lavava junto dos operários, tentando tirar a poeira de cimento e areia que lhe cobria a pele. Cumprimentou Tavares, quando o divisou ao longe:

- “ *Seu* ” Tavares... tudo bem?

Tavares retribuiu o cumprimento com um gesto com a mão direita. Disse:

- Manolo, preciso conversar com você.

O espanhol acabou de lavar os braços, enxugando-os com uma toalha suja. Calçou os sapatos de couro nos pés já limpos e abotoou os botões da camisa. Olhou curioso para Tavares.

- O que aconteceu, “ *seu* ” Tavares? Algum problema?- perguntou.

Tavares olhou para ele, pensativo. Começou a falar, bem vagarosamente:

- Bem, Manolo, vou direto ao assunto, sabe que não sou de muito rodeios.

Fez uma pequena pausa. Continuou:

- Eu sou sócio de uma firma construtora lá em São Paulo, na capital, acho que já te disse... Estamos com problemas numa grande obra na cidade.

Manolo ouvia atentamente. Tavares prosseguiu:

- Meus sócios brigaram com o empreiteiro que estava roubando material da obra descaradamente. O caso foi parar na Polícia, o fulano parece que fugiu levando o dinheiro que lhe fora adiantado. Bem, em resumo: a obra está parada há mais de um mês, é um grande empreendimento, uma vila com vinte casas.

Manolo continuava com os olhos fixados em Tavares, sem nada dizer. Este prosseguiu:

- Os operários estão abandonando a obra, não estão recebendo, aquilo está uma bagunça. Meus sócios me comunicaram, estão sem saber o que fazer e eu pensei em você.

Manolo ouviu tudo em silêncio. Tavares continuou:

- Não queria tirar você daqui, das minhas duas obras que estão indo muito bem. Também, nem sei se você quer ou vai poder ir.

Manolo pensou um pouco antes de responder. Disse finalmente:

- Bem, " *seu* " Tavares, em princípio eu também não estava pensando em sair daqui tão cedo. Mais para frente, quem sabe, era um caso a pensar... Além disso, eu nunca trabalhei em obra tão grande. Lá na minha terra era uma casa só, quando conseguia trabalho. Estas suas obras aqui são as primeiras em que faço duas ao mesmo tempo. Não sei se seria capaz de tomar conta da construção de vinte casas de uma só vez.

Tavares rebateu:

- Não é isso, eu tenho plena confiança em você, no seu trabalho. Minha preocupação maior não é essa. É saber quem vou colocar no seu lugar aqui nos meus prédios. Afinal, esses aqui são meus, os outros lá da capital são da firma. Se escolheram mal o empreiteiro, eles é que devem encontrar a solução.

Manolo retrucou:

- Isso não seria um grande problema. O Erli, meu ajudante desde a obra do " *seu* " Bandeira, pode continuar tranquilamente tomando conta das obras daqui. Ele já conhece praticamente tudo o que deve ser feito, é só deixar na mão dele que vai seguir tudo em ordem até o fim. Além disso, o senhor está vendo, a parte mais difícil das construções já está feita, os alicerces, as vigas, as paredes de tijolos... agora, é só a fase hidráulica, elétrica e acabamento. De qualquer jeito, o senhor vai ter que contratar gente especializada para essa parte, o Erli vai apenas supervisionar. Como iria acontecer se eu estivesse aqui.

- Bem, vou pensar um pouco mais sobre isso - disse Tavares. - Nesse meio tempo, vou saber deles lá na capital

o que eles vão te pagar em matéria de salário, como vão te alojar por lá, esses detalhes.

Manolo estava eufórico. Seria a grande oportunidade de ir para um centro maior, consolidar seu nome, guardar mais um dinheirinho. Apesar de ser uma quarta-feira, dirigiu-se à casa de José. Estava louco para contar a novidade, saber a opinião do irmão mais velho.

José estava jantando quando Manolo bateu à porta da casa. Juanito veio correndo abri-la, enganchando-se logo nos braços do tio. Manolo entregou-lhe o costumeiro saco de balas. Dirigindo-se até a copa com o menino pendurado em seu pescoço, cumprimentou José e Matilde:

- Boa noite, Pepe, boa noite Matilde.

José levantou os olhos do prato de sopa. Respondeu:

- Boa noite, Manolo. O que te traz aqui, no meio da semana? Alguma novidade?

Manolo sentou-se em uma cadeira junto à mesa.

- Quer jantar, Manolo? Espera aí que vou pegar um prato para você - perguntou Matilde, levantando-se:

- Se não der trabalho, Matilde, estou mesmo com fome.

Virando-se para José, disse, sorriso aberto na boca:

- Sim, Pepe, tenho uma grande novidade para te contar.

Fez silêncio, como que saboreando a notícia que tinha para dar. Finalmente, começou:

- Fui convidado para tocar uma obra grande lá em São Paulo, na capital.

José olhou para o irmão, surpreso. Perguntou, após um instante de silêncio:

- Verdade mesmo? E onde vai ser? Vai ganhar mais?

Matilde voltava com o prato da cozinha, colocando-o na frente de Manolo. Este foi se servindo, colocando o arroz, o feijão, a farinha, a salada e a carne no prato.



- Sim, Pepe, é verdade, acabei de receber o convite agora à tarde, lá na obra. Foi o próprio “ *seu* ” Tavares quem fez o convite. É uma obra grande da firma dele lá da capital, na Freguesia do Ó, acho que é esse o nome. Trata-se de um bairro novo, que está crescendo muito e a obra vai ser a construção de vinte casas numa vila.

Mastigou um pedaço de carne, engolindo-o vagarosamente. Continuou:

- A obra já está iniciada, mas parece que o empreiteiro deu um desfalque, fugiu com o dinheiro que lhe foi adiantado e pararam os trabalhos. “ *Seu* ” Tavares quer que eu vá para lá terminar a construção.

Explicou os outros detalhes que lhe foram passados pelo Tavares. Sim, iria ganhar mais, ia ter casa para morar lá na capital, talvez já pudesse fazer um “ pé de meia ” razoável.

Terminado o relato, José também abriu um sorriso de satisfação.

- Fico contente com isso, Manolo. Tinha certeza de que você venceria em pouco tempo aqui no Brasil, como realmente aconteceu. Agora, é colocar a cabeça no lugar, trabalhar duro, guardar seu dinheirinho e decidir o que vai fazer no futuro. O que você pensa sobre isso? Pretende voltar para a Espanha? Continuar no Brasil?

Manolo continuava a comer. Após engolir mais uma colher de arroz e feijão, respondeu:

- Não sei, Pepe, realmente não sei. Isso ainda está muito distante para mim. Estou muito feliz aqui no Brasil, adaptei-me facilmente ao país, ao povo, me dou bem com todo mundo. Tem horas em que me dá muitas saudades lá da Espanha, mas isso vai ficando cada dia mais para trás. Minha realidade hoje é aqui no Brasil, aqui é que vou me estabilizar na vida. Mais à frente, daqui a uns vinte anos, quem sabe, talvez volte à Espanha... - brincou.

- Você precisa é casar - brincou Matilde.

- É verdade - confirmou José. - Arranja uma moça bonita daqui, casa, bota um monte de filhos no mundo, aí você se estabiliza de vez.

Manolo retrucou, sorrindo:

- Não, não penso nisso agora. Primeiro, tenho que fazer meu "pé de meia", guardar um dinheirinho, comprar uma casinha, um carro, talvez... Mas, isso só vem com o tempo.

- É verdade - divagou José. - Só o passar do tempo é que assenta as coisas nos seus lugares...

# 61

A vida na capital era totalmente diferente daquela a que se acostumara em Ribeirão Preto. A cidade grande parecia querer engoli-lo, sentia-se como um pequeno grão de areia naquele povaréu de gente, ruas e prédios. Em Ribeirão, no pouco tempo que ali passou, já conhecia quase todo mundo, cumprimentava e era cumprimentado pelas pessoas na rua. Em São Paulo, era mais um anônimo na multidão de gente que andava apressada para cima e para baixo nas ruas da cidade.

A Freguesia do Ó era um bairro situado na zona noroeste de São Paulo, no antigo caminho que levava a Campinas, no interior do Estado. Era relativamente bem distante do centro, levando-se mais de uma hora para ali chegar. Não era mais que um vilarejo, com poucas casas construídas em volta da Igreja Matriz. As ruas ainda não eram calçadas, não havia rede de esgotos ou água.

Manolo, quando ali chegou, foi recebido por Amadeu Pereira, um sujeito corpulento, aparentando ter mais de cinquenta anos, ventre volumoso, grossos bigodes negros sobre o lábio superior. Era um dos sócios da firma do Tavares e fora por este avisado da chegada de Manolo.

- Bom dia - disse Manolo, estendendo-lhe a mão direita.- O senhor é o " *seu* " Pereira?

O homem, que estava conversando com um dos operários, não retribuiu o gesto de estender a mão para o cumprimento. Manolo estranhou, mas nada disse, recolhendo humildemente sua mão. " *Eles não devem ter o costume de cumprimentar-se com um aperto de mão, deve ser isso*", pensou.

Pereira olhou-o de alto a baixo, examinando-o cuidadosamente. Manolo trajava a sua melhor roupa, um

terno que mandara fazer em Ribeirão Preto, calça e paletó, sem gravata.

- Sim, meu nome é Amadeu Pereira - respondeu, continuando a examinar Manolo. - E o senhor, quem é? - indagou.

- Manuel Blando. O senhor Tavares, lá de Ribeirão Preto, mandou que eu procurasse o senhor aqui.

Pereira continuava a olhar fixamente para Manolo, o que lhe causou um certo constrangimento. *“O que esse camarada está olhando tanto para mim? Será a minha roupa? Minha aparência?”*, imaginou.

- Ah! o mestre de obras. O senhor é espanhol?

- Sim - respondeu Manolo sorrindo. - O senhor deve ter percebido pelo sotaque...

Pereira não retribuiu o sorriso. Continuou de cara fechada. Perguntou:

- Veio quando da Espanha para o Brasil?

Manolo olhou para ele curioso. *“Por que ele queria saber daquilo tudo?”*.

- Tem quase dois anos - respondeu. - No final de 1916.

- Ah! bom - o outro exclamou, parecendo aliviado.

Manolo não conseguiu conter a curiosidade:

- Por que o senhor quer saber quando cheguei? - perguntou.

- É por causa da “espanhola”, o senhor não ouviu falar dela? - retrucou Pereira.

- “Espanhola? Que espanhola”? - voltou a indagar Manolo, sem saber do que se tratava.

- A gripe, meu amigo, a gripe “espanhola” - respondeu Pereira. - Está matando mais gente que a guerra na Europa. E já chegou aqui no Brasil, no mês de outubro.

Manolo não sabia de nada. Em Ribeirão Preto, dificilmente lia jornais ou escutava rádio. As notícias demoravam a chegar lá e as pessoas com quem conversava

eram apenas os operários das obras, além de José e Matilde. Ninguém lhe falara nada sobre epidemia de gripe, ainda mais gripe espanhola.

Olhou surpreso para Pereira:

- Mas, essa gripe está matando mesmo? - perguntou.

- Agora parece que está chegando ao fim. Mas, matou muita gente em outubro e novembro. E não foi só aqui na capital não, foi no Brasil inteiro. No Rio de Janeiro também morreu muita gente, o mesmo acontecendo no norte e nordeste.

- E como ela chegou aqui no Brasil? - voltou a indagar Manolo.

- Foram alguns marinheiros brasileiros que prestavam o serviço militar em Dakar, na África, que trouxeram ela para cá. Mas, na Europa toda ela se espalhou, principalmente na Espanha, onde morreu o maior número de vítimas. O senhor não ouviu falar mesmo nada sobre ela quando saiu de lá?

- Não, não ouvi não senhor. Vim da Espanha direto para Ribeirão Preto e não saí mais de lá desde que estou no Brasil.- respondeu.

- Ainda bem que o senhor escapou dela. Mas, fique preparado, meu amigo, o pessoal daqui não vai receber o senhor de braços abertos, não. Ainda choram a morte de muitos parentes e para eles qualquer espanhol que passe por aqui é culpado por ter trazido a gripe. Eles são muito ignorantes, muito provincianos, olham com desconfiança qualquer pessoa de fora, ainda mais agora, sendo o senhor um espanhol. - explicou Pereira.

*"- E eu que estava tão bem lá em Ribeirão "*. - murmurou Manolo, baixinho.

Pereira ouviu o resmungo e disse:

- Mas, não importa, o senhor vai superar isso tudo. O importante é o trabalho que vai ter aqui pela frente, que não vai ser fácil, não. Como o senhor vê, as obras estão

praticamente paradas, ninguém quer trabalhar. Não conseguimos arranjar um outro empreiteiro competente, por isso recorreremos ao Tavares. Ele nos contou maravilhas sobre o seu trabalho lá em Ribeirão.

- O senhor pode me mostrar as obras? - pediu Manolo.- Quero ver tudo, ver o estado atual, fazer um levantamento nem que seja por alto.

- Pois não - retrucou Pereira. - Queira me acompanhar, por favor.

Pereira agora parecia mais solícito, mais afável. Parece que o receio que tinha era que Manolo, sendo espanhol, estivesse infectado com a gripe que matara muito gente na cidade. Agora se mostrava mais cordial, querendo achar uma solução para o problema que tinha nas mãos.

Manolo e Pereira entraram na vila de casas em construção, ainda na fase de assentamento das fundações e alicerces. Eram imóveis tipo popular, dois quartos, sala, cozinha e banheiro, com um pequeno quintal nos fundos. Destinavam-se à população da localidade, composta de trabalhadores de classe operária, que não iriam exigir muito luxo nas moradias, e sim, funcionalidade. Seriam dez casas de cada lado do terreno, com uma área de circulação no meio. Alguns operários, talvez uns dez, perambulavam pelo local à espera de uma definição dos donos da obra, se iriam ou não prosseguir na construção. Manolo cumprimentou-os rapidamente, recebendo de volta apenas um leve e seco aceno com a cabeça.

- O pessoal daqui é trabalhador, " *seu* " Manuel. - comentou Pereira. - Mas, está todo mundo preocupado com a devastação que a gripe causou na cidade e que talvez tenha sido o motivo do nosso empreiteiro anterior ter fugido com parte do dinheiro que lhe foi entregue. Ninguém sabe o que irá acontecer daqui para frente, tudo está incerto, nebuloso.

Chegando às duas últimas casas da vila, Manolo indagou:

- Bem, " *seu* " Pereira, acho que não haverá problema em continuar com as obras. Mas, haverá dinheiro para comprar o material de que vou precisar?

- Para agora, de imediato, temos dinheiro em caixa. Mas, daqui a dois, três meses, vamos ter que recorrer a empréstimos bancários. Ainda bem que nossa firma é bem conceituada na praça, acho que não haverá problemas quanto a isso. Em que estado o senhor acha que as obras estarão daqui a três meses?

Manolo voltou a olhar para a construção ainda na fase inicial. Respondeu, depois de alguns minutos em silêncio:

- Bem, se as fundações e os alicerces estiverem em ordem e se tiver que prosseguir daqui, acredito que atingiremos a cumeeira nesse período. Mas, se tiver que reforçar as fundações, aí vai atrasar mais um pouco, talvez um mês, um mês e meio. Bem, isso também vai depender de quantos operários vou ter trabalhando em cada casa.

Pereira pareceu ficar entusiasmado com a resposta de Manolo. Não esperava que ele conseguisse adiantar tanto o andamento da obra em tão curto espaço de tempo.

- Bem, nós tínhamos cinco operários em cada casa.- respondeu. - O senhor acha que é suficiente?

- Não, é muito. Só vou precisar de quatro pedreiros em cada uma - respondeu Manolo, surpreendendo Pereira mais uma vez. - Mas, quero gente de qualidade e carta branca para despedir quem não corresponder.

- Ótimo, ótimo - retrucou Pereira, esfregando as mãos de satisfação. - E, quando o senhor pretende começar?

- Agora mesmo, se o senhor permitir - rebateu Manolo na mesma hora. - Deixe-me conversar com os operários que estão aqui. Se o senhor puder encontrá-los, queria conversar também com os outros que irão trabalhar na obra. O senhor pode mandar chamá-los para mim?

Pereira ficou surpreso com a vontade e o arrojo de Manolo. Não esperava encontrar alguém tão decidido assim. Bem que o Tavares, lá de Ribeirão Preto, dissera que ele seria o homem certo para resolver o problema.

Manolo dirigiu-se ao grupo de operários, que estavam em frente à vila, observando sua conversa com Pereira. Alguns estavam sentados, outros de cócoras, outros deitados. Jogavam cartas.

- Bom dia, pessoal. Meu nome é Manuel Blando, mas podem me chamar de Manolo. Fui contratado pelo " *seu* " Pereira aqui para dar prosseguimento nas obras que vocês começaram. Quem está disposto a continuar trabalhando comigo?

Os homens olharam para ele, curiosos. Desconfiados, procuravam estudá-lo. Alguns repararam logo no seu sotaque espanhol, passando a olhá-lo meio de lado. Ninguém respondeu.

Manolo continuou:

- Bem, eu preciso saber logo quem quer continuar a trabalhar, porque do contrário vou ter que contratar outros operários. Quero retomar os trabalhos da obra ainda hoje.

Um deles, continuando de cócoras, perguntou:

- Mas, e os dias em que a obra ficou parada? Nós vamos receber?

Outro emendou:

- Afinal de contas, não foi culpa nossa ela ter parado. Nós continuamos aqui mesmo, chegando todo dia na hora do trabalho começar.

Pereira apressou-se a responder:

- Nós iremos pagar a vocês esses dias, para aqueles que continuaram a vir aqui todos os dias. Só que vai ser em três parcelas, está certo?

Os homens conversaram rapidamente entre eles. Um deles levantou-se e disse:



- Está certo, “ *seu* ” Pereira, nós continuamos a trabalhar.

Depois, virando-se para Manolo, perguntou:

- O senhor me desculpe, “ *seu* ” Manuel, mas o senhor pegou a gripe? Afinal de contas, o senhor é espanhol, a gente já percebeu.

Manolo sorriu. Respondeu, mesmo sem saber de praticamente quase nada sobre a gravidade da epidemia.

- E você acha que eu estaria aqui, forte como um touro, se tivesse pegado a gripe?

Os homens riram. Cipriano, o operário que interpelara Manolo, tentou se justificar:

- O senhor desculpe ter perguntado, mas morreu tanta gente na cidade e aqui na Freguesia, inclusive parentes nossos, que a gente nunca sabe.

- Tudo bem - retrucou Manolo - eu compreendo. Eu também ficaria com medo se estivesse no seu lugar.

Os homens pareceram ficar mais confiantes. Manolo quis saber o nome de cada um deles. Estendeu-lhes a mão direita. Alguns ainda tiveram receio em apertá-la, mas depois de olharem para os outros que retribuíram o gesto, também os imitaram.

Dos dez que ali estavam, designou um para ser o chefe dos operários de duas das casas em construção.

Disse, dirigindo-se a todos:

- Bem, amanhã espero ter os demais operários aqui para darmos início às obras. Hoje, quero conversar com cada um de vocês sobre o estado em que realmente se encontra cada uma das casas. Está certo?

Todos assentiram, alguns com um gesto com a cabeça, outros respondendo afirmativamente.

Chamou Cipriano, que era um negro forte, alto, com quase um metro e noventa de altura, parecendo ser o líder dos homens:

- Cipriano, vamos começar com você, que vai ficar responsável pelas casas número um e dois, essas aqui na frente, no início da vila. Venha me mostrar o que foi feito nelas até agora.

Dirigiu-se a Pereira:

- “ *Seu* ” Pereira, por favor, tente contratar os outros operários de que vou precisar. Mais três para cada obra, está certo? E, por favor, aguarde eu fazer a inspeção das casas com o pessoal aqui, pois quero lhe dar uma lista do material de que vou precisar para retomar os trabalhos.

Já no fim da manhã, por volta das onze e meia, todas as casas foram examinadas.

Manolo voltou até o início da vila, onde Pereira o aguardava. Este o olhou interrogativamente.

- Bem, algumas das fundações vão ter que ser reforçadas - disse Manolo. - Mas, não é coisa muito grave, não. Dois ou três dias de trabalho a mais. O senhor me desculpe a franqueza, mas fizeram um trabalho muito porco por aqui. O concreto das fundações está muito ralo, foi colocada muita areia na mistura, pouco cimento e pouca pedra. Mas, isso a gente conserta logo.

Pereira comentou:

- Eu sempre desconfiei daquele empreiteiro, bem que avisei meus sócios. Mas, eles lá de São Paulo, sentados nos seus confortáveis escritórios, acham que sabem de tudo. Pouco vieram aqui ver como estava o andamento das obras. Bem, “ *seu* ” Manuel, o que o senhor vai precisar de material?

- Eu preferiria ir junto com o senhor comprar esse material. Assim, eu vejo o que vou precisar, escolho se tiver mais de uma marca ou fabricante, e até tento um desconto para a obra. São vinte casas, muito material, eles certamente vão dar um bom desconto.

Pereira, ao mesmo tempo em que ficou satisfeito por Manolo tomar a iniciativa de escolher e comprar o material,

já que entendia pouco daquilo, também ficou preocupado. Disse:

- Tudo bem, “ *seu* ” Manuel, o senhor me tira uma obrigação das costas. Mas, lá em São Paulo, a revolta contra os espanhóis está muito forte. Já depredaram várias lojas, vários estabelecimentos de comerciantes da sua terra. Na sua ignorância, eles pensam que os espanhóis são os culpados pela gripe e querem expulsá-los do Brasil. Até gente com instrução pensa assim. Nos jornais, há uma campanha velada contra os seus patrícios. Quando perceberem o seu sotaque, não sei o que pode acontecer.

- Mas, a situação foi tão grave assim? - perguntou Manolo outra vez. - Engraçado que lá em Ribeirão não ouvi comentar nada, ninguém me perturbou.

- Talvez porque já o conheciam, sabiam quando o senhor chegou da Espanha. Mas, aqui na capital, não sei não, estou preocupado. Aqui na Freguesia, depois que os operários espalharem que não têm nada a temer, o senhor não precisa se preocupar. O povo daqui é simples, muito hospitaleiro, trata bem as pessoas que vêm de fora. A miserável dessa gripe, que matou tanta gente, é que tornou todo mundo desconfiado. Lá em São Paulo, ela foi devastadora, não tinha mais lugar para enterrar quem morria. Ainda bem que agora parece que ela chegou ao fim. É só um ou outro caso isolado.

Manolo retrucou, decidido:

- Não, eu faço questão de acompanhá-lo. Preciso conhecer a capital, saber quem são nossos fornecedores. Eu preparo a lista do material, o senhor mostra para o vendedor das lojas, eu fico do lado. Vou falar o mínimo possível, só o necessário, só vou dar um palpite aqui, outro ali, mesmo assim me dirigindo em voz baixa para o senhor. Ninguém vai perceber, pode estar certo.

Pereira pareceu ficar convencido. Perguntou:

- Tudo bem, então. E quando o senhor pretende ir comprar esse material?

- Agora mesmo, se o senhor puder ir - respondeu prontamente Manolo. - Quero ver se eles entregam tudo amanhã para prosseguir com a obra. O que tem aqui de material dá para um, dois dias, no máximo. Vou precisar logo da nova entrega.

Pereira, mais uma vez, ficou surpreso com a disposição de Manolo. Ele, ali em pé, mal chegado de uma desgastante viagem de Ribeirão Preto a São Paulo e depois da capital até a Freguesia, não denotava aparentar o menor cansaço. Pelo contrário, sua disposição para o trabalho era realmente de surpreender. Com a mala surrada com suas roupas ao seu lado, parecia ansioso para começar logo a trabalhar.

Pereira disse:

- Bem, vamos ao menos deixar sua bagagem na casinha que a firma alugou aqui para o senhor. Depois, a gente vai até São Paulo.

Dirigiram-se até uma pequena camionete ali perto estacionada.

- Pode subir, " *seu* " Manuel. O meu carrinho não é novo, mas aguenta bem o tranco dessas estradas esburacadas - convidou Pereira, sorrindo.

## 62

Realmente, como previra Pereira, os primeiros dias de Manolo foram bem difíceis no novo trabalho.

Ainda estava muito viva na memória da população a tragédia que a epidemia da gripe espanhola causara no povo paulistano.

Quando foi a São Paulo com Pereira, ficou espantado com o tamanho da cidade. Apesar de por ela ter passado rapidamente por duas vezes, quando chegou de Santos e ia para Ribeirão Preto com o irmão e quando veio de lá para se dirigir à Freguesia do Ó, foram passagens apenas pelas estações de trem, desembarcando de um e embarcando em outro.

Agora, ao lado de Pereira, na camionete por este dirigida, é que realmente via de perto como era grande a cidade. Nos bairros periféricos, as construções ainda eram, na sua maioria, de casas baixas, de um ou dois andares no máximo. Mas, à medida que se aproximavam do centro, a altura dos prédios ia aumentando. Quando pegaram a Avenida São João, divisou vários edifícios com seis ou sete andares. E a população parecia andar apressada, para cima e para baixo, qual um bando de formigas.

Nunca tinha visto tanta gente junta na vida. Lá na Espanha, fora criado em cidade pequena, na zona rural da Galícia. A maior que vira fora Vigo, no dia de seu embarque para o Brasil. E, aqui, praticamente só conhecera Ribeirão Preto.

Mas, não pode deixar de perceber, à medida que a camionete de Pereira alcançava as proximidades da rua Direita, que os sinais da epidemia da espanhola estavam nítidos por todos os lugares por onde passavam. As pessoas ainda usavam lenços tampando o nariz e a boca, olhavam

desconfiadas para os lados, como se buscassem o inimigo invisível. Passaram, no caminho, por um grande hospital e o cenário era de caos completo. Do lado de fora, uma multidão parecia esperar alguma coisa. Talvez serem atendidos numa consulta, talvez procurando por notícias de um parente ou amigo.

- Foi esse o rastro de devastação que a espanhola nos deixou, " *seu* " Manuel - comentou Pereira. - Por isso, lhe peço, evite falar o menos possível quando formos encomendar as mercadorias. Não quero ver nenhuma reação hostil contra o senhor. O povo é muito ignorante, o senhor deve saber disso, e sempre quer encontrar um culpado para suas desgraças.

Manolo concordou com um gesto com a cabeça, sem nada dizer. Estava com os olhos bem abertos, arregalados, ao mesmo tempo surpreso e admirado com a paisagem passando rapidamente ao seu lado, pelo vidro do veículo. Outros carros cruzavam com o de Pereira, bondes elétricos repletos de passageiros trafegavam pelas ruas. Aliás, os bondes eram engraçados. Fechados, vermelhos, pareciam caixotes de metal abarrotados de gente. Eram apelidados de "camarões". Um barulho enorme de buzinas dos carros, do atrito das rodas de ferro dos bondes com os trilhos fincados no chão. Manolo nunca vira nada igual.

Enfim, chegaram a uma das lojas. Estacionaram a camionete ali perto, atrás da Praça da Sé e se dirigiram até lá a pé. Manolo ficou ao lado de Pereira, encostado no balcão, enquanto este abria a lista com a relação do material. Ia perguntando se tinha isso ou aquilo, quais as marcas disponíveis e olhava para Manolo, interrogativamente. Este fazia um sinal com os dedos das mãos, escolhendo o material a ser comprado. O empregado da loja ficou curioso, percebendo que Manolo não falava.

Perguntou a Pereira:

- O que o seu empregado tem, “ *seu* ” Pereira? Não pode falar?

Pereira respondeu, tentando conter o riso:

- Não, ele pegou uma gripe danada, ficou muito rouco e a voz sumiu.

- Que gripe? - perguntou o balconista, espantado e dando um passo para trás. - Não foi a “espanhola”, foi?

- Não, fique sossegado - respondeu Pereira sorrindo. - A dele foi nacional mesmo, brasileira das vagabundas, não foi estrangeira.

O balconista acalmou-se. Pereira continuou a pedir as mercadorias da lista, Manolo dava um palpite aqui e ali, tomando muito cuidado para não abrir a boca. Terminada a compra, Pereira disse:

- Olha, eu quero essa mercadoria entregue para amanhã. A obra já está atrasada e não posso perder nem mais um dia. Se precisar, eu falo com seu patrão...

- Não, não precisa. Amanhã vai estar lá, com certeza - retrucou o balconista.

Saíram da loja, visitaram mais umas outras duas, encomendaram mais alguma coisa.

Às sete da noite estavam de volta à Freguesia.

Pereira deixou Manolo em frente à casa alugada para o espanhol, despedindo-se.

- Até amanhã, “ *seu* ” Manuel. Estarei cedo na obra.

Manolo retribuiu o gesto de despedida. Disse:

- Ah! E, por favor, “ *seu* ” Pereira: chame-me de Manolo. Já nem me lembrava mais que meu nome era Manuel. - disse, com um sorriso nos lábios.

Entrou na casinha, tirou a roupa, tomou um banho refrescante. Seu primeiro dia na nova cidade,

Outras portas começavam a ser abertas...

## 63

Mesmo lá na Freguesia do Ó, apesar de andar sempre em companhia do Pereira quando estava fora da obra, a população local continuava a olhá-lo com desconfiança.

- Isso é normal - disse Pereira, enquanto saboreavam uma cerveja num barzinho das redondezas, após mais um dia duro de trabalho. - O pessoal do interior é muito desconfiado, não aceita os estranhos logo de cara. O senhor mesmo já deve ter sentido isso quando chegou a Ribeirão Preto.

- Sim, só um pouco no início - retrucou Manolo. - Mas, eles logo me aceitaram, não demorou nem dez dias todo mundo já me cumprimentava, falava comigo. Aqui não, parece que eles são mais fechados, oferecem mais resistência em fazer novos amigos.

- Isso é normal - repetiu Pereira, virando um gole de cerveja e estalando a língua. - Aqui, a maioria da população é de imigrantes como o senhor, predominando os italianos. Mas, tem de tudo: português, espanhol, alemão, até japonês. Vieram para cá em navios como o senhor veio, fugindo da miséria em seus países de origem. Quando aqui chegaram, a Freguesia do Ó era apenas uma parada do trem e de carroças que iam e vinham de Campinas, uma outra cidade grande do interior do Estado. Aqui eles se estabeleceram, construíram suas casinhas em volta da estação do trem, o bairro foi crescendo. Como não é muito longe do centro de São Paulo, tem gente que trabalha lá e mora aqui, que é mais calmo e onde se encontram casas mais baratas.

Bebeu outro gole de cerveja. Continuou:

- Eles comeram o pão que o diabo amassou lá nas terras deles. Aqui é que conseguiram ter sua casinha onde



morar, onde passaram a comer melhor. Por isso, como são praticamente os descendentes dos fundadores da localidade, fecharam-se muito entre eles mesmos. Até comigo, que sou brasileiro, mas morava em São Paulo. Quando decidi vir morar aqui porque era mais calmo que a capital, fui recebido com algumas reservas no início. Só me aceitaram depois que minha firma começou a investir em construções por aqui, isso depois de uns dois, três meses. Quem dirá em relação ao senhor, que é europeu como eles, talvez pensem que veio para cá para disputar as terras, quem sabe o quê. É um pessoal muito humilde, muito bronco, a maioria só sabe escrever o nome, vivem da lavoura e do comércio. Agora é que os filhos deles estão começando a frequentar escolas, pegando instrução. Fora isso, ainda tem o problema da gripe espanhola... Essa sim, foi de arrasar...

- Mas, o senhor não tem falado para eles que eu cheguei ao Brasil muito antes da gripe? - perguntou.

Pereira respondeu:

- Tenho falado sim. Mas, eles são assim mesmo, muito ignorantes. O senhor precisava ver como mesmo os espanhóis que já estavam radicados aqui sofreram quando a gripe começou, há uns três meses atrás. Começaram a olhá-los de lado, deixaram de cumprimentá-los, quiseram interditar suas casas, alguns até pediram que eles se mudassem daqui. Que absurdo, gente que já morava aqui há mais de vinte anos... Fui um dos primeiros a me rebelar contra isso e parece que funcionou um pouco. Como eu sou brasileiro, eles me respeitam, ouvem o que eu falo... Porque, do contrário, seriam até capazes de linchar os pobres dos espanhóis... - concluiu rindo.

O português, dono do barzinho, ouvia atentamente a conversa dos dois, por trás do balcão. Pereira o chamou:

- Ô Manuel, vem cá.

O lusitano saiu vagorosamente do lugar onde se encontrava, caminhando em direção à mesinha com tampo de mármore onde estavam Pereira e Manolo.

- Venha tomar um copo de cerveja com a gente e conhecer um teu xará, que é o meu atual mestre de obras. - convidou Pereira.

O português olhava desconfiado para os dois. Pegou um copo em cima do balcão, também de mármore. Puxou uma cadeira e sentou-se:

- Manuel, esse aqui é o " *seu* " Manuel, meu novo mestre de obras. Finalmente, consegui encontrar alguém competente, depois que aquele safado roubou nossa firma - apresentou Pereira.

Manolo estendeu a mão direita para o português. Este olhou para ele, desconfiado, hesitando em retribuir o gesto:

- Pode apertar a mão dele sem medo, Manuel - disse Pereira. - Ele é espanhol, mas já está no Brasil muito antes da gripe chegar aqui.

O português, ainda hesitando, estendeu também sua mão direita, apertando a de Manolo.

- Quer dizer que não tem perigo de eu também pegar a gripe, " *seu* " doutore? - perguntou, com o seu sotaque lusitano bem carregado.

- Não, não tem perigo não - respondeu Pereira. - Se tivesse, eu e os operários lá da obra já estaríamos todos com ela e de cama a essa hora.

Aí o português descontraíu-se um pouco mais. Abriu um sorriso. Dirigiu-se a Manolo:

- Bem, " *seu* " Manuel, se o senhor é homem de confiança do " *seu* " Pereira, seja bem vindo à Freguesia. Ele é quem manda aqui no bairro, a palavra dele aqui é lei.

Manolo retirou sua mão da do português.

- Muito obrigado, " *seu* " Manuel - disse. - E pode me chamar de Manolo, fica mais fácil para nós que somos dois

com o mesmo nome.

- Está certo, " *seu* " Manolo.

Ficaram ali batendo papo por quase uma hora, trocando ideias sobre o andamento da obra, as coisas da cidade, os problemas locais, a epidemia da espanhola, etc...

Somente depois dessa conversa amistosa com o dono do barzinho é que Manolo viu serem retribuídos os cumprimentos que dirigia aos demais moradores da cidade. Quando chegava à noitinha do trabalho, cumprimentava na calçada de sua casa algumas senhoras que conversavam nas janelas de suas moradias. De manhã, quando ia para a obra, cumprimentava algum morador da cidade que também se dirigia cedo para o respectivo local de trabalho. A cervejinha depois de um dia cansativo na construção das casas passou a ser um hábito diário, quase sempre na companhia de Pereira, às vezes junto com Cipriano, outras vezes mesmo sozinho. Gostava de conversar com o português Manuel, o dono do bar. Apesar de não serem originários do mesmo país, ambos eram europeus e suas pátrias de origem eram vizinhas, além das línguas serem parecidas. Ali matava as saudades de casa, tamanhas eram as semelhanças dos lugarejos de origem dos dois.

E, assim, os dias, as semanas e os meses de 1919 se sucederam, as casas da vila iam subindo nos tijolos, nas paredes, finalmente na armação de madeira do telhado. Impressionante, todas elas no mesmo estágio de construção. Parece que o método de trabalho de Manolo, designando um operário para ser o responsável pelas obras de duas das casas, produziu resultados. Cada um deles parece que competia com os outros, não querendo deixar que o "concorrente" concluísse a obra antes. Manolo supervisionava e dirigia os trabalhos de todas as casas, mas deixava a cargo do responsável por cada uma determinar a velocidade da construção.

Teve ainda que corrigir alguns defeitos que os operários tinham, aqueles mesmos que encontrara nos trabalhadores de Ribeirão Preto. Uma certa indolência, que o caráter de competição entre as casas praticamente acabou. Alguns equívocos na mistura correta do cimento e da pedra, do cimento e da areia. Fora isso, tudo corria em seus trilhos, com os pagamentos semanais sendo efetuados todos os sábados, o que deixava contentes os operários.

No começo de junho de 1919, pouco mais de cinco meses após a chegada de Manolo à Freguesia do Ó, a parte estrutural das casas estava pronta, chegara a hora de entrarem em ação o bombeiro hidráulico e o electricista. Os tijolos já assentados, agora seriam feitos os rasgos nos mesmos para que passassem os canos das redes hidráulica e elétrica.

Manolo, já perfeitamente adaptado ao lugar, até acompanhara Pereira algumas vezes nas idas a São Paulo. A fase epidêmica da espanhola já passara, agora eram só comentários distantes. Pouca gente se lembrava dos seus efeitos catastróficos, decorrido tão pouco tempo. Nessas viagens com Pereira, regateava preços de mercadorias, solicitava descontos, prometia novas compras, tornou-se rapidamente conhecido dos principais fornecedores do material de construção da capital paulista.

- Bem, " *seu* " Pereira, agora o serviço vai ficar mais nas mãos do bombeiro e do electricista. O que o senhor pensa fazer? Contratar só um deles para todas as casas ou dois ou três para acelerar o fim da obra? - perguntou Manolo enquanto voltavam para a Freguesia na camionete, depois de mais uma rodada de compras na capital.

- O que você acha, Manolo? - indagou Pereira, que também já chamava o espanhol pelo apelido.

- Talvez fosse melhor contratar uns três, para as outras casas não fiquem paradas enquanto eles trabalham numa

delas. Assim, a gente dividia as tarefas entre eles e o prazo final da obra ficava mais curto - respondeu.

- Mas, acontece que agora, nessa fase de instalações da água e da luz e depois quando chegar a hora do acabamento com os azulejos, ladrilhos, louças sanitárias, etc..., é que a obra fica mais cara. E, no momento temos pouco dinheiro em caixa- retrucou Pereira.

Manolo ficou em silêncio por alguns instantes. Hesitou um pouco antes de perguntar:

- O senhor me permite uma sugestão, " *seu* " Pereira?

O outro olhou para ele interrogativamente. Disse:

- Pode falar, Manolo, suas sugestões serão sempre bem vindas.

- Bem - começou o espanhol - eu não sei por que vocês aqui no Brasil não vendem uma obra ainda em construção. Isso é muito comum na Europa. E o dinheiro que vai entrando com o pagamento das prestações serve para financiar o resto da obra e até o começo de outras. É assim que muitos empreiteiros trabalham lá na Espanha, pelo menos nas grandes cidades.

Pereira ouviu atentamente e ficou em silêncio por algum tempo, como se refletisse naquilo que Manolo lhe dissera. Depois, disse:

- Bem, essa prática não é habitual no Brasil. Em primeiro lugar, porque ninguém vai empatar dinheiro na compra de uma casa que ainda vai ser construída, se não sabe se ela realmente vai chegar a lhe ser entregue. O pessoal aqui só compra o que vê diante dos olhos e um terreno vazio ou os alicerces de uma obra não são o bastante para afirmar que a casa dos seus sonhos vai lhe chegar às mãos algum dia. Por outro lado, também não é da cultura do brasileiro ficar dando dinheiro todo mês para algo de que só vai poder usufruir dentro de um ou dois anos. Finalmente, são tantas as notícias que correm por aí de obras inacabadas, largadas pela metade, de empreiteiros e

firmas construtoras desonestas, que ninguém vai se arriscar a deixar nelas o seu suado dinheirinho.

- Tudo bem, aqui pode ser diferente da Europa. Lá, realmente, os interessados compram a futura moradia ainda antes da construção começar. Porque acreditam nos construtores, que são muito sérios e as leis são muito rigorosas no caso de não cumprirem o que prometeram. Mas, nós temos um trunfo: nossas casas estão praticamente prontas. Mais dois, três meses no máximo já podem ser habitadas. Aposto que muita gente vai querer comprar algumas delas, mesmo nesta fase.

Fez uma pausa. Prosseguiu:

- Olha, lá mesmo na Freguesia, às vezes algumas pessoas passam em frente da obra e perguntam se as casas já estão vendidas, quanto irão custar, quanto tempo vai demorar para ficarem prontas, coisas desse tipo. É gente que tem suas economias guardadas debaixo do colchão e quer saber onde aplicá-las. E imóvel ainda é o melhor negócio, mesmo que seja para alugar, para renda.

E, lançou o argumento final:

- É porque vocês aqui no Brasil têm a mania de só comprar um imóvel quando o vêm pronto para morar. Mas, se conseguíssemos vender umas duas ou três casas agora, nessa fase da construção, a firma teria dinheiro para comprar o restante do material necessário para o acabamento de todas elas e ainda ficaria com um saldo em caixa. Poderiam vender com o pagamento de uns trinta, quarenta por cento de entrada e o restante financiado em cinco, dez anos, garantido por notas promissórias. Duvido que aquela italianada toda lá da Freguesia não se interessasse pelo negócio. Eles não gastam dinheiro em nada, guardam tudo que conseguem ganhar, vivem como miseráveis, mas aposto que têm um monte de dinheiro guardado.

Pereira meditava enquanto dirigia a camionete, que passava aos solavancos pela estrada esburacada que levava do centro da cidade à Freguesia.

Quando chegaram, disse:

- Pode ser que você tenha razão, Manolo. Vou levar sua sugestão ao conhecimento dos outros sócios da firma.

Despediram-se, tendo Pereira deixado Manolo em frente à sua casa.

## 64

A ideia de Manolo foi recebida, a princípio, com certo ceticismo pelos demais sócios da firma de Pereira. Mas, a influência que Tavares, o sócio lá de Ribeirão Preto exercia sobre os demais, foi decisiva.

Ele veio a São Paulo para uma reunião rotineira da diretoria da firma e o assunto foi ventilado.

Depois de ouvir atentamente a exposição de Pereira apresentando a sugestão de Manolo, os sócios se manifestaram:

- Isso é loucura. - disse um deles. - Ninguém vai empatar dinheiro numa coisa que não se sabe se vai dar certo ou não. Além do mais, a única garantia de que vão receber a casa é a nossa palavra, nada mais.

- Bem, e quem garante que eles vão pagar em dia as prestações? - perguntou outro. - Se começarem a atrasar o pagamento, ficamos na mesma, teremos que recorrer aos bancos, solicitar empréstimos.

As dúvidas eram muitas. Pereira ainda lançou o argumento de Manolo:

- Está certo, pessoal, está certo - disse ele. - A única garantia que eles vão ter é a nossa palavra e nós ainda somos novos no mercado, ninguém nos conhece para acreditar em nós e deixar seu dinheiro em nossas mãos. Mas, as casas estão quase prontas, só falta a fase do acabamento de cozinha e banheiro e o revestimento das paredes. Em no máximo três meses, vão estar no mercado.

Fez uma pausa, engoliu um gole de água. Prosseguiu:

- E quanto a eles deixarem de pagar as promissórias restantes, não se preocupem com isso. Aquele pessoal de lá já está radicado no local, todo mundo veio praticamente na mesma época da Europa, já se conhecem há mais de vinte



anos e não vão querer sujar os nomes deixando de pagar suas dívidas. E, na verdade, a maioria tem dinheiro guardado. São pão duros, não abrem a mão à toa, sabem economizar. Não confiam em bancos, guardam o dinheiro em casa mesmo e não sabem como aplicá-lo. Outros, os mais jovens, são casais começando a vida, filhos dos imigrantes primitivos, que trabalham no comércio, em alguns bancos e também não vão querer ter o nome sujo na praça.

As discussões entre os sócios continuavam. Tavares, o mais antigo deles, que deixara o tumulto da vida paulistana para ir morar no interior, pediu a palavra:

- Bem - começou - eu só tenho a dizer uma coisa. Se foi o Manolo quem fez essa sugestão, vocês podem embarcar nela de olhos fechados. Aquele homem conhece o negócio, sabe o que faz, chega a me irritar de tanta honestidade. Nele eu confio cegamente pelo que vi ele fazer lá em Ribeirão Preto e pelo que vejo, fez aqui também. Não se esqueçam de que há alguns meses atrás vocês estavam com a obra parada, sem saber o que fazer.

Pereira emendou:

- Eu assino em baixo tudo isso que o Tavares acabou de dizer.

A proposta de Manolo acabou sendo aceita. Por unanimidade.

E, como ele previa, logo que foi autorizada a venda de algumas das casas em construção, não foi preciso nem colocar alguma placa indicando que elas já podiam ser negociadas. Diariamente passavam pela calçada da vila onde as casas eram construídas alguns dos moradores tradicionais da cidade.

Observavam o andamento das obras, cumprimentavam Manolo, pediam informações sobre o tamanho das casas, quando estariam prontas, coisas do gênero. Vários deles já haviam perguntado a Manolo se seriam colocadas à venda

ou destinadas ao aluguel, prática muito comum naquela época, ou seja, a construção de imóveis para alugá-los como uma das fontes de renda que mais dava lucro.

No dia seguinte em que Pereira disse que a venda de algumas unidades fora autorizada pelos sócios da firma, um desses moradores antigos da cidade passou novamente em frente à obra. Quando o viu, Manolo gritou lá de dentro da vila:

- “ *Seu* ” Enrico, um momentinho, quero falar com o senhor.

O italiano ficou aguardando na calçada, curioso. Manolo aproximou-se, o rosto sujo de poeira e cimento, uma pá de pedreiro numa das mãos.

- Bom dia, “ *seu* ” Enrico. Desculpe não lhe dar a mão para cumprimentá-lo, mas está suja com massa. - disse.

O italiano respondeu:

- Bom dia, “ *seu* ” Manolo. O que o senhor deseja?

Manolo respirou fundo, tentando limpar a sujeira do rosto com a mão direita. Perguntou:

- Olha, o senhor tem me perguntado se a firma aqui vai vender ou alugar as casas quando estiverem prontas, não foi?

- Foi sim, “ *seu* ” Manolo - retrucou Enrico. - O senhor sabe de alguma coisa?

- Sim, senhor - respondeu o espanhol. - Ontem à noite o “ *seu* ” Pereira me disse que eles vão colocar à venda.

- Verdade? - indagou Enrico, mostrando interesse. - E o senhor sabe quanto irão pedir?

- Não, isso eu não sei. Mas, a melhor notícia é que eles vão colocar à venda imediatamente, agora mesmo, antes de estarem prontas. Já estão preparando os anúncios para colocar no jornal. Não vão esperar elas ficarem prontas - retrucou Manolo.

- É mesmo? - voltou a perguntar Enrico, não conseguindo esconder a ansiedade. - Não vão esperar que

elas fiquem prontas?

Sua estranheza tinha razão de ser. Nunca vira alguém vender alguma obra ainda em construção, antes de estar pronta para ser habitada, pois os pretendentes à compra gostavam de examinar minuciosamente o que iriam comprar, jamais compravam alguma coisa no escuro.

Manolo continuou, fazendo um pouquinho de suspense para valorizar a venda, já que percebera de imediato que o italiano demonstrara um grande interesse:

- Bem, como o senhor sempre pareceu interessado em comprar uma delas, fiz questão de avisá-lo antes, para que não perca a oportunidade e até possa escolher a casa que mais lhe agrada. E, olhe que agora ela vai sair bem mais barata do que quando estiver pronta.

Enrico voltou a perguntar

- Mas, o senhor não sabe mesmo quanto eles estão pedindo pelas casas? Sabe se vão querer o pagamento todo à vista ou vão parcelar uma parte?

- Não, isso eu não sei, "*seu* " Enrico. Mas, o senhor pode procurar o "*seu* " Pereira na casa dele e obter melhores informações.

O italiano agradeceu calorosamente, afastando-se com passos rápidos:

- Muito obrigado, "*seu* " Manolo, muito obrigado. Vou agora mesmo procurá-lo.

Manolo deu um sorrisinho de satisfação. Talvez até recebesse uma pequena comissão pelo seu trabalho de corretagem.

E, durante aquele mesmo dia, por duas vezes mais, aquela mesma cena se repetiu. Manolo teve a mesma conversa com dois outros moradores do bairro, os italianos Césare e Marco Antonio. Como fizera com Enrico, encaminhou os dois para Pereira, onde os detalhes do negócio seriam ultimados.

No fim do dia, lá pelas seis da tarde, Pereira apareceu na obra. Foi até o fundo da vila, onde Manolo guardava suas ferramentas. Chegou falando alto, tom de voz alegre, satisfeito:

- Porra, Manolo, você estava certo mesmo. Nem eu que fui criado por aqui, tinha certeza de que tudo iria acontecer como você falou. Parabéns.

Manolo tirou os pés dos tamancos que calçava, enquanto colocava seus surrados sapatos de couro.

- O que houve, " *seu* " Pereira? - perguntou, fingindo de nada saber.

- Ora, ora, Manolo, você sabe muito bem. Já acertei para amanhã a venda de três das casas. Foram os italianos que você mandou me procurar. Já fechei o negócio com eles, amanhã vou a São Paulo ver com o advogado da firma como é que vamos passar tudo para o papel. E, os três têm dinheiro vivo. O Césare, inclusive, quer pagar tudo à vista e o Marco Antonio vai me dar sessenta por cento de entrada. Só mesmo o Enrico, que é mais desconfiado, preferiu dar trinta por cento à vista e o resto em três anos. Anda logo, acabe de se lavar, vamos tomar uma cerveja lá no bar do Manuel para comemorar.

Pereira, realmente, não cabia em si de contentamento. O medo que tinha de que a obra não ficasse concluída desapareceu como por encanto de sua mente. Estava eufórico, falava sem parar.

- Porra, Manolo, você tirou um peso das minhas costas.- disse ele, enquanto puxavam duas cadeiras e se sentavam em frente a uma das mesinhas do bar. - Fui eu quem insistiu com o pessoal lá da firma para construirmos aqui, na Freguesia, que sempre considerei um local em desenvolvimento. E, pior: fui eu quem indicou aquele filho da puta do Bastos para ser o empreiteiro da obra. Não o conhecia anteriormente, mas fui levado pelas informações do pessoal daqui da Freguesia, que me disseram que ele

trabalhava com construção. Mas, confesso, o erro foi meu: devia ter pedido mais informações sobre ele, ter verificado em que locais trabalhara antes. Não fiz nada disso, doido que estava para começar logo a obra.

Manuel aproximou-se com uma garrafa de cerveja e dois copos. Depositou-os sobre a mesa e perguntou a Manolo, em tom de brincadeira:

- O nosso amigo Pereira aqui hoje está todo satisfeito, não é, " *seu* " Manolo?

- É que ele tirou a sorte grande - devolveu Manolo.

Despejaram o líquido amarelo nos respectivos copos, batendo um contra o outro, num gesto característico de brinde comemorativo. Pereira continuava a falar:

- Estou satisfeito, sim, Manuel, muito satisfeito. O nosso amigo espanhol aqui parece que caiu do céu para resolver os meus problemas. Num só dia, consegui vender três casas para a minha firma.

O português interessou-se, puxando também uma cadeira e sentando-se. Perguntou:

- Mas, o senhor já está vendendo as casas, " *seu* " Pereira? Mesmo antes de estarem terminadas?

Pereira bebeu um generoso gole de seu copo.

- Isso foi ideia do nosso amigo aqui - respondeu, batendo no ombro de Manolo. - Ele disse que muita gente se interessaria e foi o que aconteceu. Só hoje, sem anunciar nada, já vendi três delas.

Pereira continuou interessado. Perguntou:

- E por quanto, " *seu* " Pereira?

Pereira olhou para ele, surpreso com a pergunta.

- Por quê? Você também está interessado em comprar uma?

Manuel coçou a cabeça, alisou o bigode.

- Sim, até que estou interessado. Há muito tempo venho pensando em mudar aqui dos fundos do bar para

uma casinha independente, só para mim, a patroa e os “miúdos” – respondeu.

Manuel morava com a família na parte dos fundos do barzinho, medida que quando chegou na Freguesia foi a melhor que encontrou, até para evitar maiores despesas. Mas, segundo explicou, tinha vontade de separar as duas coisas, o seu local de trabalho da sua residência, para dar mais liberdade à mulher e aos filhos, obrigados, por vezes, a ouvir discussões de um bêbado ou outro, palavras de baixo calão proferidas por algum freguês mais exaltado.

Pereira ficou sério. Despejou mais cerveja no seu copo e no de Manolo. Disse para Manuel:

- Então, está certo, português. Vou fazer um preço camarada para você. Amanhã, você me procura lá em casa para escolher a casa que você quer e cuidarmos dos detalhes do negócio. Mas, olha, as de números um, dois e três já estão vendidas.

O português também se serviu de um copo de cerveja, tendo ido buscar outra garrafa.

- E quem comprou essas três? – perguntou.

- O pessoal dos italianos, eles que têm dinheiro na mão. O Enrico, o Césare e o Marco Antonio.

E ficaram ali até às nove da noite, discutindo detalhes do negócio, o português regateando o preço, forma de pagamento, etc...

Manolo foi dormir satisfeito. Feliz, como nunca estivera desde que chegara ao Brasil. Parece que tudo estava dando certo para ele. Dava um duro danado, trabalhava de sol a sol, os calos nas mãos aumentavam, o cimento ressecava-lhe a pele, mas os frutos estavam aparecendo mais rapidamente do que esperava. Fora correta a decisão de deixar a Espanha para aventurar-se em terras brasileiras.

## 65

Menos de um mês após a venda das primeiras casas, todas as outras também já estavam vendidas.

Manolo sugeriu a Pereira que contratasse mais eletricitas, bombeiros e ladrilheiros, se possível um de cada especialidade para cada uma das casas em construção.

- Assim, nós entregamos as casas rapidamente, o que aumentará nossa credibilidade junto à população e servirá de propaganda para novas construções que sua firma pretender fazer.

Pereira pensou um pouco. Decidiu:

- Acho que você tem razão, Manolo. Vale a pena investir agora no bom nome da firma. E, na verdade, temos dinheiro em caixa para isso, com o que entrou da venda de todas as casas.

E assim foi feito. No final do mês, a obra estava praticamente concluída.

Pereira estava contente, não sabia como agradecer a Manolo.

Bebiam a cervejinha habitual no bar do Manuel, ao fim de mais um dia de trabalho.

- Manolo, quando você acha que poderemos entregar as chaves aos compradores? - perguntou Pereira.

Manolo sorveu um gole de sua cerveja. Respondeu:

- Por mim, já poderia entregar hoje mesmo. Mas, ainda falta o "habite-se" da prefeitura, a ligação da luz elétrica nas casas, pequenas coisas que não são mais de minha responsabilidade.

- Sei - disse Pereira. - Então, se você estiver de acordo, vou entregá-las na festa de São Pedro, daqui a dois dias. Assim, todo mundo da cidade fica sabendo que

entregamos as casas prontas mesmo antes do prazo anteriormente fixado. Será uma boa propaganda para a festa.

- Tudo bem - retrucou Manolo. - Daqui a dois dias? - refletiu por um instante. - Tudo bem, sem problema.

- Mas, faço questão que você também vá à nossa festa de São Pedro. É muito animada, festa caipira, com dança de quadrilha, fogos, barraquinhas, etc... O bairro inteiro comparece, é uma boa forma de você conhecer mais gente, as pessoas perderem o medo de apertar a tua mão - brincou Pereira, rindo alto.

O espanhol refletiu outra vez. Respondeu, em voz baixa:

- Não, obrigado, " *seu* " Pereira. Não sou de festas, não senhor. Nem dançar eu sei.

- Deixa isso para lá, meu amigo. Não precisa dançar, fica sentado junto comigo e minha família, sempre temos uma mesa reservada nessas festas. Faço questão da tua presença, é o mínimo que posso fazer para te agradecer.

- Não, não sei não, " *seu* " Pereira. - relutou ainda Manolo. - Nem roupa decente eu tenho para ir a uma festa.

- Deixa de bobagem, Manolo. Amanhã mesmo vamos lá a São Paulo e você escolhe uma roupa bacana para vestir. É o meu presente para você, por ter entregado a obra antes do tempo.

O espanhol acabou concordando, mesmo um pouco receoso.



## 66

Manolo sentia-se pouco à vontade dentro de seu terno novo. Apesar de estar acostumado a usar paletó, já estava habituado ao seu velho e surrado terno de casimira marrom, o mesmo que trouxera da Espanha.

Aquele que usava agora tinha cheiro de novo, não o deixava respirar direito, mesmo que não usasse gravata, como, aliás, nunca o fizera. Os sapatos novos também apertavam-lhe os calos dos pés. Mas, não quis fazer uma desfeita ao Pereira, que o recebera tão bem ali na Freguesia do Ó. Mesmo assim, relutou bastante em comparecer à festa de São Pedro, que movimentava todo o bairro. As ruas estavam enfeitadas com bandeirinhas de papel colorido, barraquinhas que vendiam guloseimas e quentão, as pessoas vestidas com roupas caipiras, os fogos espocavam no céu coalhado de estrelas. Os meninos e até alguns marmanjos soltavam balões enormes pelas ruas.

Em volta da Igreja Matriz estavam as mesas destinadas às pessoas mais importantes do bairro: o médico, o padre, os fazendeiros e comerciantes mais ricos. Manolo chegou, cumprimentou Pereira e sua esposa, a quem já fora apresentado anteriormente, numa vez em que Pereira o convidara para almoçar em sua casa. Aos filhos de Pereira, duas meninas e um rapaz com menos de quinze anos, foi apresentado naquele momento.

- Sente-se aqui, Manolo - disse Pereira, puxando uma cadeira para que o espanhol sentasse ao seu lado. - Helena, já te contei sobre as proezas do Manolo aqui, não? - perguntou à mulher.

- Já, Amadeu, contou sim. Ele o elogia muito, " *seu* " Manuel, disse que se não fosse o senhor não teria saído da

enrascada em que o empreiteiro anterior o deixou - respondeu ela.

Manolo agradeceu, encabulado. Apenas disse:

- Eu é que tenho que agradecer a oportunidade que seu marido me deu, dona Helena. Quanto ao trabalho, não fiz nada mais que a minha obrigação. E, tudo rende muito mais quando a gente gosta do que faz.

Ficaram conversando sobre coisas sem importância, meras trivialidades, enquanto bebiam generosos goles de cerveja servida em enormes jarras de vidro. Sempre havia uma dessas jarras cheias nas mesas, que eram logo substituídas antes que chegassem ao fim. Alguns pares dançavam ao som de um conjunto vestido com roupas típicas de festas juninas animando o ambiente, tocando músicas caipiras e sertanejas. As mesas estavam todas ocupadas, mas do outro lado da praça várias cadeiras estavam arrumadas, onde se sentavam as moças da cidade, esperando que algum rapaz viesse tirá-las para dançar. Eram as meninas mais pobres do bairro, já que aquelas que eram filhas das famílias mais ricas estavam nas mesas dos pais.

Manolo reparou que algumas dessas moças, a maior parte delas muito novinhas, não devendo ter ainda dezoito anos, olhavam fixamente para ele. Estavam a uns trinta metros de onde estava sentado, mas ele não pode deixar de reparar o olhar insistente e os cochichos das moças entre elas. Conversavam alegremente, olhando os pares que dançavam enquanto aguardavam que algum rapaz viesse tirá-las.

Pereira não deixava vazio o copo de Manolo, renovando-o à medida que se esvaziava. Ele continuava observando as moças disfarçadamente, olhando para elas de vez em quando enquanto mantinha acalorada a conversa com Pereira. Havia uma, talvez a mais nova, que não tirava os olhos dele. Em dado momento, ela foi tirada

para dançar e Manolo pode observá-la mais de perto, quando ela e seu par passaram perto de sua mesa. Era muito bonita, cabelos cacheados, realmente era muito novinha. Os dois cruzaram os olhares, tendo ele ficado fortemente impressionado com a menina. Quando ela voltou para junto das outras moças, nas cadeiras do outro lado da pista de dança, viu que voltaram a conversar e rir entre elas, continuando a olhar para ele.

Manolo meditava.

Até ali, desde que chegara ao Brasil, só pensara em arranjar trabalho, alcançar uma certa estabilidade na vida, guardar um dinheirinho. Não pensara em mulher, pelo menos em termos de compromisso, mesmo porque não tinha tempo para namorar. As únicas mulheres com quem esteve foram nas zonas de Ribeirão Preto e em São Paulo, na capital, onde fora raramente, escondido das demais pessoas. Era extremamente reservado, não se abria com ninguém, sua vida particular era comentada apenas superficialmente, em detalhes sem importância, mesmo assim somente com Pereira e Manuel, os dois únicos em quem depositava certa dose de confiança. Mas, agora, já tendo feito um pequeno “pé de meia” e com boas perspectivas para o futuro, começava a pensar em casamento. Não pretendia voltar tão cedo para sua terra natal, mesmo porque lá não deixara nenhuma namorada ou compromisso.

*“Bem, - pensava ele, divagando com seus botões. - ela não era a moça ideal para ele. Era muito novinha. Ele já estava com quase vinte e quatro anos, iria completá-los daí a dois dias, ela não devia ter dezoito. Era muito nova, não restava dúvida.”*

Entretanto, ela o atraía profundamente. Não sabia bem o motivo, mas volta e meia desviava o olhar para o outro lado do improvisado salão. E lá estava ela, sentada junto às suas amigas, olhos fixados nele. A beleza da

menina, aliada ao seu jeito doce, quase inocente de sentar, de falar, de gesticular, de sorrir, tudo isso o deixara hipnotizado. Nunca sentira nada parecido por outra mulher anteriormente.

Sua timidez, entretanto, não permitiu que ele tentasse uma aproximação, uma abordagem à moça. Tinha receio de levar um fora, ficar com cara de bobo ante uma recusa dela para uma conversa, um bate papo amigável. Ainda mais tendo em vista sua condição de estrangeiro, de trabalhador braçal, de operário de obra. Ela aparentava, de longe, ser moça prendada, bem arrumadinha, apesar de suas roupas serem simples, um velho vestido de chita, sapatos já bem usados nos pés, uma fita branca nos cabelos.

*“ Mas, aquelas roupas deviam ser por causa do traje à caipira, que a maioria das pessoas usava” - pensava ele. - “ Na verdade, ela devia ser filha de algum fazendeiro, ser moça instruída, enquanto ele era um pobre espanhol sem patrimônio, sem renda, que apenas sabia assinar o nome” - matutava. - “ Não, devia tirá-la logo da cabeça, deixar de pensar besteira”.*

Por isso, ficou só de longe, observando-a, querendo puxar uma prosa, mas ficando sentado na cadeira, preso à sua timidez.

Ela ainda dançou por umas duas ou três vezes mais, sempre com rapazes que ficavam rodeando as cadeiras onde ela e as outras moças estavam sentadas. E, quando chegava próximo à sua mesa, voltava a fixá-lo profundamente, o que o deixou muito perturbado.

Entretanto, não tomou coragem para tirá-la para uma volta no salão. Também não sabia dançar, era melhor ficar onde estava, quieto em seu canto.

Pereira, lá pelas nove da noite, dirigiu-se até o local onde o conjunto continuava tocando suas músicas

sertanejas. Pediu que eles parassem por um momento, gritando bem alto.

- Pessoal, um instante de silêncio, por favor.

As pessoas pararam de dançar, o vozerio diminuiu. Pereira continuou:

- Como nós havíamos prometido, vamos entregar as chaves das casas construídas pela nossa firma aqui na Freguesia. Foi uma obra concluída em tempo recorde, tudo graças ao nosso empreiteiro, senhor Manuel Blando, aqui presente.

Manolo, ainda sentado, enrubesceu violentamente.

Pereira chamou-o:

- “ *Seu* ” Manuel, venha aqui, por favor, para que as pessoas do bairro possam conhecê-lo.

Ele não sabia onde se enfiar, queria achar um buraco no chão para se esconder. Helena começou a bater palmas, no que foi seguida por Pereira e pelas outras pessoas. Helena disse:

- Vá lá, “ *seu* ” Manuel, eles estão querendo conhecer o senhor.

Ele, muito a contragosto, os pés pesando-lhe no chão de terra, finalmente levantou-se. Os aplausos redobram de intensidade.

Pereira continuou seu improvisado discurso.

- “ *Seu* ” Manuel, faço questão de que o senhor entregue a primeira chave a um dos nossos clientes.

Chamou o nome:

- Enrico Semprano. Queira vir até aqui, por favor.

O italiano levantou-se de sua cadeira e dirigiu-se até onde estavam Pereira e Manolo. Este lhe entregou as chaves da casa, tendo ambos trocado um aperto de mão. Depois, foram chamados, um a um, os demais proprietários, sendo-lhes entregues as chaves, ora por Pereira, ora por Manolo. Este não conseguia esconder o acanhamento, sentindo-se alvo de todas as atenções. De vez em quando,

muito sem graça, olhava para a menina sentada lá nas cadeiras. Ela continuava com os olhos fixados nele.

Lá pelas dez e meia da noite ela retirou-se acompanhada das outras moças e dos rapazes que com ela dançaram. Manolo também, pouco depois das onze horas, pediu licença a Pereira e Helena:

- “ *Seu* ” Pereira, dona Helena, queiram me desculpar, mas chegou a minha hora. Vou me retirar - disse, levantando-se de sua cadeira.

- Já? Tão cedo, Manolo - retrucou Pereira. - Tome mais uma cervejinha.

- Não, obrigado, “ *seu* ” Pereira - respondeu. - Já bebi demais essa noite. Vou dormir, pois do contrário amanhã vou acordar com uma ressaca danada. Muito obrigado pelo convite. Foi uma festa muito boa.

- Pena que você não dançou - brincou Pereira. - Mas, fica para a próxima.

Manolo foi para casa, tirou a roupa e foi dormir. Naquela noite, pela primeira vez no Brasil, seus sonhos não foram povoados por tijolos, cimento, pedra ou areia. Neles apareceu uma jovem bonita, cabelos ondulados, uma fitinha branca de enfeite. Nem ao menos seu nome sabia...

## 67

O sucesso alcançado com a construção e venda das casas da vila fez com que a firma de Pereira pensasse logo em começar uma nova obra no bairro. Nem passados quinze dias da entrega das chaves da construção concluída, já se iniciava uma outra, de mais doze residências, numa nova área. Pereira há muito tempo previra o desenvolvimento da região, por isso comprara alguns terrenos a preço de banana há uns dez anos atrás. A nova obra era próxima da vila onde Manolo e os mesmos operários haviam trabalhado dias antes.

Iniciados os trabalhos de fundação, Manolo percebeu que a moça que vira na festa de São Pedro passava diariamente em frente à obra. Ora pela manhã, ora à tarde. Nunca sozinha, sempre acompanhada de algumas outras moças, às vezes também por alguns rapazes, inclusive aqueles dois que com ela dançaram na noite de vinte e nove de junho.

Trocavam olhares furtivos, baixando os dois rapidamente os olhos quando percebiam que um observava o outro. Esse pequeno flerte visual se foi arrastando por uns dez dias. Com o passar do tempo, já trocavam um sorriso maroto, que insinuava uma aproximação.

Num desses dias, na parte da manhã, enquanto Manolo dava ordens a alguns operários na entrada da obra, ela outra vez passou acompanhada de um rapaz. Os dois olharam para ele, que retribuiu o olhar.

Ele arriscou um cumprimento.

- Bom dia - disse, dirigindo-se aos dois.

Ela baixou rapidamente o olhar. O rapaz continuou olhando para ele, retribuindo o cumprimento.

- Bom dia - respondeu, parando em frente a Manolo.

Perguntou:

- O senhor trabalha aqui?

Manolo olhou para os dois, a roupa e as mãos sujas de poeira de cimento.

- Sim, sou o responsável pela obra. Desejam alguma coisa?

- Não, só estamos olhando e admirando como a obra segue rápido - retrucou o rapaz. - Ainda ontem isso aqui tudo era apenas um terreno vazio, cheio de mato.

Manolo aproveitou a deixa, sem tirar os olhos da menina, que continuava com os seus enterrados no chão:

- Meu nome é Manuel, mas podem me chamar de Manolo. Desculpe não lhes dar a mão para cumprimentá-los, mas é porque elas estão sujas de cimento.

- Eu sou Carlos, essa é minha irmã Marieta - disse o rapaz.

*"Irmã", pensou Manolo rapidamente, exultando intimamente de alegria. "Pensara que fossem namorados ou noivos, já que os vira dançando várias vezes na noite de São Pedro..."*

- Muito prazer - respondeu, sem tirar os olhos da moça, que só então levantou os seus para ele, encabulada. - Vocês moram por aqui? - perguntou, querendo esticar a conversa.

- A uns três quilômetros daqui, no sítio do " *seu* " Percival. Conhece? - perguntou o rapaz.

- Não, não conheço. Quase não saio daqui da obra, não tenho tempo para mais nada - respondeu Manolo.

- Meu pai é o caseiro do sítio. Nossa família toda mora lá - continuou o jovem. - O senhor estava na festa de São Pedro, não estava? - perguntou.

- Sim - respondeu Manolo. - Acho que também vi vocês por lá. - dissimulou.

- É, nós vimos quando o " *seu* " Pereira chamou o senhor lá na frente do pessoal, quando entregava as chaves das casas- prosseguiu Carlos.



- É, mal acabamos de entregar aquelas, já começamos a construir essas daqui - comentou Manolo.

- É trabalho duro, não é? - indagou Carlos.

- Sim, muito duro. Mas, no final compensa - respondeu o espanhol. - Por quê? Você está interessado na obra? - perguntou, ainda sem tirar os olhos da moça, pensando assim ganhar a simpatia do irmão.

- Sim, estou precisando trabalhar - respondeu Carlos- Andei fazendo alguns biscates por aí, mas ainda nada de trabalho fixo.

- Você trabalhou em quê?

- Já fiz uns biscates de pintura de parede, alguma coisa muito simples de eletricidade - retrucou Carlos.

- E serviço de pedreiro? É o que estou precisando agora, no início da obra e durante uns seis meses daqui pra frente.- indagou Manolo.

- Nunca trabalhei, não. Mas, posso aprender rápido.

Manolo pensou um pouco, como se estivesse fazendo algum cálculo mental. Depois disse:

- Bem, estou precisando mesmo de pessoal. Se você quiser, pode começar amanhã cedo, a título de experiência, com ordenado de aprendiz de pedreiro.

Carlos abriu um sorriso de satisfação. Estendeu a mão a Manolo.

- Muito obrigado, " *seu* " Manuel. Amanhã bem cedo estarei aqui. A que horas? - perguntou.

- Às sete, que é quando começa o nosso turno de trabalho - retrucou Manolo, sem estender a mão para Carlos, fazendo-lhe um gesto indicando que a mesma estava suja de poeira.

Carlos despediu-se. Manolo disse:

- Até amanhã, Carlos. Prazer em conhecê-la, senhorita Marieta. Espero voltar a vê-la - arriscou.

Ela fez uma mesura com a cabeça, sem olhar para ele. Estava com as faces vermelhas, não sabia onde enfiar o

rosto.

Mas, intimamente, seu coração pulava de contentamento...

## 68

O namoro foi inevitável. A aproximação com Carlos no trabalho acabou resultando, como era de se esperar, também num convívio maior entre Manolo e Marieta.

Aos sábados, depois do trabalho, na parte da tarde, encontrava-se com os dois na pracinha do bairro, em frente à igreja. Com o correr dos dias, acabavam-se encontrando a sós, Carlos deixava os dois sozinhos. Conversavam muito, trocavam ideias. Manolo só segurou a mão da menina depois de três meses de encontros.

Em outubro de 1919, foram pela primeira vez ao cinema.

Marieta estava com dezoito anos, Manolo mais ou menos adivinhara sua idade desde que a vira pela primeira vez. Sua família era numerosa, o pai, “ *seu* ” Arquimedes, a mãe, dona Hermengarda e seis filhos, a saber, por ordem de idade: Antonieta, Carlos, Marieta, Maria, Izaura e José. A família era muito pobre, viera do interior de São Paulo em busca de melhor sorte na capital. Ainda bem que aquele emprego como caseiro de um pequeno sítio dava a Arquimedes e aos seus um teto para morar. Casinha simples, construída nas terras de Percival, um rico industrial paulista que morava em São Paulo, em luxuoso palacete da Avenida Ipiranga, bem no centro da cidade. O sítio pouco era visitado pelo dono, ficando praticamente sob os cuidados de Arquimedes, que ainda recebia uma módica quantia mensal pelos serviços prestados. Pelo menos tinham um teto onde se abrigar e a comida era retirada da própria terra, daquilo que era plantado no sítio. Havia também uma pequena criação de galinhas e porcos, que eram abatidos pouco a pouco e substituídos pelos filhotes, mantendo, assim, um razoável padrão de alimentação.

Ninguém fora a escola, nem Arquimedes, nem a mulher, nem os seis filhos. Todos, portanto, analfabetos.

Aquilo não tinha maior importância para Manolo, pois ele, também, só sabia assinar o nome. Além do mais, ainda estava na fase de assimilar o português como sua segunda língua, falando com o indisfarçável sotaque espanhol e errando, vez por outra, alguns tempos de verbo ou palavras mais difíceis do vocabulário lusitano. Estava verdadeiramente atraído por Marieta e esperava apenas firmar mais solidamente seu patrimônio para pensar em criar raízes, constituir família.

Já tinha depositada uma quantia razoável no Banco do Brasil e pensava agora em comprar um carro. Seu espírito aventureiro não o deixava ficar parado, gostava de viajar, conhecer novos lugares. Apesar de não ter quase muito tempo livre por enquanto devido ao trabalho na obra, no futuro já poderia pensar em fazer pequenas viagens, conhecer as cidades próximas e aventurar-se pelas estradas brasileiras.

Marieta lhe contara que o pai, apesar de não ter instrução, era muito severo no cuidado com os filhos. Todos tinham que ir à missa aos domingos na igreja matriz, eram obrigados a rezar antes das refeições, as roupas que usavam eram sóbrias e discretas.

- E Carlos, meu irmão, é quem toma conta das moças. É um carrasco - reclamava ela.

- Mas ele parece tão educado. E muito trabalhador - retrucou Manolo. - Aqui na obra tem sido um dos meus melhores operários.

- Ele age assim na sua frente. Lá em casa bate em nós com vara de bambu se a gente não obedecer suas ordens. Não sei se você reparou, mas na festa de São Pedro, eu e minhas irmãs só pudemos dançar com ele e com o Zezinho, meu outro irmão mais novo - disse ela.

- Pois aqui no trabalho ele vai muito bem. Sempre querendo aprender alguma coisa, nunca fica parado - retrucou mais uma vez Manolo.

- Aquilo é uma peste de ruim - continuou Marieta com suas reclamações. - Estou doida que ele case logo, vá morar na casa dele e deixe a gente em paz.

Manolo divertia-se com as lamúrias da menina. Achava-a alegre, descontraída, cheia de vida. Parecia não ter medo do trabalho, tendo contado que ajudava a mãe nas tarefas domésticas e o pai na lavoura, onde plantavam e colhiam quase tudo.

Em novembro daquele ano aceitou o convite feito por Carlos para que fosse até o sítio conhecer " *seu* " Arquimedes e dona Hermengarda. Vestiu seu novo terno, o mesmo que Pereira lhe havia presenteado e seguiram de charrete para o sítio.

Lá, depois das apresentações, a conversa foi muito formal. Manolo manteve-se na defensiva, procurando sondar os pais da namorada, enquanto estes também pouco falavam, talvez por timidez, ou quem sabe, por não terem assunto mesmo. Hermengarda serviu um lanche caseiro, tendo Manolo elogiado o bolo de fubá que ela disse ter levado ao forno de lenha.

Quando se despediram, Arquimedes convidou Manolo a lhes fazer outra visita, tendo este prometido que voltaria. Pareceram-lhe todos muito amáveis, inclusive as demais irmãs e o irmão mais novo de Marieta, o Zezinho. Manolo sentia-se cada vez mais preso à jovem e o futuro casamento parecia ser coisa certa.

Enquanto isso, as obras das casas prosseguiram em ritmo acelerado. Em dezembro já estavam com as lajes colocadas nos respectivos tetos. Agora ia a começar a fase da instalação da tubulação hidráulica e elétrica, bem como a armação de madeira do telhado.

Numa sexta-feira, Manolo recebeu a visita de José, Matilde e Juanito, o que muito o encheu de alegria. Fez questão de apresentar Marieta ao irmão e cunhada, bem como levá-los até o sítio para que conhecessem a família da moça.

No domingo, depois do almoço, José e Manolo conversavam na pequena varanda que havia nos fundos da casa onde este morava.

- Bem, Manolo, finalmente acho que você já definiu o que quer fazer. Vai casar mesmo com a moça, não vai? - perguntou José.

- Acho que sim, Pepe. Gosto muito dela, a gente combina em muitas coisas, acho que já está na hora de eu me fixar - respondeu. - Já vou fazer vinte e quatro anos, já está mais que na hora de começar a pensar em formar uma família, criar filhos. Já tenho um dinheirinho guardado, trabalho acho que não vai me faltar, portanto, é seguir em frente.

- Ela parece uma boa moça. A família é grande, mas acho que isso não vai te atrapalhar, espero que não fique todo mundo nas tuas costas - comentou José. - Fico contente por você, Manolo, sabia que não iria fracassar no Brasil. Aqui, nessa terra, tem muita oportunidade. Basta querer trabalhar.

- É verdade, Pepe. Ainda bem que estou trabalhando na minha área, naquilo que gosto.

Saboreavam uma cerveja, sentados em um grande banco de madeira, que Manolo construiu no pequeno quintal da casa.

Mais tarde, Pereira chegou, sendo apresentado a José.

Já sentado e se servindo também de um copo de cerveja, Pereira disse:

- Então, o senhor é o famoso Pepe, irmão do nosso querido amigo aqui, não é? Seu irmão está fazendo um

sucesso danado por estas bandas, anda cheio de namoradas - brincou.

- O Manolo tem falado muito do senhor, " *seu* " Pereira. Acho que ele fez muito bem trocando Ribeirão Preto por São Paulo - comentou José.

- Mas aqui, na Freguesia do Ó, é como se ele estivesse no interior, " *seu* " Pepe. É tudo muito calmo, todo mundo se conhece. Não sei como será daqui a vinte, trinta anos, do jeito que São Paulo está crescendo. Mas, por enquanto, aqui ainda tem coreto, pracinha, pipoqueiro, cineminha de domingo, tudo coisa de interior.

Pereira derramou-se nos elogios a Manolo, dizendo como ele era eficiente, como os operários respeitavam seus conhecimentos de construção, como já estava totalmente entrosado no bairro. Matilde veio da cozinha com mais duas garrafas de cerveja e um prato de bolinhos de aipim.

- Matilde, cadê o Juanito? Quero apresentá-lo ao " *seu* " Pereira - perguntou Manolo.

- Acho que dormiu depois do almoço, Manolo. Vou chamá-lo - respondeu ela.

- Vai sim, acorda ele. Já dormiu demais - brincou.

Matilde voltou para o interior da casa, voltando minutos depois acompanhada de Juanito, ainda com cara de sono.

Manolo abraçou o sobrinho. Disse:

- Juanito, este aqui é o " *seu* " Pereira, patrão do titio. Diga boa tarde para ele.

O menino cumprimentou Pereira, sem esconder o sono interrompido. Sentou-se, como costumava fazer, numa das pernas do tio.

- Bem, agora só falta você, Manolo, constituir sua família, ter seus próprios filhos. Quem vem para o Brasil dificilmente volta para sua terra natal. Isso aqui é muito bom, tem emprego para todo mundo e muita terra para cultivar - disse Pereira.

Manolo contou ao irmão e a Pereira seus planos para o futuro.

- Bem, vou acabar essas casas aqui para o “ *seu* ” Pereira lá para o mês de junho, julho, talvez. Depois, se tudo der certo, compro um carrinho de segunda mão, caso com a Marieta e vou esperar o que o futuro me reserva. O importante é que já tenho algum dinheirinho guardado, o “ *seu* ” Pereira aqui tem me orientado muito sobre isso, Pepe - disse.

- É, “ *seu* ” José, ele economiza tudo o que ganha. Também aqui não tem muito onde gastar - comentou Pereira.

- E você já tem algum trabalho em vista para quando acabar essa obra daqui? - perguntou José, dirigindo-se ao irmão.

Manolo olhou para Pereira. Este respondeu:

- Ele já tem mais ou menos alguma coisa engatilhada, “ *seu* ” José. Lá em São Paulo, no centro da capital. Nossa firma fez uma parceria com uma empresa de lá e vão construir um prédio grande, de oito andares, na Avenida São João. Vai ser destinado a escritórios. Obra de vulto. Já indiquei o Manolo para tocar a obra, que deve começar dentro de alguns meses.

- Parabéns, meu irmão, fico contente com o seu sucesso. Não se esqueça de me convidar para o seu casamento - disse José.

- Pode deixar - retrucou Manolo. - Você e a Matilde serão uns dos meus padrinhos.

Ficaram ali jogando conversa fora até escurecer. Manolo e José relembravam fatos da sua Espanha, Pereira contava como era a Freguesia do Ó quando ali foi morar. Juanito divertia-se ouvindo as estórias do pai e do tio...



O casamento foi simples.

A cerimônia, na Igreja Matriz, à qual não compareceu muita gente. Apenas os familiares, Pereira e a mulher, alguns operários da obra, que estava em fase de conclusão naquele julho de 1920. José e Matilde foram os padrinhos do noivo, Percival e a mulher os da noiva, que era também afilhada de batismo do casal. Pereira ofereceu uma recepção simples, em sua confortável casa. Tavares e a mulher também vieram de Ribeirão Preto.

O jovem casal foi morar na casa que Manolo ocupava na Freguesia do Ó. Enquanto a obra da vila não ficasse totalmente concluída, ali ficariam morando. Aliás, todas as doze casas já estavam vendidas antes de sua conclusão, como na obra anterior. A maioria, à vista, em dinheiro vivo.

E, como previra Pereira, Manolo seria o encarregado da construção de um prédio de seis andares em pleno coração da capital do Estado, na Avenida São João, uma das ruas mais conhecidas do país. Seria um grande desafio para Manolo, que nunca construía obras com mais de três andares. Teria que rever seus conhecimentos sobre fundações, vigas, lajes, mistura de concreto, etc... Esperava, ao menos, encontrar engenheiros competentes na capital paulista.

No início de agosto foram entregues as chaves das casas recém-construídas da Freguesia do Ó. As obras do prédio da capital só começariam em setembro. Manolo resolveu tirar alguns dias de férias, levando Marieta para conhecer Ribeirão Preto. Ficaram hospedados na casa de José, tendo ele reencontrado velhos amigos, inclusive alguns com quem trabalhara na lavoura do “ *seu* ” Ambrósio. Ficou orgulhoso ao mostrar à mulher as obras que

havia construído na cidade, a casa de Bandeira e o edifício do Tavares. Tomou uma cervejinha com os antigos operários, enfim, matou as saudades daqueles tempos iniciais de Brasil. Quando voltou à Freguesia do Ó, ainda tirou três dias para fazer uma rápida visita ao Rio de Janeiro, cidade que o encantara desde quando por ela passara de navio ao chegar ao Brasil. Marieta, que praticamente nunca saía da Freguesia, ficou maravilhada com a cidade. Passearam por Copacabana, foram ao Pão de Açúcar, divertiram-se nos cinemas do centro da cidade. Ficaram hospedados numa pensão modesta do Catete, de onde era fácil locomover-se por toda a cidade.

De volta à Freguesia do Ó, decidiram continuar morando ali por algum tempo até Manolo decidir se mudava ou não para a capital, para perto da nova obra. Se havia o inconveniente do deslocamento diário que demandava mais de uma hora, tanto na ida como na volta, por outro lado havia a vantagem de continuarem morando num bairro calmo, tranquilo, que mais parecia uma pequena cidade do interior.

Manolo acompanhou de perto os preparativos para o início dos trabalhos da nova construção, que seria pioneira no Estado, um edifício tão alto e com tão grande número de unidades autônomas. Fez várias visitas de inspeção no terreno, localizado bem no coração da grande metrópole, teve diversas reuniões com os engenheiros que elaboraram as plantas da construção, com eles trocando ideias, discutindo projetos, dando uma sugestão aqui, outra ali. Os engenheiros, alguns bem mais velhos que ele, não perdiam a pose, não abdicavam de sua posição de superioridade, mas, intimamente, surpreendiam-se com os conhecimentos demonstrados por aquele imigrante espanhol, semianalfabeto, que mal sabia assinar o nome. Mas, a experiência prática e a firmeza com que defendia seus pontos de vista, realmente, eram de espantar. Mesmo na

construção de um prédio de oito andares, coisa em que nunca trabalhara antes, suas opiniões deixavam os engenheiros com a pulga atrás da orelha.

*“ Acho que essa laje aqui deve ser mais reforçada, a mistura de cimento e pedra deve produzir um concreto de alta qualidade; aqui, nessa viga, o vergalhão deve ter uma espessura maior...”*— opinava ele. Mas, procurava sempre ser respeitoso, nunca deixando de chamar os engenheiros de “senhor”, evitando melindrá-los, ferir-lhes a suscetibilidade. Mas, sentia-se à vontade em debater com eles os detalhes do projeto, já que de construção conhecia quase tudo, pouca coisa era segredo para ele.

Finalmente, entrando em acordo sobre os detalhes da obra, iria começar o trabalho na segunda feira seguinte. Convocou Cipriano e mais uns três operários de sua confiança das obras da Freguesia do Ó, mandou chamar Erli e mais outros dois que haviam trabalhado com ele em Ribeirão Preto. Gostava de estar cercado de homens de sua confiança, que não o deixassem na mão e que fossem extremamente leais. O material já estava quase todo no terreno, era só começar os trabalhos de fundação.

- Marieta, na segunda começo a trabalhar direto lá na cidade. O Pereira disse que nos primeiros dias, talvez durante um mês ou dois, vai diariamente à obra, acompanhar os trabalhos de fundação. Mas, depois, não sei como vou fazer. Ir e voltar todo dia daqui da Freguesia até o centro vai ficar muito cansativo, não vai dar para aguentar. Para chegar na obra antes das sete, vou ter que sair daqui, no máximo às cinco e meia. E, na volta, não vou conseguir chegar antes das oito da noite.

Fez uma pausa, enquanto levava à boca um garfo cheio de comida. Jantavam na sala da pequena casa da Freguesia. Continuou:

- Aí, não sei o que você acha melhor. A gente ficar por aqui mesmo, economizando o aluguel ou alugar um

quartinho lá perto do trabalho. Eu também poderia dormir lá na obra, mas esta seria a última opção. Não quero deixar você sozinha aqui. Não vou aguentar de tanta saudade... - brincou, sorrindo para a mulher.

- Não, nada de gastar dinheiro com aluguel. A gente precisa economizar, guardar um dinheirinho para o futuro. Não sabemos o que pode acontecer daqui a alguns meses - retrucou Marieta.

- Mas, como vou fazer, Marieta? Depois de um dia de trabalho na obra, preciso de algumas horas de descanso... se não, estouro - respondeu Manolo.

- Eu vou dormir na obra com você - disse Marieta, depois de pensar um pouco, engolindo também uma garfada de arroz e repolho.

- Você é maluca? - retrucou Manolo. - Obra é lugar de homem. E homem, grosso, analfabeto, que só sabe beber cachaça depois de um duro dia de trabalho... Só falam palavrões, não têm respeito por mulher...

- Não interessa, Manolo - interrompeu ela. - Não vou ficar longe de você, com tão pouco tempo de casado...

Marieta estava decidida, Manolo não achou conveniente continuar a conversa. Mais adiante, decidiria.

- Bem, não temos que nos preocupar com isso por enquanto - encerrou a conversa. Nesses primeiros dias, o Pereira me leva e trás todos os dias.

Entretanto, passadas duas semanas do início da obra, Manolo constatou que, realmente, ficaria muito cansativo para ele ir e voltar todo dia da Freguesia para a obra. Chegava em casa morto de cansaço, era só o tempo de tomar um banho rápido para tirar o cimento de cima do corpo, jantar como um faminto e cair na cama. Dormia feito uma pedra, de tão fatigado que estava.

Na manhã seguinte, tomava outro banho frio para despertar de vez, engolia seu café da manhã e aguardava a chegada de Pereira, enquanto Marieta preparava o seu

almoço, que era colocado numa marmita de alumínio. O pior é que, passados os primeiros dias, Pereira começou a chegar atrasado para conduzi-lo à obra e ele detestava chegar no trabalho depois dos operários.

Pereira se desculpava e Manolo nada podia dizer, pois, afinal, estava viajando de carona.

Disse um dia à Marieta:

- Assim não vou poder continuar, Marieta. Sempre cheguei nas obras em que trabalhei antes dos meus operários. Gosto de verificar tudo o que tem que ser feito naquele dia de trabalho, conferir se tudo está certo, conforme o previsto. Além do mais, isso me dá mais autoridade junto a eles para poder exigir quando for necessário. Se eles veem o patrão chegar atrasado, também vão se achar no direito de fazer o mesmo.

- E o que você quer fazer, Manolo? - indagou ela. Estava com medo de sua resposta.

- Bem - começou ele, virando o resto do vinho tinto em seu copo e acendendo um cigarro depois do jantar. - Já vi uma pensão lá na rua Direita, perto do lugar da obra. É um quarto grande, podemos levar nossas coisas para lá, já conversei com a dona. Chego e volto do trabalho em dez minutos a pé. As refeições estão incluídas no preço e vou poder almoçar todos os dias com você.

Ela pareceu ficar contrariada. Mas, não quis demonstrar ao marido. Ele puxou-a para perto de si pela cintura, fazendo com que sentasse em sua perna direita. Disse, carinhosamente:

- Sei que vai ser muito chato para você ter que largar nossa casinha aqui, onde você já tem tudo arrumado a seu jeito, ter que conviver com pessoas estranhas, ficar longe dos seus pais e seus irmãos. Mas, não vejo outra maneira, eu não quero tomar conta de uma obra chegando lá todo dia cansado e depois dos operários. E, pior, chegar em casa

à noite e não ter tempo nem de conversar um pouco com você, bater na cama e pronto, dormir feito um porco.

- Bem, se é assim, tudo bem. Não era o que eu queria, mas vou me acostumar - respondeu ela.

# 70

Marieta não queria ficar longe do marido. Mas, não foi só por isso que lhe disse que preferia ficar morando com ele na obra em São Paulo.

Seu tormento maior era o irmão, Carlos. Parece até que se esquecera de que, agora, ela estava casada.

Depois que terminou seu trabalho na obra das casas de vila da Freguesia, ele não quis acompanhar Manolo para a nova construção, a do edifício em São Paulo. Preferiu ficar por ali mesmo, na Freguesia, pois, com a experiência adquirida em companhia de Manolo, começou a ser convidado para fazer vários biscates de pintura, pedreiro, bombeiro e eletricitista no bairro. Aquilo para ele era o suficiente para sobreviver. Tinha casa e comida com os pais e ainda lhe sobrava o dinheirinho que ganhava com os biscates.

Então, como já estava acostumado desde criança, voltou a infernizar a vida de Marieta. É claro que só fazia isso na ausência de Manolo, quando este ia trabalhar na obra lá em São Paulo. Aproveitando que ela ficava sozinha em casa, aparecia por lá, e começava a atazanar-lhe o juízo. Implicava com ela, provocava-a, chegou a tirar o cinto e dar-lhe uma surra umas duas vezes. Aquilo que ele estava acostumado a fazer desde quando ela era menina e parecia sentir prazer em atormentar-lhe a vida. E, como ela nunca reagira antes por medo de apanhar mais, pois o pai sempre apoiava as atitudes de Carlos, continuava quieta. Pensou várias vezes em contar ao marido, mas tinha medo igual da reação de Manolo, que também era muito estourado.

Pior seria se Manolo fosse dormir na obra e a deixasse sozinha em casa durante a semana. Aí, então, é que o irmão

iria infernizar sua vida. E ela parecia ser sua vítima preferida. É verdade que agia da mesma forma com Albertina, Izaura e Zezinho, mas com ela aparentava ter mais prazer em exercer seu poder de irmão.

Assim, quando o marido lhe propôs irem morar numa pensão em São Paulo, não hesitou muito em concordar. Mesmo deixando o conforto de sua casa, de suas coisas e ser obrigada a conviver com pessoas estranhas, usar um banheiro coletivo e outros inconvenientes. Mas, pelo menos ficava livre do irmão e perto do marido.

Manolo comunicou sua decisão a Pereira, que, mesmo relutando um pouco, acabou concordando.

- Não sei se você está agindo certo, Manolo. Deixar o conforto de sua casa aqui na Freguesia para morar numa pensão naquele tumulto de São Paulo. Não sei se sua mulher vai se adaptar àquela agitação toda - comentou.

- Sei disso, " *seu* " Pereira - retrucou. - Pensei bastante antes de tomar essa decisão. Mas, essa viagem de ida e volta todo dia até a obra está me matando, chego lá de olheiras. E, por algumas vezes, cheguei atrasado, coisa que detesto fazer. Os operários perdem logo o respeito e depois fica difícil controlá-los.

- Mas, você podia ter me falado, talvez eu achasse um lugar melhor para você morar lá perto da obra - disse Pereira.

- Tudo bem, a pensão não me assusta. Já morei em locais muito piores - disse Manolo, sorrindo. - E, Marieta concordou com tudo, ela acha melhor ficar lá comigo. Com o tempo se acostuma.

- Sei lá, sei lá - Pereira meneou a cabeça. - Eu vim morar aqui justamente para sair daquela agitação da cidade. Ainda acho que você vai se arrepender.

- Bem, - disse Manolo - na minha vida sempre tive que enfrentar desafios. Esse vai ser mais um. Mas, estou relativamente tranquilo. Conversei bastante tempo com a



dona da pensão, o local é estritamente familiar, só tem casais e famílias jovens, começando a vida. É claro que preferia continuar por aqui, mas não posso conciliar trabalho com residência estando longe um do outro.

- Está certo, está certo - concordou Pereira. - Você já decidiu, está resolvido. Mas, faço questão que a firma pague suas despesas lá na pensão.

Manolo agradeceu. Mais uma vez era prestigiado pelo patrão.

Na semana seguinte, providenciou sua mudança. Levou o guarda-roupa, a cama, as mesinhas de cabeceira. O fogão deixou com os pais de Marieta, já que não iriam precisar dele. A pensão fornecia café da manhã, almoço e janta.

Marieta não saía do quarto a não ser quando Manolo chegava do trabalho. Almoçavam juntos, na grande mesa existente na sala e faziam as duas outras refeições, café da manhã quando ele saía para trabalhar e jantar, quando chegava. Dava tempo, por volta do meio-dia, para Manolo vir até à pensão para almoçar com a mulher e voltar para a obra, que ficavam bem perto uma da outra.

Aos domingos, o dia da folga semanal de Manolo, passeavam pela cidade. Marieta pouco a pouco se ia acostumando ao movimento da grande metrópole. São Paulo crescia em progressão geométrica. Embalada pela riqueza que o café proporcionava, a capital paulistana vivia momentos de expansão vertiginosa. A cada dia se via surgir uma nova construção, um novo prédio era levantado, os espaços anteriormente ocupados pelas grandes mansões eram substituídos por prédios de vários andares. Embora o Rio de Janeiro fosse a capital de direito do país, São Paulo, por sua importância econômica era, sem dúvida alguma, a capital de fato, onde a maioria dos grandes negócios se realizava e eram concretizados. O porto de Santos era o maior exportador da América do Sul,

suplantando, inclusive, Buenos Aires, tradicionalmente tida como a cidade mais importante do hemisfério.

Avenidas e ruas eram construídas, até viadutos eram inaugurados. Os veículos de tração animal foram logo substituídos por modernos carros importados. Bondes vermelhos, os populares “camarões” rasgavam a cidade em todas as direções. Marieta teve a oportunidade de conhecer uma feira livre, com o febril movimento dos comerciantes gritando alto, apregoando suas mercadorias. Coisa que nunca vira na Freguesia do Ó, onde o produto das colheitas era levado diretamente das hortas para as mesas.

Em pouco tempo fez amizade com a dona da pensão, dona Gertrudes. A mesma se dispôs a ensiná-la a cozinhar e, com isso, ela preencheu suas manhãs e tardes, enquanto Manolo estava na obra. Fora essas idas à cozinha, trancava-se no quarto, onde passava ou costurava algumas roupas do marido. Também ia ao tanque, do lado de fora da pensão, duas ou três vezes por semana na parte da manhã, onde lavava a roupa suja.

Um domingo ou outro recebiam a visita de “ *seu* ” Arquimedes, da mulher e das filhas, ficando Marieta horas conversando com as irmãs, matando as saudades dos seus tempos de solteira. Davam uma volta até a Praça da Sé, tomavam sorvete, comiam pipoca, às vezes iam a um cinema nas proximidades. Para Albertina e Izaura, aquelas visitas eram aguardadas ansiosamente, já que saíam um pouco da rotina do sítio ou da mesmice da Freguesia.

Em janeiro de 1921, a novidade.

Marieta não parava de vomitar, andava sempre enjoada. Não aceitava o gosto da comida, estava nervosa, não saía do banheiro, o que passou a incomodar os outros hóspedes, que também queriam tomar seu banho, escovar os dentes, usar o vaso sanitário.

Dona Gertrudes deu o diagnóstico, antes mesmo de Manolo levá-la ao médico, pois já estava preocupado:

- É neném que vem por aí, podem estar certos...

Os dois, ainda inexperientes no início da vida de casados, olharam para ela surpresos.

- Como a senhora sabe, dona Gertrudes? - perguntou Manolo, enquanto trazia a mulher do banheiro, após mais uma sessão de vômitos.

- Olha, meu filho, já vi muita mulher na situação dela. Há quanto tempo não vêm suas regras, Marieta?

Ela, encabulada, apoiada no braço do marido, olhou para a dona da pensão.

- Três meses, dona Gertrudes. Como é que a senhora sabe disso?

- Neném na certa, podem preparar o enxoval - disse a velha.

Já no quarto, os dois ainda não se haviam recuperado das palavras de Gertrudes. Quando voltaram à normalidade, Manolo abraçou Marieta, um largo sorriso nos lábios:

- Puxa, minha mulher, estou muito contente. Você vai me dar um herdeiro - disse ele, tentando esconder a emoção.

Ela também emocionada, enxugando duas pequenas lágrimas que lhe escorriam pela face:

- Eu também, Manolo, eu também. Estou muito contente... você nem sabe quanto... nem imagina...

# 71

Nos primeiros meses de 1921, Manolo se dividiu entre as tarefas da obra, que a cada dia subia mais e os cuidados com a gravidez da mulher. Não podia descuidar um minuto com o andamento da construção, bem como com a evolução do embrião na barriga de Marieta.

Sentia uma ponta de orgulho e satisfação vendo o edifício subir do solo e lá do alto, já agora no sexto andar, divisar a cidade a seus pés. Seria um dos poucos prédios da cidade a ter elevador. Além dele, ali no centro, só outros cinco o possuíam. Por outro lado, mais ansioso estava com a evolução da gravidez da mulher. Seria homem ou mulher? Não que tivesse preferência pelo sexo do futuro filho, mas, se fosse homem, ficaria mais contente. Seria a continuação do seu nome, o coroamento de uma vida de lutas e sacrifícios, cujos frutos só agora eram produzidos.

No mês de maio ocorreu um sério acidente na obra, o que atrasou um pouco seu desenvolvimento. Um dos operários, Frederico, rapaz com apenas dezoito anos, caiu do sexto andar, quando fixava alguns tijolos de uma parede. Morte imediata. Houve uma investigação por parte da Prefeitura e da Polícia, a obra foi interditada por alguns dias, os trabalhos ficaram paralisados. A firma de Pereira foi ameaçada de processo, foi paga uma vultosa indenização à família do rapaz e quase um mês depois, os trabalhos recomeçaram. Aquilo causou um profundo aborrecimento para Manolo, que, como encarregado pela execução da obra, sentia-se também responsável pela morte do operário. Seria, talvez, sua inexperiência com obras de tantos andares a causadora do acidente? Se fosse uma casa de um ou dois andares, a queda não teria maiores consequências. Mas, como nunca tinha trabalhado em prédio tão alto,

sentia-se intimamente culpado por não ter tomado todas as cautelas necessárias para que o fato não ocorresse.

Lamentou-se por vários dias com Marieta, redobrou os cuidados que os operários deveriam ter quando estivessem trabalhando na parte alta da obra, conferia diariamente os precários apetrechos de segurança existentes na época: uma simples corda amarrada na cintura, um rudimentar andaime de madeira suspenso no ar por duas cordas e roldanas. Nem se pensava em luvas, botas, capacetes, materiais que só foram introduzidos na construção civil brasileira muitos anos depois.

Apesar de Pereira e os demais sócios o terem inocentado quanto ao lamentável acidente, Manolo remoía aquilo todo novo dia em que começava a trabalhar. A obra prosseguiu, os andares restantes foram subindo, mas, nos primeiros dias após a retomada dos trabalhos o clima era de medo e receio em relação aos operários que tinham que trabalhar nos andares mais altos.

Entretanto, como no Brasil tudo acaba sendo levado na gozação, passados os primeiros dias, os operários começaram a brincar entre eles. Na tendinha próxima à obra, após o serviço do dia, tomavam uma caninha antes de seguirem para suas casas. Um deles debochava:

*“- Bem, quero ver quem está escalado para morrer amanhã. Aproveita bem que esse pode ser o último trago que você está tomando”.*

Cipriano, um dos mais velhos e que era o vigia da obra, ali dormindo, também brincava:

*“- Eu tou fora de ir trabalhar lá em cima. Sou um dos mais velhos e vocês têm que respeitar minha idade”.*

E, mesmo durante o trabalho diário, quando um deles estava dependurado sobre o andaime, outro gozava:

*“- Cuidado, Pedro, não vá escorregar aí e deixar tua mulher viúva. Sou o primeiro candidato a casar com ela”.*

Manolo repreendia os homens:

*“- Não quero esse tipo de brincadeira aqui. Só traz azar”.*

Mas, no íntimo, também se divertia. Sabia que para aqueles homens rudes, analfabetos, que ganhavam muito pouco e corriam sério risco de morte todos os dias, brincar entre eles talvez servisse de válvula de escape para a vida miserável que levavam. Bem, pelo menos estavam empregados, tinham como levar comida para suas casas no fim do dia.

Em junho, Marieta já estava no oitavo mês de gestação. Andava com dificuldade, irritava-se por qualquer coisa, deixou de acompanhar o marido nos passeios de domingo. Ficavam os dois na pensão, mas nem na cozinha ela ia mais, pois não aguentava ficar em pé durante muito tempo. A única coisa que ainda a distraía era jogar baralho com o marido, dona Gertrudes e outra hóspede, Maria de Lourdes, viúva que ali vivia há mais de quinze anos.

Mas, à medida que se aproximava a hora do parto, ia ficando mais ansiosa, mais preocupada. Afinal de contas, seria o primeiro filho e, pelo tamanho da barriga, deveria ser bem grande, pesado. Já imaginava as dores que iria sofrer, como seria difícil fazer a criança vir ao mundo. Aquele último mês de espera estava sendo terrível...

Pereira já havia conseguido um médico de sua confiança para acompanhar a gravidez de Marieta. Sorte que ele morava perto, na Alameda Santos, que ia dar na Paulista, não muito longe da Direita, onde ficava a pensão de dona Gertrudes. Era o doutor Marzagão, médico conhecido na cidade, já passado dos cinquenta.

Marieta, nos dois últimos meses da gestação, ia consultá-lo uma vez por semana. Seu consultório ficava na Praça da Sé. Sempre que podia, Manolo a acompanhava. Quando isso era impossível, dona Maria de Lourdes, a hóspede da pensão, ia com ela. Manolo não queria que a

mulher andasse sozinha nas ruas de São Paulo, ainda mais no estado dela.

Na obra, ele não conseguia esconder sua preocupação. Ansiava para o relógio chegar às cinco horas da tarde. Quando ouvia a sirene tocar, voltava quase correndo para a pensão, sem ao menos se lavar direito. Ele, também, que iria ser pai pela primeira vez, não conseguia disfarçar sua ansiedade.

Na metade do mês de junho, a mãe e duas irmãs de Marieta, Albertina e Izaura, vieram ficar junto à gestante. Ficaram num quarto da pensão, o que tranquilizou um pouco mais Manolo.

Marieta estava insuportável. Implicava com tudo e com todos à sua volta. Até com dona Gertrudes, a quem sempre tratara com respeito e consideração. Respondeu asperamente a uma pergunta que a velha lhe fez. Esta silenciou, preferindo não retrucar. Depois, conversando com Izaura e Albertina, procurou justificar a atitude de Marieta.

- Não se preocupem, não levei a sério o que ela me disse. Sei como é esse negócio de gravidez. Tive oito, e antes de cada um deles nascer, eu queria subir pelas paredes. Ainda mais ela, que vai ter o primeiro.

Mas, no íntimo, Manolo, a sogra e as cunhadas estavam torcendo para que o neném nascesse logo. Não aguentavam mais o mau humor de Marieta.

Finalmente, no dia 2 de julho, o menino nasceu. Sim, menino, para satisfação de Manolo, que distribuiu duas doses de aguardente para os operários da obra, após aquele dia de trabalho. Pereira e a mulher compareceram ao hospital onde Marieta dera à luz, ali na Avenida São João, pertinho da pensão. Levaram-lhe um arranjo de rosas, que foi colocado na mesinha ao lado da cama.

No dia seguinte, ainda no hospital, receberam a visita de José e Matilde, que vieram de Ribeirão Preto conhecer o

sobrinho. Arquimedes também foi ao hospital dar um abraço na filha e ver o neto.

- Já escolheu o nome, Manolo? - perguntou Marieta ao marido, num dos raros momentos em que conseguiram ficar a sós na enfermaria do hospital.

- Não sei - respondeu ele, evasivo. - Pensei em Rodrigo, Xavier...

- Nomes horríveis - rebateu ela. - Prefiro que tenha o seu nome.

- Manuel? - indagou ele, sorrindo. - Nem eu mesmo gosto do meu nome.

- Eu gosto - disse ela. - Mas, no fim das contas, a gente vai acabar chamando ele de Manolito, tenho certeza disso.

- É - meditou ele. - Manolito não fica feio.

- Então, está decidido - concluiu ela. - É Manolito e pronto.

E assim, o menino foi registrado como Manolito e não Manuel...

*"Ficou melhor assim"* , pensou Manolo.



## 72

Finalmente, em janeiro de 1922, o edifício da Avenida São João ficou pronto. Um sucesso de construção e de vendas. O prédio foi inaugurado com uma grande festa, com banda de música, presença do prefeito e do governador. Era o mais novo orgulho da capital paulistana, a cidade que não parava de crescer. Todas as unidades, as residenciais e as comerciais, já estavam vendidas dois meses antes da construção terminar.

O patrimônio de Manolo já era razoável. Enfim, ele acabou comprando seu carrinho. De segunda mão, mas em muito bom estado. Terminado o trabalho na capital paulista, decidiu voltar para a casinha da Freguesia do Ó, onde tinha mais conforto e poderia criar o filho com mais tranquilidade e calma.

Ficou durante alguns dias aguardando que a firma de Pereira começasse um novo empreendimento, acreditando que não ficaria muito tempo sem trabalhar. Mas, passou-se uma semana, duas, três e nada do convite aparecer. As despesas aumentavam, ainda mais agora que tinha mais uma boca para alimentar. Por isso, depois de mais de um mês sem trabalhar, começou a procurar alguma coisa que lhe rendesse algum dinheiro no final do mês.

Trabalhou como pedreiro numa outra obra na capital, já que a função de empreiteiro estava preenchida. Era uma casa de dois pavimentos, situada num bairro chique de São Paulo. A locomoção para a cidade ficou mais rápida e fácil, pois ia e vinha no seu automóvel. Mas, em março daquele ano, Pereira o procurou quando ele voltava do trabalho.

- Manolo, arranjei um outro serviço para você. Só que é em Campinas, está disposto a ir para lá? - perguntou.

- Como empreiteiro? - perguntou ele. - O pagamento para o empreiteiro é bem melhor do que o operário comum. Além disso, sempre sobra uma gratificação quando a obra fica pronta.

- Claro que é como empreiteiro - respondeu Pereira.- Você acha que eu confiaria a condução de uma obra da firma a outra pessoa? - brincou.

- Tudo bem - retrucou Manolo. - Quando é que eu começo?

- Semana que vem. Você não vai ter problema para sair da obra lá na capital?

- Não, sem problema. Afinal, lá sou um simples operário, a minha responsabilidade é limitada, não é igual a do mestre de obra. Basta dizer que vou sair, eles me dispensam logo.

- Está certo - concluiu Pereira. - Vou tratar de arranjar um lugar para você morar lá em Campinas com a Marieta e o menino. Se você estiver pronto, pode viajar para lá no fim de semana.

- Ótimo, tudo bem - despediu-se Manolo, apertando a mão de Pereira.

Quando entrou em casa, na hora do jantar, disse para Marieta, que, sentada em frente à mesa, dava a sopinha para Manolito:

- Marieta, vamos começar a arrumar novamente as malas. Encontrei o Pereira aí fora e ele me ofereceu trabalho.

Ela limpava a boca do filho

- Como mestre de obra? - perguntou, repetindo a indagação que ele fizera anteriormente a Pereira.

- Sim, claro - retrucou ele.

- E onde vai ser a obra? Novamente na capital? - indagou Marieta.

- Não, um pouquinho mais longe - disse ele, enquanto cortava um pedaço do bife. - Em Campinas. Por isso, vamos

nos mudar para lá. O Pereira me garantiu alugar uma casa pra gente.

- Tudo bem - retrucou ela, parecendo um pouco aliviada. - Nossa sina vai ser mesmo a de arrumar e desarrumar mudança e malas.

Pareceu aliviada, porque iria tirar outra vez uma de suas preocupações de cima das costas. É que Carlos, seu irmão, voltara a lhe aporrinhar o juízo, passando todo dia na casa enquanto Manolo estava trabalhando em São Paulo. Só não a espancava mais com o cinto, porque agora ela tomara coragem e ameaçara gritar, pedindo socorro, com o filho no colo. O miserável do irmão, que sempre exercera forte ascendência sobre todos os irmãos, inclusive Albertina e ela própria Marieta, que eram mais velhas que ele, parecia ainda não ter entendido que ela casara, estava morando com o marido na sua própria casa, não lhe devendo mais nenhum respeito. Mas, aquilo tudo vinha da educação que o pai, Arquimedes, dera aos filhos.

Na sexta-feira seguinte, a família toda no carro, bem como duas malas cheias de roupa, pegaram a estrada de terra para Campinas. A rodovia era precária, simples melhoramento do caminho de cavalos e burros aberto no século anterior. Muitos buracos, muita poeira, solavancos a cada buraco em que entravam, o que fez Manolito logo enjoar e vomitar sem cessar. Pararam diversas vezes numa tendinha aqui, outra ali, nas poucas bombas de gasolina que existiam ao longo da estrada. Tentavam hidratar o menino, comiam alguma coisa, orientavam-se sobre o caminho a seguir, já que a rodovia praticamente não tinha sinalização.

Manolo chegou a brincar com a mulher:

- Estou me sentindo como um dos bandeirantes, um verdadeiro desbravador, daqueles que entraram por esse mato adentro da imensidão de terra que é o Brasil. E, olha que estamos em São Paulo, o estado mais desenvolvido do

país. Imagina esse interior brabo, Mato Grosso, Goiás, Amazonas, Pará...

Marieta, com um lenço no rosto, cobrindo-lhe a boca e o nariz por causa da poeira vermelha, apenas comentou:

- Essa estrada não acaba nunca. A criança vai ficar doente de tanto vomitar.

No início da noite, depois de uma viagem de mais de doze horas, afinal chegaram à terra campineira. Uma das principais do Estado, talvez a segunda em importância, Campinas era grande para o tamanho da maioria das cidades brasileiras da época, mas, na realidade, não passava de um aglomerado de casas e alguns sobrados de dois andares, construídos em meio a ruas sem pavimentação, cheias da poeira vermelha da região. As fazendas em volta é que eram prósperas na produção de café, cana de açúcar, além de frutas diversas, como figo, morango e uva, que se beneficiavam do clima maravilhoso das cercanias.

Era mais uma das cidades do interior paulista que crescia mais rapidamente, impulsionada por uma economia baseada na agricultura. O café era o carro chefe, seguido mais de longe pela cana de açúcar, milho, até algodão em algumas regiões. Daí que Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, Sorocaba, Piracicaba, e várias outras surgiram no cenário econômico do Brasil como pequenas potências, só ultrapassadas pela pujança da capital paulista. Esta, além de absorver os frutos da produção agrícola do interior, já dava os primeiros passos na nova grande coqueluche da economia, ou seja, a produção industrial. Fábricas de quase tudo, a maioria delas ainda rudimentares, começaram a ser vistas por todo canto das cercanias da capital. Olarias, fabricando tijolos; cervejarias; engarrafamento do vinho que vinha do Sul do Brasil; cigarros; tecidos, começava-se a fabricar quase tudo, pelo menos as coisas derivadas da agricultura. A pecuária também apresentava razoável

produção, oferecendo a matéria prima para a fabricação de embutidos, como linguiças, salsichas, salames, etc... Enfim, o estado iniciava um ciclo de desenvolvimento acelerado e a construção de novas unidades, quer habitacionais, quer comerciais, oferecia oportunidades fartas de emprego.

Aliás, as várias regiões do Brasil caracterizavam-se por serem fortes em determinada espécie de agricultura: em São Paulo e Paraná, o café era o rei absoluto; no interior do Rio de Janeiro, nas cercanias de Campos, era a cana de açúcar; na Bahia, na região de Itabuna e Ilhéus, principalmente, era o cacau que dominava. Havia muita cana de açúcar também em Pernambuco, um pouco de algodão no nordeste e, na Amazônia, até bem pouco tempo atrás, a borracha reinava absoluta.

O país era rico, sem dúvida. O que realmente faltava eram estradas decentes que escoassem toda aquela riqueza. As ferrovias, ainda em estado precário de circulação, é que conseguiam fazer alguma coisa nesse sentido. Mas, as rodovias eram lastimáveis. Os poucos carros importados que aqui chegavam só conseguiam trafegar durante algum tempo nas ruas e avenidas das cidades maiores, que já eram calçadas com paralelepípedos. Mas, quando se aventuravam a enfrentar alguma estrada de terra para o interior não conseguiam resistir por muito tempo. Quando alguma peça quebrava, a reposição era difícil, pois eram praticamente todas elas importadas. Aguardava-se, às vezes, mais de um mês para que chegasse aos nossos portos.

Por isso, com certa dose de razão, Manolo se considerava um desbravador.

Quando chegaram a Campinas, perguntaram aqui e ali onde ficava a casa que Pereira reservara. Manolo levava a chave da mesma e não foi difícil encontrá-la, já que a cidade não era muito grande.

Estava bem mobiliada, com móveis novos de sala e quartos, que eram dois. Pelo menos, Manolito iria dormir agora em seu próprio quarto, não acordando mais o pai à noite quando chorava. A casa ficava a uma quadra do terreno onde a obra seria erguida, uma mansão de luxo para um rico fazendeiro local. Pereira, sabedor de que Manolo gostava de chegar antes dos operários na construção, arrumou para que a casa que lhe alugara ficasse bem perto.

Naquela primeira noite, tomaram um banho para tirar a poeira do corpo, comeram apenas alguns sanduíches de pernil de porco que haviam trazido da Freguesia do Ó e caíram na cama. Dormiram direto, pois estavam todos muito cansados da viagem.

Inclusive Manolito, que naquele dia, nem chorou à noite.

# 73

A obra do milionário campineiro já estava bem adiantada quando Manolo a assumiu. O empreiteiro que iniciara a construção, um japonês com mais de oitenta anos, acabou morrendo no início de março daquele ano e a obra acabou ficando parada. Manolo só teria que concluí-la, agora com as instalações hidráulicas e elétricas, o revestimento das paredes com o reboco e pintá-las. A fossa e o poço de água já estavam construídos no quintal. O problema maior seria a piscina, pois Manolo nunca trabalhara com uma anteriormente. Mas, foi-se informando, perguntando daqui e dali e, no final, tudo deu certo. Em outubro daquele ano de 1922, a casa foi entregue ao proprietário. Este ficou muito satisfeito e premiou Manolo com uma boa gratificação.

Voltaram para a Freguesia. A casa da firma de Pereira continuava à disposição. Manolo já tinha algum dinheiro guardado e, passados alguns dias de descanso, decidiu por em prática uma ideia antiga.

Procurou Pereira:

- “ *Seu* ” Pereira, não tem nenhum serviço para mim por agora, tem? - indagou.

- Não, por enquanto, não, Manolo, Você fica livre para trabalhar onde quiser, se achar alguma coisa - respondeu Pereira.

- Então, acho que vou passar uns tempos em Ribeirão Preto. Acho que tem um negócio lá para mim.

- Tudo bem - retrucou Pereira. - Quando aparecer alguma coisa boa por aqui, te aviso. Vai em paz, cuidado com essa estrada para Ribeirão, você ainda não a conhece.

Na hora do almoço, Manolo comunicou sua decisão a Marieta. Ela apenas resmungou:

- Lá vou eu arrumar as tralhas novamente.

Ele retrucou:

- Não reclama, não, mulher. Dessa vez, vou fazer uma coisa diferente, nós vamos ficar em Ribeirão por algum tempo.

- Tudo bem, não estou reclamando - rebateu ela. - Mas, espero que, dessa vez, a gente senta o rabo num lugar só...

Dois dias depois, novamente estavam na estrada.

Até Campinas, sem maiores dificuldades, já que Manolo conhecia relativamente bem a estrada. Como da outra vez, pernoitaram no meio do caminho, numa pequena cidade, Jundiaí, segundo se recordava. A poeira era tanta que Manolito novamente enjoou, tossindo sem parar. Quando entraram na pensão em que iriam dormir, Marieta deu logo um banho morno no filho e um xarope que havia levado. Só assim a tosse diminuiu e Manolito conseguiu dormir.

Manolo foi ver como o carro estava, mandou colocar gasolina, calibrar os pneus, verificar o óleo. Sua grande preocupação era enguiçar naquelas estradas tão mal conservadas e não ter a quem recorrer. Depois, voltou para a pensão e dormiu como uma pedra, de tão cansado que estava.

No dia seguinte, depois do café da manhã, prosseguiram viagem. A paisagem que margeava a estrada era variada. Imensas plantações de café, com o verde exuberante das árvores dominando o ambiente. Em outras fazendas, cercadas com arame farpado, via-se o gado pastando tranquilamente. Algumas lavouras de milho, cana de açúcar, frutas como laranja, figo, morango e até pequenas culturas de uva. O clima da região ajudava muito, frio em determinadas épocas do ano, temperado nos meses de verão. Alguns rios também cortavam ou margeavam a estrada, sendo que esta atravessava alguns deles em pontes geralmente de madeira, ainda precariamente construídas. Manolo começava a perceber, assim, de uma



forma direta, no contato pessoal com a natureza, como era grande e rico o Brasil. Quantas possibilidades de exploração, diferentemente de grande parte das terras europeias, onde apenas algumas áreas serviam para a agricultura ou a pecuária. Muitas das cidades do interior da Espanha ou Portugal foram construídas sobre terreno pedregoso ou arenoso, impróprio para a lavoura ou criação de gado.

Ainda bem que Manolito, naquela manhã, parecia estar melhor. Não vomitara uma única vez, parecia alegre e brincalhão, sentado no colo da mãe, no banco do carona. O velho Ford resfolegava pela estrada esburacada e cheia de poeira, parecendo um cavalo velho que vencida com dificuldade, metro a metro, o caminho à sua frente.

Almoçaram num posto de gasolina na beira da estrada, aproveitando Manolo para fazer as revisões habituais de água, óleo, pneus e combustível. Às duas da tarde estavam novamente viajando, esperando alcançar Campinas antes do escurecer. Quando chegaram, cansados e empoeirados, Manolo foi direto a uma pensão que conhecia desde quando estivera na cidade no ano anterior e onde, às vezes, fazia refeições com a mulher e o filho, principalmente aos domingos. Ainda bem que havia quartos vagos. Tomaram um banho restaurador, principalmente para Manolito, que não aguentava mais de cansaço e poeira.

Jantaram e ainda deram um passeio a pé pelas imediações da pensão. Manolo outra vez conferiu os equipamentos de segurança do veículo, enchendo o tanque de gasolina e um galão de reserva. Foram dormir por volta das dez da noite, bastante cansados.

No dia seguinte, iriam enfrentar uma estrada desconhecida para eles, de Campinas até Ribeirão Preto. Manolo e Marieta já haviam feito esse trajeto anteriormente,

mas pela ferrovia. Pela estrada de rodagem, seria a primeira vez.

Pela manhã, antes das seis, Manolo já estava acordado. Levantou silenciosamente da cama, procurando evitar despertar a mulher e o filho. Marieta, entretanto, também acordou. Manolo deixou o quarto, dirigindo-se até o banheiro coletivo, que ficava no fim do corredor. Lavou o rosto, escovou os dentes, voltou para o quarto, enquanto Marieta se dirigia ao banheiro. Manolo vestiu-se rapidamente, aguardando o retorno da mulher. Quando esta chegou, acordou o filho e foram tomar o café da manhã.

Despediram-se da dona da pensão, entraram no carro. Antes de deixar a cidade, Manolo ainda passou outra vez no posto de gasolina, pedindo mais informações sobre a estrada que iriam pegar. Várias nuvens negras cobriam o céu, prenunciando um forte temporal. Por isso, a preocupação em recomeçar a viagem, receio de ficar atolado na estrada por causa das águas da chuva. Hesitou por um instante.

Perguntou à mulher:

- O que você acha? Vamos enfrentar a chuva?

Ela olhou para o céu carregado de nuvens.

- Não sei, Manolo, você decide - respondeu.

Acabou decidindo ir.

Deixando Campinas para trás, voltaram para a estrada de barro. Poeira, terra vermelha, um calor infernal.

Mas, o que ele tanto temia, acabou acontecendo. Depois de vencerem uns quarenta quilômetros, os lenços tampando seu rosto e o de Marieta e uma fralda o de Manolito, já quase vermelhos de tanta poeira, a chuva desabou em toda sua intensidade. O limpador de para-brisa não dava conta de afastar a água que caía torrencialmente sobre o carro e a estrada. Manolo já não conseguia enxergar quase nada à sua frente. Com receio de cair numa das várias valas do caminho, decidiu parar. Encostou

cuidadosamente o carro bem à direita, quase colando numa ribanceira que margeava a rodovia. Fechou todas as janelas do veículo, deixando apenas uma pequena fresta aberta para que o ar circulasse um pouco. A chuva caía impiedosa, os grossos pingos batendo com força no teto do velho Ford.

Segundo os cálculos de Manolo, deviam estar perto de Limeira, talvez a uns trinta quilômetros, não mais que isso. Se a chuva não demorasse muito tempo, deveriam estar lá por volta de uma da tarde.

Mas, a água continuava a cair, torrencial. O piso de terra da rodovia já era lama pura, poças espalhadas por toda sua extensão. Raios cortavam o céu, trovões reboavam fortemente, assustando Manolito, que começou a chorar.

Depois de aguardar pouco mais de uma hora que a chuva diminuísse de intensidade, Manolo ligou novamente o motor do veículo.

- Vamos seguir, Marieta. Já não aguento mais esperar, ainda mais com o garoto chorando desse jeito. - disse.

Ela nada disse. Só olhou para frente, tentando divisar alguma coisa através do parabrisa encharcado. Balançava Manolito no colo, tentando fazer com que parasse de chorar.

A estrada estava deserta. Não passara um só carro em nenhuma das duas direções, depois que começara a chover. O velho Ford arrancou, sacolejando, patinando na lama. Manolo tentava driblar as poças d'água, andando praticamente em ziguezague. O carro escorregava na pista enlameada, fugindo do controle de Manolo, que segurava com força o volante, na tentativa de fazer com que o veículo não derrapasse perigosamente. Mas, conduzi-lo naquelas condições era praticamente impossível. Não chegaram a percorrer um quilômetro e atolaram num buraco. As rodas não saíam do lugar, patinando sobre seus próprios eixos. A chuva continuava a cair com força, não deixando ver praticamente nada além do parabrisa. Por dentro, o vidro

estava completamente embaçado, o que prejudicava ainda mais a visibilidade.

Já arrependido da decisão que tomara, Manolo praguejava, tentando fazer com que o veículo saísse a todo custo do buraco em que atolara. Nada, as rodas continuavam a patinar, espalhando lama para os lados, para frente e para trás. Percebendo que o radiador já começava a soltar fumaça, desistiu. Desligou o motor, resignado.

Manolito continuava com sua sinfonia de berros, colocando toda sua força nos pequenos pulmões. Ainda bem que não vomitara.

Manolo não conseguia esconder sua irritação. Procurou controlar-se, Marieta nada dizia, sabendo como o marido reagia em situações como aquela. O carro fechado, o parabrisa e vidros embaçados, a chuva batendo forte no capô e teto do veículo, Manolito chorando sem parar.

Manolo pensou em acender um cigarro para acalmar-se um pouco. Quando já o tirava do maço, refletiu e achou que era melhor não fazê-lo. A fumaça, com o carro todo fechado, tornaria o ar praticamente irrespirável. Começou a assoviar, batendo de leve com os dedos no volante do veículo, tentando relaxar. A chuva continuava, forte, incessante, grossos pingos tamborilando sobre o teto do carro.

Finalmente, Marieta conseguiu fazer com que o filho dormisse, cessando a choradeira. Depois de mais de uma hora daquela chuva que não diminuía de intensidade, finalmente apareceu um outro carro ao longe, vindo da direção contrária àquela onde Manolo empacara. Pouco antes dos veículos se cruzarem, ele piscou várias vezes os faróis, abriu a janela do seu lado esquerdo e fez sucessivos sinais com a mão, acenando para que o motorista do outro carro parasse.

Deram muita sorte. O veículo era uma pequena camionete de carga, com pneus reforçados e apropriados

para trafegar em estrada de terra enlameada. O motorista parou ao lado do carro de Manolo e perguntou:

- O que foi, amigo? Atolou?

- Infelizmente sim - respondeu Manolo. - Essa chuva me pegou desprevenido, acabei atolando e não consigo sair do lugar.

Estava meio sem graça, contrariado com a situação em que se encontrava. O outro homem, um senhor aparentando mais de sessenta anos, consolou-o:

- Não se apoquente, meu amigo. Isso é muito comum de acontecer por aqui. Com essa estrada do jeito que está, cheia de buracos, qualquer chuvinha faz os carros atolarem. Se o amigo quiser sair do seu carro um instante e me ajudar, eu tenho umas cordas grossas aí atrás e podemos tentar livrá-lo do atoleiro.

Manolo abriu imediatamente a porta esquerda do veículo, descendo na chuva que continuava forte. O outro motorista colocou um chapéu de aba larga na cabeça e também desceu do seu carro. Foi até a parte de trás da camionete, que era aberta para transporte de carga, e apanhou duas grossas cordas. Amarrou fortemente os parachoques dianteiros dos dois veículos, voltou para o seu, deu marcha a ré e começou a puxar o carro de Manolo. Este perguntou:

- O senhor quer que minha mulher e meu filho desçam do carro? Talvez fique mais leve.

O outro gritou em resposta:

- Não, não é preciso, iriam se molhar sem necessidade. O motor da minha camionete é muito forte, vai tirar seu carro daí num instante.

E realmente tirou. O carro de Manolo estremeceu, sacolejou, patinou um pouco e logo estava fora do atoleiro.

Manolo apressou-se em desamarrar as cordas dos dois parachoques. Enrolou-as, colocando-as de volta na

camionete. Aproximou-se da porta, estendendo a mão para o motorista.

- Muito obrigado, meu amigo. O senhor me livrou de uma boa enrascada. Meu nome é Manolo e quando o senhor precisar de um mestre de obras, estou ao seu dispor - disse.

O outro retribuiu o aperto de mão.

- Não há de quê. - disse. - Meu nome é Matias, tenho um pequeno sítio aqui perto. Nessas redondezas, com o estado de nossas estradas, sempre encontramos alguém atolado num buraco. E, se um não ajudar o outro, estaríamos perdidos. O senhor vai para onde?

- Para Ribeirão Preto, onde mora meu irmão. Mas, pretendo pernoitar em Limeira. Fica muito longe daqui?

- Não muito - retrucou Matias. - Mais umas duas horas, se tanto. Mas, aconselho o senhor esperar essa chuva amainar um pouco, caso contrário vai acabar atolando outra vez. Talvez fosse melhor encostar na beira da estrada e aguardar.

- Tudo bem - disse Manolo, despedindo-se. - Vou seguir o seu conselho, não tenho pressa.

Só conseguiram chegar em Limeira quando já começava a escurecer.

Procuraram uma pensão para o pernoite.

# 74

Na manhã do dia seguinte, após uma noite de sono que lhe restaurou as forças, Manolo cumpriu o ritual que precedia outro longo dia de viagem. Deixou a mulher e o filho ainda dormindo na pensão, enquanto foi até o único posto de gasolina da cidade. Ali, calibrou os pneus, completou o tanque, verificou a água do radiador e o nível de óleo do motor. Eram precauções indispensáveis para aqueles que se aventuravam a pegar longos trechos de estradas de terra cheias de buraco e muita poeira.

Voltou à pensão, onde a mulher e Manolito já estavam sentados em frente a uma grande mesa e a dona servia o café da manhã. Sentou-se também, tomando rapidamente uma xícara de café com leite e comendo um pedaço de pão com manteiga.

Levantou-se, pagou a diária e despediu-se:

- Muito obrigado pela acolhida, minha senhora. Gostamos muito da pensão. Se passarmos por Limeira outra vez, retornaremos aqui.

A mulher também agradeceu. Dirigindo-se à Marieta, Manolo disse:

- Vamos, Marieta, o carro já está aí fora. Abastecido e pronto para continuarmos a viagem.

E novamente pegaram a estrada de terra, que saía de Limeira e abria caminho em direção ao oeste, onde a cidade maior era Ribeirão Preto.

A velocidade máxima que conseguiam alcançar era de 50 quilômetros por hora, devido aos numerosos buracos existentes em todo o trajeto.

Ainda bem que as pesadas nuvens que povoavam o céu no dia anterior desapareceram por completo. A estrada ainda mostrava os vestígios das fortes chuvas, mas o piso

estava relativamente bom para a circulação dos poucos veículos que por ela trafegavam. Um sol forte inundava a paisagem daquele trecho do interior paulista. Em ambos os lados da rodovia viam-se cercas das pequenas fazendas da região, várias delas com imensas plantações de café, algumas outras com o gado pastando tranquilamente no pasto.

Manolito já estava ficando acostumado com os solavancos do carro e as curvas da estrada. Agora, dormia direto no colo da mãe, só acordando de quando em vez. Mas, quase não chorava mais.

Por volta de uma da tarde, pararam num pequeno restaurante de beira de estrada. Manolo cumpriu a velha rotina: encheu novamente o tanque do carro, completou o nível da água do radiador, mandou verificar o óleo e os pneus. Entraram no pequeno estabelecimento, onde havia algumas mesas espalhadas e já cobertas com toalhas, pratos e talheres, esperando algum freguês que aparecesse por acaso para o almoço.

Manolo indicou uma mesa para a mulher e dirigiu-se ao balcão.

Cumprimentou o homem que ali estava, com uma toalha enrolada na cintura:

- Bom dia. O senhor serve refeição aqui?

O homem respondeu, sem esconder o característico sotaque lusitano:

- Sim, *senhore*, fiquem à vontade.

- O que temos para o almoço? - perguntou Manolo.

- Hoje temos carne assada, acompanhada de feijão mulato, arroz, macarrão, batata frita e salada. Além da sobremesa, é claro - respondeu o português.

- Ótimo - retrucou Manolo. - Pode nos trazer duas refeições, por favor. Ah! outra coisa... o senhor teria leite fervido para a criança?



- Sim, *senhore* - respondeu o outro. - Pode ficar sentado, que eu levo na mesa.

Manolo pediu uma garrafa grande de água mineral enquanto aguardava a comida ser servida.

Comentou com a mulher:

- Bem, Marieta, acredito que lá pelas seis da tarde estamos chegando em Porto Ferreira. O dono do restaurante disse que aqui é perto de Leme.

Abriu um velho e surrado mapa sobre a mesa, apontando com o dedo o local onde estavam e, depois, o resto do trajeto até Ribeirão. Marieta, balançando o filho no colo, olhou atentamente, mas não entendeu direito o que o marido lhe mostrava.

O português veio com uma bandeja nas mãos, trazendo a refeição pedida em várias travessas e tigelas. Típica comida caseira. Alguns fregueses chegavam para almoçar. Cumprimentavam timidamente Manolo e Marieta, pessoas estranhas no local. Eram trabalhadores das fazendas, outros do posto de gasolina, um ou outro motorista de caminhão. Pessoas simples, caipiras do interior paulista, do Paraná, alguns até do Rio Grande do Sul, atraídos pela pujança da cultura do café, então a principal riqueza do Brasil.

Almoçaram bem, saciando a fome e a sede que a cansativa viagem lhes causara. Tinham o rosto e os braços cobertos de poeira, mesmo depois de terem lavado cuidadosamente as mãos numa pia.

Pagaram a conta e pouco depois das duas horas já estavam novamente na estrada.

Quando começava a escurecer, lá pelas seis horas, chegaram a Porto Ferreira.

# 75

Na manhã seguinte, quando Marieta acordou com o berreiro do filho, Manolo já tinha vestido a roupa e olhava atentamente o mapa à sua frente, sentado na beira da cama. Como nas cidades anteriores, procuraram uma pensão para o pernoite, o que não foi difícil de encontrar. Haviam jantado e tomado um banho refrescante no banheiro coletivo. Ainda bem que não havia muitos hóspedes, só um casal de idosos e um homem de meia idade, que quase não saía do quarto. Assim, puderam usar o banheiro com tranquilidade, sem nenhuma pressa. Na hora do jantar, conheceram os outros hóspedes, conversaram ligeiramente com eles, mas logo pediram licença e se recolheram ao quarto, alegando o cansaço da viagem. O que, efetivamente, era verdadeiro.

Vendo que a mulher acordara, Manolo disse:

- Marieta, estou pensando em dirigir direto até Ribeirão, sem parar para nada. Já não aguento mais essa estrada. O que você acha?

- Não sei, Manolo, pode ser muito puxado para o Manolito.

- Bem, podemos tentar - retrucou o espanhol. - Se ele reclamar, a gente para em algum lugar. Vamos logo tomar café e por o pé na estrada, não quero perder muito tempo.

Sentaram-se à mesa do café da manhã, que costumava ser farto naquelas pequenas cidades do interior. Sucos, frutas, café, leite, pão, manteiga, geleia caseira, tudo fresquinho, vindo das fazendas das redondezas. Depois de terem forrado bem o estômago, a dona da pensão ainda preparou-lhes um lanche para a viagem. Pagaram a conta, despediram-se e, antes das oito, já estavam na estrada.

Novamente a poeira, os buracos, a trepidação, os solavancos. Desde Limeira, viajavam com um lenço sobre o nariz, tendo Marieta coberto o do filho com uma fralda grande.

Manolo, intimamente, já estava um pouco arrependido de ter feito aquela viagem de carro. *“Teria sido melhor que tivessem ido de trem”*, pensou com seus botões. Mas, seu espírito aventureiro falou mais alto, queria conhecer novos lugares, outras pessoas, explorar a região do interior brasileiro. Até pesquisar novas oportunidades para outras obras que pudesse fazer. Só se sentia um pouco culpado pelo sacrifício que impunha à mulher e ao filho.

O Brasil, no início da década de vinte, era o país dos imigrantes. Principalmente, as regiões sudeste e sul. Na capital de São Paulo predominavam os italianos e, em menor número, espanhóis e portugueses. Japoneses, ainda poucos. Mas, no interior, já estes últimos eram a maioria, espalhados pelas diversas lavouras das férteis terras do Estado. Santa Catarina, mais ao sul, por exemplo, tinha a predominância alemã, com fixação maior nas cidades de Blumenau e Joinville. E, assim, nas gerações seguintes, a miscigenação de raças seria a característica principal do povo brasileiro. Isso, sem falar na forte influência do negro, principalmente nos Estados do Nordeste, em especial a Bahia, que mais tarde, com a mistura com o branco e o índio, transformavam-se nos mulatos e caboclos.

Assim como os Estados Unidos no hemisfério norte, o Brasil, em escala menor, era o país das oportunidades aqui na parte sul do planeta. E, com a guerra recém terminada na Europa, o desemprego, a fome e a miséria faziam com que gente de todo mundo corresse em busca de uma chance de sobreviver em outros lugares.

Os navios chegavam lotados de pessoas humildes, a grande maioria do interior da Itália, Espanha, Portugal e Japão, semi ou totalmente analfabetos, mas que constituíam

mão de obra relativamente barata para as imensas lavouras do interior do país. Aceitavam qualquer remuneração, alguns trabalhavam em troca apenas de um lugar onde dormir e de um prato de comida. Grande parte vinha com toda a família, mulher e a filharada, o que representava maior número de bocas a alimentar. Só alguns privilegiados iam trabalhar em serviços menos pesados que a lavoura, como empregados de bares, restaurantes, construções. Mesmo assim porque já tinham parentes empregados nesses lugares e que os recomendavam aos patrões.

E, assim, o Brasil se desenvolvia rapidamente. Mas ainda tendo como sustentáculo de sua economia quase que unicamente a agricultura. Nem se pensava em alguma indústria no país, sendo importados quase todos os bens fabricados. As empresas de luz, gás e a grande novidade que era o telefone, eram inglesas ou americanas. As linhas de trem, idem. Os veículos motorizados, quase todos vinham dos Estados Unidos. Light, Companhia Telephonica, Ford, eram as marcas usuais dos produtos no Brasil daquela época. O país tinha como fonte principal de exportação a produção agrícola e matéria prima como carvão e minério de ferro, que voltavam em grande parte como produto importado após a industrialização.

Manolo era mais um daqueles imigrantes. Trabalhou inicialmente na lavoura e, logo que pode, passou a exercer a profissão que mais lhe agradava: a de mestre de obras. E, como o Brasil precisava deles naqueles tempos! Novos prédios eram erguidos a cada dia nas diversas cidades, tentando suprir a procura por moradia, escritórios, lojas, etc... Começava também a migração interna das populações do Norte e Nordeste para as cidades do Sudeste, em busca de melhores empregos, melhores salários.

Manolo queria aproveitar aquele momento, antes que o mercado ficasse saturado. Sua mente divagava enquanto o

veículo ia sacolejando pela estrada empoeirada. Marieta e o filho ressonavam ao seu lado.

Só pararam por volta das 13 horas, mesmo assim porque Manolito abriu um enorme berreiro, reclamando de fome. Mais uma vez, um pequeno restaurante de beira de estrada.

A cidade mais próxima era Pirassununga, segundo o dono do restaurante informou a Manolo, enquanto lhes servia o almoço.

- Se o senhor acelerar bastante, consegue chegar em Ribeirão Preto, por volta da sete da noite. A estrada não é tão ruim para lá, é só torcer para não chover. - disse.

Manolo agradeceu a informação enquanto mastigava um pedaço de carne assada.

- Marieta, vê se acalma o menino, que eu vou pisar forte no acelerador. Quero chegar ainda hoje a Ribeirão. Aliás, meu irmão já deve estar preocupado. - disse ele, dirigindo-se à mulher.

E, realmente, depois do almoço, após abastecer novamente o carro e calibrar os pneus, enfrentou a estrada em grande velocidade, deixando um rastro de poeira atrás do veículo.

# 76

Na manhã seguinte, depois de uma noite reparadora de sono, Manolo acordou bem disposto. Marieta já estava de pé, esperando o marido despertar. Manolito dormia ainda profundamente.

Depois que o filho acordou, saíram os três do quarto. Manolo escovou os dentes no banheiro que havia no corredor. José, Matilde e o filho já os esperavam na mesa da sala para o café da manhã. Juan, vestido com o uniforme escolar, preparado para ir para o colégio, deu um forte abraço em Manolo. Já não se viam há bastante tempo, o menino havia crescido, estava diferente. Na noite anterior, quando Manolo chegou, ele já estava dormindo, por isso ainda não tinham visto um ao outro.

Juan não havia esquecido do tio. Sentou-se, como antigamente numa de suas pernas. Pediu:

- Tio Manolo, qual a história que você vai me contar dessa vez?

Ele olhou para o sobrinho, pensativo. Depois, disse:

- Não sei, vou ver se me lembro de alguma bem bonita, lá dos meus tempos de Espanha.

José interrompeu a conversa:

- Juan, acaba logo de tomar o seu café e vai para a escola, que já está atrasado.

O garoto obedeceu, mastigando rapidamente um pedaço de pão com manteiga e geleia e virando um copo de café com leite. Colocou a pasta escolar de couro nas costas e saiu correndo, ainda gritando do portão:

- Tio, volto lá pelo meio dia, me espera aqui, certo?

Manolo fez um gesto com a mão direita, concordando.

José perguntou:

- E então, Manolo, quais são os seus planos para o futuro? Fica por aqui ou volta para São Paulo?

Demorou um pouco para responder. Mastigava calmamente um pedaço de pão. Colocou leite e café numa xícara e bebeu um gole. Finalmente, respondeu:

- Não sei, Pepe, ainda não sei. Talvez fique algum tempo por aqui, procure algum terreno, comece uma nova construção. Queria sossegar um pouco, viver um tempo numa cidade menor, mais tranquila. Consegui guardar algum dinheirinho com o meu trabalho em São Paulo, dá para respirar um pouco e comprar alguma coisa. Vou pensar com calma, não tenho pressa. Mas, não iremos te atrapalhar se ficarmos algum tempo aqui com vocês, não?

- Claro que não - retrucou José. - A casa dá e sobra para todo mundo. Além do mais, você será uma ótima companhia para o Juanito, além do Manolito. - concluiu, sorrindo.

Saíram da mesa uma meia hora depois. Manolo disse para a mulher e José:

- Bem, acho que vou dar uma olhada no carro, mandar ver óleo, pneus, fazer uma boa revisão. O coitadinho sofreu nessas estradas de barro - brincou.

Virou-se para a mulher:

- E você, Marieta, vai fazer o quê? Quer vir comigo?- perguntou.

- Não - respondeu ela. - Vou ficar por aqui, ver se a Matilde precisa de alguma ajuda na arrumação da casa.

- Pepe, você quer vir? Talvez conheça algum terreno bom que possa me interessar - indagou ao irmão.

- Tudo bem, vou com você. Aguarde um minuto, enquanto troco de roupa - respondeu José.

Daí a vinte minutos estavam os dois na rua. Pegaram o carro, levaram-no a um posto, depois a uma oficina, pois Manolo desconfiava que ocorrera algum dano à suspensão.

Deixaram o carro lá e foram ver um terreno vazio, a umas três quadras da casa de José.

Era um terreno grande, quase 20 metros de frente por 50 de comprimento. Vazio, cheio de mato. Nem murado estava, servindo até de depósito de lixo para algumas casas vizinhas.

- Sabe quem é o dono, Pepe? - indagou Manolo.

- Acho que é um pessoal de São Paulo. Parece que tem uns parentes deles por aqui, a gente tem que procurar saber.

Entraram numa pequena mercearia na esquina da rua do terreno. Perguntaram ao dono se conhecia o proprietário do mesmo.

- É uma família que mora em São Paulo, capital - respondeu o português por trás do balcão.

- Sabe o endereço deles em São Paulo? - indagou Manolo.

- Não, não sei. Mas, tem um irmão deles que mora aqui perto, naquela casa de dois andares, no fim da rua. O senhor está interessado no terreno? - indagou, curioso, o português.

- Pode ser - retrucou Manolo, demonstrando indiferença. - O senhor pode nos servir dois cafés, por favor?

Beberam vagarosamente os cafezinhos, trocando uma prosa com o dono da mercearia. Manolo gostava daquilo, de fazer camaradagem com as pessoas da redondeza, conhecer seus hábitos, saber do que gostavam e do que não.

Saíram e foram até a casa assobradada indicada pelo português. Bateram palmas e uma velha de cor negra, corpo volumoso, apareceu na varanda do andar superior.

- Bom dia - cumprimentou Manolo.

- Bom dia - respondeu a negra. - O que desejam?

- Falar com o dono da casa - retrucou Manolo.



- Ele não está, saiu cedo para a fazenda, só volta à noite.- rebateu a empregada.

- Obrigado, voltamos à noite - concluiu Manolo.

- Quer deixar algum recado?

- Não, obrigado, só diga que voltaremos à noite. Precisamos conversar com ele. Como se chama mesmo?

- “ *Seu* ” Armando - respondeu a velha.

- Obrigado mais uma vez - despediu-se Manolo.

Ele e Pepe deram umas voltas pela cidade, Manolo reviu alguns velhos conhecidos dos primeiros tempos de Ribeirão Preto, gente que com ele trabalhou na lavoura e nas obras que fez na cidade. Tomaram algumas cervejas em botequins que já frequentavam desde aquela época, jogaram muita conversa fora. Pouco depois do meio dia, voltaram para a casa de Pepe, na hora do almoço.

# 77

Na noite daquele dia voltaram à casa de Armando.

Era um homem de mais de sessenta anos, alto, forte, cabeça coberta de cabelos brancos cortados rente, o rosto vermelho, cor típica das pessoas do interior paulista, acostumadas a passar o dia sob sol inclemente, nas cidades ou nas lavouras das fazendas de café. Parecia ser muito afável, pessoa simpática, de diálogo fácil.

Estavam sentados em cadeiras que rodeavam a imensa mesa da sala de jantar. Armando, a mulher, Manolo e José.

Depois de sorverem um gole das cervejas oferecidas pelo dono da casa, este indagou:

- Bem, “ *seu* ” José, a que devo a honra da visita?

Pepe respondeu:

- Bem, “ *seu* ” Armando, meu irmão aqui, o Manolo, é mestre de obras e está interessado no terreno de sua família, aqui perto. Ele já morou e fez algumas construções aqui em Ribeirão, depois foi para São Paulo e trabalhou em várias outras.

Fez uma pausa, bebeu mais um gole do seu copo. Continuou:

- Agora, ele quer ficar algum tempo por aqui e pretende construir alguma coisa por conta própria. Soubemos que o terreno estaria à venda, é verdade?

Armando olhou rapidamente para a mulher. Ela desviou o olhar, não emitiu opinião.

- Parece que sim - respondeu finalmente. - O terreno é do meu cunhado, irmão da minha esposa. Ele pensou em vender, mas ainda não se decidiu. Está morando em São Paulo, talvez não volte mais para cá.

- E sabe quanto ele está pedindo? - indagou Manolo.

- Não sei, infelizmente - retrucou Armando, balançando a cabeça negativamente. - Tenho o endereço dele em São Paulo, se quiser eu lhe passo e o senhor entra em contato com ele.

- Tudo bem, agradeço. - disse Manolo.

Armando fez um sinal com a mão para a mulher, que foi até ao quarto e voltou, trazendo um pedaço de papel nas mãos. Passou-o ao marido.

- Pronto, aqui está, procure ele, talvez já tenha se decidido a vender - disse Armando, passando o endereço do cunhado a Manolo.

Despediram-se, trocando um aperto de mão.

Já na rua, Manolo comentou com José:

- Pepe, se o cunhado dele concordar, vai ser um bom negócio. O terreno é grande, dá para fazer uma boa vila ali, o lucro com a venda vai ser grande. Agora, depende de quanto ele vai pedir.

José concordou:

- Vamos ver no que vai dar. Você vai escrever para ele ou vai a São Paulo falar diretamente?

- Acho melhor ir a São Paulo, são coisas que só se resolvem pessoalmente.

Quando chegaram em casa, Juan ainda estava acordado, aguardando o retorno do tio, para contar-lhe mais uma de suas histórias da Espanha...

# 78

Não houve maiores dificuldades em resolver o negócio. O cunhado de Armando estava mesmo a fim de vender o terreno, que só lhe trazia despesas. Assim, a primeira proposta de Manolo foi logo aceita.

Fechada a compra, Manolo, já com a escritura nas mãos, retornou a Ribeirão Preto. Foi e voltou de trem, sozinho, deixando Marieta e o filho na casa de José.

Chegou à noitinha, depois de doze horas de viagem. Cumprimentou o irmão e a cunhada, beijou a mulher e Manolito. Depois de deixar a mala de viagem no quarto, tomou um banho refrescante, trocando a roupa suada por uma limpa. Foi encontrar o pessoal na sala, sentados em frente à mesa do jantar. As travessas já estavam arrumadas, o feijão mulatinho fumegando, o arroz saindo fumaça, a carne seca e a abóbora convidando para uma boa refeição. Manolo, servindo-se de uma concha de feijão, comentou:

- Bem, acho que conseguimos. Fechei o negócio, até por um preço melhor do que pensava inicialmente.

- Quanto foi, Manolo? - perguntou Marieta, que gostava de saber dos negócios do marido.

- Dois contos de réis - respondeu Manolo. - Pensava que iriam pedir uns cinco.

- E você vai começar quando a obra? - perguntou José.- Tem que limpar antes o terreno, ver material, contratar pessoal...

- Vamos ver com calma, não tem pressa - retrucou Manolo. - Acho que vou ficar um bom tempo por aqui, a construtora lá em São Paulo não tem previsão de nenhum trabalho para mim por enquanto.

Virou-se para a mulher:

- Marocas, amanhã vamos procurar casa para a gente mudar (passara a chamar a mulher de “Marocas” há pouco tempo atrás).

Matilde interveio:

- Mas, por que vocês não continuam aqui? Tem lugar de sobra, depois que o Pepe ampliou a casa.

- É mesmo, vocês não precisam mudar - concordou José.

- Não, obrigado a vocês dois. Sei que vocês teriam prazer em que a gente continuasse aqui, mas por mais que a gente queira, sempre acabamos atrapalhando, tirando a privacidade de vocês. Graças a Deus, hoje já tenho condições de alugar uma casinha por aqui e quero deixar vocês à vontade - retrucou Manolo.

- Bem, ainda acho que isso não seria necessário. - resmungou José. - Mas, se você quer assim, tudo bem, amanhã vamos procurar uma casa para vocês. Vamos ver se achamos uma perto daqui, para que o Juanito e o Manolito não fiquem muito longe. Já se acostumaram um com o outro e agora fica chato separar os dois.

- Está certo - concordou Manolo, mastigando um pedaço de carne seca.

O espanhol iria embarcar em outra coisa arriscada. Dessa vez, por conta própria, sem ninguém a apoiá-lo.

Assim gostava de viver, vencendo desafios, pulando de aventura em aventura.

# 79

Manolo acabou conseguindo alugar uma casa duas quadras depois da residência do irmão. Modesta, dois quartos, sala, banheiro e cozinha, com um pequeno quintal nos fundos. Mas, estava dentro do seu orçamento, não poderia gastar muito naquele momento. Tinha que se preocupar com as várias despesas que teria com a compra do terreno e o início da construção das casas.

Já estavam em meados de dezembro, o Natal se aproximava.

Depois de ter ido novamente a São Paulo, onde concluiu o negócio da compra do terreno, passou a procurar empregados para começar as obras. Tinha pouco capital para o início das mesmas, por isso tentou fazer a venda das casas ainda na planta. Isso era bastante difícil para alguém que ainda não tinha muita tradição no ramo da construção de imóveis, cujo nome não era conhecido. Muitos desconfiavam em aplicar suas economias numa obra que não tinham certeza de que seria ou não concluída. Ainda mais o pessoal do interior... Mas, aos poucos, Manolo foi vencendo essas resistências.

Pepe, Bandeira, Tavares e até o fazendeiro Ambrósio, pessoas conhecidas e respeitadas na cidade, foram os principais propagandistas da idoneidade do seu trabalho. Aliás, a notícia boca a boca funciona melhor até que aquela divulgada por algum jornal, folheto ou outro meio de comunicação.

Os interessados na casa davam uma pequena entrada e pagavam o restante do preço em suaves mensalidades fixas, que perduravam por três, cinco anos. Conseguiu reencontrar alguns dos operários que com ele trabalharam na construção da casa do Bandeira, seu primeiro trabalho

em Ribeirão, além de outros trabalhadores que já haviam estado naquela e na obra do Tavares.

Limparam o terreno, compraram o material básico para o início da construção: arames de ferro, cimento, pedra, areia, peneira, uma pequena misturadora de concreto, pás, enxadas, tijolos, etc... Iriam construir dez casas de vila, cinco de cada lado, obra parecida com aquelas que fizera na Freguesia do Ó. Casas simples, mas confortáveis: sala, dois quartos, banheiro, cozinha, dependências de empregada e uma pequena área nos fundos. Habitações adequadas para famílias pequenas, com um ou dois filhos no máximo, casais em começo de vida. Por isso, o preço não era caro, acessível à grande maioria dos habitantes da cidade.

Vendeu seis antes do início das obras. E foi com o valor recebido das entradas que deu início aos trabalhos. Aliás, o Bandeira e o Tavares compraram uma casa cada um, como investimento, pretendendo alugá-las depois de prontas.

Os dias passavam rapidamente, Manolo absorvido no trabalho da obra, saía antes das sete de casa e só retornava depois das oito da noite. Cansado, sujo de terra, areia e cimento, tomava um banho, jantava e caía direto na cama.

Já estavam no final de maio de 1923.

Manolo chegou em casa à noite, sujo como sempre. Foi tomar seu banho e quando já estava sentado em frente à mesa do jantar, Marieta disse, de forma displicente:

- Manolo, tenho uma novidade.

Ele encarou a mulher, olhar interrogativo. Perguntou, enquanto enfiava na boca um garfo com macarrão e carne moída:

- O que foi?

- Estou grávida outra vez - respondeu ela secamente.

Fitava curiosamente o marido, aguardando sua reação.

Ele enfiou um pedaço de pão na boca, mastigando-o vagarosamente, Encarou novamente a mulher.

- Você tem certeza? - perguntou.

- Absoluta - respondeu ela. - Minhas regras já não vêm há dois meses. Mas, para ter certeza, preciso marcar uma consulta com o médico. Pergunta ao Pepe quem atendeu a Matilde.

Manolo continuava engolindo o seu macarrão. Permanecia calmo, a notícia não mexera muito com ele.

- Tudo bem, vamos confirmar isso, e se for positivo, vamos aguardar o nascimento da criança, Não era a melhor hora para ter outro filho, mas se Deus quis assim... - retrucou, com o seu jeito prático de encarar as coisas.



## 80

Como previra Marieta, os exames confirmaram sua gravidez.

A construção das casas da vila de Manolo avançava rapidamente. A experiência por ele adquirida nas obras da Freguesia do Ó era de muita valia agora na rapidez com que as casas eram erguidas, praticamente todas ao mesmo tempo. O dinheiro continuava entrando. As quatro que ainda não tinham sido vendidas no início da construção, rapidamente o foram já no terceiro mês das obras. As prestações iam sendo pagas normalmente, satisfeitos os futuros proprietários com o andamento dos trabalhos. Tinham sido prometidas para outubro, onze meses após o início das mesmas.

Em agosto, Manolito completou dois anos de idade. Já falava quase tudo, gostava de andar num pequeno velocípede no quintal da casa e na calçada em frente. Era um garoto robusto, bem mais forte que os outros da sua idade.

Marieta organizou uma pequena festa para comemorar o aniversário do filho. Compareceram algumas crianças do bairro, vizinhas do casal, além de Pepe e família, bem como o Bandeira, a mulher e dois filhos adolescentes. Marieta, mesmo com a barriga já bem grande, fez um bolo, salgadinhos e doces, além de comprar refrigerantes para as crianças e cerveja para os adultos. Cantaram os parabéns, Manolito ficou contente ao abrir os vários presentes que recebera.

Sentados em confortáveis cadeiras de palha, na pequena varanda na parte da frente da casa. Manolo, Pepe e Bandeira, bebiam vagarosamente de seus copos de cerveja.

- E então, Manolo? Como as coisas se passaram tão rapidamente, não é mesmo? - indagou Bandeira. - Parece que foi ontem que estive na casa do Pepe para te contratar para acabar a obra da minha casa.

- É verdade, " *seu* " Bandeira. Já lá se vão uns quatro anos mais ou menos... Fui trabalhar em São Paulo, casei e hoje comemoro o segundo aniversário de meu filho... - divagou Manolo, olhando para o horizonte, enquanto sorvia mais um gole de cerveja.

- Ainda me lembro de quando fui buscar esse espanhol aqui lá no porto de Santos quando ele vinha da Espanha - brincou Pepe.

- É, o tempo voa - filosofou Bandeira.

Manolito e as outras crianças corriam alegremente pelas dependências da casa, fazendo enorme algazarra.

- Você pretende fazer o quê quando as casas da vila ficarem prontas, Manolo? Pelo teu espírito aventureiro imagino que não vá querer criar raízes aqui em Ribeirão - perguntou Bandeira.

- Não sei, vou aguardar o nascimento do meu segundo filho, não saio daqui antes disso, isto é certo. Está sendo esperado para novembro. Depois, vou ver se a firma lá em São Paulo arranjou alguma outra obra para mim. Eles estavam em vias de fechar um grande negócio para construir vários prédios no Rio Grande do Sul. - respondeu.

- Nada, você vai acabar ficando por aqui mesmo - vaticinou Pepe. - O teu filho e o meu já ficaram grandes amigos e vão sentir falta um do outro se você for embora.

- Não sei, Pepe, não sei - retrucou Manolo. - Tenho que garantir o futuro da minha família, ainda mais agora que vem mais uma boca aí para alimentar. E meu "ganha-pão" vem das obras que eu conseguir tocar, estejam elas onde estiverem.

- Mas, você pode ficar aqui mesmo pela região de Ribeirão - ponderou Bandeira. - Tem muita gente querendo

construir por aqui e certamente vão precisar de um homem de confiança como você para tocar a obra.

- Não sei, não sei, o futuro a Deus pertence - respondeu Manolo em tom meditativo, olhar perdido, copo de cerveja na mão direita...

Manolito veio correndo de dentro da casa e jogou-se em cima do colo de Manolo, derrubando a cerveja de seu copo...

# 81

Agosto e setembro passaram num piscar de olhos.

No início de outubro, começava a fase de acabamento das casas da vila de Manolo. Entravam em ação os ladrilheiros, eletricitas, bombeiros, pintores... O espanhol supervisionava tudo em cima, pedindo pressa aos operários. Queria entregar as casas antes do final do mês, que fora o prazo que fixara quando iniciou a construção.

A barriga de Marieta estava enorme. Manolo brincava:

- Vai ver são gêmeos...

Marieta retrucava, de mau humor:

- Gêmeos coisa nenhuma. Você acha que eu vou conseguir criar três filhos? Se já o Manolito me dá esse trabalho todo.

Matilde ficava praticamente o dia inteiro na casa de Marieta, enquanto Manolo estava na obra. As casas das duas ficavam perto, assim ela podia dar atenção à sua também. Fora José quem oferecera a Manolo para que Matilde fizesse companhia a Marieta, naquele último mês de gravidez. Manolo aceitou com prazer:

- Obrigado, Pepe, você me tira um peso das costas. Fico na obra muito preocupado com Marieta, se acontece alguma coisa com ela e eu não estou perto. Mas, isso não vai incomodar a Matilde, vai? - indagou ao irmão.

- Não, de jeito nenhum - respondeu José. - Ela mesma mandou que eu te perguntasse se você queria que ela ficasse junto da Marieta.

- Obrigado mais uma vez, Pepe - concluiu Manolo.

Assim, ele pode dedicar-se por inteiro à conclusão das casas da vila e, no dia 22 de outubro, aconteceu a inauguração com a entrega das chaves aos proprietários.

Houve uma festa na área comum, que era um calçadão que ficava em frente às casas, dando acesso às mesmas. Compareceram todos os novos donos com suas famílias, os operários que trabalharam na construção, bem como alguns convidados de Manolo e Bandeira. Ambrósio também lá esteve, tendo vindo da fazenda naquela tarde.

Fizeram um farto churrasco, cerveja para os homens e refrigerantes para as mulheres e crianças. Marieta ficou sentada numa cadeira, a barriga volumosa a impedia de maiores movimentos.

O barulho era grande, as pessoas conversavam alto, riam, as crianças brincavam na extensa área cimentada em frente às casas. Fogos de artifícios ecoaram, iluminando o céu com vários desenhos coloridos, a festa só terminando lá pela meia noite.

Para Manolo, os dias que se seguiram foram de expectativa e ansiedade, aguardando o nascimento do segundo filho. Conseguira guardar um bom dinheiro com a venda das casas da vila, e, mensalmente, recebia as prestações das mesmas, o que já lhe dava uma razoável folga no seu orçamento.

E, finalmente, no dia 6 de novembro de 1923, Marieta foi levada para o hospital, já em trabalho de parto. Tudo correu normalmente, sem complicações.

Manolo era pai pela segunda vez. Só que agora, era uma menina.

- Graças a Deus correu tudo bem - conseguiu falar, enquanto recebia os cumprimentos de Pepe e Matilde.

Parecia que tirara um peso das costas, a sensação de alívio era evidente. Estava alegre, feliz. Distribuiu charutos para enfermeiros, médicos, até pacientes do hospital.

- Agora, você vai ficar com um casal. Deve ser legal criar uma menina - comentou Pepe.

- Já escolheu o nome, Manolo? - perguntou Matilde.

- Não - respondeu. - Não sabia que ia ser menina, nem havia pensado nisso. Mas, eu a Marieta vamos escolher com calma.

## **Terceira Parte**

# **O Rio de Janeiro...**

## 82

Aquele ano de 1939 começou com o mundo em ebulição.

Na Europa, o avanço do nazismo prenunciava a eclosão de uma guerra de grandes proporções, tal o estado de tensão que pairava no ar entre os principais países daquele continente, em especial Alemanha, França, Inglaterra e Itália.

No Brasil, com mão de ferro, Getúlio Vargas comandava os destinos do país, principalmente após a vitória que obteve contra os comunistas, na fracassada Intentona de 1935. Prisões arbitrárias eram feitas diariamente, milhares de brasileiros eram colocados atrás das grades sem motivo aparente, bastava uma simples suspeita. Uma nova Constituição, chamada curiosamente de “Polaca”, onde poderes absolutos eram conferidos ao ditador, foi promulgada em 1937.

Pedro, cursando o último ano do curso médico na Faculdade de Medicina e Cirurgia, no Rio de Janeiro, morava num modesto quarto de uma pensão na rua da Carioca, no centro da cidade. Naquele domingo, estava deitado em sua cama, debruçado sobre um livro de anatomia. Tinha prova no dia seguinte, precisava revisar a matéria. Mas, naquele dia, sentia um pouco de melancolia, talvez saudades da terra onde fora criado, a sua querida Fortaleza.

Apesar de ter nascido no interior do Amazonas, seu pai havia voltado para Fortaleza, após a expedição que fizera àquele Estado, trabalhando na extração da borracha dos seringais amazônicos. Tinha ele quatro meses de idade naquela época, início de março de 1917.

Foi criado na capital cearense, onde seu pai, que voltara rico com os lucros obtidos com a expedição, comprara de volta praticamente quase todas as casas que ficavam em volta da Praça José de Alencar, que à época ainda se chamava Marquês de Herval. Pedro, cujo nome lhe fora dado em homenagem ao capataz e homem de confiança de seu pai, crescera brincando na pracinha em frente à sua casa, uma das mais luxuosas de então. Depois dele, o casal Faustino e Maria Teresa Almeida ainda tivera mais outros três filhos, todos homens: Mauro, Sérgio e Paulo.

Passou toda a infância e o início da adolescência dividido entre seus estudos e as brincadeiras na pracinha em frente, ou na Praça da Lagoinha, que ficava próxima, no fim da rua Tristão Gonçalves, paralela a então Praça Marquês do Herval. De quando em vez, arriscava-se com Mauro, seu irmão dois anos mais novo, além de outros colegas da sua idade, a uma excursão até a praia de Iracema, àquela época um imenso areal, onde só existiam pequenas e rústicas casas de pescadores de lagostas e camarões, que se atreviam a enfrentar o mar bravio em suas rudimentares jangadas. Coursou o primário numa escola pública perto de sua casa. Quando foi aprovado no concurso de admissão para o ginásio, o colégio, claro, foi o Liceu do Ceará, então o melhor do Estado. Era excelente aluno, estudava muito, às vezes passava madrugadas em claro, fazendo deveres de casa ou aprofundando-se cada vez mais no seu aprendizado escolar. Queria formar-se em medicina, sonho que começou a acalantar desde que entrou para o Liceu. Por isso, de tanto forçar a vista, logo ficou míope, passando a usar óculos de grossas lentes corretivas, que lhe cobriam os claros olhos verdes.

Em 1929, a Praça Marquês de Herval mudou de nome, passando a ser José de Alencar, em homenagem ao grande



escritor cearense, autor de “Iracema”, glória da literatura nacional.

Em 1933, pegou um navio do Ita e foi fazer o concurso de ingresso para a Faculdade de Medicina da Bahia, na cidade de Salvador, capital do Estado. Foi aprovado entre os primeiros colocados, passando a morar numa pensão nas proximidades da Praça da Sé, bem perto da faculdade, que ficava praticamente ao lado da Catedral e junto do Pelourinho. Deixou para trás os momentos felizes de sua infância, as recordações alegres de Fortaleza, que, apesar de não ter sido sua terra natal, fora onde praticamente se criara naquela primeira fase de sua vida.

Tinha, então, 16 anos de idade.

Pela primeira vez na vida ficava longe de casa, da família e dos amigos. Dividindo o quarto da pensão com dois outros estudantes do interior da Bahia, sentia-se solitário, com muitas saudades do local onde fora criado. Dedicou-se inteiramente aos estudos, praticamente não saía de seu quarto, a não ser para as aulas diárias na faculdade. Pouco conheceu da vida agitada e divertida da capital baiana, cidade de muitas tradições, praias maravilhosas, mulheres bonitas e comida exótica, de excelente qualidade. A pensão fornecia as refeições, por isso preferia ali mesmo almoçar e jantar. O dinheiro que seu pai mandava todo mês pelos Correios mal dava para pagar a pensão, a lavagem semanal de uma muda de roupas e pequenas despesas que às vezes fazia.

Aos domingos, seu único dia de folga na faculdade, geralmente ficava em seu quarto estudando. Raramente aceitava o convite de seus colegas de quarto para uma volta pela cidade, quando passeavam a pé pelo Pelourinho, visitavam as igrejas de São Francisco e Carmo, pegavam o elevador Lacerda e iam para a cidade baixa, onde comiam alguma coisa no Mercado Modelo. Mais raramente ainda atrevia-se a pegar uma condução e ir até a Barra, que,

naquela época, tinha poucas casas em frente ao mar. Uma única vez foi até Abaeté, para conhecer a lagoa, aproveitando para passar pelas outras praias da cidade, quase todas ainda desertas, a vegetação nativa chegando até a faixa de areia: Amaralina, Rio Vermelho, Ondina, Boca do Rio, Piatã, Itapoã. Também somente uma vez aventurou-se em tomar uma barca que o levou até Itaparica. Não era dado a farras, bebia muito raramente um copo de cerveja, não fumava. Era tímido com as mulheres, escondido que ficava atrás das grossas lentes de seus óculos de aro de metal. Sua preocupação maior era realmente com os estudos, queria formar-se, dar alegria ao pai, que não tivera a oportunidade de ter instrução mais apurada .

Aliás, era bem diferente de Faustino. Enquanto este era alegre, extrovertido, brincalhão, falava muito, gostava das noitadas, de um carteadado e não dispensava uma cerveja, Pedro era calado, introvertido, não bebia, não gostava de jogo, enfim, personalidades bem diferentes. Quem mais se parecia com o pai era Mauro, o segundo filho do casal, também de temperamento alegre, boêmio e aventureiro. Apesar de ainda não ter completado 15 anos quando Pedro deixou Fortaleza, Mauro já era namorador, tomava suas cervejas às escondidas, dava os primeiros passos no carteadado.

Sérgio e Paulo, respectivamente, com doze e oito anos de idade, ainda não tinham personalidades formadas, estavam ainda na infância ou início da adolescência.

Pedro foi levando aquele primeiro ano de faculdade em Salvador, sempre como um dos melhores alunos da turma. Continuava estudando feito um louco, suas notas eram excelentes, seus professores cobriam-lhe de elogios.

Um deles, o famoso Dr. Medeiros, conhecido em todo o Brasil como um dos expoentes da medicina no país, chamou-o um dia após uma de suas aulas:

- Pedro, você tem um minuto livre? Queria conversar uma coisa com você.

- Pois não, professor - respondeu, quando já deixava a sala de aula. Os dois saíram da faculdade, foram caminhando em direção à Praça Castro Alves.

Medeiros começou:

- Pedro, você é um dos melhores alunos dessa turma, se não o melhor.

Ele enrubesceu com o elogio.

- Obrigado, professor. Procuro me dedicar bastante, pois venho lá do Ceará, aqui estou longe da família e dos amigos, sei como é difícil a vida de um estudante nessas condições, não quero desapontar minha família.

- Bem, o que quero lhe dizer é que você deveria tentar concluir seu curso de medicina no Rio de Janeiro. Nossa faculdade aqui em Salvador é muito boa, de excelente nível para o nordeste, mas não tem os recursos de pesquisa, de laboratórios e mesmo de professores que as do Rio. Afinal, lá é a capital do Brasil, todos os luminares da medicina estão por lá mesmo- continuou Medeiros. - E já percebi que o seu forte é a área de pesquisa, você tem um dom especial para isso.

Pedro novamente enrubesceu. Não sabia como responder. Afinal, disse:

- Bem que eu gostaria, professor. O Rio de Janeiro realmente exerce uma atração muito grande em mim. Mas, não sei como poderia cursar uma faculdade lá. Teria que fazer outra prova de ingresso, repetir o primeiro ano?

- Não, seria uma transferência quando você terminar o primeiro ano. Tenho um amigo lá, na Faculdade de Medicina e Cirurgia, que foi meu colega aqui em Salvador e que me deve alguns favores. Quando foi lecionar naquela faculdade, foi através de um pedido a um político meu conhecido na época. Acredito que ele conseguirá facilmente sua transferência para o segundo ano da Medicina e Cirurgia.

Pedro não conseguiu esconder seu contentamento. Apertou efusivamente as mãos de Medeiros.

- Obrigado, professor, ficaria muito agradecido se o senhor conseguisse essa transferência. Estudar no Rio de Janeiro sempre foi o meu sonho.

- Bem, deixe comigo. Estamos no mês de setembro. Estude cada vez mais, termine este ano com ótimas notas e, lá para novembro, escrevo para esse meu amigo falando sobre sua transferência.

E foi assim que o amazonense, criado em Fortaleza, tendo passado por Salvador, foi acabar no Rio de Janeiro.

# 83

No Rio, Pedro seguia praticamente a mesma rotina de vida que tinha em Salvador. Foi morar num quarto de pensão que dividia com outros três estudantes: um paulista que também cursava medicina, outro gaúcho que fazia Direito e um baiano que estudava odontologia. Foi muito proveitosa para ele aquela convivência com pessoas de diferentes regiões do país, assimilando a diversidade de suas culturas e tradições.

Com o paulista, Cesar, apesar de pretenderem seguir a mesma carreira, não tinha muita intimidade. O outro estava dois anos mais adiantado que ele, era muito fechado, até um pouco esnobe, apesar de todos eles viverem contando os centavos das mesadas que recebiam dos pais. Apenas ele, o paulista, gostava de se vestir bem, andava sempre bem penteado, o cabelo empastado de brilhantina, sapatos de duas cores, o perfeito janota. Era o que mais dinheiro recebia da família, o pai era um pequeno fazendeiro no interior de São Paulo. Quase não conversavam, apenas um cumprimento aqui, outro ali, almoçavam e jantavam em horários diferentes, já que não estudavam na mesma faculdade...

O gaúcho, Rodolfo, era mais expansivo, puxava uma conversa no quarto quando se preparavam para dormir, às vezes coincidiam suas horas de almoço ou jantar com as de Pedro. Era um tipo alegre, brincalhão, o forte sotaque do sul era inconfundível, gostava de um cinema de vez em quando, ia à praia na Glória aos domingos, convidava os colegas de quarto para uma cerveja num dos vários bares da Lapa ou do centro da cidade.

Mas, com quem mais se identificou foi o baiano, Gumercindo. Nordestino típico, sotaque regional mais

carregado que o de Rodolfo, era a alegria em pessoa. Vivia sempre com um largo sorriso escancarado na boca, a tez bem morena, pele bem curtida pelo maravilhoso sol da Bahia. Não era de Salvador, nascera e vivera em Itabuna, sertão baiano, terra do cacau e das mulatas bonitas. Tinha muito orgulho de sua terra natal, vivia contando histórias de jagunços e de cabras machos, ria muito com a cara de espanto e incredulidade que Pedro e os demais faziam após suas fantásticas narrativas.

Nos dois primeiros anos de Rio pouco saiu do quarto, a não ser para ir à faculdade. Foi conhecendo a cidade aos poucos, mas seu principal objetivo era a dedicação aos estudos. Vivia debruçado sobre os livros, recusava delicadamente os convites que lhe eram feitos para uma saída, um chope na cidade, uma paquera nas meninas da redondeza. Cinema, foi uma ou duas vezes, ali mesmo perto da pensão. Mas, acabou conhecendo o Pão de Açúcar, o Corcovado, Copacabana, Ipanema. O bonde era o transporte mais utilizado: barato e eficiente. Vestia sempre um surrado terno cinza de listras, gravata e chapéu na cabeça, os óculos de lentes grossas cobrindo-lhe os olhos de um verde bem claro. Deixou crescer um bigode bem fino, que era moda na época.

Assim transcorreram os cinco anos desde que chegara ao Rio. Agora, no sexto ano do curso médico, seus dias eram muito corridos. Além das aulas na faculdade, na rua Frei Caneca, no centro da cidade, ainda dava plantão num hospital público no Méier e em um outro particular, chegando exausto na pensão, onde comia alguma coisa ligeira, tomava um banho e dormia pesadamente. Ainda bem que seu curso estava terminando, depois decidiria o que fazer: voltar para Fortaleza ou candidatar-se a um emprego público num hospital qualquer do Rio. Já estava habituado à cidade, acostumara-se a ela, já se considerava quase um carioca.



# 84

Carmencita aguardava com ansiedade que aquele semestre terminasse.

Estava com 13 anos, faria 14 dentro de dois meses, no início de novembro, e, encerrado o curso que fazia, teria em mãos o cobiçado diploma de professora de corte e costura. O ano era 1937.

Terminara o primário com dificuldade, em colégios diferentes, pelas cidades onde seu pai fora trabalhar. Estava agora no segundo ano do ginásio. Às vezes, interrompia o ano escolar em um lugar e iria recomeçá-lo em outro. Nasceu em Ribeirão Preto, cidade agrícola do interior do estado de São Paulo, mas já morara, inclusive em Novo Hamburgo, perto de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde seu pai fora tocar uma obra de grande vulto.

O pai, imigrante espanhol, era mestre de obras, e já tinha vários prédios construídos no estado de São Paulo, na capital e no interior. Quando ela tinha onze anos, depois de concluir o primário em Ribeirão Preto, Manolo, seu pai, recebeu uma excelente proposta para a obra de Novo Hamburgo. A família arrumou suas tralhas e seguiu de automóvel para o estado do extremo sul do Brasil.

Lembrava-se com nitidez de cenas daquela viagem, que durou doze dias. Estradas de terra, a maioria mal conservadas, esburacadas, um lamaçal só quando chovia e uma irritante poeira vermelha, que entrava pelo nariz, pela boca, por todos os poros, quando fazia sol.

Recordava-se claramente de uma noite em que viajavam por uma das várias estradas rumo ao Sul do Brasil. Houve um imprevisto durante a viagem e não conseguiram chegar a uma cidade razoável para o pernoite, tendo sido,



talvez um dos momentos de maior perigo por que passaram.

Estavam no interior do Paraná, rumo ao Rio Grande do Sul. As estradas da época eram ainda meros caminhos de terra, escavados entre morros, planícies, às vezes invadidas pelo mato da floresta virgem, que as margeava. Manolo não gostava de viajar à noite, preferia acordar bem cedo e sair antes do sol nascer, viajando com luz clara durante todo o dia e pernoitando numa pensão de uma cidade do caminho.

Naquele dia de março de 1934, entretanto, atrasara-se na estrada depois do almoço, já que tivera que trocar um pneu do carro e mandar consertar o que estava furado. A noite caiu mais cedo e, por volta das cinco e meia da tarde, já estava quase escuro. A estrada, como sempre, sem qualquer iluminação, poeira vermelha por todo o canto. Dificilmente cruzavam com outro veículo, o último fora antes de escurecer, por volta das quatro horas.

Manolo já ouvira várias narrativas e fora prevenido sobre assaltantes na estrada, gente que pedia carona para depois roubar o motorista. Estava temeroso, ainda mais com mulher e duas crianças no carro. E, para piorar, minutos atrás caíra uma chuva torrencial, que, mesmo com o limpador de parabrisa funcionando na velocidade máxima, tornava a visibilidade bem dificultosa. A luz mortiça dos faróis mal dava para iluminar a estrada na frente do veículo.

Dirigia com cuidado, evitando derrapar no barro que já formava profundas valas no solo. De tempos em tempos, passava nervosamente a mão direita no parabrisa, tentando limpar o vidro embaçado pelo ar viciado do interior do carro, já que as janelas estavam fechadas, devido à intensidade da chuva.

A estrada não acabava nunca, como demoravam a chegar a um local onde pudessem ficar abrigados, esperando a chuva passar.

De repente, Marieta gritou, fazendo com que Manolo pisasse violentamente no freio:

- Para, Manolo, para. Tem alguém caído na estrada.

Recuperado do susto que o grito da mulher lhe causou, Manolo pensou rapidamente. *“ Saltaria para ver se aquele vulto estava ferido ou morto? Será se não era uma daquelas armadilhas de que tanto ouvira falar? Não seria um assaltante que se fingia de morto ou ferido?”*

Achou aquilo tudo muito estranho. A posição em que o vulto estava deitado na estrada, perpendicularmente à mesma, as pernas estiradas, como se tivesse se colocado ali de propósito. Também não era normal que, com aquela chuva tão intensa, o sujeito estivesse ali deitado, com a água caindo violentamente sobre ele. Mas, o que lhe chamou mais a atenção, foi o movimento que percebeu na mata na margem da estrada, como se houvesse alguém à espreita. A luz dos faróis mostrou isso claramente. Decidiu não parar. Engrenou novamente a primeira e contornou rapidamente o corpo, saindo um pouco pelo acostamento. Olhou pelo retrovisor e viu quando dois outros homens saíram da mata dos dois lados da estrada e fizeram alguns disparos de arma de fogo contra o veículo. Acelerou mais ainda e tratou de fugir dali o mais rapidamente que pode.

Manolo gritou para Manolito e Carmencita, que viajavam no banco traseiro:

- Para o chão, joguem-se no chão, rápido. Abaixem-se os dois.

Dirigiu em ziguezague, tentando fugir das balas que os assaltantes mandavam contra o carro. Marieta apoiou as duas mãos no painel do carro, gritando histericamente para os filhos no banco de trás:

- Abaixem, abaixem, não ouviram seu pai falar?

Carmencita e Manolo estavam em transe. Nunca haviam passado por situação idêntica. Para eles, uma aventura extraordinária. Carmencita nunca se esqueceu

daquela noite, daquela cena de terror. Manolo conseguiu fugir, continuando a acelerar o máximo que podia. Seu coração estava aos pulos, a respiração ofegante, um suor gelado escorria-lhe pela face. A estrada ia ficando para trás, enquanto os últimos disparos ainda eram ouvidos ao longe. Só depois de uns dois quilômetros, olhando pelo retrovisor e certificando-se de que não era perseguido, encostou o carro na margem da estrada e parou. Virou-se para o banco de trás, viu que as crianças estavam deitadas no chão do veículo:

- Está tudo bem com vocês? - perguntou, aflito.

Manolito levantou-se vagarosamente. Respondeu:

- Sim, pai, comigo está tudo bem.

- E você, Carmencita? Está bem? - indagou Manolo.

- Sim, pai, comigo também está tudo bem - respondeu a menina, sem sair da posição em que estava.

Manolo respirou fundo, aliviado.

Olhou para Marieta ao seu lado. Ela nada falava, não se movia, era como se estivesse paralisada, os olhos fixados na estrada à sua frente, iluminada apenas pelas luzes dos faróis.

- Marieta, você está bem? - perguntou ele.

Ela conseguiu apenas fazer um gesto afirmativo com a cabeça, continuando a olhar para a frente do carro.

- Graças a Deus - disse Manolo, repetindo o suspiro de alívio. - Carmencita, sai daí do chão do carro, senta direito no banco - ordenou.

Engrenou a primeira, voltou para a estrada e seguiu viagem.

*"Nunca mais viajará à noite"* , prometeu a si mesmo.

## 85

Carmencita ainda lembrava que o pai, depois daquele susto que levaram, comprou um revólver velho, quase enferrujado, que trazia escondido sob o banco em que se sentava no carro. Mas, felizmente, nunca precisou fazer uso dele.

“— *É apenas para a gente se garantir*” - disse ele a Marieta, quando lhe mostrou a arma.

Passaram quase dois anos em Porto Alegre, melhor dizendo, Novo Hamburgo, onde Manolo trabalhou na construção de um prédio de dez andares.

Voltaram a Ribeirão Preto, ficaram algum tempo na casa de José, depois foram para São Paulo. Lá, Manolo recebeu uma proposta para realizar uma obra num subúrbio do Rio de Janeiro. Novamente arrumaram as coisas e se dirigiram para a capital da República.

A obra era um prédio de apartamentos. O dono do terreno queria construir um pequeno edifício de quatro andares e, como conhecia Pereira, o amigo de Manolo lá da Freguesia do Ó, pediu-lhe a indicação de um bom mestre de obras.

- Sim, conheço um excelente, que por acaso está aqui em São Paulo, terminando uma obra minha. Acredito que não vai ter outro trabalho nos próximos meses e estará livre para te atender. - respondeu Pereira ao telefone, atendendo à solicitação do amigo do Rio. - Vou falar com ele e ver se está interessado.

Essa conversa ocorreu no início de 1936.

Consultado por Pereira, Manolo concordou:

- Tudo bem, “ *seu* ” Pereira, logo que eu terminar essa sua obra aqui, vou para o Rio. Vai ser bom, porque só conheço a cidade superficialmente, quando vim da Europa

de navio e depois numa curta viagem que eu e Marieta fizemos até lá.

Ela foi logo dizendo, quando recebeu a notícia:

- Lá vamos nós de novo arrumar as tralhas. A gente parece cigano, não firma pouso em lugar nenhum.

Manolo retrucou:

- Mas, o que você quer que eu faça, "Marocas?". - Tenho que aproveitar as oportunidades que surgem. E elas não estão dando sopa por aí, não. De qualquer forma, vai ser bom para você e as crianças... vão conhecer o Rio, a capital do país.

- Bom, coisa nenhuma - rebateu Marieta. - Eles não conseguem parar numa escola, completar direito o ano escolar. Manolito já não quer quase nada com o estudo, vai ficar ignorante como eu e você, mas a Carmencita é pena, ela gosta de estudar, de aprender.

E lá foram eles para o Rio de Janeiro, no início de 1937.

Ficaram inicialmente numa pensão no Catete, lugar humilde, um quarto para os quatro, o banheiro coletivo no corredor. Pela manhã, havia fila para escovar os dentes e tomar banho. Havia uns quinze hóspedes, a maioria deles estudantes ou famílias vindas do interior para trabalhar no Rio, como a de Manolo.

A obra que foi tocar ficava no Jacaré, subúrbio do Rio. Manolo pegava dois bondes todos os dias, bem cedo pela manhã, para poder chegar no trabalho antes das sete. Havia vendido o carro lá em São Paulo. Trouxe consigo de Ribeirão Preto alguns operários que já o acompanhavam há algum tempo, desde a época da Freguesia do Ó, inclusive Cipriano e Erli, este ainda dos tempos de Ribeirão Preto.

Manolito, já com 16 anos completados recentemente, acompanhava o pai para tentar aprender alguma coisa do ofício. Abandonou completamente a escola, terminando apenas o curso primário.

Carmencita, ao contrário, tentava terminar o ginásial, apesar das constantes viagens do pai. Entrara para um curso de corte e costura, pretendendo formar-se no final do ano e poder ensinar o que aprendera. Assim, poderia ganhar algum dinheiro, ajudar um pouco nas despesas da família e separar um pouco para ela mesma.

1937 se foi.

Carmencita terminou seu curso de corte e costura e iria cursar a última série do ginásial em 1938. No começo deste ano, convidada por uma amiga do colégio onde estudava, entrou para um coro que cantava em igrejas das redondezas e, às vezes, era chamado para acompanhar cantores ou cantoras na Rádio Nacional.

Foi assim que conheceu de perto vários artistas que brilhavam naquela estação de rádio: Francisco Alves, Orlando Silva, Marília Batista, Aracy de Almeida, entre tantos outros. Mas, ficou fã incondicional de uma delas: Carmen Miranda. Era uma portuguesa, de família humilde, que depois que foi lançada no rádio, passou a ser a coqueluche dos programas de auditório. Suas músicas faziam estrondoso sucesso, principalmente no Carnaval.

Carmencita vibrava quando a ouvia cantar, sua voz quase sumia de emoção quando a acompanhava cantando com suas colegas no Coro dos Apiacás. Carmen Miranda era muito simpática, vivia sempre rindo, os olhos muito grandes e brilhantes realçavam-lhe as linhas do rosto. Carmencita, então com 15 anos, sabia de cor todas suas músicas, vivia cantarolando-as por todo canto onde estava.

Quando 1938 chegava ao fim, ela já andava com desembaraço pelas ruas do centro do Rio, já pegava condução sozinha para os ensaios dos Apiacás e para as apresentações na Rádio Nacional.

1939 chegou.

E, com ele, os rumores cada vez mais insistentes de uma possível guerra na Europa. O país, também, estava em

turbulência. Getúlio Vargas, o presidente que se eternizou no poder depois de vitorioso comandando a revolução de 1930, passava por sérios problemas internos no Brasil. Fora obrigado a sufocar duas tentativas de tirá-lo do poder, a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932 e a Intentona Comunista de 1935. Além disso, ainda existiam os integralistas, comandados por Plínio Salgado, simpáticos ao movimento nazista que se espalhava na Alemanha, sob a orientação de Adolf Hitler. Getúlio, além de ter que resolver os vários problemas do Brasil, ainda tinha que tomar uma decisão sobre de qual lado ficaria no violento conflito europeu que se avizinhava: se do lado dos aliados de sempre, os Estados Unidos (que também evitavam a todo custo interferir nos problemas da Europa) ou se da Alemanha de Hitler, que surgia forte e poderosa depois da derrota na guerra de 1914/1918.

Getúlio ficou em cima do muro até quando pode. Evitava descontentar Hitler, tendo até ordenado a vergonhosa extradição para a Alemanha da militante comunista Olga Benário, que residia no Brasil junto com o marido, já preso pelas forças de Getúlio, o também comunista Luiz Carlos Prestes. Este, na década de 20, fora um dos grandes heróis brasileiros, o famoso “Cavaleiro da Esperança”. Prestes foi preso após o fracasso da Intentona de 35, a qual comandava e sua mulher, Olga Benário, esperava um filho dele. Ela também foi presa e, a pedido de Hitler, Getúlio a mandou de volta para a Alemanha, onde era acusada de participar de atos subversivos. Acabou morrendo num campo de concentração nazista, mas sua filha com Prestes, Anita Leocádia, sobreviveu.

Carmencita, no início daquele ano, conseguiu arranjar algumas alunas para ensinar corte e costura. Mas, como não tinha local para as aulas, tinha que ir à casa de cada uma, o que tornava seu trabalho muito cansativo. Se

tivesse um lugar disponível, reuniria as alunas e daria uma aula só.

*“Bem, pelo menos já estava entrando algum dinheirinho...”* , pensava ela com seus botões.

Continuava participando do “Coro dos Apiacás”, o que lhe dava muito prazer. Poder cantar na companhia dos artistas da época, aquilo, para ela, era um verdadeiro sonho... Moça pobre do interior paulista, filha de imigrante espanhol, estar no mesmo palco onde cantava a divina Carmem Miranda... Era o máximo... E ela, por coincidência, também se chamava Carmem... Carmencita...



## 86

Pedro já estava chegando ao seu limite de fadiga.

As jornadas de aulas diárias na faculdade, além dos plantões que agora dava em dois hospitais diferentes, quase não o deixavam dormir. Vivia pelos corredores da pensão, da faculdade e dos hospitais quase como um autômato, cochilando a todo o momento. Todos os seus colegas só tiravam plantão em um único local, mas ele precisava do dinheiro que aquele outro hospital particular lhe ofereceu. As contas nunca fechavam direito no fim de cada mês, mal terminava um já começava o outro com dívidas. A mesada que Faustino lhe mandava mal dava para cobrir as despesas com a pensão e o transporte diário. Vestia-se mal, o único velho terno surrado, não saía como seus colegas de faculdade e de quarto faziam, para um chope, uma noitada num dos vários cabarés da Lapa. Vivia debruçado sobre os livros, estudando, estudando, estudando... Aquele era seu último ano na faculdade, queria terminar logo o curso médico e começar a trabalhar. Já nem pensava mais em voltar para Fortaleza, achava que seu destino seria mesmo o Rio de Janeiro, o Distrito Federal, a capital do Brasil...

Ali é que estavam as oportunidades para crescer na carreira, ser um pesquisador conhecido no mundo inteiro. Vivia cheio de sonhos na cabeça, mas a realidade era bem diferente.

Num domingo de abril daquele ano, descansava um pouco em seu quarto na pensão da rua da Carioca. Finalmente, conseguira tempo para dormir um pouco mais. Chegara do plantão noturno tirado em um dos hospitais onde trabalhava, caíra direto na cama, mal deu tempo para tirar a roupa do corpo.

Gumercindo, seu colega de quarto, acordou-o:

- Acorda, Pedro, acorda. Já são duas da tarde. Vai dormir o dia todo?

Acordou contrariado:

- Porra, Gumercindo, logo hoje, que foi o único dia em que não tenho plantão, você vem me acordar. Não vê que estou com o sono atrasado?

- Deixa essa preguiça de lado, homem de Deus.- rebateu Gumercindo, com seu inconfundível sotaque baiano. - Veja, consegui dois ingressos para o programa da Rádio Nacional. Só tem artista bom. O Sílvio Caldas, o caboclinho do Brasil, também vai cantar. E tem o Chico Alves, o Orlando Silva, só gente de primeira. Faço questão que você venha comigo.

- Não, não vai dar, Gumercindo. Tenho que estudar para uma prova difícilíssima na quarta-feira. Estou até com medo de não conseguir me formar esse ano - retrucou.

- Esquece isso apenas por uma tarde. Vamos arejar a mente, distrair um pouco a cabeça. Você vai acabar maluco de tanto estudar. Depois, tua prova é só na quarta, tem amanhã e terça para dar uma revisada na matéria.

Pedro relutava, mas Gumercindo prosseguiu com seus argumentos. Tanto insistiu que ele não teve como recusar.

Disse, vencido:

- Está certo, está certo, você é um pentelho mesmo. Vamos lá ver esse programa, mas às sete quero estar de volta.

- Tudo bem - retrucou Gumercindo com um sorriso nos lábios. - Aposto que você vai gostar. Mas, se apresse que o programa começa às quatro da tarde.

Vestiram os surrados paletós, deram um laço desajeitado na gravata e seguiram para a Praça Mauá.

A pé, pois não era muito longe da rua da Carioca.

# 87

A Praça Mauá, em 1939, era um dos pontos mais badalados da cidade.

Em frente ao porto do Rio, recebia diariamente vários marinheiros e turistas dos navios que ali ancoravam. Naquela época, a aviação civil ainda engatinhava, só havia alguns poucos voos apenas para as capitais do país, mesmo assim, as mais importantes: São Paulo, Recife, Salvador, Porto Alegre... Praticamente, inexístiam voos internacionais, apenas alguns raros para Montevideu e Buenos Aires. Por isso, quase todo o tráfego de mercadorias e passageiros entre o Rio de Janeiro, a Europa e Américas do Norte e Sul era feito quase exclusivamente pela via marítima. Ali existiam vários cabarés que atraíam as tripulações dos navios e alguns turistas mais corajosos. Havia também a Rodoviária Mariano Procópio, que servia de terminal de embarque e desembarque para os ônibus que iam e vinham de diversas cidades brasileiras. Dali começava a Avenida Rio Branco, anteriormente denominada de Central, inaugurada em 1905, tendo o nome mudado em 1912, que rasgava o centro do Rio, partindo do porto e indo até a Avenida Beira-Mar, de onde se tinha uma visão maravilhosa do Pão de Açúcar. Era a avenida mais famosa da cidade na época, repleta de cafés e bares, com cadeiras espalhadas pelas calçadas, imitando os grandes bulevares parisienses. Ali se situavam os famosos cafés Nice e Trianon, reduto maior da boemia carioca. Também havia a Galeria Cruzeiro, onde os bondes circulavam em seu interior e as pessoas bebiam em pé, junto ao balcão, um café pequeno ou uma caneca de cerveja. Mais a frente, o Tabuleiro da Baiana, terminal de bondes que se dirigiam à Zona Sul. Ainda na Rio Branco, o imponente Teatro

Municipal, réplica do famoso “L’Opéra” de Paris. A grande praça, denominada Cinelândia, justamente por ali se concentrarem os mais concorridos cinemas da cidade. E, finalmente, quase já no fim da Rio Branco, atrás do Monroe, onde funcionava o Senado Federal, o famoso Obelisco, onde Getúlio e seus companheiros amarraram seus cavalos quando entraram vitoriosos na cidade, após derrubarem o governo de Washington Luiz, em 1930. Dobrando à direita surgia o Passeio Público, grande jardim retratado em vários livros de Machado de Assis. Dali, ainda para a direita, divisavam-se os Arcos, antigo aqueduto que, no século anterior, conduzia água das nascentes de Santa Teresa para abastecer a cidade embaixo. E, finalmente, logo após os Arcos, o famoso bairro da Lapa, reduto de malandros, marginais e cabarés, onde a noite não tinha hora para terminar. Este, o cenário onde se desenvolvia toda a fervilhante e agitada vida da cidade. A Zona Sul, a região das praias, ainda não exercia atração maior sobre os cariocas, apesar de já demonstrar um início de desenvolvimento. Na Urca, já funcionava um cassino, que se tornaria famoso, não só pelo jogo em si, mas pelas atrações artísticas que animavam suas noites. Em Copacabana, anos antes, surgia, imponente, em frente à maravilhosa praia, o hotel Copacabana Palace, que, em pouco tempo, tornar-se-ia conhecido no mundo inteiro. No alto do Corcovado, como que abençoasse a “cidade maravilhosa”, com os braços abertos num gesto de proteção, a estátua do Cristo Redentor, inaugurada em 1931.

E, na Praça Mauá, no número 7, imponente, de frente para o porto, sobressaía o edifício do jornal “A Noite”, onde também ficavam os estúdios e auditório da Rádio Nacional, na época, uma das mais importantes do país. Era um enorme arranha-céu, talvez o mais alto do Rio de Janeiro daquele tempo.

Gumercindo e Pedro entraram no elevador, que logo se encheu de gente, quase todos pretendendo assistir o famoso programa de auditório apresentado por César Ladeira.

Saltaram do elevador, entregaram seus convites ao porteiro e sentaram-se bem próximo ao palco, na primeira fileira do lado esquerdo. Ainda era cedo, o auditório estava relativamente vazio. Pedro não se mostrava muito entusiasmado com aquele programa que Gumercindo arranjara para uma tarde de domingo. Preferia estar em seu quarto, dormindo um pouco mais ou estudando para a difícil prova que faria na quarta seguinte. Entretanto, na realidade, precisava espairar um pouco, relaxar a mente, divertir-se.

O auditório se enchia aos poucos. A maioria dos espectadores era de moças muito jovens, que ali iam suspirar por seus ídolos. Eram alegres, falavam alto, riam muito, faziam enorme algazarra. Mas, também havia vários rapazes, vestidos formalmente, com paletó e gravata, que ali compareciam na esperança de paquerar algumas das jovens, iniciar um namoro ou marcar um encontro. Havia também o grupo das senhoras idosas, que curtiam seus velhos cantores, como Vicente Celestino, Pixinguinha e outros. Poucos casais, marido e mulher, aqueles fanáticos por programas de rádio, completavam os espectadores presentes na plateia. Ressalte-se que, em 1939, o rádio era o grande veículo de comunicação existente, competindo e até ultrapassando em popularidade a força dos jornais diários.

Finalmente, cinco minutos antes das quatro da tarde, o auditório já estava lotado. O grupo de moças gritava em coro os nomes de seus artistas preferidos. Com pontualidade britânica, às quatro horas, Cesar Ladeira ingressa no palco. É ovacionado pelo público entusiasmado.

Cumprimenta os espectadores, diz algumas palavras como introdução, faz alguns comerciais de firmas que patrocinavam o programa e apresenta a primeira atração: Orlando Silva, o “cantor das multidões”. Com aquele vozeirão extraordinário, timbre de voz impecável que o consagrara por todo o Brasil, canta vários sucessos da época. O público aplaude freneticamente, em delírio.

Pedro reparou que, do seu lado direito, na mesma fileira onde estavam sentados, havia um grupo de umas dez moças, bem novinhas, usando a mesma roupa. E, na frente de suas blusas apareciam os dizeres “Coro dos Apiacás”.

Curioso, perguntou à jovem que sentava bem ao seu lado:

- Vocês também vão cantar?

A moça, quase uma menina, a cor da pele bem clara, longos cabelos negros, olhos bem vivos, a princípio, não respondeu. Sua mãe sempre a advertira para não conversar com estranhos. Entretanto, como o rapaz continuasse olhando para ela, esperando que ela dissesse alguma coisa, não viu mal em responder:

- Sim, vamos entrar daqui a pouco, para acompanhar o Chico Alves e outros artistas.

Pedro sentiu-se fortemente atraído pela beleza da moça. Não devia ter mais de 15 anos. Tentou puxar conversa:

- Mas, vocês já cantam aqui há muito tempo?

Ela ainda procurou manter-se na defensiva. Custou algum tempo para responder:

- Há um ano e meio, mais ou menos - respondeu finalmente.

Pedro notou nela um sotaque um pouco diferente, puxando um pouco o “erre” e o “esse”, coisa típica de gente do interior do Brasil, principalmente da região sul.

- Você não é do Rio, é? - perguntou ele, tentando alongar a conversa.

Ela mais uma vez demorou a responder. Nem olhara direito para o rapaz, mantinha os olhos fixados no palco, enquanto Orlando Silva soltava seu vozeirão, numa bela interpretação de “Rosa”.

- Não - retrucou a menina. - Sou do interior de São Paulo, Ribeirão Preto, conhece?

- Infelizmente, não - respondeu, não conseguindo esconder um pequeno sorriso que se esboçou em sua boca. Adivinhara logo que ela não era carioca. Aliás, os diversos sotaques das várias regiões do país eram bem marcantes, bem característicos. - Eu também não sou do Rio, nasci no Amazonas, mas fui criado em Fortaleza.

Aí, ela pareceu ficar interessada. Voltou-se para o rapaz:

- Verdade? - perguntou a moça, parecendo surpresa. - E o que veio fazer aqui no Rio, tão longe de sua terra?

Ele continuava a encará-la firmemente, seus olhos fixados nos dela. Respondeu:

- Vim para cá concluir meu curso de medicina. Vou me formar no fim deste ano.

- Verdade? - repetiu ela. - Você parece tão novinho.

- Nada - disse ele, querendo demonstrar desinteresse. - Já tenho 22 anos.

Ela então começou a observá-lo com mais atenção. Por trás das grossas lentes dos óculos que usava, apareciam dois olhos de um verde bem claro, que chegavam a brilhar de tanta intensidade. Era magro, usava um bigode bem fino, o rosto nem aparentava já ter tido barba algum dia. Apesar do terno surrado que usava, aparentava um certo ar de distinção, de classe, bem diferente dos outros rapazes com quem convivia: seu irmão e colegas do ginásio onde estudava, grossos, imaturos. Ele parecia maduro, decidido, parecendo saber o que queria da vida e como fazer para conseguir o que pretendia. Além do mais, era instruído,

polido, falava corretamente o português. Também, pudera, iria formar-se em medicina.

Ele se apresentou:

- Meu nome é Pedro. Pedro Almeida. E o seu?

- Carmencita. Carmencita Blando - respondeu ela.

- Mas, Carmencita não é um apelido? - indagou Pedro.- Qual seu nome verdadeiro?

- É Carmencita mesmo - retrucou ela, sorrindo. - Meu pai é espanhol e tem mania de diminutivos. Meu irmão, por exemplo, chama-se Manolito.

Ele nada disse, apenas fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Uma das colegas chamou Carmencita:

- Vamos, está na nossa hora, o diretor já fez sinal para cá.

Ela levantou-se junto com as colegas. Virou-se para ele:

- Prazer em conhecê-lo, Pedro.

Ele apertou-lhe a mão que ela lhe estendeu.

Respondeu:

- O prazer foi todo meu, Carmencita.

E, quando ela se afastava, ele arriscou:

- Posso vê-la de novo?

Ela virou a cabeça, os longos cabelos envolvendo-lhe a cabeça:

- Se você esperar o programa terminar, podemos conversar.

Ele sentiu o coração bater mais rapidamente. Ficara impressionado com a garota, com sua beleza e seu desembaraço.

Ela também ouviu as batidas de seu coração soarem num compasso diferente. O rapaz era atraente, culto, educado. Não chegava a ser um Rodolfo Valentino, mas era bastante simpático.



Acenou-lhe com a mão direita, enquanto entrava por uma porta lateral que dava acesso aos bastidores.

Em primeiro de setembro de 1939, Hitler invade a Polônia, acendendo o estopim que daria início à Segunda Guerra Mundial. A França foi invadida em julho de 1940.

Em setembro de 1940, Pedro e Carmencita casaram num cartório da Glória. Nem Manolo e muito menos Pedro tinham dinheiro para pagar um casamento em igreja.

Já formado, tendo prestado um concurso para médico do Governo federal, sendo aprovado, Pedro já tinha emprego fixo. Decidiram casar até porque ele queria ter o seu próprio canto, não gostava de dividir sua intimidade com outras pessoas, mesmo que estas fossem parentes da mulher. Nos três últimos meses, tinha dividido com Manolo, Marieta e Manolito o quarto que estes ocupavam no Catete.

*“Para diminuir despesas”* – disse-lhe Manolo, quando lhe fez o convite.

Por outro lado, sendo casado, ficaria mais longe da guerra que tomava conta de toda a Europa. Os Estados Unidos ainda hesitavam se entravam ou não, mesmo após os insistentes pedidos de auxílio vindos da Inglaterra. Roosevelt achava que sim, mas a opinião pública americana era radicalmente contra. Getúlio continuava em cima do muro, aguardando o desenrolar dos acontecimentos, até ter certeza de que a vitória penderia para um ou outro lado.

Pedro e Carmencita alugaram uma pequena casa na Penha, na avenida Braz de Pina. Ali ela montou seu curso de corte e costura, enchendo a casa de alunas, enquanto Pedro trabalhava no Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos.

Um novo ciclo de vida estava por se iniciar. Uma nova geração, substituindo a anterior, estava nascendo. O amazonense e a interiorana do sul do Brasil, filhos de dois desbravadores deste imenso país, iam dar início a uma nova história...

A roda da vida continuava a girar...

• • •



*Antiga Praça Marquês de Herval, atual José de Alencar  
Fortaleza - Ceará  
Fonte: Wikipedia*



*Praça José de Alencar, antiga Marquês de Herval  
Fortaleza - Ceará  
Fonte: Wikipedia*



*Seringueira  
Fonte: Wikipedia*



*Extração do látex  
Fonte: Wikipedia*



*Edifício Raphael Blanco Filho ("Manolo")  
Ingá - Niterói (início dos anos 50)*



*Edifício Álvares de Azevedo  
Construção de "Manolo" (final dos anos 40)  
Icaraí - Niterói*



*Cinema Icará, vendo-se ao lado a placa de construção do  
Ed. Álvares de Azevedo, de responsabilidade de "Manolo".  
Icará - Niterói*

Contato:  
[calfilho@globo.com](mailto:calfilho@globo.com)

Edição

# Desenhador Virtual

---

**Design, Editoração e Publicidade**

[www.desenhadorvirtual.com](http://www.desenhadorvirtual.com)
